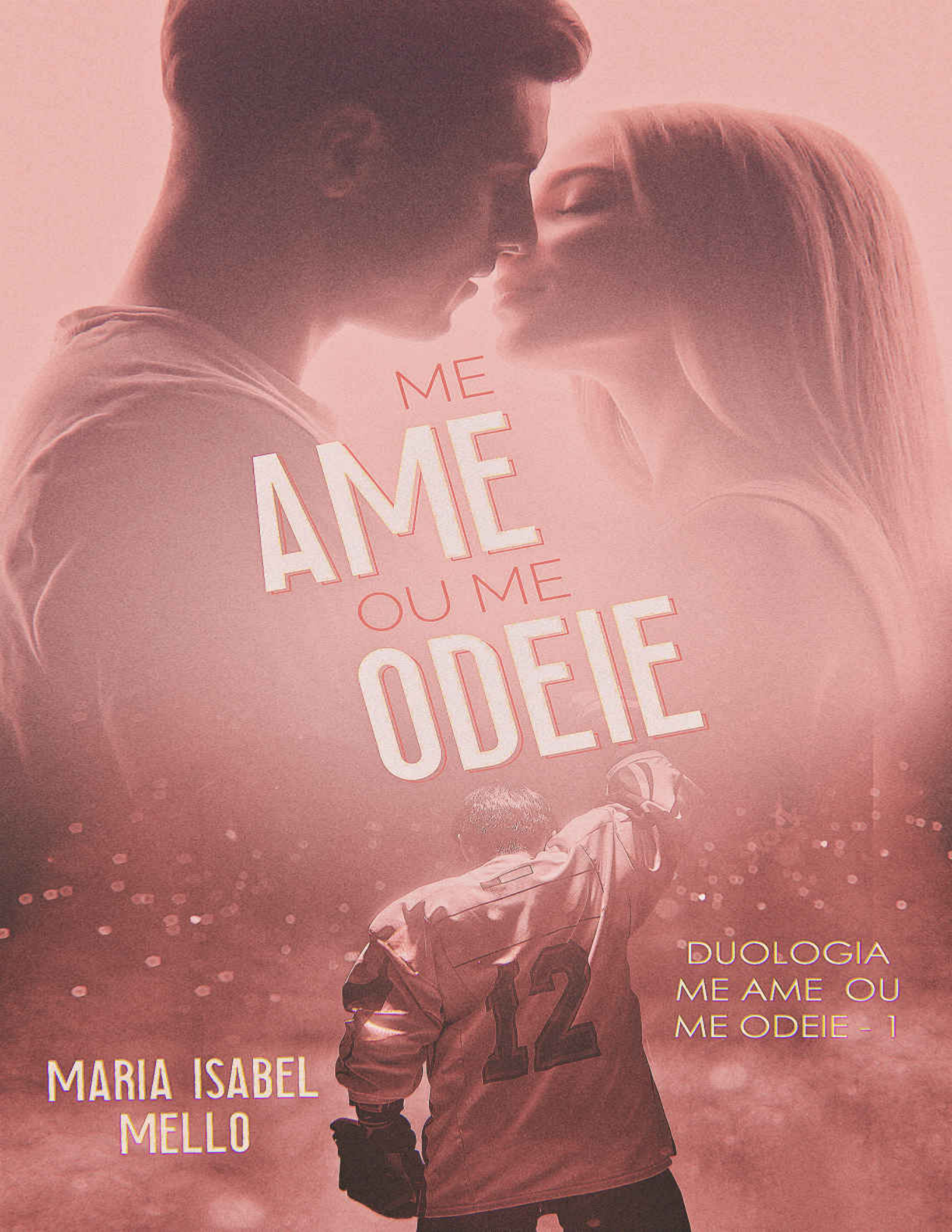

ME AME OU ME ODEIE
12
DUOLOGIA
ME AME OU
ME ODEIE - 1
MARIA ISABEL
MELLO

ME AME OU ME ODEIE

DUOLOGIA
ME AME OU
ME ODEIE - 1

MARIA ISABEL
MELLO

Copyright © 2022 Maria Isabel Mello
Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer meio eletrônico, mecânico e processo xerográfico, sem a permissão da autora.
(Lei 9,610/98)
Esta é uma obra literária de ficção. Todos os nomes, lugares e acontecimentos retratados aqui são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

AUTORA:
Maria Isabel Mello

REVISÃO:
Hanna Câmara

CAPA:
Jaque Summer

ILUSTRAÇÃO:
@viki.landya e @anemonaii

DIAGRAMAÇÃO:
April Kroes

SUMÁRIO

Sumário
Aviso
Playlist
Prólogo
Parte 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Parte 2
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Parte 3
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Parte 4
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Epílogo
Notas
Agradecimentos

AVISO

Olá.

Seja muito bem-vindo ao universo da duologia Me Ame ou Me Odeie!

Antes de dar início à leitura, preciso que saiba que este livro **aborda conteúdos sensíveis** e, pelas cenas que possui, é **recomendado para maiores de 16 anos**.

Por isso, é importante destacar que, apesar de ser um ***enemies to lovers*** bem gostosinho de ler, "Me Ame ou Me Odeie" também conta com alguns **GATILHOS**, como: **gordofobia, transtornos alimentares, comportamentos compensatórios, luto e consumo de álcool.**

O livro retrata o passado de uma personagem que lutou contra a **bulimia**, um transtorno alimentar marcado pela compulsão e seguido por comportamentos compensatórios, que são realizados com o objetivo de evitar o ganho de peso.

É importante ressaltar que o tema não é romantizado durante a obra.

Peço que, caso se considere sensível a algum desses tópicos, evite a leitura e preserve pelo seu bem-estar.

E acho importante dizer que, se está passando por algo parecido com o que Avery passou em relação ao seu corpo e mente, você não está sozinho.

NÃO TENHA MEDO DE PEDIR AJUDA, seja qual for a sua situação.

Sem mais, desejo uma ótima leitura para todos vocês!

Não se esqueça de me seguir no Instagram!

@belautora

CASO ESTEJA PRECISANDO OU CONHEÇA ALGUÉM QUE PRECISE DE AJUDA, ENTRE EM CONTATO COM O CVV
(Centro de Valorização da Vida).
LIGUE 188.

PLAYLIST

Ouça a playlist do livro no Spotify.



Para todos aqueles que lutam constantemente
contra suas próprias mentes.
Espero que saibam o tamanho da força que carregam.


13
DIGITAL ART BY
PARK
VIKI



PRÓLOGO

AVERY

5 meses antes

Ela segura a faca bem próxima às costas dele.

A aliança dourada reluz em torno do seu anelar da mão direita, que agarra o cabo da faca fortemente. Um vermelho forte cobre cada uma das suas unhas, exatamente como o sangue escarlate que escorrerá pelo corpo do seu marido dentro de poucos instantes.

O homem à sua frente permanece distraído, sequer imaginando que sua própria esposa, a mulher para quem fez diversas promessas de amor, para quem entregou o seu coração por inteiro, o trairá da forma mais desumana dentro de míseros segundos.

Os grandes e borrados olhos azuis da mulher brilham com raiva, revelando o mais genuíno ódio que carrega pelo marido. Evidenciando o seu esgotamento, fruto de anos de infelicidade. Se sentindo como uma prisioneira, em cima de uma alta e protegida torre nomeada de relacionamento desgastante, com quartos pequenos, claustrofóbicos e sufocantes.

Brilham com raiva por terem derramado lágrimas que atingiram o piso do altar, no dia feliz em que se entregou a uma relação da qual se arrepende.

No dia em que se casou.

— Esse artista deve ter problemas sérios no casamento. — É o que uma voz desconhecida diz, surgindo atrás de mim.

Deslizando os olhos para longe do quadro sombrio, eu os cravo na pequena placa prateada pregada à parede, me deparando com as suas informações.

“Me ame ou me odeie”

Obra pintada por Pietro De Luca.

— Todos os casais têm — digo para o desconhecido após engolir em seco, a voz saindo fraca, embargada, quase insegura.

Ainda parado atrás de mim, fora do meu campo de visão, ele solta uma risada baixinha.

— Não é muito fã de casamentos, é?

Deixando que uma quase imperceptível curva feliz tome meus lábios, giro nos calcanhares, me virando para o dono da voz intrometida.

Quando meus olhos o encontram, percebendo que o homem parado à minha frente não é um total estranho, o meio sorriso deixa meus lábios sem hesitar.

Ele sorri arrogante, demonstrando ter entendido errado a minha reação. Conheço o tipo dele. Deve estar pensando ter me deixado sem palavras devido a beleza exuberante que ostenta, com seu cabelo preto, smoking caro e um exagerado cheiro de perfume masculino.

Convencido.

— Sou Caden Prescott — o idiota se apresenta, sem saber que já o conheço, estendendo a mão. — Novo agenciado do Paxton.

Desço os olhos pelo seu corpo, chegando até a grande mão calejada, típica de um jogador de hóquei, estendida na minha direção, à espera de um cumprimento formal.

Odeio jogadores de hóquei. E, depois do que aconteceu há um tempo, quando Hunter Killor, um defensor do Edmonton Oilers, se achou no direito de opinar sobre o comprimento do meu vestido em uma festa, jurei que jamais me envolveria com nenhum deles. Seja em relacionamentos, amizades

ou até mesmo em apenas sair para tomar umas em alguma festa em cima da hora.

Mas, apesar de evitar ao máximo ter contato com todos eles, é impossível não reconhecer o homem parado à minha frente.

Caden Prescott, um central do Washington Capitals.

Uma das lendas dessa temporada.

À nossa volta, os convidados atravessam o salão onde a exposição beneficente acontece, organizada pelos agentes e noivos Paxton River e Savannah Gray, apreciando os quadros pregados às paredes, conversando sobre assuntos chatos e aceitando taças de bebida das bandejas dos garçons.

Subo o olhar de volta para o seu rosto, que continua exibindo um sorrisinho presunçoso. Ao perceber que não irei apertar sua mão, Caden a recolhe, a guardando dentro de um dos bolsos da calça social, mantendo a postura inabalável.

— Eu sei quem você é — revelo, enfim.

Um brilho toma conta do seu rosto e o sorriso estampado em seus lábios se alarga.

— Que bom, porque eu sou um grande fã. — É o que ele diz, guardando a outra mão no bolso também. — Acompanhei todas as temporadas de *Novas Vidas*. Você arrasou naquela cena em que protesta contra o professor assediador da escola — continua, se referindo à série de tevê que participei por 3 anos, que conta a história de uma garota que perde o grande amor da sua vida em um acidente de carro e precisa se reinventar.

Eu interpretava a Stacy, a melhor amiga da protagonista. Apesar de ser o tipo de papel estereotipado que atrizes gordas como eu lutam para não serem as únicas escaladas, ficando na sombra das protagonistas dentro dos padrões impostos pela sociedade e reforçando a ideia de que estão lá apenas para cumprir os seus papéis na vida da principal, com um corpo ideal, sem poucas e nem curvas demais, essa série foi muito importante para mim.

Foi por conta dela que a minha carreira como atriz decolou.

E estaria mentindo se dissesse que, no ano passado, quando o último episódio veio ao ar e a minha personagem continuou sem nenhum desenvolvimento bom o bastante, não senti como se algo importante fosse tirado de mim.

Como se estivesse sem rumo.

— Fico feliz em saber — comento, indiferente, alcançando rapidamente a última taça de espumante da bandeja de uma garçonete que

passa ao meu lado em passos apressados.

Aproximando a bebida dos lábios e dando o primeiro gole no líquido em uma temperatura perfeita, foco o olhar em Caden, que continua parado no mesmo lugar, me encarando também.

Me permito dar uma breve analisada nos traços do seu rosto. A pele clara, o maxilar marcado, os olhos escuros, sobrancelhas grossas e a pequena tatuagem que tinge seu pescoço, localizada três dedos abaixo do queixo.

Números. Uma sequência de 8 deles.

19972018.

É estranhamente atraente.

De repente sinto uma pontada de curiosidade me atingir, visando descobrir o significado que carregam.

Cortando o silêncio, Prescott aponta com a cabeça para o quadro, agora localizado atrás de mim. Me viro minimamente para observar a pintura da esposa assassina e seu marido ingênuo.

— Está pensando em comprá-lo? — É o que Caden pergunta.

Dou de ombros, voltando a olhá-lo e dando mais um gole na bebida em minhas mãos.

— Talvez.

Caden levanta as duas sobrancelhas, um tanto intrigado.

— É um quadro meio obscuro, não acha?

Nego prontamente com a cabeça.

— É uma obra realista.

Ainda com as mãos guardadas nos bolsos, ele dá alguns curtos passos em minha direção, parando ao meu lado e levando os olhos até a pintura.

Engulo em seco ao sentir seu perfume invadir minhas narinas.

— Stacy, a sua personagem em *Novas Vidas*, era uma garota romântica — comenta, mantendo os olhos focados no quadro. Está a apenas alguns centímetros de mim agora. Com dois passos, nossos corpos se colidiriam. — Você não me parece ser como ela nesse sentido.

— Esse é o poder do cinema — revelo, dando um passo para trás, buscando distância. Caden traz seus olhos até mim assim que percebe o movimento. O sorrisinho arrogante volta a emoldurar seus lábios. — Fingir ser outra pessoa tão bem, que fará com que todos os outros acreditem que você é mesmo como o personagem que foi escalado para interpretar.

Ele solta um riso anasalado, fitando-me nos olhos. Após um bom tempo em silêncio, apenas me observando, sem desviar o olhar, Prescott revela:

— Acho que vou dar um lance pelo quadro.

Enrijeço a postura no mesmo instante.

— Pensei que o achasse obscuro.

Caden dá de ombros. E até esse simples gesto ele tem o poder de tornar atraente.

Me pergunto quantas garotas ele e seus colegas de time conseguem levar para a cama ao dar de ombros e exibir sorrisinhos convencidos.

— Talvez eu goste de coisas obscuras. — É o que diz, dando uma piscadela antes de dar as costas e seguir na direção da atendente mais próxima a nós.

Se fosse em qualquer outra situação, diante de qualquer outro cara, eu estaria furiosa com tamanha arrogância.

Já estaria avançando a passos largos e pesados até ele, ameaçando chutar suas bolas se continuasse com esse jogo ridículo e tentasse comprar o quadro que nem mesmo gosta, apenas para me irritar.

Mas, por algum motivo, hesito.

Permaneço estática, encarando o espaço à minha frente, onde o fantasma da figura musculosa de Caden Prescott paira pelo ar.

E então, finalmente acordando, respiro fundo antes de sair do lugar.

— Eu dou 500 — lanço imediatamente, me aproximando dele e da atendente a passos largos. Caden traz seus olhos escuros até mim, nada surpreso em perceber que o segui. Já a mulher ao seu lado, com a pele negra, um rabo alto de cavalo que aparenta estar doendo e puxando todos os seus fios de cabelo, um crachá pendurado no uniforme preto, escrito “Wanda”, e uma prancheta nas mãos, me observa com olhos brilhando em animação, me reconhecendo logo de cara.

Wanda se esforça para se conter, limpando a garganta e esticando a postura, assim como outros garçons fizeram ao se depararem comigo hoje.

Abro um sorrisinho nos lábios.

Por estarem trabalhando em um evento dos agentes mais conhecidos de Washington, os funcionários devem ter sido instruídos pelo lugar que trabalham a não surtarem na frente da centena de pessoas famosas que circulam por este espaço.

— Eu dou 700 — Caden dá o seu primeiro lance, mantendo o olhar cravado no meu.

O sorriso deixa o meu rosto imediatamente.

— 900.

— Mil — avança ele.

— Mil e quinhentos — falo, já sentindo que agora o verdadeiro jogo entre nós é o do orgulho. Estava pensando em levar o quadro, sim, mas tudo o que mais desejo agora é vencer de Caden Prescott e provar, por alguma razão, que sou melhor do que ele.

— Dois mil — lança, sem hesitar.

Fitando seus olhos, travo o maxilar.

— Eu dou três.

Caden nem ao menos parece se abalar.

— Cinco mil.

Engulo em seco, fazendo com que toda a minha raiva deslize pela garganta.

Riquinho de merda.

— Sete.

Um sorriso desafiador toma seus lábios.

— Oito mil e quinhentos.

Estou prestes a abrir a boca para retrucar quando, aparecendo de repente, a figura de Savannah Gray me interrompe.

— O que vocês dois acham que estão fazendo? — pergunta a minha agente.

Savannah está incrivelmente linda, como sempre. Com seus 34 anos, 1,78 metros de altura, usando um longo vestido verde, os cabelos cacheados presos em um penteado bonito no topo da cabeça, com uma camada brilhosa de maquiagem marcando o rosto e pulseiras tilintando uma contra as outras sobre a pele negra, Savannah conseguiria facilmente atrair olhares dos diferentes homens e mulheres que quisesse pelo evento.

Assim como Paxton River, o seu noivo, que se aproxima dela, entrando no meu campo de visão. Paxton também é um cara atraente. Com seus 38 anos, cabelos loiros, 1,82 metros de altura, olhos azuis e vestindo um terno caro, o agente esportivo é, e sempre foi, o par perfeito para Savannah.

Até a ruga em sua testa, formada pelo constante nervosismo que passa, o deixa mais charmoso.

O que é um milagre, já que lidar diariamente com jogadores como Caden não deve ser uma tarefa fácil.

— O que acham que estão fazendo? — Savannah insiste, agora soando furiosa. Ela leva o seu olhar até Wanda, que tem os olhos arregalados, parecendo assustada. — Vocês dois estão deixando-a com medo.

— Desculpa — murmuro para a atendente, me sentindo como uma criança de sete anos sendo repreendida pela mãe ao fazer algo ridículo.

— É, desculpa — Caden repete. — Estávamos dando lances para levar aquele quadro. — Ele se vira para Paxton e Sav, apontando para a obra a alguns passos de distância.

Paxton solta um suspiro exausto, levando a mão à testa e esfregando a ruga, exatamente como costuma fazer ao se irritar.

— Vocês não precisam dar lances pelos quadros — Savannah revela, como se fosse óbvio. — Cada um já tem o seu preço.

No mesmo instante, endireito a postura, buscando ser rápida.

— E qual é o preço?

Sav pede licença ao tirar a prancheta das mãos de Wanda, que permanece em silêncio, e leva o dedo ao papel, descendo pela lista de nomes até encontrar o do quadro pelo qual Caden e eu travamos uma briga.

— Oitenta mil. — É o que ela diz.

— Eu quero. — É o que eu respondo, atropelando a sua fala, nem dando tempo para que o meu cérebro processe o alto valor que está sendo pedido.

Sav me encara em silêncio por alguns segundos e, pelo seu olhar, penso que irá me chamar de louca, mas então prova que estou errada ao dar de ombros e devolver a prancheta para Wanda.

— Ótimo — minha agente diz. — Acerte na saída. — Ela se vira, segurando na mão do seu noivo, pronta para ir embora e voltar a perambular pelo espaço, conversando com todos os convidados e fingindo ser agradável mesmo com aqueles que não gosta. — E, por favor, não discutam mais como duas crianças. Vocês dois já são adultos. — É a última coisa que diz antes de sair andando.

Como se estivesse louca para se agarrar à alguma chance, por menor que seja, de sair daqui o mais rápido possível sem parecer rude, Wanda também se afasta, seguindo na direção contrária.

— Não acredito que irá gastar 80 mil dólares em um quadro obscuro — Caden diz, soltando uma risadinha, quando voltamos a ser apenas nós dois. — É muita grana.

Cerrando um dos punhos ao lado do corpo e me contendo para não gritar ou avançar para cima dele, me esforço para manter uma expressão neutra estampada no rosto.

— Vale a pena — falo, mesmo sem ter certeza.

— Está bem. — Ele volta a ostentar aquele maldito sorrisinho, deslizando as mãos para dentro dos bolsos da calça. — Foi bom te conhecer, Avery. Espero que o quadro de assassinato fique bonito na sua casa.

— Pode ter certeza de que vai ficar, sim. — Cruzo os braços.

Prescott apenas dá um breve aceno de cabeça antes de sair andando, parecendo se divertir com a situação.

— Te vejo por aí, *esquentadinha*. — É a última coisa que o escuto dizer.

Faço uma careta diante do apelido, observando suas costas largas se afastando.

E é então que percebo que acabei de concordar em gastar oitenta mil dólares em um quadro que nem mesmo tinha certeza se levaria.

E me lembro do porquê odeio jogadores de hóquei.



PARTE UM

A SOLUÇÃO



01

AVERY

Atualmente

Já consigo escutar seus gritos.

Ainda a passos de distância do grande prédio do outro lado da rua, até mesmo sou capaz de penetrar as paredes e imaginar sua feição irritada, tamborilando a ponta dos dedos na madeira da mesa e rodando na cadeira giratória de rodinhas enquanto solta um suspiro exausto e planeja quais palavras jogará na minha cara pelo meu imperdoável atraso.

Savannah vai me matar.

É o único pensamento que cruza minha mente enquanto corro para atravessar a rua, ouvindo o som oco dos meus coturnos pretos batendo contra o asfalto úmido de uma manhã pós tempestade.

Quando alcanço o meio-fio, escutando a buzina de um dos carros próximos e dando um pulinho para subir na calçada, me permito soltar um longo suspiro, esvaziando os pulmões após minutos de desespero e correria.

Odeio me atrasar. Odeio *de verdade*.

Mas, quando se acorda de manhã e se depara com a sua irmã chorando em posição fetal no sofá da sala, com um coração partido, é impossível ser uma filha da puta e dizer: *"Sinto muito, tenho uma reunião.*

Será que você poderia desidratar depois das três horas? Estarei livre até lá."

Ou seja, se Sav for culpar alguém pelo atraso da reunião, esse alguém teria de ser o neurocirurgião gato que quebrou o coração da minha irmã em diversos pedacinhos ao resolver dormir com uma das enfermeiras fofoqueiras do hospital.

Não eu.

Chegando à porta dupla de vidro do prédio, deixo que um sorrisinho tome meus lábios ao encontrar Gavin, que sorri de volta. Parado ao lado da entrada, ele permanece com a postura perfeitamente ereta e amedrontadora, digna de um segurança de primeira, capaz de colocar qualquer um para correr.

— Bom dia, Srta. Lakeland — sua voz grossa me cumprimenta. Gavin estica uma das mãos, segurando o inútil guarda-chuva que carrego, enquanto tiro os óculos escuros e o chapéu ridículo que uso como disfarce.

Porque, quando se depara com sua irmã com a maquiagem borrada no rosto de tanto chorar e a escuta dizer que precisa ir comprar um sorvete para afogar as mágoas, você oferece seu carro e diz que não há problema algum em ir para o seu compromisso a pé, mesmo sendo uma atriz que precisa sair disfarçada, já que poderia ser reconhecida facilmente por qualquer um.

— Gostei do chapéu — brinca Gavin, soltando uma risadinha.

— Raven quebrou a cara com o médico bonitão — revelo, guardando os óculos na pequena bolsa que trouxe comigo. Gavin adora fofocas e é um ótimo ouvinte. Ele sabe de muitas coisas sobre mim e sei que nele posso confiar. — Foi comprar sorvete com o meu carro, querendo afogar as mágoas e passar o dia inteiro assistindo a comédias românticas.

Uma careta toma seu rosto.

— Diga à sua irmã que sinto muito — pede. — E que o neurocirurgião é um babaca, seja lá o que tenha feito.

Curvo meus lábios em uma fina linha, assentindo.

— Pode deixar. — Aponto com a cabeça para o guarda-chuva em suas mãos. — Trouxe ele à toa. Achei que fosse voltar a chover. Pode guardá-lo para mim?

Gavin assente sem hesitar.

Sorrindo e dando um breve aceno de cabeça em agradecimento, volto a andar, empurrando a porta à minha frente, chegando ao saguão do alto

prédio comercial.

Atrás do balcão, organizando alguns papéis, Mandy traz seus alarmados olhos azuis até mim.

— Eu sinto muito — me apresso em dizer, caminhando sobre o piso de porcelanato, que brilha diante dos meus coturnos. — Sei que Savannah deve estar furiosa, mas...

— Ela não está aqui — a loira me interrompe.

Cravo meus pés no chão no mesmo instante, ainda a passos de distância do balcão. Repleta da mais pura confusão, franzo a testa.

— O quê?

Mandy leva os olhos até o maço de papéis que segura, os juntando com a ajuda de um grampeador.

— Sav saiu com o Paxton há duas horas — revela, indiferente.

— Mas... — Deixo que meus braços caiam ao lado do corpo, moles, transparecendo todo o meu desapontamento. O vinco em minha testa se intensifica. Não acredito que corri até aqui à toa, com medo de vê-la brigar comigo, e agora descubro que Savannah nem ao menos *estava* aqui. — Nós tínhamos marcado uma reunião. Ela não me avisou nada. Nem sequer me mandou mensagem e...

— Ela e Paxton foram assistir à peça de teatro da sobrinha — uma terceira voz me interrompe, vinda de trás de mim. — Também tenho uma reunião marcada com o River.

Ainda franzindo a testa, giro nos calcanhares, me virando na direção de onde a irritante voz conhecida vem, imaginando estar louca ao pensar ser *ele*.

Mas quando meus olhos encontram um corpo musculoso, esparramado confortavelmente em uma das poltronas cinzas da área de espera do saguão, cabelos escuros e o maldito sorrisinho convencido curvado em lábios dolorosamente lindos, minha teoria se revela verdadeira.

Pois, à minha frente, usando óculos de sol e vestindo uma calça de moletom preta e uma camiseta branca, se encontra toda a arrogância e vaidade de Caden Prescott.

Ao notar que tem minha atenção, o idiota se remexe na poltrona, inclinando o tronco para frente e juntando as mãos em frente ao corpo.

Revirando os olhos, não me preocupo em economizar no tom de desprezo ao me virar para Mandy, que nos observa atenta, e dizer:

— Ótimo! Tudo que sonhei para a minha manhã. Frente a frente com Caden Prescott. Parece que o meu pior pesadelo está se tornando realidade.

A recepcionista levanta as sobrancelhas, franzindo os lábios em linha reta, como se tentasse conter um sorriso diante da situação em que me encontro.

A última vez que cruzei com os penetrantes olhos de Prescott foi há 5 meses, na exposição beneficente que Savannah e Paxton organizaram. Caden foi embora logo após a infantil discussão que tivemos, me deixando com uma conta de oitenta mil dólares para acertar e um gigantesco quadro para levar para casa.

Depois desse dia infeliz, nunca mais nos encontramos.

Eu deveria ter imaginado que em algum momento nos cruzaríamos no prédio onde nossos agentes trabalham, já que, além de estarem noivos, Paxton e Savannah também possuem escritórios um na frente do outro, mas, com as gravações do meu novo filme, *Um Clima Diferente*, chegando ao fim, tive que passar os últimos meses me dedicando ao trabalho, viajando constantemente e passando várias semanas em Los Angeles. Não tive tempo para organizar reuniões com Savannah e muito menos pensar em reencontrar Caden.

Mas pesquisei sobre ele na internet.

Sei que é algo estúpido de se admitir, mas é verdade.

Estava deitada na cama do hotel em Bel Air, sem nada para fazer, e liguei a tevê para procurar por algum filme quando me deparei com um canal esportivo falando sobre os jogadores destaques dessa temporada da NHL. Caden Prescott estava entre os primeiros nomes da lista.

Foi sem pensar e em um gesto inesperado que alcancei meu celular, largado pelo colchão, e busquei pelo nome dele na barra de pesquisa do Google.

No fim, acabei bloqueando o aparelho e me tornando uma biografia ambulante do Prescott, jogador estrela do Washington Capitals.

— Então quer dizer que anda sonhando comigo, esquentadinha?

Sua voz me fisga para longe dos meus pensamentos. Me viro para ele, que deixa que um sorrisinho presunçoso tome os lábios ao levar uma das mãos até seus óculos escuros, o afastando do rosto, me permitindo ver o que esconde.

Soltando um arquejo, tento disfarçar o meu espanto.

Caden Prescott está com um olho roxo.

Não apenas com o olho ferrado, mas com um vermelho e profundo arranhão na sobrancelha também.

E o idiota nem parece se abalar.

— Apanhou de alguma modelo, Prescott? — provoco.

Como era de se esperar, Caden responde à minha farpa da maneira mais arrogante possível. Ele dá de ombros, se recostando na poltrona e cruzando as pernas esticadas em frente ao corpo, como se até levar um soco fosse um tópico a ser acrescentado à sua lista de glórias.

— Isso significa que não sabe que acabei de me tornar a mais nova sensação do momento? — questiona ele. Permanecendo a passos de distância, franzo o cenho. Prescott se dá conta de que não tenho a menor ideia do que está falando antes de continuar, me explicando como se fosse burra: — Trending Topics do Twitter. Estava em quarto lugar quando chequei pela última vez.

Ainda repleta de confusão, abro a minha bolsa, vasculhando em busca do meu celular. Quando alcanço o iPhone com uma capinha discreta, desbloqueando o mesmo com o reconhecimento facial, a primeira coisa que faço é abrir a rede social do passarinho, visando checar a informação e entender de que porra Caden está falando.

O SOCÃO QUE CADEN PRESCOTT LEVOU NAQUELE BAR é o segundo assunto mais tuitado nas últimas horas.

Permitindo que um vinco confuso ainda maior tome minha testa, aperto em cima do tópico, descendo a tela por todos os memes engraçados e torcedores fanáticos discutindo. Quando enfim encontro o que procuro — um vídeo gravado pela câmera suja de um celular —, entendo tudo, apesar da iluminação péssima e de todos os gritos no fundo.

Na tela, em meio a um bar, na noite de ontem, o corpo musculoso de Caden Prescott avança sobre Dax Colton, o capitão do Los Angeles Kings. Caden o acerta com um soco no rosto, fazendo as costas ainda mais musculosas de Colton colidirem com o balcão de mármore, onde uma ruiva alta e magra se levanta do banquinho em que estava sentada, soltando um grito assustado. Dax rosna ao olhar para Caden, sem ao menos hesitar antes de avançar para cima dele, o derrubando no chão, e desferir diversos socos em seu rosto, sem o menor sinal de piedade.

O vídeo acaba quando os gritos no lugar aumentam, sendo quase ensurdecedores para mim, mesmo que não esteja usando fone de ouvido

algum, e as pessoas, inclusive a que estava gravando, correm para apartar a briga.

Apesar de não ser possível assistir ao final e enxergar o grande estrago que Dax causou no precioso rostinho de Caden, fica óbvio, pela maneira que Colton o derrubou no chão e por todos os socos que foram desferidos, que foi ele que saiu mais machucado dessa situação.

E vendo-o agora, parado bem na minha frente, de pernas cruzadas, com o rosto todo ferrado e ainda carregando toda a arrogância do mundo nas costas, estaria mentindo se dissesse que não sinto uma pontada de pena me atingir.

Caden apanhou feio.

— Paxton vai te matar. — É tudo o que digo, bloqueando a tela do celular.

Prescott apenas dá de ombros, indiferente.

— É por isso que estou aqui. Ele me ligou hoje, ao acordar, dizendo que tem uma solução para limpar a minha imagem.

Arqueio uma das sobrancelhas, observando seus olhos penetrantes, resultados de sua descendência coreana — uma informação que encontrei no Google, aliás.

— Limpar a sua imagem? — questiono. — Não sabia que era do tipo de jogador de hóquei que ligava para isso.

Ele solta uma risada fraca, inclinando o tronco para frente mais uma vez.

— Você não me conhece, esquentadinha. Não aja como se soubesse o *tipo* de jogador que eu sou — retruca, me invadindo com seus olhos, sem desviá-los sequer por um instante, quase como se pudesse despir minha alma. — Eu sou um exemplo — Prescott revela, sem o habitual tom convencido dessa vez. Até mesmo o sorrisinho presunçoso que adora ostentar deixa seu rosto, dando espaço para que uma feição séria tome seu lugar. — As crianças que torcem para o Caps me adoram. — Seus ombros sobem e despencam logo depois, como se essa não fosse uma coisa desejada por ele. — E olha que eu nem mesmo me esforcei para conquistar o coração delas. Mas aconteceu. E agora, além de sentir uma pressão absurda ao jogar pelo time, também sinto a pressão de ser um bom exemplo para todos os pequenos torcedores que se espelham em mim e adoram me assistir patinando pela tevê.

Permaneço estática, o encarando como se nunca tivesse o visto antes. Como se essa sua versão preocupada e séria fosse algo que jamais pudesse pensar que existisse.

— Então, sim, Avery. Eu sou o tipo de jogador que gosta de manter uma imagem limpa — conclui ele, quando percebe que não tenho nada a dizer.

Finalmente me liberto do transe no qual me enfiei, seja lá qual fosse ele.

— Se é assim, por que deu um soco no Dax? Você sabia muito bem que poderia se envolver em um grande escândalo.

Caden expira demoradamente, voltando a se recostar na poltrona. Ele fecha os olhos e aperta a ponte do nariz com uma das mãos, transparecendo toda a sua exaustão e arrependimento.

Pela primeira vez, identifico humanidade nele. E é algo estranho pra caralho.

Estaria sendo hipócrita se dissesse que conheço Caden Prescott. Nossos caminhos se cruzaram apenas duas vezes e nunca tivemos uma conversa em que dividíamos pontos importantes das nossas vidas, nos abrindo um para o outro e contando diversas histórias de traumas da infância e corações partidos, mas eu pesquisei sobre ele no Google. Li toda a sua ficha. Sei que sua mãe é italiana, que seu pai é coreano e que os dois se conheceram em Seattle, já que suas famílias se mudaram para os Estados Unidos quando ainda eram crianças. Sei que ele não se parece nada com a mãe, mas é quase uma réplica perfeita de como o pai era na sua idade, só que com os cabelos mais curtos, um talento surreal no gelo e toneladas de músculos a mais. Sei que não tem antecedentes criminais e nasceu em Alexandria, uma cidade ao sul do centro de Washington. Que é um dos jogadores do Capitals com um dos melhores salários e que sempre sonhou em jogar na liga profissional.

Sei que tem 25 anos, que era uma das lendas da universidade e que ganhou a Stanley Cup em 2018, logo no início da sua carreira, o que fez diversos corações pelo país vibrarem por ele.

Sei que não tende a fazer doações para a caridade, já que não encontrei nada sobre isso em nenhum site, mas que costuma ajudar uma ONG de adoção de animais.

E sei, além de tudo isso, que ele é um cara que sempre se mostrou arrogante ao meu lado, assim como todos os outros jogadores que conheço e

procuro manter distância.

E que talvez seja por isso que esteja surpresa agora, enxergando uma transparência surreal vinda dele, acompanhada pela impotência e uma vulnerabilidade quase assustadora para alguém que costuma se comportar como se fosse o rei do mundo.

— Colton estava falando merda para uma garota — ele responde após um tempo, ainda mantendo os olhos fechados, a voz saindo fraca, quase baixa demais.

— A ruiva do vídeo? — questiono, ligando os pontos.

Caden abre os olhos, afastando a mão do rosto antes de assentir.

— É, a ruiva do vídeo.

— Filho da puta — Mandy xinga baixinho, ainda atrás do balcão da recepção, me lembrando que permanece aqui, atenta a toda a nossa conversa. Me viro em sua direção, esperando que prossiga. — Ano passado ele se envolveu em uma polêmica por assediar a nutricionista do Los Angeles Kings. Odeio esse cara!

— Somos dois. — O resmungo de Caden chama minha atenção, me fazendo girar nos calcanhares para observá-lo.

— Somos quatro — uma voz grossa invade o ambiente, nos pegando de surpresa.

Dirijo o olhar na direção da porta dupla da entrada, por onde passei há minutos, me deparando com Savannah e Paxton de mãos dadas. Vestindo um blazer verde, alongado em alfaiataria, e acompanhada do seu noivo, Savannah me lança um olhar de quem não enxerga motivos para se desculpar pelo atraso.

— Dax Colton é um babaca. — É a maneira que a minha agente encontra para dizer oi. — Isso não é novidade para ninguém. Nem mesmo para os fãs de hóquei.

— Mas também não é motivo suficiente para desviar o seu nome da grande confusão naquele bar — Paxton completa o raciocínio de sua noiva, quase como se dividissem o mesmo cérebro. Ele crava os olhos azuis em Caden, que, ainda sentado na poltrona, exibe uma expressão de quem está desesperado para abrir um buraco no chão, sumir da face da Terra e morrer por lá mesmo. — Você é uma estrela. E ontem, apesar de ter ficado do lado certo da situação ao ver um cara desrespeitando uma mulher, não pode ser visto como uma má influência ou alguém que sai distribuindo socos por aí.

Os internautas e torcedores não sabem quais motivos te levaram a acertar Colton. Não sabem que você estava do lado certo da briga.

Lanço uma rápida olhada para Prescott, que continua com a mesma feição séria de minutos atrás.

— Você é um exemplo, Caden — agora é a vez de Savannah dizer, chamando a atenção do jogador para si mesma. — E precisa limpar sua imagem.

Suspirando, se sentindo pressionado, Caden inclina o tronco para frente, esfregando o rosto com uma das mãos antes de cravar um olhar sério no piso polido de porcelanato sobre seus pés.

— E o que eu faço? — pergunta a sua voz distante.

Em sua mania habitual, observo Savannah corrigir a postura, que já estava perfeita, transformando-a em mais ereta ainda, exatamente como faz ao ter uma grande ideia, capaz de me livrar de todos os problemas.

— Nós temos uma solução — revela, se referindo a si mesma e ao grande cérebro do seu noivo, que costuma pensar assustadoramente igual a ela. Caden volta a encará-la no mesmo instante. Em seus olhos escuros, vejo uma faísca de esperança brilhar. — É por isso que vocês dois estão aqui.

Franzo a testa imediatamente, imaginando ter me enganado ao escutar o uso do termo no plural, mas, quando olho para a minha agente, me deparando com dois de seus dedos, com unhas pintadas de vermelho, apontados para Prescott e eu, entendo que ouvi certo.

— Espera aí! — peço, já saindo na defensiva. — Como assim *nós*? Eu não tenho nada a ver com isso. Estou aqui porque *você* e *eu* marcamos uma reunião. — Olho para o celular em minhas mãos, checando o horário. — Reunião essa que, inclusive, deveria ter começado há 15 minutos.

Savannah não demonstra se abalar por nenhuma das minhas palavras. Voltando a segurar na mão de Paxton, os dois saem andando em direção ao elevador, sem mais explicações.

Olho diretamente para Prescott, que parece tão confuso quanto eu. Ele apenas dá de ombros, demonstrando a sua falta de conhecimento sobre a tal da “solução”.

— Acho que eles estão esperando vocês correrem atrás deles — a voz doce de Mandy diz, vinda de trás de mim.

Como se tomássemos um choque de realidade, eu e Prescott nos apressamos. Ele se levanta da poltrona em um pulo, me alcançando enquanto saio em passos rápidos pelo saguão, na direção da área do elevador.

— Obrigada, Mandy! Espero que a presença de Caden não tenha estragado a sua manhã! — É o que grito, me despedindo da recepcionista, ouvindo a risadinha que ela solta em resposta.

Ao meu lado, Caden revira os olhos.

— Você se acha a pessoa mais agradável do planeta, não acha, esquentadinha?

Olho para ele pelo canto do olho enquanto aperto ainda mais o passo.

— Não, eu não acho, mas saber que esse posto também não pertence a você, é algo que me reconforta — lanço a farpa, deixando que um sorrisinho irritante, como todos os que ele costuma exibir, tome meus lábios. — E vê se para de me chamar assim!



Com horrendos quadros de vasos de flores pregados às paredes brancas, uma estante repleta de livros entediantes, três poltronas amarronzadas e um ar-condicionado que me faz bater os dentes, o escritório de Savannah Gray é tenebrosamente sério.

E assustadoramente parecido com ela.

Quando eu tinha 12 anos, gostava de perder tempo lendo revistas adolescentes, buscando encontrar a página que dizia que a inicial do meu nome combinava com a dos mais de vinte garotos mais velhos por quem carregava uma paixonite. Uma vez, folheando as páginas de uma dessas revistas, li um artigo que dizia que, para se conectar ao ambiente onde passamos a maior parte do tempo, devemos transformá-lo em um espelho de quem somos.

Sempre me perguntei se Sav chegou a ler a mesma revista que eu, pois este lugar é a representação perfeita da alma de poucos sorrisos que existe dentro dela.

— Será que alguém pode nos explicar o que está acontecendo? — pede Caden, sentado na poltrona ao meu lado, já sem paciência.

Do outro lado da mesa, Savannah estala os dedos das mãos, unindo-as, indicando que o assunto que iremos tratar é de extrema importância. De pé, ao seu lado, Paxton apenas nos encara, impassível.

Às vezes odeio a capacidade que esses dois têm de permanecer sérios a todo custo.

— Tá legal, já chega! — resolvo falar. — Será que dá para algum dos dois abrir a boca de uma vez e explicar que merda de "solução" é essa e por que diabos estou aqui?

Me recosto na poltrona, intercalando o olhar entre os agentes, esperando que resolvam finalmente dizer alguma coisa.

— Nós temos um plano. — É Paxton quem se pronuncia primeiro.

— Graças a Deus! — ao meu lado, Caden solta, feliz por saber que existe realmente alguma chance de se livrar de todas as fofocas rolando nas redes sociais.

— Não comemore ainda, Prescott — Sav fala, fazendo com que a feição aliviada, que se estampa no rosto do jogador, vacile. Minha agente traz seus olhos castanhos até os meus, me encarando de um jeito tão profundo que me obriga a engolir em seco. Duas vezes. — Não acho que vocês vão gostar do que temos a dizer.

Cansada de joguinhos e explicações rasas soltas pela metade, me empertigo na poltrona, batendo com a palma da mão na mesa.

— Por que *eu* estou incluída nisso? Não sabia de toda essa confusão até minutos atrás.

— Porque vocês dois, a partir de agora, são um casal — Savannah solta de uma vez, evitando os decorrentes rodeios.

Sem me preocupar em economizar na indignação, franzo a testa no mesmo instante.

— *O quê?*

Minha agente apenas dá um breve aceno de cabeça, indicando que ouvi bem.

— Escute, Avery — Paxton começa, chamando minha atenção. Ao meu lado, Prescott permanece petrificado na poltrona, boquiaberto, quase como se tivesse se encontrado com um fantasma. — Eu sei que é algo horrível para vocês, já que nem mesmo se conhecem e precisarão embarcar nessa com vendas nos olhos, contra as suas vontades, mas é o único jeito que encontramos para ajudar os dois igualmente.

— Em que namorá-lo vai me ajudar? — questiono, indignada diante de todas as baboseiras que meus ouvidos estão sendo obrigados a escutar.

— E o que ela tem a ver com o soco que eu dei no Dax? — Caden emenda, tão infeliz quanto eu.

Paxton fecha os olhos, respirando fundo, como se nos enxergasse como duas crianças que precisa ser paciente ao manter um diálogo.

— Prestem atenção — manda Savannah, mais uma vez lendo o cérebro do noivo, que implora por ajuda. Caden e eu nos focamos nela, esperando por qualquer explicação para essa ideia ridícula. — Prescott, se você e Avery assumirem um relacionamento, seu nome será automaticamente desviado da polêmica no bar. Vai poder recomeçar. Manter a ficha limpa. Seus fãs vão se referir a você como "Caden Prescott, o jogador que está namorando com aquela atriz" e não como "Caden Prescott, o jogador que teve a audácia de dar um soco em Colton, capitão do Los Angeles Kings, um cara três vezes mais forte do que ele".

— Ei! — Caden resmunga, se demonstrando abalado.

— E isso tudo me ajuda em quê, exatamente? — questiono, usando as poeiras que restaram da minha paciência para manter a voz calma.

Minha agente dirige sua atenção para mim, cobrindo seus olhos com o habitual brilho de quem teve uma ideia mais do que brilhante.

— Ninguém está falando sobre *Um Clima Diferente*, Lakeland — explica, se referindo ao último filme que gravei, que entra em cartaz dentro de alguns meses. — Esse é o seu primeiro papel como protagonista. Sabe que é boa, mas que precisa de uma visibilidade grande, caso queira conquistar papéis assim mais para frente. — Sav aponta para Caden, que não para de roer as unhas ao meu lado, pensativo, parecendo ponderar sobre as opções, e logo depois para mim. — Com vocês dois juntos e a mídia caindo em cima do falso relacionamento, seu filme chamará muito mais atenção. E você sabe disso.

Pisco, desviando o olhar, passando a encarar meus coturnos enquanto tento organizar os pensamentos diante de tudo que ouvi.

Sei que Paxton e Sav estão sendo lógicos. E sei que, apesar de não sermos as duas figuras mais famosas do mundo, Caden e eu chamaríamos muita atenção se assumirmos estar juntos.

Entendo que isso ajudaria na divulgação e venda dos ingressos do filme.

E mais do que tudo isso, só eu sei quanto esperei para um papel como protagonista. Só eu sei quanto lutei para sair das sombras da melhor amiga gorda, sem história e desenvolvimento próprio, que vive para socorrer a protagonista dentro dos padrões quando necessário.

E é por isso que entendo que, se quero conquistar mais papéis como esse no futuro, preciso chamar atenção e ser vista e reconhecida pelo trabalho incrível que sei ter feito.

Porque não nasci para ocupar o papel de coadjuvante.

— Temos algum tempo para pensar, pelo menos? — pergunta Caden, cortando o silêncio que preencheu a sala durante os últimos segundos.

Erguendo a cabeça, foco meus olhos em Savannah, que não hesita antes de negar.

— Não estamos *pedindo* para que façam isso. Estamos *mandando*. Pelo bem da carreira de vocês.



02

AVERY

Dividir uma casa com alguém não é uma tarefa fácil.

Muitos acreditam que para se ter uma convivência minimamente agradável com o seu colega de apartamento é necessário que ele, quem quer que seja, se pareça com você em alguns aspectos. Mesmo que poucos.

Eu não concordo com essa teoria.

Faz 3 anos desde que entreguei uma cópia das chaves da minha gigantesca cobertura em Georgetown para a minha irmã mais velha.

Viajando frequentemente a Nova York, para gravar os incontáveis episódios de *Novas Vidas*, sentia como se estivesse deixando o apartamento descuidado — mesmo com Marga, uma moça que costuma vir me ajudar com a faxina, vindo duas vezes por semana — até que em um pico alto de loucura, quando tive um tempo e voltei para Washigton, fui a um centro de adoção e adotei Juice, o dálmata que considero meu melhor amigo. Uma hora depois, com o filhote nos braços, bati na porta da casa da minha mãe, onde Raven vivia na época, e disse:

— Preciso que Raven venha morar comigo. Eu arco com todas as contas. Encontrei esse cachorrinho perdido na rua e decidi adotá-lo. Ele vai precisar de cuidados.

Eu menti, é claro.

Estava desesperada. Viajava muito, não tinha amigos e vivia com a cabeça cheia de falas para decorar.

Precisava de companhia. Alguém que não fosse um ator ou atriz de nariz em pé ou um diretor com mais de 50 anos de idade. Mesmo que só pelos poucos dias que conseguia passar na cidade.

Mas, como já era de se imaginar, minha irmã sequer pestanejou quando entrei na casa e a convidei para se juntar a mim.

Raven Lakeland estava nos últimos anos da faculdade de medicina na época. Tudo que ela conseguia pensar era em sentar a bunda na cadeira e passar incontáveis dias estudando. Mas era algo difícil de se fazer morando sob o mesmo teto que minha mãe.

Uma coisa sobre a advogada criminal e mais nova quebradora de corações Anastasia Lakeland: ela é uma mulher difícil.

Isso não é novidade para ninguém.

Por esse motivo, quando pedi para Raven se mudar e me ajudar com os cuidados de Juice, ela abriu um sorriso de orelha a orelha e me puxou para um abraço, agradecendo imensamente por eu tê-la tirado daquele "inferno".

Minha irmã, apesar de mais velha, sempre foi uma adulta dependente. Ela não trabalhava. Passava os dias com a cara enfiada nos livros e anotações.

Por isso me ofereci para pagar todas as suas despesas. Porque estava desesperada para ter alguém ao meu lado.

Mesmo sendo muito diferentes uma da outra, nós nos damos bem. Sabemos conviver.

E sinto como se ela fosse a única pessoa neste mundo que me entendesse, já que passou pelos mesmos anos infernais que eu.

Talvez seja um pouco deprimente se pensarmos que até hoje meus únicos amigos sejam Raven, Juice e Savannah — se é que podemos considerá-la uma amiga —, mas é algo que já me acostumei.

Sei conviver com isso. Não me importo em ter a minha irmã e o meu cachorro como os mais próximos a mim.

Minha vida é resumida em atuar, trabalhar e chegar em casa ou hotéis morta após dias cansativos fazendo essas duas coisas que, na maioria das vezes, se resumem a uma só.

Não gosto de me imaginar em um relacionamento e, apesar de ter arrumado tempo para sair com alguns caras superficiais de Los Angeles nos

últimos meses, durante as gravações finais de *Um Clima Diferente*, e ter conseguido algumas transas, não me vejo fazendo isso de novo tão cedo.

Ainda mais agora, estando ciente de que, em alguns instantes, prints de matérias confirmando o meu relacionamento de mentirinha com Caden Prescott estarão rodando pelas redes sociais.

E é por isso que, ao perceber o vibrar insistente do celular dentro da bolsa enquanto giro a chave na fechadura e destranco a porta do meu apartamento, sinto uma pontada de desespero me atingir, com medo de que já seja tarde demais.

Raven vai me matar se descobrir sobre o meu namoro falso pela internet, antes que eu tenha a chance de contar a ela.

— Você demorou. — Escuto a voz da minha irmã enquanto dou o primeiro passo para dentro da gigantesca sala.

Outro motivo pelo qual odiava morar sozinha neste lugar. É deprimente ser a única em meio a um apartamento tão grande.

Suspirando, fecho a porta com cuidado antes de me livrar dos coturnos apertados e chutá-los para longe dos meus pés, permitindo um pouco de alívio aos pobres coitados.

— Tive um imprevisto. Savannah não estava lá quando cheguei. — É o que respondo, pendurando o chapéu ridículo que usei como disfarce no cabideiro ao lado da entrada. — Você está melhor? — minha voz ofegante questiona, após a considerável caminhada que dei do prédio comercial até aqui.

Assim que me viro na direção da minha irmã, me deparando com seus grandes olhos verdes me encarando do sofá, preciso me esforçar para conter o espanto.

Com o rosto fino borrado pela maquiagem arruinada devido às lágrimas, segurando um pote grande vazio de sorvete de pistache, os cabelos castanhos, na mesma tonalidade que os meus, presos em um coque desajeitado, com mais fios do que poderia contar escapando para fora do elástico, e usando um pijama de ursinhos cor-de-rosa — que imagino que tenha vestido após voltar do mercado — Raven se encontra acabada.

— Eu estou bem — mente ela.

Semicerro os olhos em sua direção, demonstrando a minha desconfiança.

Nós duas, apesar de sermos completamente opostas, nos conhecemos melhor do que ninguém. Passamos por tudo juntas. Desde as incontáveis

discussões que éramos obrigadas a escutar na infância, até a separação dos nossos pais, há pouco mais de 5 anos.

E por isso entendemos e respeitamos o tempo uma da outra. Porque se existe algo que temos em comum, é apenas gostar de falar o que estamos sentindo, aquilo que está corroendo nosso coração e sufocando nossos pulmões, quando estamos prontas. Quando decidimos que é a hora certa.

— Sabe que pode conversar comigo se quiser, né? — pergunto, fazendo a minha parte.

Minha irmã faz que sim com a cabeça, incapaz de responder, apertando os lábios em uma linha reta, como se estivesse se esforçando para conter as lágrimas que ameaçam escorrer pelos seus olhos redondos a qualquer instante.

Tentando disfarçar, Raven desvia o olhar, voltando a focá-lo na televisão à sua frente, pregada à parede, onde uma comédia romântica passa, exibindo mais um dos vários momentos melosos do casal principal.

Uma das nossas principais diferenças, sem contar a aparência, é claro, já que Raven é uma mulher alta e magra e eu tenho menos de 1,65 de altura, é que ela ainda acredita no amor.

Depois de tudo que presenciamos, Raven ainda é uma romântica incurável que lê livros de casais clichês, enquanto eu tenho uma biblioteca repleta de histórias de serial killers, e que insiste em quebrar a cara ao dar chance para relacionamentos, assim como aconteceu com o neurocirurgião, enquanto eu os evito a todo custo.

Ela não se estragou diante de tudo que aconteceu.

Pelo menos não como eu.

— Estarei no meu quarto, se quiser conversar — aviso, pronta para dar as costas.

Quando tudo que recebo é um murmuro embargado em confirmação, saio pela sala, sentindo o piso frio sob meus pés descalços, exausta, mesmo que ainda não passe da hora do almoço. Atravessando o extenso corredor a caminho do meu quarto, me permito dar uma breve observada nos quadros pregados às paredes.

Fotos minhas, com Raven e a mamãe.

Fotos minhas, com Raven e o papai.

Fotos de nós quatro juntos, tiradas há anos, quando ainda conseguíamos enxergar luz e ter esperança em meio àquela relação infeliz e perturbada.

Fotos de quando estávamos cegos.

Sorrio ao passar pelo quarto da minha irmã, onde, em alguma gaveta lá dentro, seu diploma de conclusão do curso de medicina se encontra, bem protegido de todas as maldades do mundo e coisas que podem sujá-lo.

Raven Lakeland é uma interna de cirurgia no Washington Hospital, o maior e mais prestigiado hospital da capital, onde os melhores médicos se encontram. Seria um eufemismo se dissesse que sinto orgulho da minha irmã mais velha por estar lá. É uma sensação tão incrível, que nem mesmo sei se existe alguma palavra no mundo para descrevê-la.

Raven sempre foi uma inspiração para mim. Apesar de sermos opostas, na infância eu a via como alguém inalcançável. Como alguém única. Ela era a minha super-heroína em meio a todo aquele caos em que vivíamos. Era quem me chamava para o seu quarto no meio da noite, quando a discussão dos nossos pais parecia infinita, e me contava histórias de princesas que se casavam com príncipes fortões e viviam felizes para sempre em seus castelos.

Quando eu descobri, porém, que finais felizes não existem fora dos contos de fadas e roteiros de filmes, ir ao quarto dela à noite para ouvir mentiras já não era mais tão legal.

Empurro a porta do meu quarto, entrando no cômodo enquanto tateio as paredes, buscando pelo interruptor.

Com as paredes brancas, um lustre pendendo do teto, uma televisão em frente ao sofá, um tapete gigante que cobre quase o chão inteiro e uma cama king size, o Covil de Avery Lakeland é o lugar onde poderia passar dias sem me cansar. Apenas com alguns salgadinhos, bons livros e filmes.

Caio na cama, entrelaçando as mãos em cima da barriga enquanto encaro o teto.

Pela primeira vez, me permito pensar na reação dos meus pais assim que descobrirem sobre o meu relacionamento falso, que será anunciado para o mundo dentro de instantes. Charles Wilfred é um grande fã do hóquei e, apesar de morar em Washington, meu pai torce para os Rangers, um time de Nova York. Ele com certeza deve conhecer Caden Prescott, apesar de talvez odiá-lo por ser um bom jogador e estar em um time rival.

Minha mãe também irá surtar. Isso é fato.

Sorrio assim que ouço quatro patinhas batendo contra o piso e o ranger da minha porta sendo empurrada minimamente.

Juice, que devia estar destruindo algum rodapé pelo apartamento, salta para subir na cama, rodando em volta do próprio rabo antes de se acomodar, deitando-se ao meu lado. O dálmata de pelo branco e manchinhas pretas me encara com seus grandes olhos, implorando por carinho. Cedo, levando uma das mãos à sua cabeça.

Desviando minha atenção mais uma vez, a foco no quadro pregado à parede, bem em frente à cama.

A mulher ainda segura a faca próxima às costas do marido.

Não sei qual foi o motivo que me levou a pendurá-lo no meu quarto. Talvez tenha sido para fazer jus ao alto preço que paguei pela obra. Ou talvez para vê-lo servir como um lembrete.

Um lembrete de que relacionamentos são falhos.

E que até aquele em que você mais confia é capaz de te trair.

Porque as pessoas tendem a ser estúpidas.

— Estou aqui porque não quero ficar sozinha, mas isso não significa que vou desabafar. — Escuto a voz de Raven dizer.

Direcionando o olhar até a porta meio aberta, onde o corpo esguio da minha irmã se encontra, permaneço em silêncio, dando um breve aceno de cabeça para indicar que tudo bem. Que ela pode entrar.

Raven bufa assim que chuta as pantufas felpudas para longe dos seus pés ridiculamente pequenos e se joga ao meu lado, me deixando entre ela e Juice.

— Quando foi que tudo desandou? — ela lamenta, se juntando a mim ao focar as orbes verdes na tinta branca do teto, divagando em seus próprios pensamentos.

Pisco uma vez antes de responder:

— Talvez quando passou a achar que sua vida é um episódio de Grey's Anatomy e foi para a cama com o seu chefe.

Raven solta um suspiro demorado, repleto de exaustão.

— Por favor, não compare o Adam com o Derek Shepherd.

— Tem razão. Isso seria um crime.

Ouço a fraca risadinha que minha irmã solta ao meu lado, sentindo o coração se acalmar um pouco diante do gesto, mesmo que quase nada.

Um silêncio confortável se instala por alguns segundos. Essa é uma das coisas que mais prezo na minha relação com Raven. Nós podemos ser nós mesmas, sem ligar para o que a outra vai pensar ou arrumar assuntos idiotas para preencher um possível silêncio desconfortável.

Nossos silêncios são sempre prazerosos.

É como se, mesmo pensando em coisas diferentes, escondidas a sete chaves nos baús de nossas mentes, conseguíssemos funcionar melhor lado a lado. Mesmo sem dizer uma única palavra.

Mas, por algum motivo, desta vez não é assim que me sinto.

— Entrei em um relacionamento falso com Caden Prescott hoje. — É o que eu solto, arrancando o band-aid de uma vez antes de perder a coragem, meus olhos ainda encarando o teto.

Sinto o colchão se remexer sob mim diante do rápido movimento de Raven, que foi capaz de se sentar em questão de um nanosegundo.

— *Você o quê?*

Sentindo seu olhar fulminante vidrado em mim, fecho meus olhos, achando que, por algum motivo, com eles fechados, se torne mais fácil confessar para a minha irmã que eu, Avery Lakeland, a atriz que acabou de gravar um filme romântico, mas que vive dizendo para todos, em alto e bom som, que não acredita no amor, acabou de se enfiar em um relacionamento com a porra de um jogador de hóquei.

— Paxton e Sav disseram que essa relação faria bem para as nossas carreiras — revelo, me limitando aos detalhes. — Eles falaram que não era uma opção, e sim uma ordem.

Abro os olhos, encarando o rosto fino da minha irmã mais velha, que, permanecendo estática, estampa uma feição boquiaberta.

— Não poderia nem estar te contando isso. Assinei um acordo de confidencialidade — continuo, ainda deitada. — Dentro de alguns instantes, revistas irão soltar a notícia.

Raven pisca duas vezes, se libertando de qual tenha sido o transe no qual se enfiou, finalmente fechando a boca que estava escancarada em surpresa.

— Você — ela aponta para mim, sua voz saindo baixa, quase como se não acreditasse — está em um relacionamento com aquele gostoso do Caden Prescott?

Assentindo, alcanço o travesseiro sob a minha cabeça, o trazendo para perto do rosto, me afundando até tornar tudo escuro, desejando sumir da face da terra.

— Mamãe e papai vão surtar. — É o que Raven escolhe dizer, como se, por alguma razão, dentre todas as inúmeras frases existentes na língua inglesa, considerasse essa a melhor opção para o momento.

— Eu sei! — grito, ainda afogada no travesseiro.

Como uma jogada do destino, sinto o celular vibrar incontáveis vezes no bolso de trás da calça. Já sem o menor resquício de dúvida sobre o que se trata, empurro o travesseiro para o lado, arqueando um pouco as costas para pegar o aparelho, me deparando com um bombardeio de notificações surgindo na tela, uma após a outra.

Desbloqueando o iPhone, entro no Twitter primeiro, onde os fofoqueiros de plantão tendem a passar incontáveis horas se atualizando sobre a vida de famosos, e, assim que a tela inicial da plataforma aparece diante dos meus olhos, já me deparo com um print de uma matéria da Charlotte, uma revista renomada de Nova York.

EXCLUSIVO: A LENDA DO HÓQUEI CADEN PRESCOTT E A MARAVILHOSA ATRIZ AVERY LAKELAND TÊM DE TUDO PARA SER O CASAL DO ANO!

Por Eve Wade
Charlotte.

Acabamos de receber a notícia de que Caden Prescott, jogador do Washington Capitals e um dos nomes mais falados desta temporada da NHL, pediu Avery Lakeland, a protagonista do novo filme *Um Clima Diferente*, previsto para entrar em cartaz em janeiro do ano que vem, em namoro na madrugada de hoje.

Através do seu agente, Paxton River, Prescott revelou estar mais feliz do que nunca ao dar início ao relacionamento com a mulher que ama.

Savannah Gray, agente da estrela Avery Lakeland, que ficou conhecida por interpretar o papel da Stacy na série *Novas Vidas*, alega que a atriz realizou um grande sonho ao ser pedida em namoro com uma aliança brilhante, em um jantar à luz de velas reservado apenas para o casal.

"Avery diz que Caden é um romântico incorrigível, assim como ela, que vive me lembrando do quanto está perdidamente apaixonada", foi o que Savannah nos contou com exclusividade sobre a sua cliente.

Além disso, ambos os agentes nos disseram que Prescott e Avery já estão saindo há alguns meses, mas que apenas na madrugada de hoje a relação foi realmente rotulada como um namoro.

Wanda Milles, uma mulher de 23 anos que esteve de frente com o casal, ao trabalhar em um evento beneficente realizado há 5 meses, afirma jamais ter visto duas pessoas com tamanha química.

Sem palavras diante do que acabei de ler, jogo o celular para o lado, com nojo, como se ele estivesse coberto por uma gosma nojenta chamada de melação extrema e exagero.

Que porra Savannah estava pensando quando decidiu usar aquelas palavras para se referir a mim? Desde quando eu, Avery Lakeland, estaria realizando um *sonho* ao ser pedida em namoro em um maldito jantar?

— Acho que você precisa de um café gelado — minha irmã diz, se levantando, já imaginando por que devo estar com uma expressão de alguém que está perto de cometer um assassinato.

Engolindo todo o sabor amargo de desgosto que invade minha boca, tateio o colchão, alcançando o travesseiro antes de afundá-lo no meu rosto.

— Eu preciso de álcool! — grito, ouvindo os passos de Raven sobre o piso, com a voz saindo abafada. — Qualquer merda bem alcoólica que possa penetrar o meu sangue, ferver minhas vísceras e me fazer esquecer desse acontecimento insuportável!

Minha irmã fica em silêncio por alguns segundos, como se tentasse resolver o que fazer para amenizar o meu estado.

— Tudo bem — ela finalmente diz. — Vou preparar alguns copos de uísque com refrigerante.



03

CADEN

As compras pesam em minhas mãos enquanto uso o cotovelo para empurrar a porta do banco do carona do carro, batendo-a antes de dar a volta no veículo e seguir em direção à entrada de casa.

O sol escaldante de setembro brilha no céu de Washington, sendo o responsável pela fina camada de suor que começa a cobrir a minha testa.

Coloco as sacolas no chão quando piso no tapete brega de “seja bem-vindo” que ganhei da minha mãe, assim que me mudei, e deslizo uma das mãos para o bolso da calça de moletom preta que uso, alcançando as chaves que guardei mais cedo. Quando a encaixo na fechadura e tento girá-la para destrancar a porta, percebo que não estava trancada.

Guardando as chaves novamente e levantando as compras do chão, nem mesmo me dou ao trabalho de me sentir assustado com um possível invasor.

Eu sei muito bem quem estará me esperando assim que abrir esta porta.

Ao girar a maçaneta, minha teoria se mostra real.

Sentado no sofá, segurando o celular e trazendo os olhos azuis arregalados até os meus ao notar a minha presença, está Austin Crawford, o canadense que, além de invadir minha casa sempre que acha propício e de

jogar no mesmo time que eu, também, por ironia do destino, é o meu melhor amigo.

— Que porra é essa? — É o jeito que ele encontra de me dizer oi.

Eu poderia muito bem me importar com sua presença quase que diária na minha casa, mas, para falar a verdade, não dou a mínima. É bom ter com quem conversar e Austin me entende. Além de que, depois que descobriu ter uma vizinha adolescente obcecada por ele, seria babaquice da minha parte se não lhe desse um abrigo para se esconder quando julgasse necessário.

Empurrando a porta com o pé, a fecho assim que entro, de fato, em casa.

— Oi para você também — digo, passando por trás do sofá que meu melhor amigo ocupa, seguindo a caminho da cozinha conjugada ao cômodo, levando as compras comigo.

Austin, ainda sentado, muda de posição no mesmo instante, se virando para mim e mantendo os olhos azuis me fitando. Enquanto deixo as compras sobre o mármore escuro do balcão, observo ele franzir a testa um pouco, liberando espaço para que a confusão preencha o lugar que a feição assustada ocupava até segundos atrás.

— Eu fiz compras — resolvo dizer, sem entender o que deu nele para estar me encarando como se nunca tivesse me visto antes. Como se eu fosse um mistério a desvendar. — Temos que seguir a dieta que a nova nutricionista do time passou. Espero que saiba que vai ser obrigado a diminuir ainda mais na cerveja agora.

Tirando a caixa de ovos de uma das sacolas, fico à espera de uma resposta vinda do meu melhor amigo. À espera de ouvi-lo resmungar ou reclamar que essa é a parte chata da carreira no hóquei e que não vê a hora de se aposentar e virar um velho bêbado com barriga de chope, mas nada acontece.

Austin não responde. Sequer pisca.

Deixando os ovos sobre o mármore, me viro para ele, que permanece petrificado.

— Tá legal, Crawford, já chega! Que bicho te mordeu? — questiono, já sem paciência para lidar com essa dinâmica estranha que se instalou entre nós, seja lá por qual motivo.

Sem expressar nada, ele apenas segura o celular em frente ao rosto, cravando os olhos na tela.

— A lenda do hóquei Caden Prescott e a maravilhosa atriz Avery Lakeland têm de tudo para ser o casal do ano — meu melhor amigo lê. Com essa simples junção de palavras, já entendo tudo. Ainda não sabia que a matéria já estava circulando por aí, espalhando a notícia do nosso namoro falso para o mundo, mas não me surpreendo nem um pouco com a rapidez que os planos de Paxton e Savannah são colocados em ação. Os dois são como máquinas. Conseguem fazer com que uma fofoca se espalhe em questão de segundos, apenas com seus contatos com revistas e sites poderosos. — É o que a Charlotte acabou de publicar — Austin esclarece, trazendo seus olhos até os meus novamente.

Suspirando, dou alguns passos em sua direção, até chegar perto o suficiente para estender o braço e puxar seu celular. Assim que deslizo o olhar pelas linhas digitadas na tela, lendo o que foi publicado por uma das revistas mais renomadas dos Estados Unidos, sinto a barriga revirar.

Paxton e Savannah capricharam mesmo na mentira.

— Você vai ou não me explicar que porra é essa, Prescott? — indaga o meu melhor amigo, sua voz exalando confusão. — A notícia diz que você foi jantar com a tal da Avery na madrugada de ontem. Mas, pelo que eu me lembro, nós estávamos aqui, na sua casa, com as bundas coladas no sofá enquanto você segurava um saco de ervilhas congeladas na porra do olho, xingando Dax Colton com todos os palavrões existentes no dicionário, e eu ria da sua cara por ter levado uma surra daquele idiota.

— É tudo mentira — revelo, devolvendo o aparelho para Austin, que o pega da minha mão sem hesitar. — Não estou com Avery.

— Eu sei! — ele responde, como se fosse óbvio. — Mas então o que aconteceu? Por que o seu agente passou essas informações para a equipe da Charlotte?

Dou as costas, voltando à cozinha, suspirando ao tentar fingir indiferença diante ao assunto no qual eu estou tudo, menos indiferente.

Mais cedo, quando Savannah nos disse que não tínhamos escolha, eu e Avery surtamos. Tentamos protestar a todo custo, mas ambos sabíamos que o que ela e Paxton bolaram é uma ideia do caralho.

É acabar com os nossos problemas de uma só vez. Como matar dois coelhos com uma só cajadada.

Mas, apesar de ter ciência disso, de achar Avery Lakeland uma mulher extremamente atraente e de gostar de irritá-la, eu mal a conheço.

Mesmo que já tenha a assistido atuando inúmeras vezes nas telinhas, nós nos encontramos apenas duas vezes na vida.

E agora estamos juntos, fadados a mentir para milhões de pessoas.

— Avery e eu estamos em um relacionamento de mentira — conto, fechando os olhos e apertando as bordas da mesa de jantar com força, apenas aguardando pelo escândalo que sei que Austin vai fazer.

O que não demora muito para acontecer.

— *O quê?* — berra ele, sendo pego de surpresa.

Ouço um baque alto e levo meus olhos em sua direção imediatamente, o vendo caído no chão. Um sorrisinho involuntário toma meus lábios quando me dou conta de que Crawford acabou de ser vítima de uma queda do sofá. Ele se levanta sem pestanejar, sequer ligando para o tombo ao endireitar a postura e vir andando em minha direção, arrumando os fios pretos do cabelo no meio do caminho.

— Você e a louca do quadro estão *juntos*? — ele meio que continua gritando, próximo a mim.

Uma coisa sobre a minha relação com Austin: nós somos como irmãos. Ele sabe tudo sobre mim. E, sim, considerei o meu encontro e pequena guerra com Avery Lakeland no evento beneficente algo importante para contar.

Afinal, não é todo dia que se discute por um quadro com alguém do elenco de *Novas Vidas*.

— Ela não é louca — esclareço, por algum motivo. Ando até o balcão, voltando a desempacotar as compras. Austin me segue como um cachorrinho perdido. — Só... um tanto competitiva. E, às vezes, um pouco difícil de lidar — completo, dando de ombros. — Mas o Paxton e a Savannah acham que o relacionamento fará bem para as nossas carreiras. E, para falar a verdade, eu também.

— Vocês estão juntos! — Austin exclama, ignorando tudo o que acabei de dizer, insistindo feito um disco arranhado, como se de repente essas fossem as únicas palavras existentes em seu dicionário pessoal.

Olho para seu rosto, me deparando com seus olhos azuis flutuando em surpresa e euforia, como se me ver em um relacionamento falso fosse o maior acontecimento que poderia presenciar na vida.

Detalhe: estamos falando sobre um cara que joga para o Washington Capitals, um time membro da Divisão Metropolitana da Conferência Leste da NHL.

Austin Crawford vive cercado de grandes acontecimentos constantemente, mas, mesmo assim, nunca o vi tão animado quanto agora.

— Você entendeu que eu disse "relacionamento de mentira", né? — pergunto, só para garantir que o pobre coitado não esteja se iludindo ao entender o contrário.

— Eu entendi — ele responde, deixando que um sorriso de orelha a orelha tome seu semblante. — Mas, ainda assim, é um começo.

Minhas mãos congelam ao redor de um pote de manteiga. Deixando que um vinco indignado tome minha testa, me viro para Austin, tentando soar o mais claro possível ao dizer:

— Eu e Avery apenas fingiremos. Nunca vamos entrar em um relacionamento de verdade.

Assim que essas palavras escapam por meus lábios, fico no aguardo para observar a feição alegre deixando o seu rosto e seu coração se quebrando em diversos pedaços devido ao desapontamento, mas não é bem isso o que acontece. Como se fosse uma criança que faltou a diversas aulas de interpretação, Austin sorri ainda mais, demonstrando mais felicidade do que antes.

— Até parece que você nunca assistiu a comédias românticas. — É o que ele diz antes de dar as costas, voltando ao sofá. — É sempre assim que os casais se apaixonam. Sempre. — Sua voz vai diminuindo à medida que se afasta.

Quase rio diante do pensamento.

Isso é ridículo.

Apesar de viver fugindo de relacionamentos ao ser um babaca e ignorar todas as mulheres com quem um dia já saiu, Austin insiste em tentar encontrar alguém para mim, mesmo que eu diga não estar interessado. Não sei por que imaginei que dessa vez pudesse ser diferente, mas, mesmo assim, pensar em Avery e eu em um relacionamento de verdade é algo ridículo.

Se morássemos juntos, por exemplo, nossa casa viveria em um constante pé de guerra.

Separo os lábios, visando dizer a ele para esquecer essa ideia, quando Austin é mais rápido:

— Fico surpreso por ela ter aceitado. — É o que ele diz.

Fecho a boca, desistindo de falar qualquer coisa, curioso pelo desenrolar da sua fala.

— Depois do que aconteceu no ano passado, pensei que Avery tivesse declarado um ódio mortal por jogadores de hóquei — ele comenta, de costas para mim, entrelaçando as mãos atrás da cabeça e se acomodando de forma desleixada no meu sofá.

Franzo a testa, sem entender de que caralhos está falando.

— O que aconteceu no ano passado? — pergunto, esquecendo totalmente das compras ao sair andando na direção do meu melhor amigo.

Austin se vira para mim, me encarando com um olhar que me chama de desatualizado em oitenta línguas diferentes, como se tivesse obrigação de saber de todas as fofocas que rolam entre os jogadores.

— É sério que você não sabe? — Ele levanta as duas sobrancelhas. Hesitante, balanço a cabeça em negação. — Avery deu um chute no meio das pernas de Hunter Killor em uma festa — conta, se referindo ao defensor do Edmonton Oilers. — Ao que parece, ele foi um babaca ao fazer um comentário, alegando que o vestido dela era curto demais ou algo assim — completa. — Isso virou assunto entre os caras durante semanas. Foi quando Avery desenvolveu um ódio mortal por nós, só faltando rosnar a cada vez que um jogador tentasse se aproximar dela em algum evento. — Ele solta uma breve risadinha com a lembrança. — É sério que você não sabia mesmo?

Com um sorrisinho tomando os lábios, nego com a cabeça.

Se tivesse acontecido com qualquer outra pessoa, talvez eu pudesse achar exagero se, diante de uma experiência ruim com alguém do hóquei, ela passasse a achar que todos nós somos iguais.

Mas, como é de Avery que estamos falando, ouvir isso não me surpreende.

Afinal, ela é a esquentadinha.



AVERY

O insistente barulho infernal parece preencher o apartamento por completo.

Me retorcendo entre os lençóis pela milésima vez, resmungo, sonolenta, desejando que quem quer que esteja com os pés sobre o tapete de boas-vindas da porta de entrada do apartamento, enquanto afunda o maldito dedo na campainha, dê meia-volta e se enfie no elevador, indo embora para sempre ao me devolver a paz e o silêncio que preciso para dormir.

Quem me conhece sabe que, para mim, horas de sono são sagradas. E desde que Raven me acordou mais cedo, ao estilhaçar um copo de vidro no piso da cozinha e quase me matar do coração, não consegui voltar a dormir.

O dedo de Quem-Quer-Que-Seja aperta o botão da campainha mais uma vez, me fazendo chutar as cobertas para longe em um pequeno ataque de raiva.

Como se não bastasse, vindo da sala, os latidos desesperados de Juice chegam abafados aos meus ouvidos.

Ciente de que não terei paz até levantar e atender a maldita porta, não espero nem mais um minuto para fazer isso. Exasperada, calço o par de pantufas felpudas que roubei de Raven, amarrando o laço do robe de cetim

em volta da cintura antes de deixar o quarto, atravessando o extenso corredor em direção à sala.

Juice se anima assim que me vê, fazendo barulho com as patinhas batendo contra o piso ao sair saltitando ao meu redor, abanando o rabo, genuinamente contente.

Paro em frente à porta, subindo na ponta dos pés e encaixando um dos olhos no olho mágico, verificando quem está do lado de fora.

Assim que, apesar da visão um tanto distorcida e embaçada, avisto os cabelos pretos brilhantes e os profundos olhos escuros de Caden Prescott, volto os calcanhares ao chão, sentindo uma vontade absurda de retornar ao quarto, colocar protetores de ouvido e voltar a dormir, o deixando plantado em frente à minha porta até desistir e ir embora.

Mas, agindo como se pudesse ler meus pensamentos maldosos, Juice solta um latido, me obrigando a deslizar os olhos até ele, que, ainda ao meu lado, agora me encara com um olhar repleto de julgamento, como se eu fosse a pior pessoa do mundo.

Me agacho para pegá-lo no colo antes de suspirar, me dando por vencida, e levar as mãos até a chave encaixada ao trinco. Agora com a porta destrancada, eu a abro devagar.

Ostentando o mesmo sorrisinho presunçoso de sempre enquanto veste uma calça cargo e uma camiseta preta lisa, Caden Prescott se recosta no batente da *minha* porta, mantendo a postura despreocupada.

— Oi, esquentadinha. — Ele sorri, mostrando os dentes ridiculamente brancos.

Por um instante, me perco em seu sorriso largo e perfeitamente alinhado. Mas então, ao me dar conta do que estava fazendo, corrijo a postura, bufando.

— Você me acordou — reclamo, citando os fatos.

Prescott apenas dá de ombros, esticando um dos braços para frente e passando a mão calejada na cabeça do cão em meu colo, que permanece com o rabo com pelos brancos rasos balançando enquanto coloca a língua para fora, contente por receber a visita de um desconhecido que parece gostar de cachorros.

— Pude ver pelo pijama de ursinhos — Caden comenta, deslizando os olhos pela minha perna, onde a calça cor-de-rosa com figuras dos ursinhos carinhosos que visto é a única peça de roupa que o robe não cobre.

Pelo menos a minha camiseta larga da Marvel permanece escondida.

— Você me acordou — repito, insistindo na afirmação, esperando pelo momento em que ele vai se tocar de que não é bem-vindo, dar as costas e ir embora para todo o sempre.

Mas, ao invés disso, Prescott apenas traz suas íris escuras até as minhas, me permitindo ver a diversão que por elas flutua, como se saber que está sendo inconveniente para mim o divertisse mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— São duas da tarde — sua voz prepotente diz. — Você não deveria estar dormindo.

Sentindo vontade de socá-lo, dou um passo para trás, afastando sua mão imunda de Juice.

— E você não devia se meter na minha vida e muito menos estar no meu apartamento — retruco.

Caden permanece inabalável às minhas farpas, guardando as mãos nos bolsos da calça cargo.

— Foi uma ordem dos nossos agentes, esquentadinha. Não posso me dar ao luxo de desobedecê-los — ele diz, dando de ombros, como se indicasse que também preferiria estar com qualquer outra pessoa que não fosse eu. — Savannah me passou o seu endereço. Ela disse que, agora que somos namorados de mentira, devemos conhecer um ao outro. Sabe, para sustentar a farsa diante de todo mundo e não vacilar quando nos perguntarem sobre o sabor do sorvete favorito um do outro ou coisas do tipo.

Sem dizer nada, coloco Juice no chão, que não hesita antes de se chacoalhar, fazendo com que o forte perfume que passa em seus banhos semanais se espalhe pelo ar.

Me levanto, levando os olhos entediados até o rosto perfeitamente simétrico de Caden Prescott.

— Então eu vim te conhecer — ele conclui, dando de ombros mais uma vez, as mãos ainda enfiadas nos bolsos da calça.

Permanecendo a poucos passos de distância do seu corpo de estrela, alto e com inúmeros músculos, eu o encaro por alguns segundos, tentando decidir o que fazer, mesmo que no fundo já saiba que terei de deixá-lo entrar caso não queira lidar com uma Savannah furiosa mais tarde. O que talvez seja uma das coisas que mais me amedrontam no mundo todo.

Ciente de que desta vez não tenho como escapar, gesticulo para que Caden entre.

Prescott não hesita ao obedecer, fechando a porta atrás de si. No chão, Juice parece mais animado do que nunca, correndo atrás do próprio rabo ao perceber que a visita não desejada finalmente está dentro da sua casa.

Caden sorri ao olhar para ele, se agachando no chão para chamá-lo. Juice, como o animal carente que é, saltita em sua direção, virando de barriga para cima para que Prescott acaricie a região.

— Qual é o nome dele? — Caden questiona, sorrindo bobo ao brincar com o cão.

Juice estava certo. Prescott ama cachorros. Isso é visível apenas pelo olhar apaixonado que toma seu semblante. Cães tendem a ter facilidade em perceber quando alguém gosta ou não deles, afinal.

— Juice — respondo baixinho.

Ainda agachado, Caden traz seus olhos escuro até os meus.

— Juice — ele repete, como se testasse o nome. — É em homenagem ao rapper?

Franzo o cenho, negando com a cabeça quase que imediatamente.

— Não. Quando o adotei, estava tomando suco de laranja de caixinha — conto, apesar de não saber por que estou dando explicações para esse cara. Não é como se fossemos amigos.

Caden solta uma risada baixinha, voltando a encarar o dálmata em frente ao seu joelho colado ao chão, que ainda exibe a língua para fora da boca e permanece de barriga para cima, nunca se cansando de receber carinho.

— Sua mãe não é muito criativa, não é? — ele brinca, seus lábios se repuxando nos cantos, me fazendo revirar os olhos.

Prescott faz um último carinho na barriga de Juice antes de se levantar, me encarando como se esperasse por um tour ou um lanchinho de boas-vindas.

— Seu apartamento é legal — diz, caminhando em curtos passos enquanto observa a extensa sala. — Mora sozinha? — Caden se joga no meu sofá, relaxado.

Apressada, sigo em sua direção, parando bem em frente a ele, o fuzilando com um olhar incrédulo ao reparar nas suas pernas apoiadas na mesinha de centro, a sujando com as solas dos seus tênis imundos.

— O que foi? — Prescott pergunta com a voz saindo sonsa e o maldito sorrisinho arrogante tomando os lábios. — Só estou tentando te

conhecer. — O idiota dá de ombros, entrelaçando as duas mãos atrás da cabeça, não economizando na inconveniência ao se mostrar extremamente confortável em um lugar onde sequer é bem-vindo.

Ciente de que ele age feito um garoto da quarta série, que tem como hobby principal irritar as menininhas da sala e adora quando elas o retrucam, estendendo ainda mais a discussão, resolvo deixar pra lá. Antes que eu exploda e saia o empurrando porta afora.

— Eu vou trocar de roupa. — É tudo que digo.

Caden solta uma risadinha assim que empurro suas pernas para poder passar, recolhendo-as em cima do sofá.

— Seria bom se penteasse o cabelo também — comenta, me fazendo paralisar no lugar, repleta do mais sincero ódio.

Respirando profundamente, me recomponho antes de continuar andando, mostrando o dedo do meio na direção do idiota fantasiado de lenda do hóquei, que solta mais uma risadinha em resposta, ciente de que obteve sucesso no seu plano de me tirar do sério.



Minutos depois, deixo o quarto usando um vestido branco ombro a ombro, o cabelo preso em um rabo de cavalo, argolas e uma leve camada de maquiagem cobrindo a pele, acompanhada pelo brilho chamativo nos lábios — devido ao meu milagroso gloss favorito. Caminho pelo extenso corredor, voltando à sala, pronta para me deparar com a bunda folgada de Caden Prescott no meu sofá, onde ele sequer se preocupa em *fingir* não ser um insuportável arrogante.

Mas, no instante em que chego ao cômodo, não é ele quem vejo no móvel.

Juice está deitado sobre uma das almofadas pretas, me encarando com seus redondos olhos, que ainda brilham em divertimento. Ele coloca a língua para fora, respirando ofegante enquanto me observa fixamente, permanecendo a passos de distância.

Desvio o olhar, deslizando-o pelo corredor, tentando encontrar qualquer rastro de onde Caden tenha se enfiado. Assim que cravo as íris na porta entreaberta da biblioteca, solto um suspiro pesado, já cansada de ter esse cara na minha casa.

— Merda! — xingo antes de sair a passos apressados em direção ao único cômodo onde eu poderia assassinar qualquer um que invadisse sem autorização, assim como o idiota fez.

Minha biblioteca é o meu refúgio. O lugar que procuro sempre que sou obrigada a lidar com algum problema que não tem solução. O cômodo que visito sempre que sinto o desejo de ficar sozinha e a necessidade de espairecer a cabeça.

Histórias sempre me salvaram. Sejam elas de contos de fadas, como na infância, quando Raven me chamava para o seu quarto e me contava sobre as princesas que se apaixonavam perdidamente, enquanto gritos ressoavam pelas paredes da nossa casa durante horas e horas, ou as mais sombrias, que se tornaram as minhas favoritas conforme fui crescendo e aprendendo mais sobre os pontos falhos do amor.

Estar submersa no universo dos livros, podendo, mesmo que apenas por algumas horas, fingir ser outra pessoa, em outra realidade, me salvou. E continua me salvando até hoje.

— Nunca te disseram que é feio bisbilhotar a casa dos outros? — É o que pergunto ao chegar ao cômodo cercado por altas estantes, me deparando com um Caden de costas, segurando algum livro nas mãos.

Quase que no mesmo instante, ele se vira para mim, me permitindo ver suas sobrancelhas levantadas e o livro de capa dura que tem entre as mãos. Não preciso sequer de dois segundos para identificar o calhamaço à minha frente.

A biografia de Ted Bundy.

— Serial Killers? — Caden pergunta, trazendo seus olhos até os meus ao soltar uma risadinha que me obriga a prender a respiração, buscando não correr em sua direção e o derrubar no piso antes de desferir socos em seu rosto ridiculamente charmoso e o deixar com outro olho roxo. — Eu deveria ter medo de você? — Ele arqueia uma sobrancelha.

Cruzando os braços em frente ao peito, deixo que um sorrisinho desdenhoso tome os lábios, pronta para retrucar às suas gracinhas inconvenientes.

— Geralmente eu diria que não, mas, como se trata de você, não posso me dar ao luxo de garantir muita coisa — respondo, entrando no seu jogo. — Já me imaginei te esganando inúmeras vezes.

Prescott sorri de canto, dando curtos passos até a dezena de livros de casos criminais verídicos empilhados em cima de uma mesinha redonda,

colocando a biografia do assassino no topo da pilha. Na semana passada, enquanto organizava a biblioteca, devo ter esquecido de colocar esses livros em seus devidos lugares.

O idiota volta sua atenção para mim, deslizando os olhos demoradamente pelo vestido branco que uso até finalmente encontrar meu rosto.

— Essa frase me pareceu ter uma conotação sexual, esquentadinha — ele provoca, ainda ostentando toda a arrogância do planeta ao manter os lábios repuxados. — Não imaginei que gostasse dessas coisas.

Soltando os braços ao lado do corpo, cerro os punhos, tentando manter o controle para não o expulsar daqui agora mesmo.

— Por que você tem que ser sempre tão engraçadinho? — É o que pergunto.

O maldito sorriso de Caden parece se alargar.

— É o meu charme. As mulheres não resistem.

— Eu resisto — respondo prontamente, me esforçando para carregar a voz com toda a convicção que consigo.

Diferente do que era o esperado por mim, Caden não retruca nada. Ele apenas insiste em continuar me encarando. E, pelo seu olhar, sei que não acredita em mim.

O que é ridículo. Irritantemente ridículo.

— Estou falando sério — reafirmo, apesar de não entender por que estou tão preocupada em deixar isso bem claro no cérebro convencido *desse* cara.

Ainda me olhando da mesma maneira, Caden dá de ombros.

— Se é isso que você acha, quem sou eu para contrariar? — ele diz, dando as costas e seguindo na direção do pequeno carrinho bar que tenho em um dos cantos do cômodo, ao lado de um sofá com dois lugares.

Assim que observo Prescott levar uma das suas mãos imundas à minha garrafa de Dalmore Single, avanço em sua direção, arrancando a bebida de suas garras e a devolvendo para a estrutura firme do carrinho. Com o rosto a centímetros de distância, Caden traz seus olhos ofendidos até os meus. Me armo com o melhor sorriso arrogante que consigo, o fitando fixamente.

— Um jogador que conseguiu jogar a carreira no lixo com destreza — alfineto, respondendo à sua pergunta, possuindo a completa consciência de que havia sido retórica.

Prescott, parecendo gostar de me vê-lo provocando tão de perto, suaviza o olhar, repuxando os lábios em um dos cantos.

— Também sou o seu namorado — ele complementa, mantendo a voz baixa ao me permitir sentir o seu forte hálito de hortelã, que se mistura com o aroma do perfume masculino exagerado e loção de barbear, tornando-se inebriante. — Não se esqueça disso.

Engulo em seco, permanecendo encarando-o, tentando soar imperceptível.

— Meu namorado de mentira — corrijo, a voz saindo fraca por algum motivo.

Caden solta uma risadinha, se inclinando um pouco em minha direção, devido a diferença de altura existente entre nós, e aproxima seus lábios do meu nariz, quase o tocando ao sussurrar:

— É, mas a mídia não sabe disso.

Meu coração erra uma batida dentro do peito e de repente me sinto ridícula ao perceber o rosto esquentando. Tentando disfarçar o efeito que sua súbita aproximação causou em mim, pigarreio, desviando o olhar.

O babaca solta uma risadinha, se afastando.

— É sério que não vai me deixar tomar a sua bebida, esquentadinha? — ele questiona, voltando-se para o carrinho, agindo como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse acabado de fazer o meu maldito coração errar as passadas e enfraquecer minhas pernas.

— Não — minha voz embargada responde, saindo difícil, fraca demais.

Caden decide me ignorar completamente ao dar de ombros e levar a mão ao uísque novamente, entornando o líquido no copo, sequer parecendo se importar com a ausência do gelo ao levá-lo até os lábios, dando o primeiro gole.

Me sento no sofá enquanto o observo, decidindo que o melhor a fazer é deixá-lo desfrutar da minha bebida ao perceber que não tenho forças o suficiente para obrigá-lo a parar neste momento. Levo meus olhos até a sua garganta, onde seu pomo-de-adão se move enquanto ele engole, fazendo os números tatuados por ali em tinta preta se sobressaírem.

Prescott para por um instante, mantendo o copo em uma das mãos ao levar a outra para o bolso da calça cargo e encontrar o celular, parecendo verificar o horário e mandar uma mensagem rápida para alguém. Percebo quando ele vira a cabeça, trazendo seus olhos escuros em minha direção.

Tentando disfarçar, passo a encarar meus próprios pés, fingindo que são algo admirável aos meus olhos, merecedores de toda a atenção.

Seria vergonhoso se Caden me pegasse o observando feito uma das suas inúmeras fãs adolescentes.

— Nós temos uma reunião em cinco minutos. — É o que ele avisa.

Crispo a testa no mesmo instante, correndo os olhos até ele novamente, que agora deixa o copo quase vazio sobre a estrutura do carrinho, no lugar onde o pegou.

— Como assim temos uma *reunião*? — questiono, confusa. — Eu não fui avisada.

Prescott mantém o celular em uma das mãos, vindo até mim em passos contidos, permanecendo com o sorrisinho que tanto odeio estampado no rosto.

— Paxton acabou de me enviar uma mensagem. Ele e Savanah querem nos encontrar no Bloom Café — explica, parando à minha frente. — Sabe onde fica isso?

Ainda hesitante, faço que sim. É a lanchonete que eu e Raven costumamos ir quando estamos com preguiça de fazer comida.

— Fica do outro lado da rua.

Caden assente, encarando a tela do aparelho ao digitar mais alguma coisa com seus dedos rápidos. Após isso, como se fossemos amigos próximos, ele se senta ao meu lado, erguendo um pouco o celular no alto e abrindo a câmera.

— O que está fazendo? — questiono, empurrando o seu ombro largo, desejando que se levante e permaneça o mais longe possível.

Ele nem se mexe, apenas sorri e ergue o rosto, posando para a maldita câmera com seus dentes perfeitamente brancos e alinhados.

— Sorria para a foto, esquentadinha — Prescott tem a audácia de dizer. — Somos um casal agora. Temos que dar conteúdo para os nossos fãs. Foram ordens do Paxton.

E é então que, suspirando pesadamente, irritada diante da situação na qual me enfiei, levanto o queixo, olhando para o pontinho preto do celular. E não me dou ao trabalho de sorrir enquanto Caden tira a foto.

— Ótimo — ele fala, trazendo o aparelho para perto do rosto e focando o olhar na tela. — Agora me ajude a pensar em uma legenda melosa.

Enrugo o nariz em desaprovação.

— Odeio legendas melosas. — Me levanto do sofá, buscando distância. — E odeio você.

Prescott traz suas íris escuras até as minhas.

— Eu sei — diz, seu rosto coberto de divertimento. — E é por isso que estou adorando tanto toda essa nossa farsa.



Eu o odeio. Isso é um fato.

Era um fato há alguns minutos, quando saímos do elevador, adentrando no saguão do prédio, e Caden sorriu para Harry, o porteiro da vez, que, além de ser um velhinho carismático, também descobri ser um grande fã dos Caps.

Continuou sendo um fato enquanto atravessávamos a rua, recebendo olhares curiosos de algumas pessoas, e Prescott desfilou com o seu maldito óculos escuros ao ostentar o maior sorriso de galã que foi capaz.

E ainda foi um fato há poucos segundos, quando chegamos ao Bloom Café e o idiota fez questão de pedir uma mesa mais afastada dos outros clientes ao dizer para o garçom que tínhamos um encontro duplo entre casais, se empenhando no papel de namorado falso, e que precisávamos de privacidade.

Não nego que me surpreendi um pouco ao ver que tínhamos chegado antes de Paxton e Sav. Apesar de eu morar literalmente do outro lado da rua, os dois nunca costumam se atrasar. Eles tratam seus horários com toda a seriedade existente no mundo.

Bom, tirando ontem, quando Savannah esqueceu de me avisar sobre a apresentação da sua sobrinha e me fez esperar por ela para a nossa reunião. Que, por sinal, foi a pior que já tivemos, com a presença de Caden Prescott e uma mudança infernal na minha vida.

— Posso te fazer uma pergunta? — É o que o de cabelos pretos quer saber, arrastando as pernas da cadeira ao meu lado no piso para se sentar.

Solto um pesado suspiro, perguntando a todos os deuses possíveis por que, com dois lugares vagos do outro lado da mesa, Caden tenha escolhido justo o ao meu lado.

— Não — respondo, o encarando com um sorrisinho repleto do mais genuíno escárnio.

Ele também repuxa os cantos dos lábios ao se sentar na cadeira com um estofado azul celeste, fingindo doçura.

Assim como o bairro onde está localizada, a Bloom Café também é uma lanchonete charmosa, com móveis e decoração em diversas cores alegres e chamativas.

Georgetown sempre foi a minha primeira opção no quesito moradia. É um bairro extremamente encantador, com uma arquitetura estilo federal norte-americano, pequenas casinhas coloridas, todo arborizado, com pequenos restaurantes refinados, uma rua só de compras e alguns cafés e lojas de cupcakes.

É como um sonho.

— Onde você pendurou o quadro? — Caden pergunta, me ignorando totalmente enquanto me fita com expectativa.

Exausta, apoio o cotovelo na madeira da mesa, apertando a ponte do nariz com a mão, desejando estar em qualquer outro lugar, com qualquer outra pessoa.

— No meu quarto — respondo, indiferente.

O encaro quando escuto sua risadinha infantil, me deparando com um sorrisinho sugestivo moldado em seus lábios.

— Isso significa que toda noite antes de dormir, quando olha para ele, se lembra de mim? — o idiota retruca, retomando o jogo de provocações da quarta série que tanto adora.

Tento soar o mais seca possível ao dizer:

— Sim. E me imagino sendo a mulher que aproxima a faca das suas costas.

Caden não responde nada. Apenas permanece me encarando nos olhos. Ele mordisca o cantinho do lábio inferior antes de se pronunciar novamente, soltando uma risada distante e desviando o olhar:

— Você é perturbada.

Estou prestes a revirar os olhos quando avisto Savannah e Paxton vindo em nossa direção, acompanhados pelo garçom que nos atendeu na entrada e os cardápios que segura.

Sorrio para os agentes enquanto se sentam à nossa frente, ouvindo quando Sav reclama do trânsito infernal e de como está precisando de umas férias. Paxton, como sempre, permanece calado diante das reclamações da sua noiva, mantendo a postura fria habitual.

A dinâmica existente entre eles é engraçada. Meio fofa, até. Sempre pensei que Paxton River fosse um homem sério, focado no trabalho e sem tempo para a vida pessoal. Mas há um ano, quando o vi se ajoelhar no meio de um evento em Chicago e abrir um sorriso enquanto pedia a mão de Savannah em casamento, me surpreendi ao perceber que estava errada.

Ele é um homem sério e focado no trabalho. Mas possui uma vida fora dele. Uma vida onde é perdidamente apaixonado por Savannah Gray, uma das agentes mais invejadas dos Estados Unidos.

— Desejam mais alguma coisa? — É o que o garçom de cabelos ruivos e olhos verdes pergunta, após anotar nossos pedidos.

Todos negamos antes de vê-lo abrir um sorrisinho, dizer que volta logo e dar as costas em direção à cozinha.

— Vi a foto que Caden postou — Paxton comenta, intercalando o olhar entre o jogador ao meu lado e eu, a expressão ainda neutra. — Estão se saindo bem.

Caden sorri diante da fala, que foi o mais próximo de um elogio.

— Obrigado. Tive que forçar Avery a tirar a foto. Ela não gosta muito de mim.

Rolo meus olhos, bufando.

— Poderia me julgar por isso, se não fosse um babaca insolente.

Prescott traz suas íris escuras até o meu rosto, apertando os olhos ao me encarar em desafio. Sustento seu olhar por alguns segundos antes de ser fisgada de volta à realidade pela voz de Savannah.

— Imagino que seja complicado — começa ela. — Confiem em mim. Não queria ter colocado vocês no meio dessa farsa. Se tivesse encontrado qualquer outra saída para os problemas de ambos, jamais teria os incentivado a mentir para multidões. Mas, infelizmente, não encontrei. E sinto muito por isso.

— Nós dois sentimos — Paxton se adianta em acrescentar, preocupado em deixar a noiva sair como a única culpada na situação.

Suspiro, me empertigando na cadeira.

— Quanto de dinheiro ofereceram à Wanda para vê-la mentir para a Charlotte? — questiono, buscando matar a dúvida que cruzou meu cérebro assim que li a matéria sobre o nosso namoro na revista digital. — Ela nos viu na exposição beneficente. Ficou com medo de nós. Enxergou nos meus olhos a raiva que estava sentindo pelo Caden. Jamais teria achado que temos química.

Ao meu lado, o idiota solta uma risadinha, provavelmente se lembrando da batalha infantil que travamos pelo quadro.

— Esse dia foi divertido — comenta ele.

O lanço um olhar de reprovação antes de voltar a me dirigir a Sav, esperando por uma explicação.

— Oferecemos uma quantia generosa. — Paxton é quem responde. Ele faz um gesto com uma das mãos, como se dissesse que isso não é problema nosso. — Não precisam se preocupar com essas coisas.

— Certo — Caden fala, soando sério pela primeira vez em duas horas. — E por quanto tempo vamos ter que continuar fingindo estar juntos?

Volto o olhar para Savannah, esperando pela resposta na qual também tenho interesse em saber, torcendo para que ela diga que isso tudo durará poucos dias.

Minha agente crava suas íris castanhas em mim.

— Até a estreia do filme. — É o que diz, o rosto permanecendo impassível. — Vocês irão juntos para a estreia em Nova York e depois dirão que terminaram por algum motivo idiota. — Sav gesticula com uma das mãos sobre a estrutura de madeira da mesa. — Podem dizer que eram "a pessoa certa na hora errada", ou qualquer besteira como essa.

Escondendo as mãos sob a mesa, cerro os punhos, tentando manter o controle diante de toda a minha irritação.

— *Um Clima Diferente* estreia em janeiro — comento, disfarçando a raiva na voz. — E estamos em setembro.

Assim que essas palavras saem por meus lábios, o garçom ruivo de olhos verdes retorna à mesa, trazendo consigo nossos pedidos. Ele deixa cada respectivo prato e bebida em frente a cada um de nós, sorrindo antes de dar as costas e se afastar, levando a bandeja vazia junto de si.

Encaro o meu croissant de chocolate, esperando pela resposta da minha agente.

— Exatamente. — É o que Savannah responde, me obrigando a redirecionar o meu olhar para ela novamente. — Isso significa que vocês têm apenas alguns meses para se tornarem um dos casais mais falados do mundo todo.



05

AVERY

Savannah me lança um olhar *daqueles* antes de levar a mão até a maçaneta do meu apartamento, a girando para ir embora.

Depois de passarmos 30 minutos na lanchonete e percebermos que o local já estava começando a lotar, com todos os clientes que estavam chegando, resolvemos vir para o meu apartamento, onde podemos conversar melhor, sem medo de sermos ouvidos.

Paxton nos contou que fará de tudo para que revistas, blogs e perfis de fofocas no Instagram permaneçam postando sobre o nosso relacionamento falso constantemente, mas que para isso devemos ser vistos em público com certa frequência.

Savannah disse que a notícia de ontem já causou certo alvoroço, e que marcas conhecidas já foram procurá-la em busca de formar uma parceria comigo. Ela também me lembrou de que ainda nesta semana tenho uma sessão de fotos para a Hope, uma revista de moda *plus size*, e que estará comigo no estúdio.

— Vejo você na quinta, Avery — minha agente diz, segurando a porta aberta. — Por favor, não se atrase.

Prontamente, aceno com a cabeça.

Assim como ela, também respeito meus horários.

— E avise ao Caden para checar a caixa de e-mails com mais frequência — Paxton me pede, se referindo ao jogador que perguntou onde ficava o banheiro há alguns minutos e que agora deve estar perdido por aí. — Ele precisa entender que nem todos os assuntos sérios podem ser tratados por mensagens, com emojis piscando e gifs de cães usando roupinhas divertidas.

Sem conseguir me conter, solto uma risada fraca.

— Prescott às vezes parece um garoto de seis anos. — É o que Savannah diz, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Ele é um bom homem — Paxton comenta com a voz distante enquanto atravessa a porta, se juntando à sua noiva no hall, sobre o meu tapete de boas-vindas. — Um pouco irritante, mas um bom homem.

No mesmo instante, a porta do elevador se abre, revelando o corpo esguio e os cabelos castanhos claros de Raven, que usa uma calça jeans e uma regata branca comum. Ela sorri assim que ergue o rosto e nos vê.

— Paxton, Sav! — minha irmã os cumprimenta. — Não sabia que estariam aqui.

Savannah sorri ao endireitar a postura, que já estava perfeita, e torná-la ainda mais ereta.

— Viemos dar uma passada rápida, mas já estamos de saída — minha agente diz, se virando para mim, que permaneço com os pés cravados no piso do apartamento, a alguns centímetros de distância. — Não se esqueça, Avery. Quinta você e eu temos de estar no estúdio.

Como antes, repito o gesto e faço que sim com a cabeça.

— Pode deixar — respondo ao ver Paxton saindo em passos apressados para estender o braço e segurar o elevador.

Savannah me lança um meio sorriso antes de segui-lo.

Assisto quando os dois entram na caixa metálica e Paxton pressiona o botão do térreo, fazendo com que a porta dupla se feche e o elevador os engula, iniciando a sua descida.

— Por que eles estavam aqui até agora? — É o que Raven questiona enquanto atravessa a porta, vindo em minha direção. — Já está tarde — minha irmã comenta, fechando a porta atrás de si.

Dou de ombros, indo a caminho do sofá, onde solto um longo suspiro ao me jogar.

— Tivemos uma reunião. — É o que resolvo responder, a poupando dos detalhes, apesar de saber que, neste instante, Caden Prescott deve estar

vagando pelo meu apartamento como um fantasma e pode aparecer a qualquer momento, nos assustando com a sua presença indesejada e rostinho perfeitamente simétrico.

Raven joga a sua bolsa em minha direção antes de chutar as sapatilhas para longe dos seus pés e desfazer o coque em seu cabelo, como costuma fazer sempre que chega em casa.

— O lavabo deste apartamento parece um banheiro de hotel — diz uma terceira voz, invadindo o ambiente.

Raven é fisgada imediatamente, deixando que uma expressão boquiaberta tome seu semblante. Ao vê-la arregalar os olhos, sigo seu olhar, me deparando com um Caden Prescott exibindo o maior sorriso galanteador que pode e... sem camisa.

Merda.

— Por que caralhos você está sem camisa? — grito, me levantando subitamente, fazendo com que a bolsa da minha irmã atinja o piso.

Prescott apenas me ignora ao dar alguns passos na direção de Raven, estendendo a mão para cumprimentá-la. A mais velha, petrificada, o encara com as íris brilhando, quase como se estivesse de frente com uma obra de arte e fosse sugada pelo seu encanto.

— Oi — Caden diz assim que ela finalmente aperta a sua mão. — Sou Caden. Caden Prescott. Namorado da sua...

— Irmã — completo, atrás dele, ao perceber que estava confuso em como se referir a nós duas.

Prescott nem mesmo me encara antes de concordar.

— Isso — diz ele. — Sou namorado da sua irmã.

Raven, parecendo se libertar de qual tenha sido o transe no qual se enfiou, chacoalha a cabeça levemente, voltando à realidade antes de sorrir.

— Sou Raven — ela se apresenta. — E você é o namorado de *mentira* da minha irmã.

No mesmo instante, Prescott gira nos calcanhares, virando-se para mim. Ele arqueia uma sobrancelha escura e grossa antes de questionar:

— Você contou para ela?

Sem pestanejar, faço que sim com a cabeça, dando de ombros logo em seguida.

— Eu conto tudo para ela. — É o que respondo enquanto me aproximo dele, puxando a camiseta preta que segura em uma das mãos e que,

por algum motivo desconhecido, resolveu tirar. Foco meus olhos nos seus antes de continuar. — Agora veste isso e dá logo o fora daqui.

Caden deixa que um sorrisinho de canto emoldure seus lábios ao pegar a peça de roupa das minhas mãos, a vestindo sem reclamar. Assim que volta a esconder seus músculos, Prescott se vira para minha irmã novamente, que agora nos encara roendo as unhas, tentando disfarçar o sorriso e o divertimento que flutua por seus olhos.

— Seu apartamento é legal, Raven — o idiota elogia, arrumando o cabelo com os próprios dedos. Ele solta uma risada abafada. — Sabe, tirando a biblioteca perturbadora.

Raven também ri, apesar de tentar se conter. Ela cruza os braços, me lançando uma olhada breve antes de se voltar para Caden.

— Então quer dizer que já conheceu o lugar favorito da Avery?

Prescott dirige sua atenção para mim, conectando suas íris às minhas.

— É uma das únicas coisas que sei sobre ela — ele comenta, mantendo o sorrisinho nos lábios. Observo o movimento que sua garganta faz assim que engole em seco, realçando os oito números tatuados três dedos abaixo do queixo.

Revirando os olhos, levo minhas mãos até seus ombros, o virando para levá-lo até a porta, desejando que deixe meu apartamento o quanto antes.

— Tenha uma boa noite, Prescott. — É o que desejo enquanto empurro seus largos ombros, ouvindo a risadinha que Raven solta ao nosso lado.

Caden gira a maçaneta da porta, a abrindo antes de se virar para mim.

— Você também, esquentadinha — ele diz, dando o primeiro passo para fora do apartamento. Prescott se vira para a minha irmã, acenando com uma das mãos em despedida. — Foi bom te conhecer, Raven.

E então, antes de dar a chance de Raven o responder, eu bato a porta, a fechando na cara dele.

Minha irmã solta uma gargalhada, me fazendo girar nos calcanhares e encará-la enquanto solto um suspiro aliviado, relaxada por finalmente ter tirado um carrapato do meu sapato. Um carrapato extremamente atraente, com inúmeros músculos e uma infeliz tatuagem no pescoço que consegue chamar minha atenção facilmente.

— Ele é legal — comenta Raven. Aperto meus olhos no mesmo instante, tentando decifrar se está ficando louca ou não. Ela dá de ombros. — Quer dizer, Caden é bonito e até engraçadinho... Não vi motivos que explicam o ódio que carrega por ele.

Saio em passos curtos pelo piso, levando uma das mãos até o cabelo, soltando o rabo de cavalo que usei durante o dia inteiro.

— Você diz isso porque não o conhece — falo, sincera. — Passou apenas três minutos com ele.

Raven me segue enquanto caminho até a cozinha, vindo logo atrás de mim.

Abro a geladeira, buscando pela garrafa de água gelada. Assim que a encontro, não hesito em pegá-la antes de fechar a porta de inox e estender um dos braços para o alto, subindo na pontinha dos pés para alcançar um dos copos no armário.

— Agora entendo por que tinha aquele tanto de gente lá fora — minha irmã comenta. Colocando a água no copo, paro meus movimentos, pousando a garrafa de vidro delicadamente sobre o mármore do balcão, e aperto os olhos na direção da mais velha, esperando pelo desenrolar da sua fala. — Preferia quando ainda não sabiam onde você morava.

— Do que você está falando? — questiono, confusa.

Mas antes que Raven possa ter a chance de responder, sinto o vibrar do meu celular. Deixando que um vinco confuso se aposse da minha testa, deslizo uma das mãos para dentro do bolso da calça jeans que vesti mais cedo, assim que voltamos da lanchonete e eu me peguei cansada demais de usar o vestido apertado.

Quando meus olhos se cravam na tela do aparelho, entendo tudo.

Desconhecido: *muitos paparazzi aqui fora. Harry teve que me ajudar a chegar até meu carro.*

Entro na mensagem, me deparando com um print de uma matéria feita pela Winter Rose.

EXCLUSIVO! ENCONTRO ENTRE CASAIS DURANTE A TARDE DE HOJE EM WASHINGTON.

Por Maya Hamilton

Winter Rose.

Nesta tarde, o jogador Caden Prescott e a atriz Avery Lakeland foram flagrados caminhando juntos por Georgetown, um bairro em Washington.

Os dois foram vistos na lanchonete Bloom Café, com a companhia de seus agentes, Paxton River e Savannah Gray, que também estão em um relacionamento.

Pessoas no local disseram que CAVERY, a junção escolhida para ser o *shipp* do casal, são perfeitos juntos.

Desconhecido: *parece que a nossa saidinha chamou atenção.*

Solto um pesado suspiro antes de levar os dedos até o teclado exibido na tela, começando a digitar.

Eu: *Merda.*
Como conseguiu o meu número?

Caden: *Savannah me mandou.*
sinto muito por terem descoberto o seu endereço.

Mentalmente exausta, bloqueio o celular, sequer me importando em responder. Apoio o cotovelo no balcão, esfregando o rosto com a mão, desejando, mais do que nunca, evaporar da face da Terra.

Já me sentindo esgotada logo no primeiro dia.



CADEN

Tomo impulso antes de deslizar pelo gelo.

Atrás de mim, Austin faz o mesmo, passando o capacete azul-marinho pelos fios escuros de cabelo antes de segurar o taco firmemente em uma das mãos e se lançar em minha direção, como um raio.

Lanço um sorrisinho por cima do ombro para o meu melhor amigo, que o retribui sem hesitar enquanto acerta o disco, o fazendo deslizar em minha direção. Detenho o *puck* com facilidade, o devolvendo para Austin, passando por baixo das pernas de Dilan Clanton, o camisa 88 do time, que nos olha enquanto chacoalha a cabeça, como se estivesse diante de dois adolescentes incansáveis e teimosos.

O apito do treinador Weston preenche o rinque da Capital One Arena, reverberando por todas as paredes e arquibancadas vazias.

Detenho meus movimentos no mesmo instante, assistindo Austin fazer o mesmo e o disco começar a deslizar com uma lentidão maior pelo rinque, sendo deixado de lado. Assim como eu, meu melhor amigo permanece estático enquanto crava os olhos no treinador, esperando pelo desenrolar da sua fala ou possível bronca.

— Eu sei que você, Prescott, está nas nuvens com o seu namorinho, morrendo de amores pela atriz e pelo relacionamento fofinho que estão

começando, mas aqui não é o lugar ideal para expressar a sua felicidade ao sonhar com todos os futuros filhos lindos e bochechudos que terão. — É o que George Weston diz, focando a sua atenção em mim, seu tom saindo muito mais brincalhão do que repreensivo. À minha volta, os jogadores que adentram o rinque soltam risadas fracas. Não consigo conter o sorrisinho que toma meus lábios. — Não é o momento ideal para estar tomado pela paixonite. — O treinador se dirige a Austin, apontando um dedo em sua direção, deixando que a habitual expressão de quem está prestes a dar uma bronca tome seu semblante. — Temos de ter foco ao treinar hoje, Crawford. Principalmente você. Ou não se lembra que no último jogo deixou a defesa aberta para o Detroit Red Wings *duas* vezes?

Austin mantém a expressão séria enquanto continua escutando as broncas do Weston, que não demora muito para começar a citar os erros de cada um dos jogadores durante o último jogo, que foi humilhante. Perdemos de 4 a 2 para o Detroit Red Wings. Em casa.

E todo mundo sabe que perder no próprio rinque é uma das piores sensações de todos os tempos. É como uma ofensa.

Sinto meus lábios se repuxarem um pouco quando Weston elogia uma das minhas jogadas, a usando de exemplo para outro jogador, que criou a tendência de vacilar feio durante os dois últimos jogos.

George Weston é um cara durão, mas extremamente bom no que faz. Com os curtos cabelos grisalhos, olhos azuis e algumas rugas no rosto devido ao desgastante trabalho que nós damos, o homem de atualmente 52 anos e quase 1,90 metros de altura foi um astro do hóquei universitário. E todos nós sabemos muito bem que ele ama se gabar por isso até hoje.

O treinador só não deu sequência a carreira como jogador, pois teve um filho muito novo. Estava no último ano da universidade quando descobriu que a sua namorada da época estava grávida. George abandonou tudo por ela, até que, anos depois, quando já estava quase fora de forma e desanimado o suficiente para não pensar em retornar ao esporte, descobriu que o filho não era dele. Após alguns anos, George se casou com Susan, uma mulher sorridente e carismática, com quem teve Riley Weston, uma das mulheres mais bonitas que já vi em toda a minha vida, por quem a maioria dos caras do time tem uma queda.

Ele diz que não se sente magoado diante do rumo que sua vida tomou. Mas, para ser honesto, não sei se acredito muito nisso.

O hóquei é a minha vida. Eu amo o que faço. Amo sentir a adrenalina de estar no gelo, me concentrar nos treinos, sentir as batidas aceleradas do coração zunindo no ouvido, patinar em meio a todas as luzes de início de jogos, ouvir os gritos ensurdecedores da torcida e ser alimentado pelas vaias dos rivais.

Amo me sentir vitorioso e realizado diante de cada ponto marcado.

E não consigo me imaginar fazendo qualquer outra coisa neste mundo. Pois sei que nasci para carregar o número 13 nas costas e dar tacadas bem trabalhadas no disco.

Assim como Austin, que, agora posicionado próximo a mim, gargalha de alguma coisa que o treinador Weston disse. Austin Crawford, além de ser meu melhor amigo, também é um dos melhores defensores com quem já joguei. E é uma honra para todos do time o ter ostentando o número 33 em seu uniforme azul-marinho, próximo a logo dos Caps.

Em 2018, no meu primeiro ano jogando pelos Caps, Austin e eu criamos uma ligação muito forte. E estaria mentindo se dissesse que a minha parceria com o canadense, dois anos mais velho, não foi uma das razões que ajudaram o Washington Capitals a conquistar a primeira Stanley Cup da história do time.

Nós dois brilhamos neste ano. Não foi à toa que estive entre os finalistas dos melhores novatos da NHL, perdendo apenas para Conor MacWell, que jogava para o Boston Bruins na época.

Sou fisgado de volta à realidade ao ouvir as palmas que o treinador Weston bate, enquanto grita que é hora de o treino começar e que hoje faremos alguns exercícios básicos que melhoram a técnica de jogo e desenvolvem o pensamento tático.

Deixando um sorriso tomar os lábios, dou uma cotovelada no meu melhor amigo, que faz uma cara feia antes de me devolver o golpe. Tomo o impulso necessário para deslizar pelo gelo, falando por cima dos ombros, dando início às nossas provocações habituais:

— Hora de mostrar para o treinador que sou melhor que você.

Austin apenas solta uma risada fraca ao sair em disparada em minha direção.

— É isso o que nós vamos ver, Prescott.

E então ele me ultrapassa.



Quando o treino acaba e me arrasto para fora do gelo, estou pingando de suor. Com o capacete agora em uma das mãos, sinto o cabelo grudado na testa.

— Bom treino, pessoal! — diz Weston, batendo palmas encorajadoras após nos cansar sem piedade alguma.

Sorrio para ele enquanto sigo a fila em direção ao vestiário, com um Austin ofegante logo atrás de mim.

— Quero ver toda essa garra no próximo jogo — continua o treinador, se referindo a partida que teremos em Los Angeles, contra os Kings.

Sentindo uma gota de suor descer pela minha espinha, cerro os punhos ao lado do corpo ao me lembrar de que irei estar de frente com Dax Colton dentro de alguns dias. Atualmente, o Los Angeles Kings é o melhor time da Califórnia, mas todos sabem que não chegam aos nossos pés.

Tudo bem que os dois últimos jogos que tivemos — principalmente o contra o Detroit Red Wings — podem ter gerado dúvidas em nossos torcedores, já que perdemos os dois por erros que poderiam ter sido facilmente evitados, mas ainda somos melhores.

E eu me recuso a perder para esse babaca e lhe dar o gostinho de se vangloriar.

As instalações de hóquei da Capital One Arena são a verdadeira perfeição. Com a capacidade de suportar mais de dezoito mil espectadores, vestiários com uma excelente ventilação, sala de fisioterapia, uma sala de vídeo sensacional e sempre com a limpeza em dia, ela poderia até servir como hotel.

Ganhar dos Kings aqui, estando em casa, agora que carrego uma aversão irreversível pelo capitão Dax Colton, deve ser uma sensação maravilhosa.

Mas infelizmente não a irei sentir tão cedo, já que o jogo será na arena deles.

No vestiário, tiro o uniforme, abrindo meu armário enquanto me preparo para seguir para o chuveiro. Outro ponto positivo da nossa arena. Os chuveiros são excelentes, com jatos de água de alta pressão, portas de vaivém e divisórias entre as cabines.

Mas, assim que me viro, com uma toalha branca entre meus dedos, me deparo com a figura de Austin, que cola um dos ombros no armário ao lado do meu e foca os olhos curiosos na tela do celular que segura, deixando que uma expressão risonha tome seu semblante.

— Ela tem 24 anos — comenta ele, com a voz distante, quase como se estivesse falando sozinho, ainda vestindo o uniforme suado.

— Quem? — questiono, sem a menor ideia de que caralhos esteja falando.

Meu melhor amigo finalmente traz suas íris até as minhas, deixando que um sorrisinho se curve em seus lábios.

— Avery Lakeland — ele esclarece. Franzo o cenho no mesmo instante, confuso. *Austin está pesquisando sobre Avery?* — Sabia que os pais dela se separaram há 5 anos? — ele comenta como se fosse a informação mais curiosa do planeta. — O pai traiu a mãe com uma modelo mais jovem. No Google, diz que eles são dois advogados bem fodas.

— Não fazia ideia. — Dou de ombros, demonstrando indiferença ao sair andando pelo vestiário, passando por alguns caras do time. Meu melhor amigo não hesita antes de seguir meus passos. — Talvez seja por isso que ela tenha todo aquele espírito amargo.

Austin ri baixinho atrás de mim.

— Conhece um tal de Marlon Fournier? — questiona, tentando imitar um sotaque francês ao dizer o nome do cara.

Paro em frente a uma cabine vazia, pendurando minha toalha na mesma.

— Não tenho ideia de quem seja. — Me viro para Austin, que permanece com os olhos focados no celular. — Por quê?

— Parece que ele e Avery já quase tiveram alguma coisa — meu melhor amigo responde, trazendo sua atenção para mim.

Deixo que um vinco se aposse da minha testa.

— Quase?

— É. — Austin dá de ombros. — Achei vários tuites de fãs dizendo que ficaram surpresos quando leram que você e Avery estão juntos. Ao que parece, esse tal de Marlon é o par romântico dela, no filme que estreia em janeiro. Dizem que o clima existente entre os dois era visível no *set* das gravações.

Inexplicavelmente intrigado, puxo o celular das mãos dele, lendo alguns dos comentários aos quais se referiu.

Mesmo que alguns tuites contenham fotos vazadas de Marlon e Avery durante as gravações e outros alguns memes, todos se resumem ao fato de que as pessoas estão surpresas por Avery ter acabado com outro cara que não o francês.

Estão surpresas por acreditarem que Avery e eu estamos juntos de verdade.

Estalando a língua no céu da boca e fingindo indiferença ao ser comparado a um ator até então desconhecido por mim, devolvo o celular para Austin antes de entrar na cabine, ligando o chuveiro após alguns instantes.

E quando o jato forte de água atinge minhas costas, liberando a tensão, me permito soltar um longo suspiro.



AVERY

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara, não é? — É o que berra a voz estrondosa da minha mãe, saindo pelo celular em minhas mãos.

Suspirando, tento manter a calma ao começar a falar:

— Mãe, eu não...

— Ela não te deve explicações, Anastasia! — brada meu pai, me cortando. Com o celular preso em um daqueles suportes para aparelhos que colam no vidro do carro, ele deixa a câmera apontada para si, capturando seu rosto, com o olhar concentrado na rua, e as mãos apertando o volante fortemente. — Avery já é adulta. Não precisa te contar sobre tudo que acontece na vida dela.

Observo quando minha mãe revira os olhos e bufa exageradamente alto, fazendo questão de deixar claro o quanto ouvir qualquer coisa saindo da boca de Charles Wilfred a irrita.

Me afundo um pouco na cadeira giratória do camarim, desejando desaparecer aqui e agora mesmo. Atrás de mim, ouço quando Bryce, o cabeleireiro que está fazendo milagres com uma chapinha em meu cabelo — que resolveu acordar no seu pior estado hoje — solta uma risadinha, falhando ao tentar se conter.

Para quem vê de fora, talvez possa ser cômico assistir a dois adultos brigando feito cão e gato em uma chamada de vídeo com a filha. Mas garanto, com tudo que há em mim, que presenciar discussões idiotas e infantis quase que diariamente é um saco.

Ainda mais quando são seus pais que brigam. E não parecem se cansar disso nunca.

— Você acha que eu não sei que idade a minha própria filha tem, Charles? — minha mãe revida, pousando a taça com o vinho branco que bebericava sobre o mármore da sua cozinha. Segurando o celular com as duas mãos, ela o traz para mais perto do rosto, nos permitindo ver seus cabelos tingidos de loiro e os olhos castanhos, semicerrados em irritação, mais de perto. — Qual é o seu problema? Seu babaca! Vai me dizer que amou ter descoberto tudo pela internet e que não faria diferença se sua própria filha o tivesse contado, por livre e espontânea vontade, que está em um relacionamento?

Por um segundo, meu pai traz seus olhos indignados para a câmera, nos permitindo ver toda a descrença que por eles flutua.

— Eu não disse isso! — retruca ele, voltando a atenção para o trânsito. — Não coloque palavras na minha boca, por favor. Apenas falei que Avery sabe escolher o que fazer da vida e que, se ela escolheu não nos contar sobre o seu namoro, é porque deve existir um motivo para isso.

O som de uma buzina sai pelo celular no mesmo instante em que minha mãe reclama de algo, sobressaindo a sua fala e a tornando impossível de entender. Assisto quando meu pai abaixa o vidro do carro, mostrando o dedo do meio para fora da janela e xingando algum motorista inconsequente que quase causou um acidente.

Se fosse em outra situação, encerraria a ligação sem hesitar e o repreenderia por estar falando no telefone enquanto dirige, infringindo uma lei de trânsito que busca evitar graves acidentes. Mas agora, diante da posição que me encontro, tudo que desejo é acabar com essa conversa torturante de uma vez, desligar meu celular, o guardar no fundo da bolsa e ir tirar as fotos para a Hope, fingindo que o sorriso que ostento no rosto estampa a mais genuína felicidade.

Minutos atrás, assim que Scar, a maquiadora contratada pela revista Hope, finalizou seus trabalhos em meu rosto e saiu do camarim, me deixando apenas sob os cuidados de Bryce, escutei o celular tocar. Assim que o tirei de dentro da bolsa e conectei minhas íris à tela, me deparando com as fotos

do meu pai e da minha mãe solicitando uma chamada de vídeo, atendi sem pestanejar.

A última vez que meus pais me ligaram em uma chamada conjunta eu estava em Los Angeles, no *set* das gravações de "*Um clima diferente*", e foi para me dizer que Nico, o meu cavalo que ficava na fazenda de uma das irmãs do meu pai, havia falecido. Eu tinha um grande apego emocional pelo animal e receber a notícia, depois de anos sem visitá-lo, foi como um tapa na cara.

Charles e Anastasia buscam evitar qualquer contato um com o outro a todo custo. Sei que não se suportam e que apenas se permitiram dividir uma chamada de vídeo comigo se fosse algo sério.

E desta vez estão agindo como se o assunto fosse mais importante do que a morte de um cavalo.

Estão agindo como se eu não ter contado sobre estar em um relacionamento fosse o fim do mundo, enquanto buscam motivos para discutir e não se dão conta de que foi *exatamente* por isso que resolvi não contar nada.

Minha mãe passou todos os últimos anos tentando fazer minha cabeça, me obrigando a conhecer caras novos. Tentou me colocar em um relacionamento a todo custo, ignorando todas as minhas vontades e súplicas para parar. E sei que, para ela, me ver com alguém, apesar de não passar de uma grande relação falsa, coberta de mentira e enganação, é um grande acontecimento.

E isso só me deixa mais infeliz ainda.

Porque as coisas não deveriam ser assim. Não deveria ser obrigada a ter de fingir para os meus pais que agora estou mudada, que sou uma nova mulher e que me apaixonei perdidamente por um jogador de hóquei perfeito, que me fez ir contra tudo aquilo que acredito ao me mostrar que o amor verdadeiro existe.

Charles Wilfred e Anastasia Lakeland são os verdadeiros culpados pela minha alma fria.

Os dois se conheceram na faculdade de direito, em uma simulação. Estavam em lados opostos. O cliente da minha mãe era o seu melhor amigo da época, que estava sendo acusado falsamente de ter assassinado a esposa do cliente do meu pai, que fingiu chorar desesperadamente durante todo o tempo que passaram no auditório da universidade — neste caso, mais conhecido como tribunal.

Meus pais me contaram que foi algo incrível. Uma das melhores experiências das suas vidas universitárias. Disseram que amaram a adrenalina que fora sentida ao estar naquela posição e que só foi possível senti-la, porque ambos sempre foram muito bons em advogar e, principalmente, em discutir um com o outro.

O auditório virou uma verdadeira cena de série de tevê, com ambos os lados brigando e dedos sendo apontados na acusação. Disseram que, pelo modo que os estudantes vibravam, parecia que estavam assistindo a uma final de jogo com dois dos times mais fortes da temporada de basquete.

Minha mãe xingou o meu pai após deixarem o auditório, esfregando na cara dele a sua vitória, já que seu cliente era mesmo inocente e que o marido chorão era o verdadeiro assassino do caso.

Em questão de segundos, os dois estavam dentro do quartinho do zelador, aos amassos.

Raven nasceu 9 meses depois. Minha mãe tinha 18 anos.

A história deles começou repleta de discussões, discórdia, ódio, orgulho e a provação de se mostrar melhor do que o outro. E foi assim até o final. Brigas por motivos bobos eram transformadas em terremotos. Gritos reverberavam pelas paredes durante horas. Pratos e copos eram atirados no chão, se estilhaçando em inúmeros pedaços. Telefonemas de *"por que caralhos você ainda não buscou as meninas na escola, seu idiota de merda!"* eram dados com frequência.

Até que, após completar 22 anos em um relacionamento turbulento, há 5 anos, meu pai resolveu destruir tudo ao ir para a cama com uma modelo da minha idade.

E desde então, toda a raiva que minha mãe sente por Charles Wilfred foi crescendo cada vez mais.

E a confusão existente entre os dois ainda se faz presente na vida de todos nós.

É quase como se nada tivesse mudado.

— Quando vamos conhecê-lo? — A pergunta da minha mãe me fisga de volta à realidade, fazendo com que meus pensamentos se desfaçam em fumaça, pairando pelo ar.

— Conhecer quem? — pergunto, reaproximando o celular do rosto.

Atrás de mim, Bryce dá os últimos retoques em meu cabelo, usando as mãos.

— Como assim, quem? — Anastasia pergunta. Franzo a testa em confusão. Minha mãe solta uma risadinha fraca antes de explicar: — Conhecer o Caden, ora! Quem mais seria?

— Podemos dar um jantar — emenda meu pai, sequer me dando tempo para reagir ou pensar.

— Ótima ideia! — pela primeira vez em décadas, minha mãe concorda com ele.

Atordoada, pisco diversas vezes, sentindo quando Bryce se afasta, após finalizar o trabalho em meu cabelo.

— Vo-vocês querem conhecê-lo? — pergunto, gaguejando diante de tamanho nervosismo.

Engulo em seco ao ver minha mãe assentir sem hesitar, mantendo um sorriso de orelha a orelha nos lábios pintados de batom rosa. Um amargor invade minha língua.

— Claro que sim! — exclama ela. — Ele é o seu namorado. É parte da família agora.

Sinto a barriga se revirar e um pânico quase claustrofóbico me atingir.

É óbvio que meus pais gostariam de conhecer meu namorado. Não sei por que fui tão burra a ponto de esquecer desse detalhe.

— Vou falar com a Raven — minha mãe se posiciona. — Precisamos saber quando ela conseguirá um tempo fora do hospital. A presença da sua irmã é mais do que necessária em um evento importante como esse.

— Ótimo — exclama meu pai, genuinamente feliz. Ele estampa um grande sorriso nos lábios enquanto mantém os olhos nas ruas. — Eu posso fazer o meu *cocktail* de camarão com molho picante. Todo mundo sabe que é a minha especialidade.

— E eu posso fazer o meu nhoque ao creme de pesto — minha mãe emenda, toda contente.

— Esse tal de Caden bebe, querida? — Charles me pergunta, fazendo que meus olhos, que intercalavam entre os retângulos com as imagens dos dois, foquem apenas nele.

— Acho que sim. — Minha voz sai fraca demais, completamente atordoada diante do bombardeiro de informações.

Vou acabar ficando louca.

— Ótimo! — ele exclama. — Vou levar algumas bebidas boas de verdade. Quero causar uma boa impressão, sabe como é.

Me forçando a sorrir quando meu pai encara a câmera, começo a sentir as mãos suando ao redor do celular.

Finjo checar o horário no relógio pregado a uma das paredes do camarim, buscando alguma desculpa para encerrar a ligação antes que Anastasia e Charles me enlouqueçam de vez.

— Estou atrasada — volto o olhar para o aparelho em minhas mãos, mentindo. Ainda tenho cinco minutos antes de ter de deixar o camarim para fazer as fotos.

— Ah, claro! — exclama a minha mãe, fazendo um gesto com as mãos como se me dissesse para ir logo. — Não queremos te prender.

Me obrigo a sorrir mais uma vez.

— Bom trabalho, querida — deseja meu pai, lançando um olhar para a tela antes de voltar a focar no tráfego. — Você está linda.

Agradeço o elogio antes de me despedir e encerrar a ligação, os deixando sozinhos na chamada.

E, pela primeira vez nos últimos anos, tenho a sensação de que os dois não irão discutir. De que irão ter uma conversa agradável, como dois adultos que não apelam para gritos e xingamentos.

Que conseguirão manter o tom de voz normal e sorrisos nos rostos ao conversarem sobre o jantar que desejam dar para conhecer o meu namorado falso.

E isso é estranhamente assustador.



A luz do *flash*, mais uma vez, é lançada em minha direção.

Permanecendo em frente ao fundo infinito branco, preso ao suporte e cercado por seis pontos de luz apontados para mim, em seus devidos tripés, lanço um olhar penetrante para a câmera, nas mãos de Henry, o fotógrafo com a maior equipe com quem já trabalhei. Sentada no banquinho de madeira, abro as pernas, inclinando o tronco um pouco para frente ao apoiar ambas as mãos nos joelhos, sob a calça jeans com lavagem clara. Desabotoada, com o cós dobrado para dar o devido charme, a peça aperta minhas coxas torneadas. A blusa branca, com a barra presa dentro da calça, tem mangas curtas, mas não chega a ser exatamente uma regata.

É um conjunto simples — os próprios tênis de cano baixo que uso são a prova disso —, mas, ao mesmo tempo, extremamente estiloso. Não é à toa que Savannah e Henry, após poucos segundos de conversa, entram em um consenso de que essa será a foto escolhida para a capa da próxima edição da revista Hope.

— Está perfeita! — o fotógrafo, loiro de olhos azuis, exclama, fazendo um sinal positivo com uma das mãos ao me olhar animado, após checar a imagem novamente. — Era exatamente disso que precisávamos.

Me levantando do banquinho e, finalmente, deixando a estrutura do estúdio — após as incontáveis vezes que tive de trocar de roupa —, permito que meus lábios se curvem em um leve sorriso.

— Isso quer dizer que já estamos liberadas? — questiona Sav, igualmente animada com o resultado do ensaio. Seus olhos amendoados parecem cintilar, assim como os de Henry.

— Com certeza! — exclama ele, trazendo a atenção para mim, logo em seguida. — Bom trabalho, Lakeland.

— Digo o mesmo para você — retribuo, sorrindo.

Esta é a segunda vez que fotografo para a Hope e, consequentemente, o segundo trabalho que Henry e eu realizamos juntos. Por isso, acredito que tenha moral suficiente para dizer que esse homem faz milagres quando está com uma câmera nas mãos.

E acredito fielmente que isso se dá ao fato de que ele ama o que faz. Quando nós, independente de que trabalho realizamos, somos apaixonados por ele com toda a alma e coração, temos a tendência de querer melhorar a cada dia, dando o máximo de nós mesmos. Eu sou assim quando atuo. Quando dou vida a um personagem.

Savannah é assim quando precisa me livrar de algum problema, me defendendo e protegendo com unhas e dentes.

Raven é assim quando está realizando uma simples sutura em um paciente.

Meus pais, quando pisam em um tribunal.

E Caden, quando está no gelo. Ao menos preciso conhecê-lo melhor para afirmar, com tudo o que há em mim, que esse cara, por mais que seja um babaca presunçoso, é completamente apaixonado pelo que faz. Ele exala o amor que sente pelo esporte quando entra no rinque. E dá para sentir isso ao assisti-lo jogar por uma simples tevê.

Me pergunto se Prescott possui alguma história com o hóquei, assim como eu possuo com o cinema.

— Você foi maravilhosa! — É o que Savannah exclama, assim que chegamos ao meu camarim. Vestindo um dos seus blazers habituais, alongado em alfaiataria, a agente sorri para mim, levando uma das mãos aos cabelos cacheados, que emolduram o rosto fino.

Solto uma risadinha, fechando a porta atrás de mim. É estranho ver Savannah expressando sua empolgação, já que isso não tende a acontecer com frequência.

— Quando a revista sair, vou pedir para emoldurarem a foto da capa e te dar de presente — resolvo provocar, dando curtos passos até o espelho da penteadeira, onde minhas coisas estão, sob a madeira branca do móvel. — Assim, quem sabe, sua sala se torna um ambiente um pouco mais agradável?

Minha agente me lança um olhar tedioso, como se desejasse, com todas as forças, me mandar calar a boca.

Ainda achando graça, pego meu celular, desbloqueando a tela para checar as mensagens que perdi durante as horas de ensaio, imaginando que tenha alguma dos meus pais, me perguntando sobre o jantar e se Caden é alérgico a alguma comida ou tempero.

Mas assim que cravo meus olhos na tela, sou tomada por uma surpresa agradável.

Marlon Fournier: *Acabei de ver uma matéria da Winter Rose.*

Pensei que permaneceria solteira por mais tempo. Nem tive a chance de te levar para jantar.

Um tanto atordoada, pisco diante do que leio.

Marlon Fournier, além de ser um ator extraordinário, já indicado 3 vezes ao Emmy, também é um dos homens mais atraentes que já conheci. Com os cabelos castanhos, a barba rasa, o maxilar marcado e lindos olhos escuros, o charme do ator se agrava ainda mais quando escutamos seu sotaque carregado, presente em cada frase. Nascido em Marselha, uma cidade portuária no sul da França, Marlon tem o histórico da carreira repleto de filmes franceses. Mas há dois anos, quando se mudou para Los Angeles, se tornando uma estrela mundialmente famosa, começou seus trabalhos atuando em filmes e séries americanos.

Marlon foi o meu par romântico em *"Um clima diferente"*. Ele interpretou Bernard Petit, um francês que, assim como a minha protagonista, acabou de se mudar para Los Angeles.

Ao descobrir que seu personagem tem uma grande relação com sua vida pessoal, Marlon achou um barato. Ele, casualmente, como meu colega de elenco, veio me contar sobre as semelhanças. Me contou sobre sua vida, sobre onde nasceu e sobre seus gostos.

No primeiro dia de contato, apenas fui capaz de assentir, perdida em seus olhos.

Não sei o que existe nesse homem, mas ele tem a capacidade de fazer qualquer mulher do mundo cair em seu encanto, apenas com sua lábia.

E sabe disso, por isso é um dos caras mais pegadores que conheço.

Durante as gravações, nós ficamos muito próximos. Fotos e vídeos foram vazados e fãs pelo mundo todo começaram a nos apoiar como casal. Nos tornamos um dos assunto mais falados em sites de fofoca, mas foi algo passageiro.

Assim que as gravações acabaram e voltei para Washington, nossa relação caiu no esquecimento pela maioria das pessoas.

Algumas ainda acreditam que estejamos fadados a terminar juntos, claro, mas creio que superarão logo. Afinal, todos agora pensam que estou com Caden.

Para ser sincera, ter sido comentada pela minha relação com Marlon nunca me afetou. Sempre soube que ele não é do tipo que namora. Mas, claramente, o clima existente entre nós era visível. E sabia que, a qualquer momento, Marlon poderia me mandar mensagem, pois sabe que procuro a mesma coisa que ele.

Sabe que fujo de relacionamentos a todo custo.

Ou, pelo menos, era isso que pensava até ler a matéria da Winter Rose.

— O que foi? — Parada ao meu lado, é o que Savannah pergunta, ao observar minha feição paralisada.

Viro a tela do celular para ela, que arregala um pouco os olhos ao ler a mensagem recebida. Suspirando pesadamente, minha agente traz suas íris as minhas.

— Você queria sair com ele, não queria?

Dou de ombros, devolvendo o celular à penteadeira.

— Estou em um relacionamento agora — revelo, me virando para ela. — Apesar de querer ficar com Marlon, não o rotulo como alguém confiável o suficiente para guardar um segredo. Ele provavelmente iria se vangloriar por ter dormido com a namorada de um jogador de hóquei. Eu sairia como a vilã da história, e todo o nosso plano cairia pelo bueiro. — Deixo que meus lábios se emoldurem em um sorrisinho falso. — Gosto do Marlon, mas todo mundo sabe que ele é um babaca quando se trata de explanar suas relações.

Savannah tenta não rir diante da minha última fala.

— Entendo — diz ela, se esforçando para manter a voz séria. — E sei que estar nessa, ainda mais com Caden, é um sacrifício e tanto para você, mas te prometo que apenas nos trará bons resultados.

Assentindo, levo as mãos até o zíper da calça, o deslizando para baixo, aproveitando que o botão já está desabotoado e que terei menos trabalho para tirá-la.

— É isso o que eu espero — comento, descendo a peça de roupa pelas minhas pernas.

Savannah permanece com os olhos focados no meu rosto, arqueando uma das sobrancelhas ao cruzar os braços, se recostar na parede, e dizer:

— Sabe, nunca entendi de onde vem todo esse ódio que carrega pelo Caden.

Já com a calça longe das minhas pernas, começo a dobrá-la, pronta para guardá-la.

— Não preciso de um motivo específico para desgostar de alguém — comento, dando de ombros. — Mas, mesmo antes de vê-lo pela primeira vez, nunca fui com a cara dele. E todo mundo sabe que odeio o *tipinho* dele.

Lanço um olhar para a minha agente, que se afasta da parede e vem em minha direção, tirando a peça de roupa dobrada das minhas mãos antes de atravessar o camarim, buscando colocá-la junto com todas as outras peças que vesti para o ensaio.

— O *tipinho* dele? — A voz de Savannah alcança meus ouvidos.

— É. — Dou de ombros mais uma vez, vasculhando a bolsa sobre a penteadeira em busca do meu shorts. — Jogadores de hóquei — esclareço, finalmente encontrando a peça.

— É sério que ainda guarda rancor de todos eles pelo que aconteceu entre você e Hunter Killor naquela festa? — Savannah pergunta, voltando em minha direção.

— Esse cara é um babaca — afirmo. — Dax Colton também é. No fim, todos eles são iguais.

Pelo canto de olho, vejo quando minha agente para ao meu lado.

— Vou ter que discordar. — É o que diz. — Caden é um cara legal. Meio idiota e perdido, mas legal.

Vestindo o shorts, fecho os olhos, suspirando ao me lembrar de que ainda tenho que contar a ela sobre o desejo dos meus pais. Sobre o que os fez agirem de forma agradável um com o outro pela primeira vez em anos.

— Meus pais querem conhecê-lo. — Abro os olhos, levantando a segunda perna para encaixá-la no shorts. A surpresa toma o semblante de Savannah. — Eles estão felizes por eu finalmente ter encontrado alguém — revelo. — Conheço a minha mãe. Sei que, se contar a verdade a ela, se disser que tudo isso não passa de uma farsa, ela sairá espalhando para as mulheres do clube do livro, que contarão para os maridos, que contarão para os amigos do clube de golfe enquanto chamam suas esposas de fofoqueiras e debatem sobre política, usando péssimos argumentos.

Já com o shorts abotoado, levo as mãos ao rosto, o esfregando, exausta diante de tudo isso. Solto um suspiro exasperado antes de voltar a encarar a agente parada à minha frente.

— O que está pensando em fazer? — Sav questiona.

— Meus pais querem um jantar — respondo, desejando, desesperadamente, estar na pele de qualquer outra pessoa enquanto as palavras saem pela minha boca.

Savannah levanta as sobrancelhas, um tanto intrigada.

— Um jantar?

— É — falo, querendo morrer ao dizer a palavra composta por uma única letra. — Os dois não vão me deixar em paz até conhecer o Caden. Jamais tinha os visto tão animados antes.

Os lábios grossos de Savannah se curvam em um leve sorriso, quase como se estivesse animada diante da situação desesperadora na qual me encontro.

— Então, vamos dar um jantar! — ela exclama, gesticulando alegremente com as mãos.

Pela primeira vez, sinto vontade de socá-la.

— Acha que Caden vai concordar com isso? — É tudo o que resolvo questionar. Apreensiva, mordisco o cantinho do lábio inferior, cruzando os braços.

Savannah volta a se recostar na parede revestida de branco ao responder:

— Sinceramente, acho que sim. Prescott adora uma graça. — Ela dá de ombros, estalando a língua no céu da boca antes de concluir: — E, se não concordar, Paxton o convence.

Pensativa, apenas encontro forças para acenar com a cabeça em concordância.

— Ótimo — digo, após um tempo, cortando os segundos de silêncio que se instalaram entre nós. — Mas acho melhor avisá-lo que minha família não é muito fácil de lidar.



CADEN

Os Lakeland são, com certeza, uma família com uma dinâmica diferente.

Assim que cheguei ao apartamento de Avery, trazendo uma garrafa de The Dalmore nas mãos, fui recebido por abraços e sorrisos genuinamente verdadeiros. Charles Wilfred, com seus poucos centímetros mais baixos do que eu, os cabelos grisalhos e o corpo magro, se encontra perfeitamente bem diante da idade que tem. Se quisesse, sinto que poderia muito bem ser um daqueles atores com mais de 50 anos de televisão, por quem todas as mulheres, independentemente da idade, têm uma queda. Anastasia Lakeland não fica para trás. Com os cabelos tingidos de loiro, a sobrancelha bem-feita, moldando seus olhos amendoados, e um ótimo gosto para se vestir, também é uma mulher maravilhosa.

Não é à toa que as filhas que tiveram juntos são garotas extremamente atraentes.

— Não acha que está exagerado demais? — Avery pergunta para a sua mãe, arrastando os pés da cadeira vazia ao meu lado no piso, a afastando o suficiente da mesa para que possa se sentar. Ela se refere aos pratos posicionados sobre a grande mesa retangular, que, variando entre coquetéis de camarão com molho picante, uma tábua de frios, bebidas caras e duas

travessas de vidro de nhoque ao creme de pesto, provavelmente formam o jantar mais bonito que já presenciei.

Ontem, assim que Paxton me ligou, na defensiva, dizendo que os Lakeland gostariam de me conhecer, não hesitei em aceitar a proposta. Apesar de, de certo modo, estar sendo forçado a viver uma vida fictícia, com uma namorada falsa, sei que, talvez, no fundo, esteja me divertindo um pouco com toda essa história.

Ver Avery irritada, recentemente, está se tornando uma das minhas atividades favoritas no mundo. E sei que, em algum momento, ao ter que me apresentar à sua família, ficará tão vermelha que desejará desaparecer da face da Terra.

Além disso, não vejo problema em tentar tornar toda essa experiência um pouco mais movimentada e divertida.

Pelo menos para mim.

— Querida, você deveria saber, melhor do que ninguém, que jogadores de hóquei precisam se alimentar bem para ter energia. — É o que a mãe de Avery responde, soando exatamente como a *minha* mãe. Sentada do outro lado da mesa, Anastasia traz seus olhos até mim, me lançando um sorrisinho.

Retribuo o gesto antes de mover a minha atenção para a garota ao meu lado, vislumbrando seu revirar de olhos.

— Ela está certa, *amor* — provoco, me esforçando para soar o mais romântico possível ao dizer a palavra. Avery endireita a postura assim que pouso uma das mãos em suas costas, de forma delicada. Ela traz suas íris, faiscando em irritação, até as minhas, e, pelo seu olhar, sou capaz de sentir todos os xingamentos que ardem dentro de si, desejando serem soltos de uma só vez. Deixo que o sorriso em meus lábios dobre de tamanho. — Seus pais prepararam este jantar com todo o carinho. Não seja tão rabugenta.

Ela se obriga a sorrir, se remexendo um pouco na cadeira, demonstrando desejar que eu afaste minha mão de suas costas o quanto antes. Em resposta, começo a acariciá-la, sentindo o tecido de linho da blusa que usa.

— Seu namorado está certo, filha. — A voz grossa de Charles Wilfred invade a sala. Deslizo o olhar pelo cômodo, o encontrando saindo da cozinha. Segurando algumas taças vazias, ele se aproxima de nós, acompanhado por Raven, que, usando um longo vestido preto, parece se divertir ao ouvir o termo usado pelo pai ao se referir a mim. — Vamos

aproveitar o jantar. Podemos nos preocupar com as sobras depois. Ninguém irá morrer se comer a mesma coisa amanhã, após esquentá-la no micro-ondas.

Assim como Raven, Charles também pousa as taças que segura sobre a mesa, ao lado do balde de gelo, com algumas das bebidas.

— Tudo bem — Avery soa forçadamente calma ao falar. — Me desculpem. Talvez eu esteja um pouco... nervosa.

— Ah, eu entendo! — Raven se pronuncia, sentando na cadeira vazia entre a do seu pai e sua mãe, servindo como uma barreira entre os dois, por algum motivo. — É realmente muito assustador apresentar o *namorado* à família. — Ri baixinho, carregando a voz com cinismo.

Afasto a mão das costas de Avery, a trazendo à boca, roendo a unha do polegar, tentando esconder o sorriso que ameaça tomar meus lábios.

— Então! — Avery eleva a voz ao concordar, abrindo um sorrisinho nervoso ao encarar a irmã mais velha. — É *totalmente* assustador.

— Sabe o que é assustador? — pergunta Anastasia, chamando a atenção de todos nós para si mesma. — Essa sua postura. — Ela aponta para Avery, sua voz não tão severa ao repreendê-la. — Trate de endireitá-la.

Bufando, a mulher ao meu lado obedece a mãe, como se fosse uma criança.

No outro lado da mesa, Charles revira os olhos, resmungando diante da observação de sua ex-esposa.

— Quem fez o coquetel de camarão? — Raven questiona, assim que percebe a olhada fulminante que sua mãe direciona ao seu pai, buscando cessar uma possível discussão entre eles antes mesmo de se iniciar. Sem hesitar, se inclina sobre a mesa, alcançando um dos potinhos de vidro com a receita. — Está com uma cara ótima.

— Fui eu. — Charles se gaba, trazendo os olhos para mim, apesar de estar respondendo a filha. Um sorrisinho toma seus lábios. — É a minha especialidade.

Dou um breve aceno de cabeça.

— Está mesmo com uma cara ótima.

— Eu fiz o nhoque ao creme de pesto e a tábua de frios — lança Anastasia, também me encarando, quase como se desejasse se mostrar melhor que o ex-marido. — Fiz um curso no ano passado, para preparar as tábuas.

— Está linda — respondo, encarando o prato, sentindo que devo manter a mesma certeza na voz, usada ao responder Charles.

Seguindo os passos de Raven, todos nós começamos a nos servir. Alcanço um guardanapo assim que Avery pede, entregando a ela com um sorriso no rosto.

Com todos os pratos cheios, o tilintar de talheres batendo contra a porcelana preenche o ambiente. De boca cheia, Raven solta alguns gemidos em aprovação, lançando um sinal positivo para cada um dos seus pais.

Observo enquanto, assim como Avery, ela se esforça para saborear o nhoque com creme de pesto na mesma medida que o coquetel de camarão, e me forço a conter uma risadinha. É como se, mesmo sem se comunicar, as duas saibam exatamente o que fazer para evitar uma discussão entre seus pais.

Como se já estivessem acostumadas.

— Então, Caden — Charles me chama, dando um gole na sua taça de vinho branco. — Nos conte mais sobre você. Sei que é uma lenda do esporte. Foi considerado um dos melhores novatos da NHL em 2018.

Sorrio ao ouvir o dado saindo por seus lábios.

— É fã de hóquei, Sr. Wilfred? — questiono, um tanto animado.

Ele, imediatamente, gesticula com uma das mãos.

— Sou. Mas, por favor, me chame de Charles — pede.

Assinto no mesmo instante.

— Meu pai torce para o New York Rangers — constata Avery, a voz saindo fria, quase como se estivesse disposta a quebrar o clima agradável que se instalou entre Charles e eu. A lanço um breve olhar, observando quando leva a taça de hidromel aos lábios, se mostrando fã da bebida exageradamente doce.

Levantando as sobrancelhas, volto a encarar o homem do outro lado da mesa.

— Ah, é?

Charles, mais uma vez, gesticula com uma das mãos.

— Já fui a vários jogos — ele esclarece. — Mas, agora que meu genro é uma estrela do gelo, torcer apenas para os Rangers é algo que posso rever.

O acompanho ao soltar uma risadinha diante do comentário.

— Vai colocar seu time do coração para escanteio? — questiona Avery, ainda focada em quebrar a dinâmica agradável entre nós. — Não

acredito nisso.

Pensando que a filha está apenas brincando, Charles ri mais uma vez, voltando a beber o vinho.

— Tudo pela família. — É o que ele diz.

E é o suficiente para que a mulher ao meu lado, apertando as mãos sob a mesa, em seu colo, em um sinal de nervosismo, comece a ficar vermelha. Observo quando Avery se esforça para se conter, seu peito subindo e descendo rapidamente.

Tentando acalmá-la, levo a mão ao seu joelho esquerdo — o mais próximo a mim — e a fecho sobre ele, sentindo o tecido da calça jeans.

Diferente do que esperava, Lakeland não tenta me conter.

Ela apenas desliza uma de suas mãos até a minha, a posicionando sobre ela, quase como em um agradecimento pela preocupação.

Quase.

— Quais são seus *hobbies*, além do hóquei, Caden? — É o que Anastasia quer saber.

Levando minha atenção até ela, dou de ombros, pensando na resposta.

— Não costumo fazer muita coisa além de entregar minha vida ao jogo. Jogar profissionalmente ocupa muito do meu tempo — respondo. — Mas, quando era criança, eu e... — Finjo limpar a garganta quando percebo quase ter deixado a informação escapulir. Abro um sorrisinho nervoso, tentando disfarçar. — Bom, eu colecionava carros em miniatura. Tenho uma pequena prateleira com alguns deles no meu quarto até hoje.

No mesmo instante, Avery afasta a mão da minha.

Respeitando sua vontade, tiro a mão do seu joelho também, a levando até a taça sobre a mesa, com minha bebida.

— Está brincando? — Charles comenta, todo animado.

O encaro, franzindo o cenho, confuso, esperando por uma explicação para a sua euforia.

— Meu pai também tem uma tara por carros em miniatura. — É Raven que esclarece, revirando os olhos.

— Uma tara? Eu sou apaixonado por carros desde quando tinha 7 anos! — Charles conta. — Tenho caixas com todas as miniaturas que colecionei durante a vida. Guardo elas no meu apartamento até hoje.

Enquanto engatamos a falar animadamente sobre nossas coleções, penso que, talvez, tenha sido por isso que Avery tenha afastado seu toque de

mim.

Por ter escutado que seu pai e eu, além de amarmos hóquei, temos outra coisa em comum.

E essa teoria se mostra verdadeira quando, ouvindo tudo atentamente, Anastasia revolve nos cortar:

— Sabe, sempre imaginei que Avery fosse acabar sozinha. — É o que diz. — Quando soube sobre o namoro de vocês, me senti extremamente contente. Ela sempre deixou bem claro o tamanho repudio que carrega por relacionamentos. — A mulher move seu olhar até o ex-marido, moldando os lábios em um sorrisinho raivoso. — E tudo por culpa do pai traidor dela. — Assim que solta a farpa, todos na mesa ficam estáticos. O clima leve deixa o ambiente, se tornando nebuloso. Anastasia volta a me encarar. — Não me leve a mal, Caden, mas, de coração, espero que, apesar de ter algumas coisas em comum com Charles, não termine do mesmo jeito que ele.

— De que porra você está falando? — brada Wilfred, se defendendo ao soltar o garfo no prato, causando um tilintar alto.

No mesmo instante, Raven se posiciona entre os dois, os impedindo de ter qualquer tipo de contato. Ela abre um sorrisinho nervoso em minha direção, como se implorasse por ajuda.

— Nosso casamento só foi um fiasco porque você, com todo esse seu jeito insuportável, fez dele um inferno! — solta Charles, sendo segurado pelo pulso por Raven, ao tentar se levantar.

A garota de cabelos castanhos dirige seus olhos suplicantes para mim mais uma vez.

— Gente! — chamo, a voz saindo mais alta do que o previsto. Tento manter um sorrisinho calmo nos lábios ao perceber que tenho a atenção do ex-casal à minha frente. — Não queremos discutir em uma situação como essa, não é? Poxa, vocês prepararam tudo com tanto carinho. Seria uma pena se estragássemos o jantar com uma briga boba.

O silêncio se instala na sala por alguns segundos. Ninguém diz nada. Sequer se mexe.

Limpando a garganta, me concentro em Anastasia, ainda disposto a encerrar a discussão.

— Sobre o que disse, Sra. Lakeland, seu relacionamento com Charles diz respeito a apenas vocês dois — começo, mantendo a voz amena. — Não sou ele, e Avery também não é como você. Não iremos repetir os mesmos erros, sejam eles quais forem.

Relaxando a postura defensiva, a mulher esfrega uma das mãos no rosto, parecendo se acalmar.

— Eu sei, eu sei — ela diz, voltando a me encarar. Vergonha cobre seus olhos. — Sinto muito. Não sei por que explodi dessa forma.

— Também peço desculpas. — É o que Charles, igualmente mais calmo, revela, voltando a se sentar de forma correta.

Raven, soltando o pulso do pai, solta um suspiro aliviado, me lançando um olhar agradecido.

Pela primeira vez desde que a confusão começou, me permito observar Avery, que, ao meu lado, permanece com uma expressão impassível tomando seu semblante. Como se sentisse meus olhos sobre si, a atriz resolve, finalmente, se pronunciar:

— Com licença, tenho que ir ao banheiro. — É tudo o que sua voz embargada diz antes de seu corpo se levantar subitamente da cadeira, que range ao ter as pernas arrastadas bruscamente contra o piso.

Em silêncio, todos à mesa assistem quando suas costas de afastam, adentrando o corredor ao desaparecer do nosso campo de visão. Limpando a garganta, Raven chama minha atenção para si.

Assim que meus olhos focam na de cabelos castanhos, ela inclina sutilmente a cabeça em direção ao corredor, como se também julgasse estranho o comportamento de Avery e me dissesse para ir atrás da irmã, enquanto fica aqui, tentando evitar que seus pais sejam os causadores da Terceira Guerra Mundial.

Observo Charles e Anastasia, que parecem focados em saborear seus pratos, agindo como se nada tivesse acontecido nos últimos minutos.

Como se eu, o cara que acreditam ser seu genro, não tivesse impedido que arruinassem o jantar.

E é então que, tomando a decisão, arrasto minha cadeira para trás, chamando os olhares de todos ao fazê-la ranger sobre o piso. Me levantando, mantenho um sorrisinho no rosto ao declarar:

— Já volto. Vou checar como Avery está.



O quarto de Avery Lakeland é totalmente o oposto do que se poderia imaginar.

Com fotos e recordações pregadas às paredes brancas, um lustre cintilante pendendo do teto, uma televisão em frente ao sofá, um tapete gigante que cobre quase o chão inteiro e uma cama king size que não é enfeitada por almofadas com estampas de caveiras ou facões, o cômodo não me parece um local onde uma mulher rabugenta e obcecada por serial killers possa se sentir à vontade para dormir.

O ambiente tem um ar bem aconchegante. Bom, isso se não considerarmos o fato de que o quadro da esposa querendo assassinar o marido a sangue frio, está pregado em uma das paredes, bem em frente à cama.

Me permito dar uma rápida observada na obra, relembrando de cada detalhe pintado no quadro que me fez travar uma briga com Avery, há alguns meses, durante a exposição beneficente que Paxton e Savannah organizaram.

A expressão que tomou seu semblante nesse dia, ao concordar, em um gesto impulsivo, em pagar 80 mil dólares na obra, foi impagável.

E sei que apenas o levou para casa para mostrar a si mesma que, mesmo com o dinheiro gasto, saiu como a vencedora da nossa batalha.

Logo ao lado do grande quadro — pintado por Pietro De Luca, em meados dos anos 80 —, molduras abrigam algumas fotos.

Avery aparenta estar contente em todas elas, já que exibe um sorriso de orelha a orelha em seus lábios vermelhos. Em algumas, um pouco mais antigas, ela está no *set* de filmagem, vestindo o figurino de sua personagem, Stacy, junto com alguns de seus colegas de elenco de *"Novas Vidas"* — a série que impulsionou sua carreira. Em outras, está com Raven. Em uma delas, a mais velha segura um certificado de conclusão do curso de medicina, sorrindo para a câmera, acompanhada da irmã.

Mas, dentre todas as fotos dentro do quarto, a que mais chama minha atenção é a que está em um porta-retrato, sobre uma das cabeceiras.

Avery usa um longo vestido azul e inclina um pouco a cabeça enquanto parece gargalhar, dando destaque aos seus cabelos castanhos — enrolados nas pontas. Ao seu lado, também rindo, está o homem que vi nas fotos do Twitter.

Marlon Fournier, vestindo um terno caro e com quase um pote inteiro de gel em seus cabelos, tem uma de suas mãos pousadas nas costas da mulher, como se fossem íntimos.

Faço uma careta ao segurar o porta-retrato, o trazendo para perto dos olhos, buscando ler o que está escrito em letras pequenas, em um dos cantos

da imagem.

Após a última cena de "Um Clima Diferente",
Marlon Fournier e Avery Lakeland se encontram no saguão do hotel The Maybourne, em Beverly Hills, Los Angeles.

Quase como se fosse o destino me repreendendo por estar bisbilhotando, um barulho alto de algo caindo, vindo do banheiro, me faz entrar em alerta, devolvendo o porta-retrato ao móvel, onde o peguei.

Atravessando a suíte, paro ao lado da porta do banheiro, ouvindo quando Avery resmunga, pensando estar sozinha.

— Está tudo bem aí? — questiono, mais alto do que o normal, buscando alcançá-la com minha voz.

Um silêncio se instala entre os dois lados da parede.

Franzindo o cenho, aproximo os ouvidos da madeira da porta, tentando captar qualquer som que indique que a mulher ali dentro permanece viva.

— O que está fazendo aqui, Prescott? — De repente, é o que sua voz raivosa lança enquanto gira a maçaneta subitamente, me encontrando.

Levo um susto devido ao gesto inesperado, cambaleando dois passos para trás e arregalando um pouco os olhos.

Avery parece furiosa ao conectar suas íris as minhas.

— Você, por acaso, é anti-higiênica? — Tentando me safar, é a forma que encontro para a responder. Lakeland, cruzando os braços na altura do peito, franze a testa. — Não ouvi o som da descarga. Trate de dar meia-volta e apertar aquele botão agora mesmo, esquentadinha! — brinco, apesar de saber que ela não estava realmente usando a privada.

Não recebendo nenhum comentário ofensivo em troca e nem mesmo um mísero revirar de olhos, deslizo minha atenção pelo seu corpo, parando em uma de suas mãos, onde um pequeno lenço branco de pano é segurado.

Rapidamente, volto a conectar nossos olhares.

— Você está bem? — questiono, carregando a voz por uma preocupação que até então era inexistente.

De repente, todas os comentários sarcásticos e piadinhas sem graça deixam minha mente, sendo substituídos pela avalanche de preocupação que me preenche.

Avery estava... *chorando?*

Sabia que, talvez, sua escolha de deixar a mesa tenha sido pelo fato de que seus pais agiram com uma certa inconveniência, mas não imaginei que isso a levaria tão longe a ponto de chorar.

Como uma resposta não pronunciada à minha pergunta, ela fecha os olhos, separando os lábios para soltar um suspiro cansado. Percebo quando seus punhos se cerram, os nós de seus dedos se esbranquiçando em volta do lenço que segura.

— Eu não acredito no amor. — É o que Avery solta, com certa dificuldade e cautela, quase como se admitir uma informação pessoal para mim pudesse a fazer engasgar.

Não me contenho em expressar surpresa diante da constatação.

— Você *o quê?* — Minha voz sai um pouco mais alta do que o esperado.

Ela abre os olhos no mesmo instante, me fuzilando com suas íris em chamas, como se, mesmo chateada, ainda fosse capaz de me esganar com as próprias mãos a qualquer momento.

Mas, quando penso que Avery irá me xingar, ela apenas deixa que seus ombros despenquem e sai em direção à sua cama, se mostrando extremamente esgotada.

— Eles não deviam pensar que passei a acreditar de uma hora para outra. Não deviam pensar que agora sou o tipo de pessoa que namora — ela continua dizendo, mais para si mesma do que para mim. Lakeland se senta na ponta da cama antes de continuar, se lamentando: — Não é assim que as coisas funcionam.

Franzindo o cenho, mais confuso do que nunca, dou alguns passos em sua direção, parando em sua frente. A garota levanta o queixo, trazendo seus olhos verdes aos meus.

— Do que é que você está falando, Avery? — questiono, mantendo a calma na voz, com medo de que ela possa desistir de se abrir e me responder.

Lakeland solta uma risadinha repleta de escárnio antes de suspirar mais uma vez, esfregar uma das mãos no rosto, e confessar, focando seu olhar no chão, em um ponto distante:

— Vivi em uma casa cercada pela mentira. — Sua voz sai baixa. — Meus pais sempre viveram em pé de guerra — ela solta cada palavra de uma forma pesada, quase como se fossem pesos se acumulando sobre seus ombros. Interessado em escutá-la, me sento ao seu lado. Fico um pouco

surpreso quando a atriz não tenta me conter. — Mas, nos últimos cinco anos, tudo o que pensava conhecer como inferno se agravou. Meu pai traiu minha mãe com uma modelo de vinte e dois anos, na época. E a nossa família, que nunca foi nenhum exemplo, que nunca soube viver em paz, se transformou em uma verdadeira guerra. Minha mãe pediu o divórcio no instante em que descobriu sobre sua infidelidade. — Ela finalmente traz seus olhos aos meus, me permitindo enxergar as lágrimas teimosas que por eles se acumulam. — E é por isso que eu não acredito no amor. — Avery dá de ombros. — Pelo menos não como a maioria acredita — explica. — Apesar de dizer constantemente que amava minha mãe, meu pai foi capaz de traí-la. E apesar de confessar seu amor com frequência para o meu pai, minha mãe nunca se esforçou para diminuir as brigas que pareciam estar enraizadas no relacionamento deles. Ninguém nunca tentou fazer com que tudo aquilo fosse mais fácil.

"Eles não estavam nem aí para todas as vezes que tive de dormir no quarto de Raven, porque não eram capazes de calar a boca por um segundo. Não estavam nem aí para os dias que fomos esquecidas na escola, já que os dois não conseguiam decidir quem iria nos buscar. Não estavam nem aí para todas as vezes que eu e minha irmã imploramos para que calassem a boca na fila do *drive-through* do Subway, já que discutir se iriam pagar no dinheiro ou no cartão não os levaria a lugar nenhum, e a atendente estava nos encarando com uma feição assustada! — Avery dá uma pausa, desviando seu olhar para o tapete, que esconde o piso de seu quarto. Respirando fundo, ela suaviza o tom ao dizer: — Eu não sou um monstro, Prescott. Acredito em parceria e confiança. Mas se, para as pessoas, o amor é mesmo tudo o que já presenciei, prefiro acreditar que ele não exista. Prefiro acreditar que pessoas se enganam ao se denominarem amantes. E que quem diz amar alguém, ainda assim, é capaz de partir seu coração. — Sua voz falha por um segundo, se tornando ainda mais embargada. — Porque só o amor não basta."

E é então que, simples assim, como se acionasse uma bomba e a entregasse para mim, me dando poucos segundos para reagir, Avery Lakeland se levanta e sai de seu quarto, atravessando a porta enquanto deixa um grande pedaço de si em minhas mãos.

Enquanto me apresenta uma parte de suas profundezas. Uma parte que nunca pensei que estivesse ali.



Assim que Charles e Anastasia deixam o apartamento, duas horas depois, o clima, que estava forçadamente agradável, se vai junto a eles, deixando que um tempestuoso entre em seu lugar, preenchendo cada cômodo da cobertura.

O restante do jantar foi normal. Avery sorriu ao voltar para a mesa, pedindo desculpas e alegando que estava um pouco tonta. Sua mãe, preocupada, perguntou se ela gostaria de tomar algum remédio, recebendo um negar de cabeça. Seu pai, por sua vez, a questionou sobre a quantidade de água que está bebendo, verificando se era o suficiente.

Nenhum deles, a não ser Raven e eu, é claro, pareceu captar a mentira. Estavam tão ocupados em demonstrar preocupação, que até parecia que, mais uma vez, estavam competindo entre si, com perguntas sendo lançadas feito raios e questionamentos sobre a saúde da filha mais nova.

Tive de me obrigar a engolir o amargor que invadiu minha língua. Com as palavras ditas por Avery pairando sobre minha mente pelo resto da noite, fui obrigado a unir todas as forças ao manter a normalidade e sorrisos estampados nos lábios.

Era difícil encarar qualquer um dos seus pais sem me lembrar de todas as alegações.

E foi ainda mais difícil presenciar uma realidade tão distante da minha. Uma realidade onde, por mais unida que a família aparenta ser, como hoje, em um jantar para conhecer o homem que acreditam ser o mais novo genro, ela ainda carregue uma imensidão de problemas e questões mal resolvidas.

Uma família que ainda esteja presa ao passado, mesmo após a separação dos pais. Onde o amor, por mais escasso que seja, frequentemente se torna uma competição.

Presenciar isso, para mim, mesmo após tudo o que eu e meus pais passamos, é um tanto impressionante.

Minha família sempre foi muito unida. Mesmo com todas as barreiras e deslizamentos que se instalaram em nosso caminho, sempre continuamos juntos, lutando pela verdadeira felicidade e demonstrando o nosso verdadeiro amor.

Meus pais, atualmente, deixaram Alexandria — a cidade onde moravam, ao sul do centro de Washington, e, consequentemente, onde nasci — para morarem em nossa casa do lago, um tanto afastada da capital.

Para mim, com todo o calendário de jogos e treinos, é difícil visitá-los com frequência, mas procuro fazer isso sempre que uma brecha se abre em minha agenda. Principalmente nos feriados.

E, sim, sou capaz de sentir que Avery e Raven amam seus pais. Mas, diante de tudo o que presenciei hoje, algo me diz que, se tivessem a escolha de não passar mais nenhum evento ou comemoração com sua mãe e seu pai unidos no mesmo local, não hesitariam.

E não consigo pensar em outra palavra para isso que não seja: triste.

— Até que não foi tão ruim. — É o que Raven diz, se afastando da porta após trancá-la.

Sentado em frente aos meus pés, Juice inclina a cabeça um pouco para o lado, como se questionando se sua dona está ou não falando sério.

— Poderia ter sido pior — digo, dando de ombros, tentando convencer as irmãs e a mim mesmo.

— Foi péssimo — Avery resmunga, se sentando no sofá. — Terrível. — Ela esconde o rosto entre as mãos, tornando a voz abafada ao declarar: — Não sei onde estava com a cabeça quando concordei com essa ideia.

Meus olhos encontram os de Raven, que os revira no mesmo instante, quase como se achasse a atitude nada otimista da irmã previsível.

— Ela é sempre tão pessimista assim? — É o que pergunto, soltando uma risadinha fraca pelos lábios.

— Você se surpreenderia — responde Raven, também rindo um pouco.

Volto a atenção para Avery, me deparando com suas íris faiscando em irritação apontadas para mim, quase como se pudessem chamuscar a qualquer momento.

— O que ainda está fazendo aqui, Prescott? — ela lança, a voz saindo severa. — Já pode ir embora.

Deixando que meus lábios se curvem em um dos cantos, dou alguns passos em sua direção, respondendo:

— Quero me certificar de que está bem.

A atriz revira os olhos no mesmo instante.

— Não precisa se certificar de nada! — É o que Avery solta, soando como uma criança raivosa e mesquinha.

Em resposta, dobro meu sorriso de tamanho.

— Preciso, sim — digo, me sentando ao seu lado no sofá. A mulher assiste a cada um dos meu movimentos. Focando nossos olhares, diminuo o tom de voz, sussurrando ao alegar, como se fosse um segredo: — Você quase chorou na minha frente.

Observo quando Avery trava o maxilar, repleta de irritação, como se o arrependimento por ter se aberto comigo pudesse a corroer a qualquer instante.

— Bom, acho que chegou minha hora de ir — comenta Raven, sua voz se distanciando a cada passo que dá em direção ao corredor, se afastando.

A mais nova nem se dá ao trabalho de afastar seus olhos dos meus para se despedir da irmã.

— Eu nunca choraria na sua frente — garante ela.

— Seus olhos se encheram de lágrimas — provoco, citando os fatos, adorando toda essa dinâmica.

— Não encheram, não.

— Encheram, sim.

— Não.

— Sim.

Rosnando, Avery finalmente desvia o olhar, passando a encarar o piso sob seus pés. Ela resmunga, esfregando o rosto com uma das mãos ao proferir:

— Meus Deus, Prescott! Como consegue ser tão irritante?

Solto uma risadinha, sabendo que irei irritá-la ainda mais.

— Talvez seja o meu charme.

Quase como um imã, Avery volta a me encarar ao ouvir essas palavras. A atriz, ainda com os olhos cravados aos meus, aponta com um dos dedos indicadores para a porta de seu apartamento, por onde seus pais saíram a alguns minutos, rosnando ao dizer, mantendo a voz estável:

— Estou falando sério. Dá logo o fora daqui.

Soltando uma risada sufocada, me levanto do sofá em um pulo.

— Tudo bem — digo, meus lábios se moldando em um sorrisinho arrogante. — Mas saiba que é péssima em fingir que me quer longe de você, esquentadinha.

Observo Avery revira os olhos e bufar. Ainda achando graça, começo a andar em direção à porta, em passos contidos.

— Acha que, só por que tem um sorriso bonito e sai distribuindo seu charme por aí, é irresistível, Prescott? — ela pergunta, fisgando o meu olhar para si novamente.

Me obrigo a carregar a voz com toda a arrogância ao retrucar:

— Acha que tenho um sorriso bonito?

Bufando, tomada pela raiva, Lakeland atira uma almofada em minha direção, me mandando dar o fora do seu apartamento o quanto antes.

E enquanto atravesso a porta, chegando ao corredor após girar a maçaneta, não sou capaz de impedir a curta gargalhada que escapa entre meus lábios.

E muito menos de me sentir aliviado por não a ter deixado ir para a cama triste diante de tudo o que aconteceu.

Afinal, todos sabem que ir dormir com raiva de Caden Prescott é muito melhor do que se deitar com lágrimas nos olhos.



AVERY

Após alguns anos lendo e relendo sobre as cruéis e sangrentas histórias de diferentes serial killers, fui capaz de chegar a algumas conclusões:

1- Todos têm a necessidade absoluta de dominar, controlar e possuir as pessoas.

2- As vítimas não são vistas por eles como parceiras na realização de fantasias, mas seus objetos de fantasias.

3- Todos, em busca de facilitar o domínio, tendem a escolher os mais fracos fisicamente, que, ao usar a força, possam os dobrar facilmente.

4- Na dinâmica de caçador e presa, não existe uma regra. Não existe um tipo físico de vítima que seja o alvo principal para todos. Geralmente, o motivo do assassino só faz sentido para ele mesmo. E a vítima escolhida se encaixa no estereótipo que ele mesmo possui como favorito.

5- Ou seja, algum assassino por aí, seja ele quem for, pode ter pessoas fisicamente parecidas com você como seu alvo principal. Portanto, não nos resta opções a não ser rezar e cruzar os dedos.

Porque, querendo ou não, por mais cruel que seja, qualquer um pode ser o próximo escolhido.

E a história do “Estrangulador de Boston”, que seguro em uma das mãos, contada nas diversas páginas de um calhamaço, é mais uma prova disso.

De 14 de junho de 1962 a 4 de janeiro de 1964, ele matou 13 mulheres. Além de aterrorizar a cidade de Boston, também era conhecido por “O Homem Medida”, pois suas vítimas eram mulheres com mais curvas em seus corpos do que a média.

Após estrangulá-las, o assassino as deixava em posições provocativas, com meias de náilon — a arma favorita para seus crimes — amarradas em fita em volta do pescoço. Todas eram encontradas mortas em seus devidos apartamentos, nuas, atacadas sexualmente.

Um homem chamado Albert Henry DeSalvo, preso por outras situações na época, confessou os crimes, no fim de 1964. A polícia, após concluir que os perfis dos dois eram parecidos, resolveu o identificar como tal e arquivar o caso. Porém, em 1999, policiais americanos, ao estudar casos antigos, tentaram comprovar, mais uma vez, que Albert era mesmo quem dizia ser.

Eles não chegaram a nenhuma conclusão.

E mesmo hoje, após a morte de Albert, a verdadeira identidade desse serial killer ainda é um enigma.

E, tudo bem, talvez eu seja meio obscura por me interessar por histórias assim, reais, frias e sem finais felizes, mas não me importo.

Tenho curiosidade ao retirar cada livro novo das estantes. Sinto o desejo de explorá-los, conhecê-los e desbravá-los.

Essas histórias, por mais sombrias que possam ser, foram as responsáveis por me fazer manter a sanidade durante todos os anos que morei com meus pais, presenciando suas brigas diariamente. E esta manhã, depois de tudo que aconteceu na noite de ontem, depois dos meus pais quase brigarem durante o jantar com o meu namorado de mentira, de enxergar Caden e meu pai se dando tão bem, de ter segurado sua mão e de, além de tudo isso, ter desabafado com ele, lhe permitindo ver a fraqueza em meus olhos, em forma de lágrimas não derramadas, senti que precisava *muito* encontrar uma maneira de manter a sanidade.

Por isso vim à biblioteca. E também é por esse motivo que, sentada em uma poltrona aveludada, agora com a biografia do assassino fechada em meu colo, após devorá-la, possuo um copo de café gelado com leite de amêndoas, preparado por Raven, com um canudinho, em uma das mãos.

Porque sinto como se só um bom livro e minha bebida favorita no mundo todo pudessem me acalmar agora.

Estou levando o canudo aos lábios, dando mais um gole assim que escuto a campainha tocar, seu som reverberando por todas as paredes do apartamento, alcançando cada cômodo. Deixando o copo com gelo na mesinha ao meu lado, me levanto da poltrona, amarrando a fita do robe de cetim ao redor da cintura, escondendo o pijama que uso. Deixando a biblioteca, ando pelo corredor, a caminho da sala, a sola descalça dos meus pés indo de encontro ao piso frio.

Assim que chego ao cômodo, encontro Raven, que também visa abrir a porta. Minha irmã franze o cenho em minha direção ao conectar seus olhos aos meus.

— Está esperando alguém? — É o que pergunta. Com o rosto amassado, bochechas vermelhas, e usando uma grande camiseta preta lisa, que chega até seus joelhos, emoldurando seu corpo magro e escondendo seus shorts, ela parece estar aproveitando sua manhã de folga para descansar.

Em resposta, dou de ombros.

— Não que eu saiba.

— Eu consigo ouvir o que estão falando, sabia? — É o que a voz conhecida muito bem por nós duas, vinda do outro lado da parede, berra. — Estou a apenas alguns passos de distância e essa porta é fina demais!

Eu e minha irmã trocamos um olhar confuso antes de nos direcionarmos até a entrada, com mais pressa do que o habitual.

Assim que destranca a fechadura e gira a maçaneta, Raven nos permite ver quem está com as solas dos sapatos sobre nosso tapete de boas-vindas.

Vestindo uma blusa preta com laço no decote e mangas bufantes, com os cabelos loiros presos no alto da cabeça em um rabo de cavalo, está a minha mãe. Seus lábios se curvam assim que seus olhos nos encontram.

Porém, o sorriso deixa seu rosto no momento em que nota nossas roupas.

— Não acredito que ainda estão de pijama! — É a maneira que Anastasia Lakeland encontra para nos dizer oi. Ela resolve entrar no apartamento, nos obrigando a dar alguns passos para trás, abrindo passagem. Minha mãe franze o cenho, cruzando os braços após fechar a porta atrás de si, nos encarando com um desgosto genuíno flutuando em suas íris castanhas. — Sabem o que é isso? Desleixo! Já é quase uma hora da tarde. Estão

parecendo o pai de vocês! Quando éramos casados, Charles poderia passar o dia todo de pijama, apenas para me irritar.

Me esforço para reprimir a gigantesca vontade de revirar os olhos.

— Está tudo bem? Não pensei que fossemos te ver tão cedo. — Ao meu lado, sinto como se minha irmã se obrigasse a fazer o mesmo, já que decide mudar de assunto e impedir que Anastasia solte mais qualquer frase que inclua o nome do meu pai, que, por sinal, parece alugar um grande espaço em seu cérebro, já que não é capaz de parar de pensar nele sequer por um segundo.

— Estou bem — minha mãe responde, alisando o tecido da blusa preta que usa com as duas mãos. Um tanto apreensiva, desliza os olhos amendoados pelo cômodo. — Resolvi fazer uma visita, pois tenho algo para contar. E não fui capaz de dizer ontem à noite.

Raven, arqueando uma das sobrancelhas, dirige seus olhos a mim brevemente, os voltando para a mamãe logo em seguida, que agora já cruza o cômodo, em direção ao sofá.

— Certo... — É o que minha irmã diz, a voz saindo arrastada, repleta de um imenso ponto de interrogação em confusão. — E o que tem a dizer é tão importante assim, para não poder apenas nos ligar?

Anastasia se senta no sofá, soltando um longo suspiro antes de cruzar as pernas, endireitar a postura e revelar:

— Sim, é sim. — Ela raspa a garganta, intercalando o olhar entre Raven e eu, como se nos chamasse para nos aproximar. Nós duas damos alguns curtos passos até parar em sua frente, mantendo uma distância segura.

A tensão toma o ambiente.

— Por favor, só não nos diga que está grávida — Raven resolve dizer.

— E muito menos que o filho é do papai — emendo, deixando que uma careta tome meu semblante, colocando para fora o que sei também ser uma preocupação da minha irmã.

Anastasia fica boquiaberta, nos encarando com um olhar de desgosto, como se ser obrigada a ouvir o que dissemos fosse um insulto para ela.

— Vocês estão malucas? — É o que ela praticamente berra, ainda mantendo a postura exemplar. — Tenho 45 anos! Já fechei a fábrica há um bom tempo! — Franze o cenho, tornando o tom de voz mais agudo ao dizer: — E é sério que, depois de tudo, ainda são capazes de pensar que eu e seu

pai podemos estar... transando? — A palavra escapa pelos seus lábios com dificuldade, quase como se fosse a situação mais improvável de acontecer.

E, bom, acredito que seja mesmo.

Meus pais se odeiam. Isso não é novidade para ninguém.

— Assim vocês me ofendem! — alega ela, levando uma das palmas das mãos ao peito.

Ao meu lado, Raven suspira.

— Desculpa, mãe — pede, me fuzilando com o olhar, como se me dissesse para fazer a mesma coisa.

— É, claro! — Volto minha atenção para a loira no sofá. — Pedimos desculpas.

— Tudo bem — ela responde. — Sei que talvez tenha as assustado, e que por isso possam ter pensado no pior. Mas é uma ótima notícia, acredito eu. Acho que podem até ficar felizes por mim.

— Certo. — É Raven quem diz. Minha irmã, levemente, aperta os olhos em direção à nossa mãe, um pouco desconfiada. — E o que seria?

— E por que não conseguiu nos contar ontem? — Cruzo os braços.

Impaciente, Anastasia descruza as pernas, as afastando ao desleixar a postura minimamente.

— Não contei ontem, porque o idiota do pai de vocês estava aqui! — revela, a voz carregada pelo ódio genuíno por Charles Wilfred. — E quase estragamos o jantar. Não quis entregar a ele mais motivos para ser um filho da puta e iniciar mais uma discussão idiota. — Ela arfa, chacoalhando a cabeça brevemente em descrença. — As discussões que ele inicia são sempre idiotas...

— Claro — Raven concorda, fingindo uma certeza inexistente na voz, ciente de que é o melhor a se fazer.

Quando se cresce em meio a intrigas diárias entre os pais, aprendemos que, na maioria das vezes, o mais fácil a se fazer é concordar com o que ambos estão falando. É a melhor forma de não escolher um lado.

Os dois sempre irão achar que concordamos com eles, quando, na verdade, estamos em cima do muro, completamente divididas.

— Eu conheci um cara — minha mãe revela, resolvendo arrancar o *band-aid* de uma vez por todas.

Arqueio as sobrancelhas no instante em que escuto suas palavras, intrigada. Ao meu lado, Raven fica sem reação.

— O nome dele é Eddie — Anastasia continua. Como se estivesse nervosa, engole em seco, sua garganta se movendo com dificuldade. Ela intercala seus olhos entre Raven e eu. — Ele tem uma loja de móveis na Penn Quarter. Nos conhecemos lá, quando estava procurando por uma poltrona nova. — Minha mãe faz uma breve pausa, deixando que um leve sorrisinho se molde em seus lábios. — Sabe, Eddie é um homem extremamente bom e atencioso. Ele é diferente do... vocês sabem quem. — Seu rosto se irrompe em uma careta, repleta do desgosto genuíno ao pensar, mais uma vez, no meu pai. — Estou feliz com ele. Claro, ainda é tudo muito recente, mas consigo enxergar futuro em nós dois.

— Isso é bom — Raven fala, apesar de não demonstrar muita animação em seu tom de voz. Um sorriso gigante se abre nos lábios da minha mãe assim que ela passa a encarar a filha, suas íris brilhando diante da aprovação. — Eddie tem filhos?

Anastasia concorda com a cabeça.

— Dois homens. Ele é viúvo. Os meninos têm quase a idade de vocês, aliás.

— Legal! — comento, fingindo estar mais contente do que verdadeiramente estou.

Minha mãe esconde o rosto com as mãos, soltando uma risada fraca.

— Nossa, estou tão aliviada por estarem reagindo assim! — solta ela, voltando a nos olhar. — Acreditam que estava com medo de contar? Cheguei a pensar que poderiam odiar a ideia de me ver com alguém novo. Mas, sabe, sinto que vai dar tudo certo entre a gente. Eddie não é como o...

— Papai — Raven completa, ainda ao meu lado.

Minha mãe faz que sim com a cabeça, revirando os olhos em seguida, apenas por ouvir o nome dele.

O nome que, querendo ou não, parece ter dificuldade em manter longe dos seus lábios e mente.

E isso me preocupa um pouco.

Não me leve a mal, não sou uma filha má. Torço por ela, assim como também torço para o papai. Quero vê-los seguindo em frente, da maneira que preferirem.

E se minha mãe acredita que Eddie pode ajudá-la a fazer isso, mesmo após 5 anos divorciada, ainda citando o nome de Charles Wilfred em quase todas as frases que solta, que seja. Estou torcendo para que consiga mesmo.

Apesar de até hoje não entender muito bem o que acontece entre meus pais.

E muito menos porque, às vezes, sinto como se ainda se amassem, mesmo que insistam em deixar claro o ódio genuíno que carregam um pelo outro.



"Qual é o seu número?" é a comédia romântica que passa na tevê, escolhida por Raven, é claro.

Sempre fiz questão de deixar evidente para todos, custe o que custar, que odeio comédias românticas. Que, apesar de ter atuado em *"Um clima diferente"*, um filme mamão-com-açúcar, onde interpreto a Lolla, a protagonista — uma mulher que, após ter acabado de se mudar para Los Angeles com as duas irmãs, conhece um francês, que também acabou de chegar na cidade, chamado Bernard Petit, e se apaixona loucamente, tendo o seu final feliz após todas as turbulências que teve de enfrentar —, não gosto de assistir.

Marlon Fournier arrasou ao interpretar o papel do francês. E, assim como alguns internautas disseram, nós dois, definitivamente, levamos química suficiente aos personagens.

Mas desta vez, sentada no sofá, ao lado da minha irmã, enquanto assisto a cena em que o Chris Evans invade o apartamento da Anna Faris, enquanto foge de mais uma das suas mais de trezentas pretendentes, fazendo jus ao estereótipo de cara pegador dos livros e filmes de romance jovens adultos, percebo que, talvez, exista uma chance mínima, bem pequenininha mesmo, de que esse filme seja a única comédia romântica que eu possa não odiar.

Talvez eu até goste um pouquinho.

Mas nunca irei admitir isso em voz alta. Principalmente para Raven, que, ao meu lado, permanece com as íris cravadas na tela enquanto devora um balde grande de pipoca e aproveita a última noite de folga que tem na semana.

E é por isso que, assim que ouço a campainha tocar, em meio a uma das cenas mais icônicas do filme, quando os personagens principais estão fechando um acordo capaz de ajudar ambos os lados, e Raven me pede para

atender a porta, me forço a engolir o desapontamento, me levantando enquanto resmungo que é um prazer perder algumas cenas do filme *torturante* e a rotulo como a pessoa que está me obrigando a assistir a essa *catástrofe*.

— Talvez seja a mamãe. — É o que minha irmã diz, ainda concentrada na tela da televisão.

Mas, quando chego à porta e subo na ponta dos pés, encaixando um dos olhos no olho mágico e espiando quem está do lado de fora, não é a figura embaçada de Anastasia Lakeland que encontro.

Tomando uma surpresa nada agradável, volto os calcanhares ao chão, bufando em irritação ao levar uma das mãos à maçaneta fria.

Como se possuísse um alarme, que o alerta sempre que estou contente e o obriga a vir até mim, para me torturar apenas com a sua presença, está Caden Prescott.

O jogador molda seus lábios em um sorrisinho arrogante assim que seus olhos se conectam aos meus.

— Boa noite, esquentadinha — diz.

— Por que o porteiro nunca avisa quando você está subindo? — É a maneira que encontro para o cumprimentar, sequer me importando em responder ao seu "boa noite", me obrigando a carregar a voz com o máximo de incredulidade possível.

Como se pudesse sentir as ondas de irritação que percorrem meu corpo, Caden sorri ainda mais, mostrando seus dentes ridiculamente brancos e alinhados, se recostando no batente da *minha* porta, mantendo a postura despreocupada.

— Não tenho culpa se todos os porteiros deste prédio gostam de hóquei — o idiota diz, prepotente, se vangloriando, como o de costume. — Trouxe um boné dos Caps para o Jordan, o porteiro da vez. Ele é um grande fã — Caden explica, endireitando o corpo e esticando o pescoço para analisar a escuridão que abraça a sala atrás de mim, apenas sendo iluminada pela luz da televisão e a do corredor, que invade o apartamento pela porta aberta.

— O que você quer, Prescott? — digo de uma vez, desejando que desembuche logo, dê meia-volta e me libere para voltar a assistir ao filme. — Estou ocupada com a minha irmã. Estamos tendo uma noite nossa. Então acho melhor dizer logo e se mandar daqui.

Caden solta uma breve risada sufocada, voltando seus olhos aos meus ao declarar:

— Sinto muito, esquentadinha, mas não será assim tão fácil. — Suas íris parecem capazes de despir minha alma. — Hoje você vai ter que vir comigo.

Imediatamente, franzo a testa, incrédula.

— Ficou maluco? Desde quando acha que tem o direito de mandar em mim? — Cruzo os braços.

Em resposta, Caden ri, me tirando ainda mais do sério.

— Foram ordens do Paxton — explica. — Ao que parece, ele chamou alguns *paparazzi* para nos fotografarem no caminho até minha casa. Confie em mim, não estou nem um pouco contente em saber que *você* irá invadir a *minha* privacidade. — Caden dá de ombros. — Só estou seguindo o direcionamento dado pelo nosso agente.

— Paxton não é o meu agente. Savannah é — retruco, na defensiva.

Se Paxton River acha mesmo que pode passar a controlar minha vida desta forma, está muito engando.

A minha frente, Caden também cruza os braços, imitando minha postura ao emoldurar os lábios em um sorrisinho prepotente e declarar, encerrando a discussão:

— Paxton disse que Savannah imaginou que falaria isso, então me pediu para alertar que sua agente já está ciente e que, caso não aceite fazer as malas e ir comigo, ela estará batendo na sua porta dentro de alguns instantes.

Merda!



CADEN

Avery resmunga a cada passo.

Fechando o porta-malas, após entregar sua mochila, deixo que um sorrisinho de canto tome meus lábios ao ouvi-la bufar pela milésima vez.

— Sabe, reclamar tanto não vai tornar a experiência menos desagradável — constato o óbvio, trancando as portas do veículo ao apertar o botão da chave em minhas mãos.

Mesmo estando em um completo silêncio, de costas para mim, enquanto marcha a passos furiosos em direção à entrada, sou capaz de presumir que Avery, com certeza, revirou os olhos diante da minha fala.

Continuo sorrindo ao sair atrás dela, a alcançando mais rápido do que era o esperado, por conta da minha altura, que facilita passos mais largos.

Como fora combinado, alguns *paparazzi* nos encontraram durante o trajeto do prédio onde Avery mora com a irmã e nos seguiram até algumas ruas a uma distância segura da minha casa. Paxton garantiu que fará com que todas as fotos sejam vazadas o quanto antes, espalhando a notícia que *"o namoro de Caden Prescott e Avery Lakeland está sério ao ponto dos dois serem flagrados chegando à casa dele"*.

E talvez eu ainda ache tudo isso um tremendo exagero, mas sei que tanto Paxton quanto Sav farão o inalcançável para não nos frustrarem ainda mais diante desse acordo maluco. Sei que, como fora prometido, se fizermos tudo certinho e chamarmos a devida atenção do público, no final terá valido a pena.

— Sua casa é diferente do que eu imaginava. — É a primeira coisa que Avery comenta assim que adentramos à sala, sua voz saindo baixa, porém repleta de certeza.

Fechando a porta atrás de mim, franzo o cenho.

— Diferente como? — questiono, tateando a parede em busca do interruptor.

Assim que o alcanço, afundo um dos dedos no botão, acendendo as poucas luzes que estavam apagadas até então.

— Arrumada — Avery responde, se virando para mim, ainda com a mochila nas costas. Por mais que tente esconder, sou capaz de perceber a fina linha feliz que ameaça tomar seus lábios quando completa: — E sem foto de mulheres seminuas na parede.

— Achou que eu teria fotos de mulheres na minha *sala?* — Soltando uma risadinha fraca, carrego a voz com o máximo de incredulidade possível. — Que tipo de pervertido acha que sou?

— Do tipo jogador de hóquei — responde ela, sem pestanejar, como se fosse óbvio. — E nem adianta dizer que vocês não são assim. Todos são. Já convivi o bastante com alguns para saber que todos os livros e filmes que os mostram como tremendos galinhas são verdade.

— Você adora essa coisa de generalizar as pessoas, não? — É a forma que encontro para a responder, sentindo que, se resolver entrar em uma discussão com ela, buscando demonstrar que existem, sim, caras que jogam comigo que não são completos babacas, não irei chegar a lugar nenhum.

Avery apenas dá de ombros, indo até o sofá, onde deixa sua mochila, se mostrando estranhamente confortável.

— Só estou citando os fatos — ela diz.

E é neste momento que, lançando um olhar por cima dos seus ombros, sou capaz de captar uma cena que, infelizmente, tem se tornado cada vez mais habitual em minha vida.

Surgindo de um dos corredores, Austin passa pela porta que o divide da sala, vindo em nossa direção. Usando apenas uma boxer branca, enquanto

deixa seu abdômen e todo o resto à mostra, meu melhor amigo arregala os olhos assim que nos vê, paralisando a mão que segura a barrinha de cereal proteica que come, a deixando suspensa no ar, em meio ao seu caminho até a boca.

— Meu Deus! — Petrificado, é a forma que ele encontra de nos dizer "olá".

Avery toma um susto diante da terceira voz no cômodo, girando nos calcanhares até conectar seus olhos aos do meu colega de time, que parecem mais como duas bolas de golfe no momento. Assim que percebe o estado em que Austin se encontra, Lakeland solta um gritinho aterrorizado, que é sufocado pelas mãos que leva ao rosto, o tapando e impedindo sua visão.

Coçando a nuca com uma das mãos, não consigo impedir a risada fraca que escapa por meus lábios.

— Sinto muito, cara! — meu melhor amigo diz, me encontrando com o olhar. — Não sabia que ia trazer visita.

— Por que está pedindo desculpas para *ele?* — Avery grita, se virando de costas. Ela afasta as mãos do rosto, seus olhos furiosos vindo em minha direção. — Fui *eu* que praticamente vi suas partes! — continua, falando com Austin.

— Eu estou de cueca! — ele retruca, também aumentando o tom enquanto cita o fato.

— Sim, mas ela é branca! — Avery berra de volta.

— Chega! — os corto, em meio a risos. — Por Deus, chega! — Levo uma das mãos à barriga, que dói enquanto tento conter as risadas que me escapam. Lanço um olhar para o meu melhor amigo, apontando para o corredor ao dizer: — Austin, por favor, vai vestir uma calça.

Bufando, ele dá alguns curtos passos até o balcão da cozinha, onde pousa a barrinha proteica, já mordida, sem a menor delicadeza antes de ir até o corredor, sumindo por ele.

— Ele já foi — conto à Avery, sentindo que estou apartando uma discussão entre duas crianças da terceira série. A atriz ergue o queixo, focando seus olhos nos meus. Seus ombros parecem relaxar. — Pode ficar tranquila, ele não é nenhum tipo de pervertido — comento, em meio aos risos. — Austin só não sabia que você viria.

— Ele mora com você? — questiona ela, a voz descontente.

— Não, não mora.

— Moro, sim! — É o que o idiota do meu melhor amigo berra, sua voz estridente vindo do corredor, provando que, enquanto veste a maldita calça, permanece atento a cada palavra dita em nossa conversa.

Lakeland arqueia uma sobrancelha, me lançando um olhar confuso.

— Ele não mora — repito, falando mais baixo agora. — Mas é isso que ele acha.

— Eu tenho uma vizinha maluca — Austin conta, voltando para a sala com pressa, como se sentisse a necessidade de se explicar. Ainda com o abdômen à mostra, ele fecha o zíper da calça enquanto explica, fazendo com que Avery se vire para encará-lo. — Caden deixa que me esconda aqui, às vezes.

— Quando fizemos esse acordo, não sabia que o "às vezes" dele se transformaria em "sempre" — emendo, citando os fatos.

Austin dá de ombros, se mostrando indiferente diante da minha honestidade. Agora devidamente vestido da cintura para baixo, ele dá alguns passos em direção à Avery, estendendo uma das mãos para cumprimentá-la.

Tento esconder o desapontamento assim que a assisto apertar a mão dele, me lembrando de quando nos conhecemos, há alguns meses, e ela me ignorou completamente, me obrigando a guardar a mão no bolso e fingir normalidade diante do vácuo.

— Avery, esse é Austin Crawford, meu melhor amigo e colega de time — coçando a nuca, resolvo apresentá-los devidamente. — Austin, essa é Avery Lakeland, minha namorada de...

— Mentirinha — ele completa, deixando que um sorrisinho tome seus lábios enquanto permanece focado em fitar os olhos da mulher à sua frente.

Avery quebra o contato quando se vira para mim, parecendo um tanto surpresa diante do que acabou de ouvir. Dúvida cruza suas íris esverdeadas.

Dando de ombros, respondo, repetindo exatamente o que ela disse quando a questionei sobre ter revelado a verdade à Raven:

— Eu conto tudo para ele.

— Não esquenta! — Austin, com todo o seu ar despreocupado, chama nossa atenção de volta para si. — Caden confia em mim. Sabe que nunca contaria nada para ninguém. — Ele passa um dos seus braços em volta do pescoço da mulher, que me surpreende ao permitir. Se fosse eu que estivesse fazendo isso, provavelmente receberia um tapa e ouviria milhares de xingamentos diferentes. — Além disso, você é meio que a minha Ídola —

o canadense continua. Avery arqueia uma sobrancelha, o olhando em questionamento. — Sabe, você deu um chute nas bolas do Hunter Killor. Qualquer pessoa que tem coragem de fazer isso merece meu respeito e admiração.

Penso estar ficando louco quando vejo um meio-sorriso se emoldurar nos lábios da garota.

— Ele é um babaca — constata ela.

— Ele é mais do que babaca — Austin emenda, concordando.

E, simples assim, os dois adultos que até alguns minutos atrás pareciam ser crianças prestes a se matar, de repente, estão agindo como melhores amigos, falando mal de uma pessoa em comum.

E é então que, me sentindo um tanto descolado em meio a duas pessoas que acabaram de se conhecer, decido mudar de assunto, chamando a atenção deles de volta para mim ao perguntar:

— Querem cerveja?



Avery parece estranhamente à vontade assim que chega ao meu quarto, analisando tudo à sua volta. Segurando a Long Neck com poucos goles restantes nas mãos, ela para em frente à minha estante de carros em miniaturas, pregada à uma das paredes. A fina madeira branca sustenta toda a coleção. Desde os carros mais antigos, como o Mercury Eight, o Ford Thunderbird e o Pontiac Firebird, que marcaram a história norte-americana, até os mais novos, como a Ferrari Monza, o Bentley Bacalar, Tesla Model 3 e o McLaren Elva, mais avançados, velozes e caros.

Me lembro até hoje do dia em que comprei o primeiro deles. O ano era 2003, e eu, meu pai e meu irmão estávamos assistindo ao Campeonato Mundial de Fórmula 1.

Eu tinha seis anos na época, quando vi o alemão, da Ferrari, sendo campeão. Lembro de ter ficado encantado.

Até aquele dia, tudo que me interessava era sair com um taco e um disco na mão, mas, assim que vi a corrida, sentindo toda a energia pela televisão, descobri que, talvez, pudesse ter outra paixão além do hóquei.

Ao perceber o quanto estava animado, meu pai me presenteou com uma miniatura de brinquedo. Meu irmão também ganhou uma.

A imagem de vê-lo sorrindo, abrindo o embrulho do presente, ainda se faz fresca em minha memória.

— Então quer dizer que realmente coleciona essas coisinhas — Avery diz, me resgatando dos meus pensamentos.

De repente, focando meus olhos, até então distantes, a ela novamente, sou atingido por uma pontada de alívio.

— Achou que eu estivesse mentindo? — Solto uma risadinha, atravessando o quarto até chegar ao guarda-roupa, onde está tudo que precisarei para passar uma noite no sofá, enquanto deixo Avery dormir confortavelmente em minha cama, após trazê-la à minha casa contra a sua vontade.

A atriz dá de ombros, se virando para mim. Levando a *long neck* aos lábios, ela vira todo o líquido antes de dizer, com a voz um tanto embargada:

— Nunca imaginei que pudesse ser fascinado por outra coisa além do hóquei.

Por um momento, ao ver seus lábios brilhantes pela cerveja, o perigoso pensamento de que, sim, posso ser fascinado por outras coisas se quiser, principalmente pelos seus lábios quando estão um pouco inchados e com gosto de bebida, atravessa minha mente. No mesmo instante, chacoalho a cabeça, buscando mandar essa ideia estúpida para longe.

Fechando uma das gavetas de cueca, após terminar de pegar o que preciso, me viro para Avery, focando os olhos nos seus.

— O hóquei é a minha paixão. O que mais amo na vida, depois da minha família, claro — respondo, dando de ombros. — Mas isso não significa que não posso gostar de outras coisas.

— Tem razão — Lakeland concorda, dando alguns curtos passos pelo meu quarto, seus olhos analisando todos os cantos. — Na adolescência, você era um nerd ou algo assim? Seu quarto é bem limpo para quem se diz jogador.

Rindo diante da sua necessidade de tentar alfinetar eu e meu *"tipinho"*, como gosta de dizer, nego com a cabeça, explicando:

— Minha mãe odeia bagunça. Sempre odiou. Quando mais novo, ela me ensinou a sempre deixar tudo organizado, em seu devido lugar. Me explicou que assim fica mais fácil de encontrar as coisas quando é necessário.

Assisto quando Avery deixa a garrafa de bebida em uma das cabeceiras, ao lado da cama. Franzindo o cenho, ela leva as mãos

bisbilhoteiras até um porta-retrato, o trazendo para próximo do rosto, buscando analisá-lo.

Suspirando pesadamente, deixo a pilha de roupas que seguro em cima da cama, me apressando a dizer, a voz saindo com mais urgência do que era esperado:

— Agradeceria se não mexesse nisso.

Os olhos verdes de Avery correm em minha direção no mesmo instante, atentos. Suas bochechas ficam um pouco ruborizadas quando, se dando conta do que fez, percebendo que pode ter atravessado um pouco a linha do limite e se intrometido demais ao bisbilhotar minhas coisas, ela volta a foto para a cabeceira de madeira branca, deixando que um vinco se aposse de sua testa ao dizer, um tanto confusa:

— Desculpa.

Apenas meneio a cabeça, em silêncio.

Eu até poderia julgá-la, caso não tivesse feito a mesma coisa quando fui ao seu quarto e analisei suas fotos, me demorando naquela em que está posando com o francês bonitão.

Avery, ainda com as íris cravadas às minhas, a alguns passos de distância, separa os lábios. A expressão de dúvida que toma seu semblante me diz que sim. Que percebeu a semelhança entre o meu eu de 13 anos e o garoto ao meu lado na fotografia, com os mesmos olhos e cabelos escuros.

Ela hesita um pouco, fechando os lábios antes de finalmente tomar a coragem necessária para perguntar:

— Quem é...

— Era o meu irmão — eu a corto, soltando a bomba de uma vez. O amargor habitual, que preenche minha boca sempre que toco nesse assunto, invade minha língua, dando um nó na mesma.

Os olhos confusos de Avery se suavizam assim que percebe o verbo usado no passado, sendo tomados pelo pesar.

— Ele faleceu há 6 anos, em um acidente de moto — revelo, a voz saindo com dificuldade, embargada. — Nós tínhamos 19 anos. Éramos gêmeos.

Lakeland permanece petrificada, sem saber o que dizer antes de piscar, reunindo todas as suas forças ao soprar:

— Sinto muito.

Cabisbaixo, deixo que meus ombros despenquem ao me sentar na ponta da cama, ao lado da pequena pilha de roupas que separei. Meneando a

cabeça, foco meus olhos nela novamente, que permanece com os pés colados ao piso, no mesmo lugar, como se evitasse fazer movimentos bruscos e até mesmo respirar diante do assunto sensível que trouxe à tona sem intenção alguma.

— O nome dele era Owen — continuo, buscando explicar. — Ele também jogava hóquei. Era o melhor entre nós dois, na verdade. — Sem que perceba, um sorrisinho triste toma meus lábios diante da memória. — Meu irmão conseguiu ser o capitão do time do colégio em que estudávamos, mesmo sem estar no último ano. Ele estava a um passo de entrar na faculdade, com uma bolsa pelo esporte, quando o acidente aconteceu.

Avery solta uma respiração profunda, relaxando a postura ao permanecer com os olhos fixos em mim, atentos a cada uma de minhas palavras. Suas íris, que tendem a faiscar e exalar um ar durão, agora transbordam uma empatia surreal, quase como se estivesse se colocando no meu lugar.

Mesmo a conhecendo a pouco tempo, não é preciso muito esforço para perceber o quanto Avery e Raven são próximas. As duas se completam. E sabem disso.

Então entendo que, caso algo assim acontecesse com ela, caso perdesse a pessoa que mais confia no mundo, sangue do seu sangue, ficaria devastada.

Da mesma maneira que me senti quando Owen partiu.

Perdido.

Como se o mundo estivesse desmoronando.

— Nós costumávamos discutir de brincadeira, tentando provar que éramos melhores do que o outro no gelo — continuo, deixando que uma risadinha escape pelos lábios. — Na época, eu já sabia que Owen era a estrela da família, mas nunca me permiti admitir isso — conto, encarando-a sem desviar o olhar. — Sei que sou bom, *porra*, sei que sou *muito* bom! Mas ele ainda era mais. Mesmo na escola, meu irmão era surreal. Tinha um futuro grandioso pela frente.

Deslizo meus olhos até o chão, deixando que a lembrança de um Owen feliz, chegando em casa comigo após ganharmos o último jogo contra os idiotas do nosso maior rival na época do colégio, invada minha mente.

Assim que atravessamos a porta, deslizamos nossas bolsas com os equipamentos pelos ombros, fazendo com que atingissem o chão da sala.

Corremos para a cozinha soltando gritinhos, mais contentes e realizados do que nunca.

Enquanto abria a geladeira em busca de água, Owen comentou, extremamente empolgado, quase gritando:

— Você viu aquela tacada que eu dei? Você viu? Ryan pareceu um idiota tentando bloquear! — se referiu ao goleiro do time rival.

Ri ao pegar a garrafa de vidro gelada das mãos do meu irmão, derramando o líquido em meu copo em seguida, sobre o mármore do balcão.

— De qual tacada está falando? Ryan pareceu perdido diante dos dois gols que você fez.

Owen se aproximou de mim, explicando:

— O gol de quando empatamos o placar, antes da virada. Quentin não tinha nem sido suspenso ainda, por ter levantado o taco ao gritar com aquele defensor ruim que não me lembro o nome.

Fiz uma careta ao dar o primeiro gole.

— Aquele defensor é o pior.

Naquela tarde, não paramos de falar sobre o jogo nem por um segundo. Estávamos extremamente empolgados. E, quando nossos pais chegaram do trabalho, contamos tudo o que aconteceu detalhadamente.

Tínhamos 18 anos na época. E, para mim, estávamos completamente unidos. Como carne e unha.

Até então, não fazia ideia do que Owen estava escondendo.

Nem do quanto tudo aquilo me deixaria sem chão.

— Prescott? — A voz baixa de Avery, mais uma vez, me fisga de volta à realidade. Eu a encaro no mesmo instante, percebendo que ainda não saiu do lugar. Ela leva um dos dedos até uma mecha do cabelo, a colocando para trás da orelha enquanto me observa com cautela. Por um instante, penso que esse, talvez, tenha sido o gesto mais adorável que já vi na vida. — Está tudo bem? — É o que quer saber.

Sem hesitar, faço que sim com a cabeça, me levantando ao me desprender completamente das minhas memórias, que estavam prestes a me levar para um lugar sombrio e obscuro.

— Está, sim — revelo, me obrigando a sorrir. Lakeland me encara com olhos que dizem não acreditarem nem um pouco na mentira contada. — Só estou cansado.

— Certo — diz ela, a cautela abraçando cada uma de suas palavras. — Já está tarde. Acho melhor irmos dormir.

Meneio a cabeça em concordância mais uma vez, pegando a pilha de roupas na cama antes de me aproximar dela. Assim que chego perto o suficiente, sentindo seu perfume inebriante invadir minhas narinas, percebo Avery prender a respiração, incomodada diante da aproximação. Estendendo um dos braços até alcançar a Long Neck sobre a cabeceira, foco meus olhos no tom esverdeado dos seus, me deparando com suas orbes um tanto arregaladas.

Toneladas parecem deixar os ombros da atriz assim que me afasto, indo até a porta.

— Valeu por me deixar dormir no seu quarto — atrás de mim, a voz contida de Avery agradece, me surpreendendo um pouco.

Levando uma das mãos à maçaneta da porta, me viro, encontrando-a com o olhar, deixando que um sorrisinho como quem diz “não foi nada” tome meus lábios.

— Descansa, tá? — É tudo o que digo.

E então, após receber um aceno de cabeça vindo da garota, em concordância, deixo meu quarto, a caminho da sala, onde irei passar a noite.

E permito que Avery Lakeland guarde uma pequena parte da minha história junto de si.



11

AVERY

Entro em casa na ponta dos pés.

Me esforçando ao máximo para não fazer barulho, uma careta toma meu semblante quando levo uma das mãos até a porta, a fechando e escutando o seu breve ranger baixinho.

O relógio pregado à parede da sala marca 7 horas da manhã, e a mochila em minhas costas se torna mais pesada a cada passo silencioso que dou, atravessando o cômodo.

Cruzando os dedos, desejo com toda a força que Raven ainda esteja dormindo.

Não estou com a menor paciência para aturar suas gracinhas matinais e o bombardeio de perguntas que *sei* que está louca para fazer.

Ontem à noite, quando Caden veio me buscar sem aviso prévio e tive de contar à minha irmã que iria dormir fora, tudo que recebi foi uma feição sugestiva tomar seu rosto, cheia de segundas intenções. Me esforcei para revirar os olhos, tentando demonstrar que, seja lá o que tenha passado pela cabeça de Raven, é extremamente ridículo.

Nunca vai acontecer nada entre Caden e eu.

Pensei que isso já estivesse claro.

Ele é uma das pessoas mais irritantes que conheço e, ontem, mesmo após ter conhecido seu outro lado, um lado sombrio, triste, que não sorri arrogante a cada palavra dita, isso ainda não mudou.

Mas não nego que fiquei surpresa com tudo que ouvi.

E que, sim, senti o coração se apertar ao ver a dor que flutuou por seus olhos assim que me viu segurando o porta-retrato com a foto dele e do irmão falecido.

Perder alguém tão importante assim, de uma hora para outra, sem mais nem menos, com certeza é desesperador.

E nem mesmo gosto de me imaginar em seu lugar. Perdendo Raven.

— Se acha que vai se safar tão fácil, está muito enganada, Avery. — Como se pudesse ler meus pensamentos, a voz da minha irmã é a primeira que escuto ao chegar ao corredor.

Já se preparando para ir trabalhar, vestindo um casaquinho de lã branca, uma calça skinny e com a maquiagem no rosto ainda incompleta, Raven me recebe, parada no meio do pequeno espaço, como se estivesse atenta, só me esperando voltar.

Suspirando pesadamente, fechando os olhos e voltando meus calcanhares ao chão, não encontrando sentido em continuar andando na ponta dos pés, permaneço a alguns passos de distância da mais velha.

— Pensei que fosse chegar mais tarde — Raven comenta, em meio ao corredor mal iluminado. — Já estava até triste em pensar que não te veria antes de sair para o trabalho.

— Caden teve de ir para Los Angeles. Ele tem um jogo hoje, contra os Kings — explico, conectando meus olhos aos dela. Firmando a mão sobre a alça da mochila, ainda em minhas costas, completo: — Ele e o amigo, Austin, me deixaram aqui antes de irem se juntar ao restante do time.

Minha irmã meneia a cabeça, mostrando entender. De repente um sorriso irrompe em seus lábios.

— Vocês ficaram? — É o que Raven pergunta, esperançosa.

Aproximando um dos dedos da boca, finjo que vou vomitar assim que escuto a pergunta ridícula escapar por seus lábios, voltando a caminhar pelo corredor.

A mais velha solta mais uma risada fraca no instante em que me aproximo e paro à sua frente.

— Sinto muito se te deixei esperando por alguma notícia, mas não aconteceu nada — sopro, apoiando uma das mãos em seu ombro. Raven me

encara com atenção. Deixo que minha boca se repuxe levemente em um dos cantos. — Nem vai acontecer — garanto. — Caden e eu nunca seremos um casal de verdade.



Caden Prescott é, sem dúvida, uma lenda do esporte.

E nem é preciso que eu seja uma especialista em hóquei para perceber isso.

Em meio a todos os outros no rinque, ele é o que se destaca. O mais rápido, com mais técnica, esperteza e domínio.

Sentada no sofá, sozinha em casa, me permito levar uma porção de pipoca à boca enquanto foco meu olhar na tevê, onde o gelo da arena Crypto.com, antiga Staples Center, é iluminado por luzes azuis e verdes, enquanto torcedores gritam das arquibancadas, uma música popular ecoa pelo ambiente, e os jogadores se posicionam em seus devidos lugares, se preparando para o início do segundo período.

Até agora, o placar está apontando para os Caps, que foram os únicos que conseguiram marcar, liderando com um gol.

Quando o segundo período começa, os fãs se dividem em uma mistura de gritos, vaias e vivas, que se sobressaem à música tocada, preenchendo a arena por completo.

Desde o segundo que o disco cai, o jogo parece se transformar em uma mistura de velocidade e agressividade, assim como foi durante todo o primeiro período.

Não aparenta que os times estão competindo pela vitória, mas que estão buscando matar um ao outro.

E isso é completamente assustador, mas, de certa forma, gostoso de assistir.

Os golpes são brutais, e quando a tevê foca em Caden, que exibe o número 13 no uniforme azul e vermelho, deixo que meus olhos sigam apenas ele.

Nem percebo quando, em um ato involuntário, inclino meu tronco para frente no sofá, nervosa ao captar os movimentos de Prescott em direção à rede. Ele marca. É uma bela tacada. Uma obra de arte, para ser mais exata.

Agora o Washington Capitals lidera por dois a zero.

Enquanto o assisto comemorar com Austin, número 33, e outros colegas de time, deixo que um sorrisinho tome meus lábios ao imaginar a irritação que o babaca do Dax Colton deve estar sentindo neste momento.

Como se fosse o destino, a tevê foca no capitão, que apenas desliza pelo gelo, e em sua *jersey* preta dos Kings, número 25.

O xingo mentalmente enquanto levo mais uma porção de pipoca à boca, lembrando que, se não fosse por ele e suas atitudes repugnantes, Caden nunca teria o acertado naquele bar e, consequentemente, não estaríamos tendo de fingir ser um casal.

Pouco antes do fim do segundo período, os Kings marcam.

Apesar de não conhecer o jogador, não tem como negar que foi uma bela tacada. O cara parece ser bom, mas os Caps permanecem na liderança, e, na maior parte do tempo, com o domínio do *puck*.

Dois a um.

O período termina e, enquanto a tensão parece deixar um pouco os ombros da torcida dos Kings, sendo substituída por uma pontada de esperança, os jogadores do Washington Capitals parecem mais nervosos e exaustos ao desaparecerem no túnel que leva aos vestiários.

Assisto quando, no canto da tela, o treinador Weston — nome que descobri graças a um dos narradores da partida — tenta animar o time, os incentivando com algumas palmas ardidas e curtas palavras, antes de segui-los.

Saltando do sofá, vou às pressas para a cozinha, trazendo o balde de pipoca, agora vazio, comigo, aproveitando os vinte minutos de intervalo para enchê-lo.

Assim que volto à sala, tomando meu lugar novamente, sinto a ansiedade repentina diante do início do terceiro e último período.

O jogo retoma com tudo, e, diante da brutalidade, fico um tanto surpresa ao perceber os jogadores dando o máximo de si, jogando como se tivessem acabado de entrar no rinque, como se possuíssem todo o fôlego do mundo.

Estou de pernas cruzadas, levando mais uma porção de pipoca à boca quando os narradores começam a comentar sobre a confusão, e a tevê passa a exibi-la no mesmo instante.

Assim que meus olhos captam o número 33 na *jersey*, logo abaixo do sobrenome Crawford, o arquejo de surpresa escapa pelos meus lábios.

Dax Colton o espreme contra o vidro de proteção do rinque com tanta força que imagino que o pobre Austin esteja com dificuldades para respirar.

Colton, além de ser um completo babaca, também é um monstro com síndrome de valentão.

E os dentes que faltam nas bocas de alguns dos seus adversários são a prova viva disso.

Assim que Dax solta Austin, deslizando para longe, tudo acontece muito rápido.

Outro jogador se choca com ele, e algumas alfinetadas são trocadas em forma de palavras. Pisco diversas vezes quando percebo quem é, tentando me certificar de que não estou imaginando coisas.

E é só quando Dax segura o uniforme de Caden, desferindo um soco que acerta seu capacete, o jogando no gelo e permitindo que seu rosto furioso fique visível para todos por completo, que a ficha cai.

Caden Prescott e Dax Colton estão prestes a brigar.

De novo.

A diferença é que agora estão em um território conhecido. E que sabem seus limites.

Diferente do hóquei universitário, brigas no profissional são permitidas e corriqueiras. O jogo era bem selvagem quando começou, e isso resultou nas confusões de hoje em dia.

É um esporte de contato ácido, onde existe atrito.

Querendo ou não, brigas fazem parte do hóquei tanto quanto gols, tabelas e formações táticas. Mas existem normas.

A principal delas é que as lutas devem ser de um contra um, sem interferência dos demais. E é por isso que não me surpreendo quando Austin ou qualquer outro colega de time de Caden não faz nada para tentar ajudá-lo.

A segunda é que os árbitros podem interromper caso um dos atletas caia no chão ou se acharem que assim deve ser feito.

E, claro, além disso, estabelecer uma punição de cinco minutos para cada jogador.

E é por esse motivo que, enquanto Dax e Caden travam uma briga com direito a puxões nos uniformes, buscando se equilibrar, e diversos socos desferidos, os árbitros apenas os cercam, deixando que fiquem à vontade para se baterem.

A torcida se divide em uma mistura de vibrações e vaias, e a câmera, por sua vez, dá um close nos jogadores, nos permitindo ver o que acontece com clareza.

Quando os socos de Dax passam a ficar mais fortes, os árbitros resolvem, finalmente, intervir, os separando.

Colton grita enquanto é afastado, xingando Prescott de maneira explosiva, jogando no ar o que presumo serem ameaças.

Me afundando no sofá, repleta de raiva, levo uma das mãos ao controle da tevê, mudando de canal.

E é só quando o programa de competição culinária passa a ser exibido à minha frente que me permito digerir tudo o que acabei de assistir.

E chego a apenas uma conclusão:

Vou matar o inconsequente do Caden Prescott.



Uma hora depois, ele atende no segundo toque.

— Eu assisti ao jogo. — Recostada no balcão da cozinha, equilibrando o celular em um dos ombros, o colando à orelha, deixo que minha voz saia dura, demonstrando perfeitamente toda a raiva que me preenche neste instante. Com os olhos fixos na grande janela à minha frente, observo a escuridão que abraça a noite de Washington.

Do outro lado da linha, a risadinha que Caden solta se sobrepõe aos sons de fundo, vindos dos seus colegas de equipe, que comemoram a vitória de 3 a 1, no que imagino ser o vestiário.

— Então sinto que vai odiar receber essa notícia, mas eu continuo vivo — o idiota resolve responder.

Levo uma das mãos à testa, a esfregando enquanto me obrigo respirar fundo, buscando me acalmar.

— Paxton vai te matar — digo, unindo todas as minhas forças para não gritar. — E eu vou fazer questão de ajudá-lo.

Caden ri mais uma vez, por algum motivo, julgando toda essa merda extremamente engraçada.

— Dax mereceu a surra. Viu o jeito que ele partiu para cima do Austin? Foi uma pancada feia. Aquele babaca merecia ter saído com o olho roxo, assim como fez comigo naquela noite.

— Seu idiota! Você ficou maluco? É literalmente impossível que esteja se vangloriando de toda essa merda! — finalmente explodo, aumentando o tom de voz. O vinco que se apossou da minha testa transparece toda a indignação que toma meu corpo para os fantasmas que assombram a cozinha vazia. — Estamos fingindo namorar para desviar a porra do seu nome daquela briga no bar! Por que caralhos bateu nele de novo?

Dessa vez, Caden não ri.

— Relaxa, tá? — ele tem a cara de pau de pedir, soando como se estivesse repleto de razão. — Brigas durante os jogos são normais. Essa não vai ter tanta repercussão como aquela. Isso eu te garanto.

— Não acredito na sua palavra — rebato, completamente sincera.

O silêncio se instala entre nós por alguns segundos. Gritos, comemorações e armários se abrindo e fechando em um campo minado de testosterona chamado vestiário é tudo o que consigo ouvir antes de Caden, finalmente, suspirar, dizendo:

— Sinto muito, tá legal? — sua voz parece pesar, como se só agora, diante de toda a euforia da vitória contra quem mais queria derrotar, se desse conta do tamanho da merda que fez. — É só que... eu vi aquele babaca indo para cima do Austin e... sei lá. Alguma coisa me fez querer arrancar a cabeça dele. — Prescott faz uma pausa. — Mas você tem razão, esquentadinha. Vou arrumar um jeito de desviar meu nome dessa confusão e fazer os fãs esquecerem.

— Só espero que não faça mais nenhuma merda, Prescott. — É o que digo, me sentindo mentalmente exausta.

Mesmo que não consiga ver, aposto que, do outro lado da linha, diretamente de Los Angeles, um sorrisinho arrogante tomou conta dos lábios de Caden assim que ouviu minhas palavras.

— Não confia em mim? — pergunta ele, a voz carregada pela prepotência habitual.

— Nunca — sequer hesito antes de responder.

O atleta ri um pouco diante da minha resposta, mais uma vez julgando essa situação engraçada. Reviro os olhos, imaginando que, se ele estivesse na minha frente bem agora, eu o daria um soco.

— Garota esperta. — É o que retruca.

E então Caden desliga.



AVERY

Nunca pensei que fosse admitir isso algum dia, mas... gosto do “estilo Prescott” de resolver os problemas.

É sábado à tarde e o sol escaldante brilha em meio ao céu azul das Maldivas enquanto Caden e eu chegamos à recepção do hotel, sendo atendidos no mesmo instante. Dois mensageiros devidamente vestidos não hesitam ao se aproximarem, se oferecendo para tomar nossas malas.

Enquanto Prescott conversa com uma mulher loira atrás do balcão, checando nossa reserva e buscando pegar os cartões para entrarmos em nossa instalação, me permito dar uma boa analisada ao meu redor, ficando deslumbrada com a impecável decoração da recepção.

Cerca de uma hora atrás, pousamos no Aeroporto Internacional de Malé e pegamos o hidroavião, que nos trouxe ao hotel em um passeio agradável. Durante o curto trajeto, enquanto deslumbrava a água azul abaixo de nós pela janela, todos os pensamentos que me faziam duvidar se esta seria mesmo uma viagem agradável simplesmente evaporaram da minha mente, sumindo pelos ares.

Depois do jogo em Los Angeles, quando perdi o controle com Caden e o liguei furiosa, sem o menor resquício de paciência, Paxton fez o mesmo. O nome de Prescott começou a circular pela internet na mesma medida que

acontece quando a Amazon resolve dar livros de graça. Caden e Dax Colton subiram como raios nos assuntos mais comentados do Twitter, ultrapassando o da revelação da gravidez de uma cantora mundialmente famosa e a fofoca de um jogador de basquete, que traiu a esposa mais uma vez e estava sendo massacrado pelos internautas.

Mas, diferente da briga no bar, desta vez as pessoas pareceram gostar do que viram. A grande maioria, pelo menos.

Gostaram de assistir Caden perder a cabeça e defender o melhor amigo após o golpe de Colton, o capitão do time rival. E, se para alguns ainda não estava claro a gigante tensão e rivalidade existente entre os dois atletas, agora está.

Mas, mesmo assim, Caden não quer ficar conhecido como o "jogador que brigou com o capitão dos Kings mais uma vez".

E é por isso que estamos aqui.

Em meio às Maldivas.

Viajando juntos e agindo como o casal que fingimos ser.

Assim que Prescott contou sua ideia ao Paxton, ele a julgou como boa no mesmo instante. Disse que, assim como Savannah, concordava que essa viagem, contanto que geremos conteúdo suficiente, seria capaz de desviar o nome de Caden de mais uma polêmica envolvendo Dax Colton.

E eu, bom... relutei um pouco em aceitar a ideia de início, mas acabei aceitando. *Afinal, quem nega uma viagem toda paga às Maldivas?*

Mesmo que a companhia seja um jogador de hóquei prepotente, com síndrome de superior e sorrisos arrogantes, seria loucura da minha parte.

Este lugar é incrível.

Como um sonho.

E, enquanto atravessamos a estrutura do hotel, na Ilha de Medhufaru, sobre as águas claras da lagoa no Atol de Noonu, e ouvimos uma das guias nos explicar onde está localizada cada uma das atividades do hotel, tudo que penso é que teria me arrependido muito, caso tivesse dito não à essa viagem.

Caden até pode ser uma das pessoas mais insuportáveis no mundo, mas sinto como se nem mesmo ele pudesse estragar esta viagem.

— Todas as villas contam com um quarto principal espaçoso, um frigobar amplo, uma adega privativa com uma seleção de vinhos, um deck ao ar livre com espreguiçadeiras e sua própria piscina privativa — explica Lisa, a guia, parando em frente à nossa instalação, seu inglês carregado de

sotaque. Ela nos lança um sorriso antes de continuar. — Além disso, o quarto possui teto retrátil, para que possam contemplar as estrelas.

Preciso reprimir um gritinho animado assim que escuto a informação. Ao meu lado, Caden me encara com as sobrancelhas levantadas, como se também estivesse impressionado com o luxo do hotel.

Já estive em lugares conhecidos mundialmente pela sua beleza e luxuria, mas nunca, em nenhuma circunstância, algum deles pôde chegar aos pés deste hotel.

Tenho a sensação de estar pisando no paraíso.

— O almoço ainda está sendo servido, caso queiram dar uma passada em um dos restaurantes — Lisa continua, focada na missão de nos impressionar ainda mais. Seu cabelo cacheado emoldura o rosto fino perfeitamente simétrico. — Se preferirem, também podem optar pelo serviço de quarto. Os bares ficam abertos até o início da madrugada.

Os mesmos mensageiros da recepção passam por nós, deixando nossas malas em frente à porta de madeira.

Eu os agradeço, recebendo um sorriso de cada um em troca.

— Se precisarem de qualquer coisa, ou quiserem tirar qualquer dúvida, por favor, não hesitem em nos chamar — Lisa continua, explicando com sua doce voz. — Estaremos à disposição a todo momento.

Caden a agradece, recebendo um menear de cabeça em resposta.

Quando os três funcionários saem, nos dando as costas, ele não perde tempo antes de aproximar o cartão ao leitor da porta, nos dando acesso ao espaço onde iremos passar o final de semana.

Assim que entramos, um tanto apressados e ambos com os olhos brilhando, sou obrigada a usar toda a força existente em mim para não sair saltitando feito uma criança da segunda série, feliz após chegar a um parque de diversões.

Com as paredes e o piso feitos de madeira clara, móveis brancos e rústicos e grandes janelas que ocupam quase todas as paredes, nos dando a incrível visão de uma lagoa azul, este lugar é a mais clara representação do que existe no fim do arco-íris.

É perfeito. Mágico. É surreal.

O destino ideal para um casal que está perdidamente apaixonado.

E é com esse pensamento que, enquanto exploro os arredores, indo até o quarto, sinto uma pontada de desapontamento me atingir, temendo o pior. E assim que chego ao cômodo, conectando meus olhos a um móvel em

específico e fazendo minha teoria se revelar verdadeira, sou atingida por uma tremenda vontade de chorar, que chega sem piedade alguma, feito uma desesperada enxurrada.

É claro! Estava bom demais para ser verdade.

— Qual é a porra do seu problema, Prescott? — É o que institivamente grito, ainda focando os olhos no móvel que parece aterrorizante, sequer ligando para o fato de que o atleta nem mesmo está no mesmo quarto que eu. — Só tem uma cama!

Nos segundos seguintes, o silêncio é a única resposta que recebo. Mas então, como se despertasse, os grandes pés de Caden saem andando pelo piso em passos pesados, que chegam aos meus ouvidos enquanto se aproximam de mim.

O observo parar no batente da porta, lançando um breve olhar até a maldita *única cama*. E então, simplesmente, como se não se importasse e invalidasse o meu desespero, o idiota dá de ombros.

E quase voo na cara dele assim que vejo o habitual sorrisinho presunçoso se armar em seus lábios.

— Eu vou te matar — aviso, cerrando os punhos ao lado do corpo enquanto o fito com minhas íris ardendo em chamas. Praticamente sou capaz de senti-las queimar. — Estou falando sério. Se você tiver mesmo feito isso de propósito, eu vou te matar.

O babaca com síndrome de narcisista se recosta no batente, cruzando os braços em frente ao peito ao permanecer me encarando com desafio flutuando em seus olhos escuros.

E, simples assim, perco a paciência.

Em passos largos e furiosos, avanço em direção a ele, que sequer se mexe quando paro à sua frente, bem diante do seu nariz. Caden, de repente, parece prender a respiração ao cravar a atenção de seus olhos aos meus. O sorrisinho deixa seus lábios no mesmo instante, deixando o caminho livre para que, diante da inesperada aproximação, sua garganta engula em seco.

Duas vezes.

Estamos tão próximos, que, ao inalar seu perfume, sou capaz de sentir o toque amadeirado quente e intenso. E sei que se dermos um único passo sequer, nossos corpos se colidiriam, nos deixando sem saída.

Devagar, mantendo o contato ácido entre nossos olhares, aproximo o indicador da mão esquerda do seu peito, logo acima dos braços que insiste em manter cruzados sob a camiseta branca que usa, e sopro:

— Você vai dormir no chão.

Prescott pisca algumas vezes quando me afasto, se libertando de qual tenha sido o transe que se enfiou. Demonstrando estar de volta à realidade, deixa que uma risada fraca escape pelos seus lábios.

— Meu Deus, esquentadinha! Que tipo de monstro pervertido acha que sou? — pergunta, fazendo com que eu infle as bochechas ao soltar uma pesada lufada de ar. — Não fui eu que solicitei um quarto com apenas uma cama, tá legal? Foi o próprio hotel. Afinal de contas, é isso que costuma acontecer quando casais fazem reservas e dizem não ter filhos!

A alguns passos de distância, também cruzo os braços.

— Você poderia ter se certificado de que nós dois teríamos lugares para dormir antes de me arrastar para esta viagem, não?

Aparentando estar sem paciência, Caden deixa que os braços caiam ao redor de si, bufando ao retrucar:

— Desculpa se eu não consegui pensar em tudo!

Sinto como se meu corpo estivesse a um passo de explodir.

— Duas camas eram o mínimo, Prescott! O mínimo!

— Então, Avery, se está tão incomodada, faz você a reserva da próxima vez! — É o que ele grita ao sair do quarto, dando as costas antes de desaparecer no corredor.

E indignada diante da sua reação, como se esquecesse que o motivo principal para estarmos *aqui* foi que *ele* resolveu se enfiar em mais uma polêmica ao *socar* o capitão do time rival no gelo, corro até a porta, berrando ao retrucar:

— Não terá próxima vez se você for controlado o suficiente ao ponto de não socar mais ninguém!

E, com essa, bato a porta.

Fico encarando a madeira por um bom tempo, sentindo a respiração acelerada, errando o compasso. E é só quando dou alguns passos até a cama, me sentando nela, que percebo que fui uma idiota ao pensar que essa viagem seria minimamente agradável.

Porque manter a paciência com uma companhia como Caden Prescott, é uma tarefa impossível.

E a discussão infantil que acabamos de ter é só mais uma prova disso.



— Chegou o serviço de quarto. — Vinda de trás da porta, é o que a voz de Caden diz, pela segunda vez durante as últimas horas.

Deitada na cama, procuro pelo controle remoto da tevê em meio às cobertas antes de abaixar o volume do documentário entediante sobre a vida marinha que estou fingindo assistir, e pedir:

— Pode deixar aí na porta, como fez com a do almoço.

O silêncio se instala do outro lado da parede por alguns segundos. Estou prestes a aumentar o volume da televisão novamente quando a voz de Caden é mais rápida:

— Não — É o que ele diz, simplesmente.

Franzindo o cenho, me sento na cama, me esforçando em carregar a voz com a mais genuína descrença ao demonstrar indignação:

— *O quê?*

— Eu disse que não — Prescott é rápido na resposta. — Se não quiser passar fome, terá que destrancar a porta do quarto e vir jantar comigo na sala. Já passamos o dia todo sem aproveitar o hotel. Não vou mais deixar que estrague a viagem com essa sua mania besta de ficar brava comigo por motivos idiotas.

O vinco que toma minha testa se intensifica a cada palavra que ouço, transparecendo com clareza toda a minha incredulidade. Fechando os olhos, solto uma pesada lufada de ar pela boca, criando o mínimo de vontade possível para levantar da cama, calçar os chinelos e ir até a porta.

Mas, assim que giro a maçaneta, esperando dar de cara com as íris escuras de Caden, ele já não está mais ali. À procura, meus olhos encontram suas costas no final do corredor, fazendo uma curva ao deixar o espaço apertado, chegando à sala, onde a luz acesa é branca e forte, comparada à escuridão que me abraçava enquanto estava no quarto, iluminado apenas pela tela da televisão.

Fechando a porta atrás de mim, ouvindo o ranger baixinho que a madeira faz, me apresso em seguir seus passos, mesmo que contra a minha vontade.

Depois da discussão de hoje mais cedo, decidi que não estava com cabeça para fazer nada e passei o dia todo assistindo a programas duvidosos na tevê. Caden pediu serviço de quarto para o almoço, e deixou em frente à

minha porta por vontade própria, sem sequer me chamar para comer junto a ele, como se também estivesse irritado o bastante para não querer me ver.

E, pelo visto, agora se arrepende disso, já que não quer me permitir continuar em paz ao deixar que jantemos em cômodos distintos.

Assim que chego à sala, o encontrando sentado em um sofá, posicionado em frente a uma das grandes janelas, que exibe a escuridão da lagoa, fracamente iluminada pelas luzes do hotel, sou obrigada a reprimir o arquejo em surpresa que ameaça escapulir pela garganta.

Em frente ao sofá, em uma pequena mesa de madeira branca, estão nossos pratos e taças.

Todos em volta de um candelabro.

— Deixa eu adivinhar — começo, chamando os olhos de Caden para mim no mesmo instante. Surpresa flutua por suas íris escuras, como se, até este momento, Prescott se questionasse se eu preferiria passar fome no quarto a ter um jantar com ele. — Agora é o momento em que incorporamos a Bela e a Fera e saímos rodopiando pela sala com nosso candelabro e louças falantes?

O atleta sorri, parecendo relaxar ao perceber que o tom ácido não se faz mais presente em minha voz.

— Você é atriz, saberia bem como fazer o papel — comenta, brincalhão. — Já eu, apesar de ser um verdadeiro príncipe em minha forma humana, não preciso que um amor me traga de volta a ela.

Soltando uma risadinha fraca, dou mais alguns passos até ele, me aproximando.

— Sinto muito em quebrar suas expectativas, Prescott — começo, me sentando ao seu lado. Os olhos de Caden acompanham cada um dos meus movimentos. — Mas você está mais para o lenhador da Chapeuzinho Vermelho.

— Por quê? Só por que jogo hóquei?

— Não. Porque você é um idiota.

Em resposta, Caden solta uma risadinha, se recostando no sofá. Capto o divertimento flutuando por suas íris no momento em que as conecta ao jantar sobre a mesinha. Ele, em um gesto despreocupado, entrelaça as mãos atrás da cabeça ao dizer:

— Aposto que esse tal lenhador não faria um jantar à luz de velas para se desculpar por não ter solicitado um quarto com cama extra para sua namorada de mentira.

Arqueando as duas sobrancelhas, abro um meio-sorriso ao questionar:

— Isso é um pedido de desculpas?

Prescott volta a me olhar, dando de ombros.

— Pedi os dois pratos mais caros do menu, se serve de consolo — revela, ainda recostado no encosto do sofá. Uma careta toma seu rosto antes de continuar. — Espero que não seja alérgica a nenhuma dessas comidas estranhas. Nem gosto de pensar qual seria o meu prejuízo caso tenha que pedir outro prato *e* ainda tenha que te levar ao hospital por estar parecendo um baiacu.

Rio fraco ao assisti-lo inclinar o tronco para frente, afastando as mãos da cabeça ao levá-las à tampa de metal de um dos pratos, a puxando para revelar o que há por baixo.

— Essa seria uma boa maneira de assassinar alguém — comento, naturalmente.

No mesmo instante, Caden traz seus olhos um tanto arregalados até os meus. Desaprovação toma o seu semblante.

— Você precisa parar de ler tantos livros de serial killers. Isso está mexendo com a sua cabeça.

O ignoro, me arrumando no sofá, tentando encontrar uma posição confortável ao sentar sobre as próprias pernas. Espio quando Caden tira a outra tampa do prato à nossa frente, que imagino ser o meu, já que está mais próximo a mim.

No mesmo instante, o aroma da mistura dos diversos temperos passa a flutuar pelo ambiente, alcançando meu nariz.

— Dizem que a lagosta das Maldivas tem um sabor diferente das do resto do mundo — Caden comenta, passando a servir nossas taças com a garrafa de vinho branco, posicionada ao lado dos pratos.

Inclino a cabeça um pouco para o lado, analisando o crustáceo morto em meu prato, com um tom avermelhado. No mesmo instante, sinto a barriga se revirar.

Já estive em muitos restaurantes peculiares e hospedagens luxuosas, mas sempre optei por pedir os pratos mais comuns do cardápio.

Principalmente os infantis.

Amo camarão, mas, sendo a especialidade do meu pai, cresci comendo-o com frequência. Não tenho tendência a consumir frutos do mar. A não ser peixe cru com muito *shoyu*, em restaurantes japoneses.

E é por isso que, assim que percebo o que tem no prato de Caden, sinto a necessidade de agir como uma criança de cinco anos, que pede para trocar de sorvete com a mãe todas as vezes que vão ao shopping, pois sempre se arrepende do que pediu.

— Quero trocar. — É o que peço.

Caden me encara no mesmo instante, com uma sobrancelha arqueada. Confusão circula por seus olhos no momento em que me entrega uma taça, agora já cheia.

— Trocar o quê?

Seguro o cristal de suas mãos, inflando um pouco as bochechas ao me sentir ridícula.

— Os nossos pratos — revelo, recebendo uma feição ainda mais confusa do homem à minha frente. — Você pediu uma massa estranha pra você, mas que parece gostosa. Enquanto isso, o que tem no *meu* prato é um bicho vermelho e morto.

Prescott, finalmente entendendo do que se trata, explode em uma risada rouca.

— Não gosta de lagosta? — É o que questiona, claramente se divertindo.

Dou de ombros.

— Nunca experimentei.

Caden volta a atenção à mesinha, trocando as posições dos nossos pratos sem sequer pestanejar. Quando está feito, seus olhos retornam até mim.

— Pronto. Nada de lagosta para você — diz, uma linha fina se curvando em seus lábios. — Aposto que o lenhador da Chapeuzinho nunca seria tão gentil assim.

Rio abafado antes de responder:

— Se ele estivesse tentando desesperadamente se redimir com alguém, talvez até seria.

Prescott revira os olhos em brincadeira, soltando uma lufada de ar pelos lábios.

— Tudo bem — diz. — Você venceu. Pode ficar com o meu jantar e a minha dignidade.

Levando a taça aos lábios, dou um gole no vinho, apenas para esconder o sorriso.

Assim que começamos a comer, fico surpresa ao notar que a massa estranha que Caden havia pedido pra ele é realmente gostosa, cheia de sabores. Prescott também aparenta estar feliz com a lagosta, já que, de boca cheia, me lança um sinal de aprovação com uma das mãos a cada garfada que dá, me fazendo rir um pouco.

E, diante do estranho clima agradável que se instalou entre nós, agimos como se não nos lembrássemos da briga que tivemos mais cedo. E nos obrigamos a ignorar o fato de que, dentro de algumas horas, teremos que encontrar uma maneira de dormirmos bem, já que temos apenas uma cama de casal, que jamais dividiríamos.

Estou encarando a grande janela à nossa frente, observando a escuridão das águas da lagoa, que se movimentam em meio aos poucos pontos de luz, quando, levando minha taça aos lábios, tomando mais um longo gole de vinho, sou surpreendida pela luz de um *flash*, sendo lançada em minha direção.

Deslizo minha atenção para Caden no mesmo instante, o encontrando com o celular nas mãos enquanto ostenta um sorriso no rosto — sem o menor toque de arrogância, dessa vez.

— O que pensa que está fazendo? — questiono, sem tanta acidez na voz.

Prescott vira a tela do celular para mim, me mostrando a foto que tirou. Sou pega de surpresa quando, sem dizer nada, desliza o dedão pela tela, passando por algumas outras fotos, todas tiradas nesses últimos minutos, porém, sem *flash*.

A última delas é uma em que estou sorrindo. E estou verdadeiramente bonita, como se tivesse consciência que estava sendo fotografada, sendo que, na realidade, nem ao menos sabia que Caden estava com o celular nas mãos.

— Você deveria sorrir mais — ele diz, voltando o celular para si, o afastando de mim. Seus olhos escuros se focam na imagem capturada, analisando-a ao completar: — Fica linda quando sorri.

Desviando o olhar, voltando a encarar a lagoa à minha frente, do outro lado do vidro, me obrigo a acreditar que a sensação que estou sentindo em minhas bochechas, como se estivessem queimando, é totalmente gerada pelos goles de vinho que ingeri.

— Se acha que vou ceder ao encanto dessa sua quase-cantada barata, está muito enganado, Prescott — engolindo em seco, reúno todas as forças

para soltar a provocação, que sai mais embargada e fraca do que o de costume.

Caden ri, voltando a se recostar no sofá que ocupamos. Deslizando os olhos para a mesma direção onde os meus estão, ele também passa a observar o que existe além da janela, ao dizer:

— Desculpa. Sabe que é mais forte do que eu.



Estou deitada na cama, observando as estrelas através do teto retrátil do quarto, quando a porta do banheiro é aberta, liberando todo o vapor quente que circulava lá dentro.

Vestindo uma calça de moletom cinza, com o cós baixo, revelando a faixa de uma boxer preta, Prescott anda em minha direção, secando os cabelos pretos com uma toalha branca úmida durante o curto trajeto.

Me sentando sobre o colchão, desviando meus olhos para longe das estrelas e os focando no homem parado na ponta da cama, comento:

— Já arrumei o cantinho onde você vai dormir.

Caden franze o cenho no mesmo instante, afastando a toalha dos cabelos, que permanecem úmidos e espetados para diferentes lados, em uma bagunça e tanto.

— Não lembro em que momento concordamos que seria *você* quem iria dormir na cama.

Revirando os olhos, tomo uma respiração profunda, unindo todas as forças ao responder, me obrigando a manter a calma:

— Eu pensei que isso estivesse claro desde o momento que discutimos por *você* ter esquecido de solicitar um quarto com duas camas.

Prescott, em sua ignorância habitual, abre o maior sorriso irônico nos lábios.

— Não, não estava claro não — ele diz. De repente sou tomada pela vontade de o acertar um soco na cara. — Eu gastei com o jantar e troquei de prato com você. Agora é sua vez de me retribuir o favor e desocupar a cama.

Deixo que uma feição indignada tome meu semblante no momento em que Caden dá as costas, sem dizer mais uma única palavra, como se estivesse cheio da razão e essa fosse nossa cartada final.

O idiota vai até sua mala, que está aberta sobre o piso, revelando toda a sua bagunça, e se agacha, usando as mãos para vasculhar por seja lá o que esteja procurando.

O pensamento de Caden fazendo isso constantemente, em todas as suas viagens para jogos e estadias em hotéis, atravessa minha mente.

Diferente de mim, ele nem se preocupou em guardar as roupas no closet, onde tem espaço suficiente para nós dois utilizarmos. Talvez tenha desistido do ato monótono de ter de desfazer malas inúmeras vezes durante o mês.

Prescott encontra uma regata branca amarrotada, a tirando da mala antes de se levantar e começar a vesti-la. Enquanto passa a cabeça pelo tecido, desvio meu olhar, analisando o grosso edredom e o travesseiro que estendi sobre o chão, ao lado da parede, a alguns passos de distância da cama.

A pontada de dor atinge minhas costas no instante em que me imagino dormindo lá.

— É o seguinte — resolvo dizer, colocando meu pensamento para fora ao chamar os olhos de Prescott até mim, fazendo-os se conectarem aos meus. — Se sentir sua respiração, seu cheiro, ouvir seu ronco ou qualquer merda do tipo, eu vou te empurrar da cama — começo. Caden inclina minimamente a cabeça, suas íris tomadas por uma mistura de diversão e confusão. Como se já tivesse ideia de qual rumo minha fala possa tomar, mas ainda não fosse certeza. — E se, em uma clara tentativa de *suicídio*, tentar encostar em mim, decapito suas mãos.

Um sorriso rasga os lábios de Caden.

— Está dizendo que vamos dividir a cama?

Bufando, aponto o dedo indicador em sua direção, tentando soar o mais amedrontadora possível ao declarar:

— Estaremos separados por uma barreira de travesseiros. Sem gracinhas. Sem qualquer aproximação. Sem acordar o outro no meio da noite — listo. — Caso precise ir ao banheiro, vá na ponta dos pés.

Em um gesto mais do que ridículo, Prescott endireita a postura, levando a mão à testa, em posição de soldado batendo continência, e responde com a voz mais grossa que é capaz de fingir:

— Sim, capitã.

Rolo meus olhos, puxando os travesseiros ao meu redor e os posicionando no meio da gigantesca cama. Rindo um pouco, como se

julgasse toda essa situação uma grande piada, Caden se aproxima, me ajudando a armar a barreira.

Assim que acabamos e Prescott apaga as luzes, me posiciono em um dos lados da cama, me enfiando sob a coberta, me aquecendo da baixa temperatura do ar-condicionado.

Sinto o colchão se mexer assim que Caden se deita.

Cedendo à curiosidade, viro a cabeça levemente para trás, checando se ele também está de costas para mim, assim como estou para ele.

E quando, além do limite dos travesseiros, tudo que vejo não passa da parte de trás da sua cabeça e sua regata branca, demarcando seus músculos das costas, sou tomada por uma pontada de alívio.

— Eu falei sério, Prescott. Se ousar se aproximar de mim, vou deixar seu olho mais roxo do que Dax Colton deixou.

Caden solta uma risada baixinha.

— Pode falar o que quiser, mas eu acabei com ele no jogo.

Sou tomada pelas lembranças de Caden defendendo a honra de Austin em meio ao gelo, se colidindo com Dax antes de iniciar a briga.

— Você se acha — digo.

A resposta do idiota vem logo depois:

— Não acho, eu tenho certeza.

E é então que, revirando os olhos e lutando contra um sorriso bobo que ameaça tomar meus lábios, puxo a coberta ainda mais sobre mim, afofando-a ao desejar, com a voz um tanto cansada:

— Boa noite, Prescott.

— Boa noite, esquentadinha.



CADEN

Sinto o vapor quente circular ao redor da pele quando deslizo o chuveiro, cessando o único som que se fez presente à minha volta desde que acordei, além do piar dos pássaros.

Quando me levantei, há alguns minutos, Avery ainda estava capotada. E, diferente do que imaginei ontem à noite, quando decidimos dividir a cama, ela aparentou ter dormido bem.

Assim como eu, não se mexeu e respeitou o limite da barreira fofa de travesseiros que criamos, que estava intacta esta manhã.

Mas, ao contrário de mim, não acordou sequer por uma vez durante a madrugada. Acontece que descobri que Avery Lakeland ronca.

Está longe de ser aqueles roncos altos e pesados, capazes de assustar vizinhos e reverberar pelas paredes. É um ronco baixinho, seguido por um suspiro tranquilo.

Quase como se estivesse perdida em seus próprios sonhos, em seu mundinho feliz, onde é capaz de relaxar a todo momento.

E quando meus ouvidos captaram seu som, voltei a encostar a cabeça no travesseiro e, com um sorrisinho delineando os lábios, retornei a dormir.

Foi inevitável imaginar seu rosto naquele momento.

Pensei em como suas bochechas deviam estar vermelhas e amassadas. E em como sua boca devia estar minimamente aberta.

E, não vou mentir, a forma como a pintei em minha mente foi extremamente adorável.

Me peguei desejando que Lakeland e eu tivéssemos ido dormir um de frente para o outro, para que pudesse observá-la naquele momento.

— Não sabia que já estava acordada. — É a primeira coisa que comento assim que deixo o banheiro, chegando ao quarto. Sinto algumas gotas de água pingarem do meu cabelo, atingindo meus ombros nus, devido à falta de camiseta.

Sentada na cama, a atriz nem se dá ao trabalho de me olhar, apenas continua com as íris cravadas no celular que segura, digitando uma mensagem ao responder em voz alta, soando um tanto indiferente:

— Faz alguns minutos que levantei. Você estava no banho. Aliás, precisamos rever seu tempo debaixo d'água. Assim como ontem à noite, seu banho durou mais que o necessário.

Dou de ombros, atravessando o quarto, indo até minha mala.

Quando me agacho para vasculhar minhas roupas, tomando o cuidado necessário para que a toalha amarrada em meu quadril não escorregue, ouço a risadinha que Avery solta, vinda de trás de mim.

— Marlon Fournier é um gostoso, não acha? — É o que ela pergunta do nada, como se eu fosse uma das suas amigas, com quem adora conversar sobre seus interesses românticos.

No mesmo instante, sinto meus membros congelarem. Uma paralisia repentina toma conta deles.

E meu cenho se franze quase que imediatamente, acompanhando meu cérebro, que se esforça para processar a informação não solicitada.

Quando ouço outra risadinha, viro a cabeça na direção de Avery, que ainda permanece sem me encarar, apenas teclando no maldito celular.

Falando com *Marlon Fournier*, ao que parece.

Lutando contra a carranca que ameaça tomar meu rosto, retorno a atenção à minha mala, pegando a primeira roupa de banho que encontro. Uma bermuda simples e uma regata branca, mais simples ainda.

Em silêncio, vou até a poltrona no canto da sala, onde a toalha que usei no banho de ontem está pendurada. Pego a mesma ao me sentar, esfregando-a em meus cabelos úmidos.

Incomodado ao ver Avery agindo como se estivesse sozinha no quarto, rindo para o celular feito uma idiota, conversando com o francês ao invés de falar *comigo*, que estou bem na sua frente, reviro os olhos, bufando alto, tentando chamar atenção.

Ela não parece notar. Ou, se nota, demonstra não se importar.

Então bufo de novo.

Desta vez, mais alto.

— O que foi, Prescott? — a voz impaciente de Avery pergunta, como se, por alguma razão, soubesse que estou tentando chamar sua atenção de propósito, feito uma criança birrenta. Mas assim que seus olhos se conectam a mim, pela primeira vez no dia, ela os arregala um pouco.

Sua boca rosada se fecha. E ela engole em seco.

Sigo seu olhar, percebendo suas íris analisando meu abdômen à mostra, mas então, rapidamente, Avery as desliza até meus olhos.

Luto contra a vontade de sorrir satisfeito diante do seu nervosismo.

— Nada — dou de ombros, respondendo à sua pergunta. Deixando a toalha que secava meus cabelos sobre meu colo, em cima da que está enrolada em meu quadril, me recosto na poltrona, entrelaçando as mãos atrás da cabeça, tentando passar um ar despojado. Os olhos da atriz observam meus braços. — Só acho babaquice o cara dar em cima de você mesmo pensando, assim como todo mundo, que estamos em um relacionamento.

Avery entra em estado de alerta assim que escuta minhas palavras.

— Ele, com certeza, é um babaca — continuo, sequer ligando para o fato de que não o conheço. — E você não merece andar com babacas.

Lakeland fica em silêncio por alguns segundos, como se estivesse surpresa diante do que acabei de dizer. Mas então, como se saísse do buraco fundo de pensamentos no qual se enfiou, endireita a postura, deixando que uma feição séria e acusativa tome seu semblante.

— Você é um babaca — ela julga, apontando o indicador em minha direção. — E, neste momento, não estou *só* andando com você, como estou *viajando* e *fingindo* estar em um relacionamento.

Voltando as mãos ao meu colo, inclino um pouco o corpo para frente, a fitando.

— Pelo menos eu não dou em cima de mulheres que *sei* serem comprometidas. Não pode me comparar ao *Marlon Fournier* nesse sentido — carrego a voz com o máximo de cinismo ao dizer o nome dele.

Odeio esse cara.

Avery abre a boca para retrucar, buscando por uma desculpa esfarrapada para defender o cara. Mas assim que não encontra nada, a fecha, murchando.

Deixo que um sorrisinho tome meus lábios ao me levantar.

— Sabe que estou certo. Se ele estivesse dando em cima de qualquer outra mulher comprometida, você provavelmente ficaria enojada.

— Acontece que eu não estou namorando *de verdade* — sua resposta vem rápida, seguida de um resmungo.

Dou de ombros, parando à sua frente, em um dos lados da cama.

— Mas não é isso o que o mundo pensa, esquentadinha. — Continuo ostentando o sorrisinho que sei que é capaz de irritá-la. Levanto as sobrancelhas ao continuar: — Inclusive, falando em todo mundo, tá na hora de levantar. Temos um dia cheio de fotos para tirar e conteúdo para gerar. Queremos deixar Paxton contente, não queremos?

Em resposta, Avery apenas resmunga mais uma vez, se deitando na cama. Ela alcança um dos travesseiros da barreira, o puxando para si, escondendo o rosto no mesmo.

Rio diante da cena, vendo-a se comportar como uma criança birrenta.

— Estou falando sério. Estamos nas Ilhas Maldivas. Não vou deixar que fique o dia todo trancada no quarto, como ontem.

— Ainda está muito cedo para começar o dia — sua voz abafada responde, afogada pelo travesseiro com fronha branca.

O alcanço com as mãos, fazendo força para afastá-lo dela. Avery percebe meu golpe rápido demais, lutando contra mim ao segurar nas bordas da fronha, com toda a força.

— É sério, esquentadinha — comento, em meio à luta que travamos. — Vá se arrumar.

Suspirando, a atriz se dá por vencida ao afastar as mãos da fronha branca, deixando-as mole ao lado do corpo. Quando finalmente a trago de volta à luz, afastando o travesseiro do seu rosto, me deparo com seus lindos olhos verdes me fitando, nada contentes.

— Você é insuportável, sabia? — ela diz, levantando as sobrancelhas, parecendo completamente sincera.

Isso me faz rir.

Dou as costas, retornando até um dos cantos do cômodo, onde minha mala está.

— Eu sou um gostoso, isso sim — comento ao pegar a regata que havia separado há alguns minutos.

Atrás de mim, Avery solta uma risadinha.

— E extremamente convencido, também.

Me viro para ela, passando o braço pelo devido buraco na peça de roupa.

Um sorriso toma meus lábios assim que percebo os olhos de Avery acompanhando meus movimentos.

— É sério — digo, chamando a atenção dela para meu rosto. — Vai se trocar. Estou morrendo de fome. E quero tomar café da manhã logo. Todo mundo sabe que café da manhã de hotel é o melhor.



14

AVERY

Prescott estava certo.

A mesa de café da manhã é, sem dúvida, a melhor parte de se hospedar em um hotel.

Principalmente se ele for como o que nós estamos.

O salão onde o café da manhã é servido é extenso, repleto de cadeiras brancas com estofados felpudos, que rangem forte ao serem arrastadas em uníssono em diversas mesas, montadas com talheres cintilantes e guardanapos de pano. A diversidade de alimentos chega a ser assustadora. Variando entre doces e salgados, o cardápio do serviço de self-service é composto por comidas de diferentes países. Algumas com uma boa aparência e outras não.

— Isso parece ser bom — comenta Caden, estendendo a mão até um dos pegadores metálicos e empilhando dois bolinhos desconhecidos por mim em seu prato, aumentando ainda mais a montanha que ali fora formada. Deslizo o olhar até a pequena placa prateada em frente ao que ele acabou de pegar, lendo o nome “pão-de-queijo”, logo abaixo da bandeira do Brasil, nas cores verde e amarelo.

Faço uma careta ao voltar minha atenção para seu prato novamente.

Ao que parece, mais um estereótipo citado nos livros e séries está certo. Jogadores de hóquei comem como se estivessem passando fome há anos.

Sigo a pequena fila formada à minha frente, composta apenas por dois homens. Um casal, ao que parece.

Minha boca passa a salivar no instante que paro em frente a sessão dos doces, colocando uma fatia de torta de limão no meu prato.

Todo mundo sabe que doces com limão são superiores a todo o resto. Mesmo que artificiais.

— Pega uma pra mim? — pede Caden, atrás de mim, enquanto deixa a fila, com a montanha quilométrica em seu prato.

Lanço um olhar de descrença para as suas costas. *É sério que, mesmo com o prato sem espaço algum, ele ainda quer que eu pegue mais coisa para ele?*

Dou de ombros, enfiando outra fatia da torta na estrutura de porcelana em minhas mãos, que também já está quase sem espaço.

Dou as costas, seguindo em direção ao central do Washington Capitals, que, durante o trajeto da nossa instalação até aqui, recebeu alguns olhares curiosos, sendo reconhecido.

Uma garota, assim que conectou suas íris azuis a Caden, passou a puxar a saia da mãe de forma frenética quando passamos por elas, ouvindo o xingamento que a mãe soltou em inglês, alegando que a menina a deixaria pelada.

Tive que conter uma risada nessa hora.

— Você é daquelas naturebas ao algo assim? — É o que um Caden de boca cheia pergunta, assim que me sento à sua frente, na mesa escolhida por ele, logo ao lado de uma janela enorme com vista para a lagoa.

Franzo a testa antes de seguir o olhar do atleta, percebendo que o mesmo está cravado no copo grande de café gelado com leite de amêndoas que optei em beber.

— Hã, não? — aponto para a quantidade significativa de açúcar e corantes alimentícios nos alimentos no meu prato, respondendo como se fosse óbvio. — Mas gosto dessa bebida. É a minha favorita. Desde pequena, para ser sincera — esclareço. — Quando éramos crianças, Raven passou a ficar obcecada pelo corpo humano. Ela, de um dia para o outro, virou, provavelmente, a pirralha mais saudável do planeta, que desenvolveu um repudio gigantesco por doces. Aí, em um belo dia, depois de ter feito minha

mãe comprar dúzias de barrinhas proteicas e saquinhos com kilos de farinhas estranhas, Raven conseguiu me convencer a experimentar seu café gelado com “leite que não vem do animal”, como ela chamava na época. Eu fiquei obcecada na hora que experimentei. Acontece que, pode não parecer, mas é bom de verdade.

Prescott solta um risinho, dando um gole no canudo afundado em seu copo com suco de laranja.

— Sua irmã ainda pertence ao Esquadrão Anti-Doces?

Nego com a cabeça no mesmo instante, deixando que uma leve curva feliz tome meus lábios também.

— Não mais. Hoje, Raven é interna de cirurgia e, apesar de saber, melhor do que nunca, como algumas coisas podem fazer mal para o nosso corpo, ela aprendeu que às vezes precisa relaxar. Aprendeu que é saudável comer uma sobremesa ou tomar um milkshake de vez em quando — conto, me obrigando a omitir que, em um momento específico do meu passado, também tive que aprender essa lição. E que não foi uma tarefa nada fácil. Afundando as lembranças de tempos sombrios no fundo da minha mente, me certificando de que fiquem bem trancadas e não saiam de lá tão cedo, aponto o garfo na direção de Caden antes de continuar. — Mas você é um jogador da NHL. É um atleta. Uma máquina no gelo. Com certeza é viciado em academia e em coisas naturebas.

Prescott sorri antes de responder, apontando para a pilha no seu prato, da mesma forma que fiz há poucos minutos.

— Assim como Raven, também sei equilibrar as coisas.

Trago meu copo de café gelado para perto, usando o grande gole que dou para esconder meu sorriso, através do canudo.

Caden consegue ser um cara legal quando se esforça.

São poucas as ocasiões, mas, sim, ele consegue.

Com a ajuda de um garfo e uma colher, passo a segunda fatia de torta do meu prato para o dele, a colocando em uma parte vazia. Prescott sorri antes de atacá-la.

— Valeu, esquentadinha.

Murmuro um “não foi nada”, enquanto o observo saborear a cobertura de limão. Instintivamente, meus olhos se focam em sua garganta. Mais especificamente nos números que estão tatuados próximos a ela, em tinta preta.

19972018.

Uma incógnita que, por alguma razão, sinto a necessidade de saber o significado.

— Você sempre soube que queria ser atriz? — pergunta ele, puxando papo.

De repente, desperto, com medo de ter sido flagrada ao passar tempo demais encarando sua garganta. Mas, assim que conecto meus olhos aos de Caden, uma pontada de alívio me atinge ao não encontrar nada além de uma curiosidade genuína percorrendo por suas íris escuras.

— Desde que me conheço por gente — respondo, com um sorrisinho, antes de dar uma garfada no meu pedaço de torta. — É como falam, sabe? Tem gente que nasce para fazer algo, e não consegue se imaginar fazendo outra coisa.

Uma fina linha desponta nos lábios de Caden quando ele responde:

— Acho que somos exemplos vivos disso.

— O triste é saber que, diferente de nós, existem pessoas incríveis por aí, com sonhos gigantes, mas que, talvez, nunca conseguirão alcançá-los — digo.

Prescott faz uma careta diante da minha fala.

— Nunca gostei de pensar assim — fala ele. — Temos que acreditar em nós mesmos e nos nossos sonhos. Caso contrário, quem vai? Tem muita gente foda por aí que não é capaz de dar o primeiro passo em direção ao que o coração deseja só porque não consegue acreditar em si mesmo. E, na moral, isso é uma puta perda de tempo. Nós dois, por exemplo, só chegamos aqui porque persistimos desde o início.

Algo se acende dentro de mim, ao escutar suas palavras. E, de repente, minha mente me transporta para o dia que firmamos o acordo de sermos namorados falsos.

Além de limpar a imagem de Caden, toda essa farsa também está servindo para trazer a atenção necessária para o filme que protagonizei. Porque não quero que esse seja o meu único trabalho como atriz principal. E, por um momento, meu coração se enche de pesar ao imaginar quantas outras garotas existem por aí, carregando o sonho de serem vistas em gigantes telas de cinemas, mas que, por falta de oportunidade, devido aos padrões impostos pela sociedade, ou por insegurança própria, não conseguem dar o primeiro passo.

E é por isso que a representatividade em meios artísticos é importante. Não apenas a gorda, mas todas.

Para mostrar que todos nós podemos.

E, talvez, Caden nunca tenha pensado assim. Como muitas pessoas por aí, acredito eu.

— Já volto — diz ele, se levantando. Sua cadeira range ao ser arrastada pelo chão. — Vou pegar mais alguns daqueles pães-de-queijo.

Tento conter a expressão de choque que ameaça tomar meu semblante enquanto me pergunto como, depois de todo aquele prato, ainda existe espaço para mais comida dentro de Caden Prescott.

Talvez ele seja um poço sem fundo.

Enquanto observo suas costas largas se afastando, indo em direção a uma das enormes mesas com diversas variedades de café da manhã, puxo o celular do bolso do shorts jeans.

Assim que meus olhos se conectam à tela, são atraídos como imãs para uma notificação específica.

Desbloqueando o aparelho, abro o Twitter sem esperar mais um único segundo sequer.

JÁ SE IMAGINOU EM UMA VIAGEM ÀS MALDIVAS, DESFRUTANDO DA PAISAGEM INCRÍVEL E DA COMPANHIA PERFEITA DE QUEM VOCÊ AMA? BOM, AO QUE PARECE, AVERY LAKELAND E CADEN PRESCOTT ESTÃO SE DANDO BEM AO VIVER ESSE SONHO, NÃO?

Por Sarah Stuart
Charlotte.

Na noite de ontem, Caden Prescott, jogador estrela do Washington Capitals, publicou uma foto um tanto polêmica em seu Instagram. O atleta, como muitos sabem, recentemente assumiu um relacionamento com Avery Lakeland, a protagonista do filme “Um Clima Diferente”, que chega em janeiro aos cinemas.

Na imagem, está Avery. A atriz sorri, sentada no sofá, desfrutando de um jantar à luz de velas extremamente romântico, com direito a vista de uma lagoa nas MALDIVAS!!!! REPITO: ILHAS MALDIVAS!!!!

Esse casal maravilhoso parece estar aproveitando a viagem da melhor forma, não?

Quando volto a bloquear a tela do celular, deixo que uma risada fraca escape pelos meus lábios.

É assustador como a Internet pode ser facilmente manipulável, às vezes. Caden e eu passamos horas brigando, mas, tudo que eles enxergam, foi o que foi postado. Para eles, o dia de ontem foi perfeito.

Para eles, somos o casal perfeito.

Se eles ao menos soubessem que...

Meus pensamentos se transformam em fumaça, sumindo pelos ares, no instante em que meus olhos se conectam à cena que acontece em frente à sessão de doces.

Prescott ainda está com o prato vazio nas mãos, sem nada novo. Ao seu lado, uma mulher ruiva, alta e magra, ri para ele, acariciando seu braço, agindo como se fossem próximos.

No mesmo instante, uma expressão de desgosto toma meu semblante.

De longe, dá para perceber que a risada dela é completamente forçada. Não do tipo "forçada tentando ser legal", mas do tipo "estou *desesperadamente* tentando chamar sua atenção".

E Caden parece disposto a dar essa atenção, pois sorri daquele jeito galanteador que só ele é capaz. Daquele jeito que me enche de vontade de desferir um soco forte em seu rosto ridiculamente perfeito, acertando seu maxilar esculpido e marcado.

Ele está prestes a dizer alguma coisa quando uma figura mais alta e forte aparece atrás da mulher, quase a cobrindo com sua sombra. Os olhos escuros de Prescott se arregalam no mesmo instante, e ele dá dois passos para trás, quase deixando o prato cair.

O rosto da ruiva se transforma na mais genuína confusão ao perceber a estranheza que o afastamento de Caden emana. Mas, assim que vira um pouco a cabeça, se deparando com o alto homem, seu olhar se suaviza, e o sorriso volta a ser exibido em seus lábios.

Caden, ao perceber a mulher tentando acalmar o cara, aproveita para fugir. Feito um raio, ele corre em minha direção, deixando o prato esquecido em uma mesa desocupada no meio do caminho.

Assim que para ao meu lado, com os olhos arregalados, Prescott me segura pelo cotovelo, me ajudando a levantar.

— Deixa eu adivinhar — adianto, usando tudo o que há em mim para conter a risada que ameaça escapar por meus lábios. — Aquele é o namorado dela?

— É o marido — Caden responde, seus olhos intercalando entre meu rosto e o homem assustador, que permanece no mesmo lugar, ouvindo a ruiva, que persiste em tentar acalmá-lo.

De repente, enquanto sou puxada por Caden para fora do restaurante, deixo que a risada alta me escape, incapaz de continuar me contendo.

— *¡Hijo de puta!* — É o que uma voz estridente grita, vinda de dentro do salão, provavelmente assustando todos os hóspedes.

Essa é a última coisa que ouvimos antes de a porta dupla se fechar às nossas costas.



Horas mais tarde, estou deitada em uma das espreguiçadeiras, remexendo o canudinho enfiado no copo de *Sex on the Beach* que seguro, mantendo o olhar distante, quando Caden Prescott surge em meu campo de visão.

Usando apenas uma bermuda qualquer, ele esfrega o cabelo molhado enquanto caminha em minha direção, fazendo com que algumas gotas respinguem por ele, escorrendo até seu abdômen, se juntando às outras que por ali se encontram.

Volto a colocar meus óculos escuros, preocupada com o fato de ser flagrada o encarando feito uma idiota.

— Você sabia que elefantes têm medo de abelhas? — É a primeira coisa que Caden resolve dizer ao se aproximar. Ele, agindo como se não tivesse acabado de soltar uma informação extremamente aleatória e não solicitada, pega uma das toalhas da mesinha ao meu lado, esfregando-a no cabelo úmido.

— Agora é a hora que pergunto por que, do nada, resolveu pensar nesse fato, ou apenas ajo normalmente, demonstrando indiferença diante de mais uma das suas estranhezas? — questiono, usando a mão livre para afundar ainda mais a viseira branca em minha cabeça, impedindo o sol de alcançar os olhos e incomodar a visão.

Prescott olha para mim antes de revirar os olhos teatralmente.

Dando mais um gole na minha bebida, me esforço para impedir o sorriso que ameaça tomar meus lábios.

Gosto quando nossa dinâmica se inverte. Quando sou eu que consigo irritá-lo.

— Estava conversando com um menino na piscina — Caden começa a contar, se deitando na espreguiçadeira ao meu lado. Ele solta um suspiro exausto, como se todos os seus músculos, cansados após horas nadando, finalmente relaxassem, e continua: — Ele parecia ter uns 6 anos. Estava brincando com alguns bonequinhos de animais, mas parecia cagar para todos, menos para o elefante. — Ele dá de ombros. — Então, eu perguntei se aquele era o animal favorito dele. O moleque não falava inglês, e tive que repetir em espanhol. Quando me dei conta, já havíamos engatado em um papo sobre como a gravidez dos elefantes dura muito, como são fascinantes por serem um dos poucos animais que conseguem se reconhecer no espelho e sobre o medo que eles têm de abelha. — Prescott faz uma pausa, estalando a língua no céu da boca. Aproveito para dar mais um gole no meu *Sex on the Beach*. — Sabia que o máximo que um elefante consegue durar durante o sexo é *um* minuto?

No mesmo instante, me engasgo com a bebida.

Me sentando abruptamente, afasto o canudo dos lábios, tossindo algumas vezes antes de me recompor e carregar a voz com o máximo de indignação possível ao questionar:

— Você estava falando sobre sexo de animais com um menino de *seis* anos?

Os olhos de Caden se alarmam no mesmo instante.

— *O quê?* — questiona ele, quase como se estivesse ofendido, agindo como se o pensamento que acabou de atravessar minha mente fosse o mais absurdo do mundo. *Bom, ele é mesmo.* — É claro que não! — exclama, me tranquilizando. — Eu pesquisei no Google enquanto vinha da piscina pra cá. Ao que parece, mesmo durando pouco, diferente de alguns homens, os elefantes pelo menos possuem a decência de permanecer ao lado da fêmea depois de... — Ele faz um gesto com as mãos. Exatamente o mesmo que os garotos da minha sala da quinta série faziam. — Você sabe.

— É, eu sei — respondo, contendo uma careta.

— Achei interessante — Caden comenta, voltando a se deitar na espreguiçadeira. Observo alguns dos seus músculos se contraírem assim que movimenta os braços, entrelaçando as mãos atrás da cabeça, em um gesto despreocupado.

— É, muito interessante — comento, longe de estar falando dos elefantes.

Levanto as sobrancelhas, desviando o olhar. Uso um dos dedos para arrumar os óculos escuros, que ameaçam escorrer pela ponte do nariz quando dou mais um gole na bebida.

De repente, uma fina linha ameaça tomar meus lábios ao imaginar Prescott na piscina, observando o garotinho de longe, tentando decidir se se aproxima ou não. E quase deixo que o sorriso me invada diante da imagem projetada de Caden se mostrando verdadeiramente interessado no que o garoto tinha a dizer.

— Me dá um gole? — pede a voz ao meu lado.

Volto a encará-lo, me deparando com seus olhos pidões cravados na bebida que seguro. Após alguns breves segundos de hesitação, cedo, estendendo o *Sex on the Beach* na direção de Caden, que o segura no mesmo instante.

Permaneço o observando enquanto desfruta do coquetel.

Quando me devolve o copo, após um gole que quase o esvaziou por completo, Prescott se levanta. Seu corpo cheio de músculos para ao meu lado, quando pergunta:

— Vou pegar uma bebida pra mim. Quer alguma coisa?

— Agora não — respondo, sincera. Não é como se quisesse ficar bêbada. Raven sempre diz que sou fraca para bebida. E, no fundo, por mais que negue, sei que minha irmã tem razão. — Valeu.

Caden sorri antes de dar as costas, a caminho do bar mais próximo, onde uma pequena fila está formada, logo ao lado de alguns banquinhos e pessoas acomodadas a eles, aguardando ou desfrutando de seus pedidos.

Quando está a apenas alguns passos do destino, Prescott é parado.

Dois pré-adolescentes de aproximadamente 12 ou 13 anos de idade parecem genuinamente animados em vê-lo. Caden os cumprimenta com soquinhos de punhos, mantendo um sorriso radiante no rosto, e, extremamente simpático, posa para fotos com ambos os garotos, que parecem ser irmãos. O mais alto ergue o celular, apontando a câmera para Prescott e o outro antes de entregar o aparelho para o mais baixo e inverter os lugares.

De repente, ao assistir a cena, estou com um sorriso bobo estampado em meu rosto.

E sinto o coração amolecer diante da lembrança de Caden e eu em seu quarto, quando me contou sobre seu irmão e o sonho que ambos tinham em comum, de crescer e se destacar no hóquei.

Owen não conseguiu, mas Caden, sim. E imagino que, em algum lugar no paraíso, Owen Prescott se encontra extremamente orgulhoso do irmão gêmeo.



15

AVERY

Aqui vai uma coisa que aprendi ao conviver com pessoas famosas e, consequentemente, em maioria capaz de fazer qualquer um babar ao ostentar a beleza exuberante que carrega: por mais incríveis e perfeitas que possam parecer, sempre existirá algo que a estrague diante dos olhos de todos ao seu redor.

Prescott permanece ao meu lado, extremamente elegante enquanto veste seu terno caro. E, neste momento, enquanto seguro a barra do longo vestido verde oliva que uso, o impedindo de se arrastar no chão, e entro no extenso espaço de jantar do hotel, percebo que além de toda a sua habitual arrogância e irritantes sorrisinhos presunçosos, a voz de um Caden cantarolando também beira o insuportável.

Ainda mais quando ele faz isso em outra língua.

— Dá pra você calar a boca? — É o que resmungo, entredentes, me esforçando para manter o grande sorriso marcando meu rosto ao atravessar o salão decorado de forma impecável, ao lado do grande idiota, que atrai olhares curiosos de homens e mulheres feito um desgraçado imã.

Não sei o que Caden tem. Por onde passa, é reconhecido. E quando, por algum milagre, esse não é o caso, as pessoas continuam o encarando da mesma forma. Simplesmente por ele ser bonito.

Parece que sua vida é um constante ensino médio, onde ele é o rei do baile, que namora a líder de torcida e lidera a pirâmide da popularidade, chamando atenção de todos os súditos por onde passa.

É ridículo. E um tanto... *cômico?*

— Por que, esquentadinha? Vai me dizer que está com inveja do meu espanhol extraordinário? — Caden se gaba, sorrindo também. Focado em permanecer no personagem de namorado perfeito, Prescott entrelaça seu braço no meu. Pisco demoradamente, respirando fundo ao tentar conter a irritação.

E falho de forma miserável assim que *Sálvame*, do RBD, volta a sair baixinho por entre seus lábios.

A verdade é que tudo que Caden faz me irrita. Desde o dia que nos conhecemos. E não sei explicar muito bem por quê. Para mim, ele só... sempre foi um combo de extrema beleza e inconveniência.

Além de, claro, ser um jogador petulante e ridiculamente presunçoso.

— Ah, sim, estou morrendo de inveja — respondo, salivando ironia, rolando os olhos ao afastar meu braço do seu toque.

Assim que chegamos no fim do salão, onde uma fila de hóspedes já está formada em frente ao opcional self-service, Prescott finalmente para de cantar baixinho. Focado em decidir o que iremos escolher para o jantar, ele apanha um dos menus da mesa quadrada ao nosso lado, o abrindo em frente ao seus olhos para checar as opções.

— O que você quer, esquentadinha? — questiona, me encarado. Levanto as sobrancelhas antes de ouvi-lo continuar. — Pedir dois pratos do cardápio ou comer no self-service?

Dou de ombros.

— Por mim, tanto faz — respondo, sincera. Depois da porção significativa de palitos de peixe que comemos há apenas uma hora, minha fome se tornou inexistente. Só vim ao jantar porque ontem passamos todo o tempo trancados em nossa instalação, devido à briga que tivemos, e percebi o quão idiota estava sendo, sem aproveitar a estadia ao máximo. Ergo o queixo, encontrando os olhos escuros de Prescott. — O que *você* quer?

Ele parece pensar um pouco ao retornar a atenção ao menu que segura, mordendo o cantinho do lábio inferior enquanto tenta se decidir.

— Acho que... — Caden para de falar assim que ergue a cabeça, focando seu olhar em algo por cima dos meus ombros. Suas orbes se arregalam, em choque, e suas mãos parecem congelar em volta do cardápio.

Uma careta toma seu semblante assim que resolve se pronunciar, dizendo a primeira coisa que pensa: — *Merda, merda, merda!*

Um vinco confuso se forma entre minhas sobrancelhas no mesmo instante.

— O que é que...

E, antes que eu possa ter a chance de terminar minha frase, Prescott, em um movimento extremamente veloz, solta o menu em cima da mesa, o devolvendo ao lugar onde o pegou, e fecha uma de suas mãos em meu punho, me puxando para longe da mesa de forma suspeita, como se fosse um criminoso apressado, fugindo da polícia.

— Que porra você está... — Tento começar a falar, mas ele me cala quando tapa minha boca com uma das suas mãos. Semicerro os olhos no mesmo instante, sentindo seu braço livre me rodear enquanto continua me arrastando para um dos cantos do salão. Tento acompanhar os passos apressados de Caden, tomando o cuidado para não tropeçar.

E quando estou prestes a chutar sua canela, morder sua mão e o empurrar para longe, por estar sendo um completo babaca ao pensar ter algum tipo de domínio sobre mim e o direito de sair me arrastando pelos cantos, Prescott estende um dos braços e empurra a porta de madeira à nossa frente, entrando comigo no cubículo apertado de um banheiro.

— Qual é a merda do seu problema? — explodo assim que ele afasta sua mão da minha boca.

A porta atrás de nós bate, e Caden, enquanto apoia as costas na parede e solta um suspiro aliviado, apenas se dá ao trabalho de esticar um dos braços, alcançando a chave, e girá-la, nos trancando.

Franzo o cenho ainda mais, pronta para voar na cara dele.

— O que caralhos pensa que está...

— A ruiva e o marido estão aqui! — Caden me corta, como tem feito nos últimos segundos, desde que resolveu começar a agir como se estivesse em um filme de ação.

— O quê? — questiono, um tanto atordoada diante de tudo que acabou de acontecer, apesar de ter entendido o que disse com clareza.

Ofegante, Prescott apoia as mãos nos joelhos, inclinando o tronco enquanto respira profundamente, se recuperando, como se tivesse acabado de correr a maior maratona da sua vida. Ele ergue a cabeça, trazendo seus olhos até os meus.

— O marido dela estava atrás de você. A apenas alguns passos de distância. E, pela maneira como ele me olhou e gritou mais cedo, no café da manhã, sei que está disposto a desferir lindos socos no meu rostinho esculpido pelos anjos.

Bufando, reviro os olhos. Me apoiando na parede atrás de mim, cruzo os braços, focando meu olhar no idiota inconsequente à minha frente.

Estamos em um banheiro simples. Pequeno, mas limpo. A privada está com o assento e a tampa levantados e existe uma caixinha com embalagens de absorventes na pia, o que indica que o espaço é para o uso de todos, e não apenas para homens ou mulheres, como costuma ser. Não chega a ser extremamente apertado, mas o curto espaço do piso que me separa de Caden apenas serve para provar que também está longe de ser mediano.

— Viu o que resulta dar em cima de todas as mulheres que vê pela frente? — questiono, arqueando uma sobrancelha ao encará-lo, já sem o menor resquício de paciência. — Estamos presos em um maldito banheiro na hora do jantar, só porque você não foi capaz de segurar sua língua e seu instinto de babaca egocêntrico!

Ele endireita a postura, aparentando estar igualmente indignado enquanto me fita.

— Foi ela que deu em cima de mim, tá legal? Não sabia que ela era casada.

Solto um risinho desacreditado, massageando uma das têmporas.

— Aquele cara pode muito bem esmagar os seus miolos — constato o óbvio. — Já viu o tamanho dele?

Prescott, tentando se mostrar inatingível, comenta:

— Eu jogo hóquei, esquentadinha. Corro esse risco todos os dias.

Endireito a postura, inclinando um pouco a cabeça, focada em continuar, buscando atingi-lo de alguma forma:

— Ele dá dois de você. É uma máquina de músculos. Nunca vi ninguém mais forte.

Caden cruza os braços, aparentemente incomodado. Ele arqueia as sobrancelhas, em desafio.

— Aposto que ganharia dele em uma briga.

No mesmo instante, assim que escuto suas palavras, solto uma gargalhada.

Qual é o problema dos homens, afinal? Por que sempre sentem a necessidade de mostrar que são os fodões?

— Nesse caso, não sei o porquê de estarmos trancados aqui... — começo, me afastando da parede. Estico um dos braços, fazendo menção de alcançar a chave abaixo da maçaneta. — Sabe, você pode muito bem enfrentar ele e...

Sem pestanejar, Prescott me impede, segurando meu braço. Sua mão fria e calejada se fecha ao redor da minha pele, e me surpreendo ao sentir o choque do contato percorrer meu corpo.

De modo automático, o sorrisinho estampado em meus lábios desaparece gradativamente. Encontro seus olhos com os meus, me deparando com nossos rostos extremamente próximos.

Não reparei quando Caden resolveu se aproximar, mas, devido ao cubículo onde estamos, não me sinto surpresa diante disso.

Seu perfume amadeirado chega às minhas narinas, sendo inebriante. O oxigênio parece sumir dos meus pulmões e sou obrigada a engolir em seco, permanecendo estática, apenas encarando a profundeza que se abriga em suas íris escuras.

De forma ridícula, meu coração erra o compasso dentro do peito. E acho que esqueci como se respira.

Caden separa os lábios, pronto para quebrar o silêncio que se instalou entre nós. Com as pupilas parcialmente dilatadas, seus olhos brilham ao me encararem, em uma mistura de rancor, devido ao meu atrevimento, e algo parecido com desejo.

Logo quando Prescott está prestes a falar alguma coisa, uma batida forte na porta nos traz de volta à realidade.

Pisco, afastando meu olhar do seu. Caden me solta sem hesitar, como se, pelos últimos segundos, tivesse esquecido que ainda me segurava, perdido nessa coisa estranha que se instalou e tomou conta dos nossos corpos.

— Tem alguém aí? — É o que grita a voz fina, vinda do outro lado da porta.

Sem hesitar, alcanço a chave, a girando. Caden ao menos tenta me impedir quando abro a porta com toda a cautela do mundo, enfiando a cabeça para fora, buscando pela ruiva e pelo marido fortão. Assim que percebo que a barra está limpa, armo meus lábios com um sorrisinho nervoso ao conectar meu olhar à morena à minha frente, que esbugalha os olhos no instante em que escancaro a porta e seguro Caden pelo pulso, o levando comigo para fora do banheiro.

A mulher nos encara paralisada, provavelmente pensando que estávamos fazendo as coisas mais sujas possíveis do outro lado desta porta.

— O-obrigada... — ela gagueja antes de se enfiar no cubículo, apressada e genuinamente impressionada.

Contenho a vontade de revirar os olhos quando ouço a risada baixinha que Caden solta, entendendo o motivo do nervosismo da morena.

— Vamos — digo, ainda com a mão fechada em seu pulso. — Se sairmos agora, talvez o fortão não nos veja.



O longo gole de Jack Daniel’s que dou, direto do gargalo, desce ardendo pela minha garganta.

Cambaleio porta adentro, dando o primeiro passo na sala da nossa instalação, acompanhada de um Caden petulante, que me segue como se fosse meu namorado de verdade.

Eu poderia muito bem socá-lo agora. Não só poderia, como acho que é exatamente o que irei fazer.

Não estava nos meus planos ficar bêbada nesta viagem, mas Prescott conseguiu ser convincente o suficiente ao ponto de, depois de termos deixado o espaço da área do jantar, sem ter comido nada, apenas nos preocupando em fugir do homem fortão e sua esposa que dá em cima de outros caras, me arrastar para um dos bares do hotel, usando a desculpa esfarrapada de que “ainda dava tempo de aproveitar a noite”.

Ele é um idiota.

E os sorrisinhos indesejados, sem motivo aparente, que crescem em meus lábios, a visão turva e o sabor picante de álcool que se aloja em minha língua são a prova disso.

— Eu te odeio. — É o que proclamo com a voz arrastada, tateando a parede, em busca do interruptor.

Sinto a presença de Caden atrás de mim, ouvindo a maldita risadinha nasalada que solta antes de fechar a porta.

— Não, você não odeia.

Finalmente encontro o interruptor, o sentindo abaixo de um dos dedos, e o aperto. A luz chega à sala de uma só vez, fazendo meus olhos

arderem. Os fecho, me xingando mentalmente por ser tão fraca para bebida.

Devia ter parado após alguns consideráveis shots de tequila, ciente dos meus limites. Mas, sentada naquele banquinho, ao lado da companhia momentaneamente agradável que Caden foi capaz de me proporcionar, enquanto ria desesperadamente de suas piadas idiotas e comentários sarcásticos, já alterada, o pensamento de parar sequer passou pela minha mente.

Eu estava me divertindo. Isso não tenho como negar.

Estava me divertindo com o babaca que passa ao meu lado, assim que abro os olhos.

— Odeio sim — revelo, apoiando uma das mãos na parede, me segurando para não me desmanchar no chão, tamanha a moleza que sinto. — E odiaria muito mais se não estivesse tão bêbado quanto eu.

A apenas alguns passos à minha frente, Prescott se vira para mim, ostentando um sorriso radiante em seu rosto. Seus fios escuros de cabelo se encontram desgrenhados e seus lábios, brilhosos. Por um segundo, me pego divagando sobre o gosto de bebida que devem ter.

E sobre a sensação que me proporcionariam ao se chocarem contra os meus.

Franzindo o cenho diante do desconexo pensamento — obviamente causado pelo excesso de álcool no organismo —, chacoalho a cabeça, o mandando pelos ares, preocupada em me certificar de que não retornem.

— Pelo menos foi divertido. — Caden dá de ombros, ainda sorridente.

Estou prestes a respondê-lo com um comentário rabugento quando, ao dar um passo à frente, sinto a pontada de dor em meus pés. Imediatamente, levo meu olhar para os saltos exageradamente altos que uso, sentindo a necessidade imediata de tirá-los e os chutar para longe.

E é por isso que, em um ato impensado, simplesmente me sento no chão, sequer me importando em manchar meu longo vestido caro. Imediatamente, pouso a garrafa de uísque ao meu lado antes de levar minhas mãos até uma das fivelas, a desafivelando, permitindo que o alívio momentâneo invada meu corpo ao afrouxar um dos saltos, dando a sensação de um banho gelado no ápice do verão. Enquanto faço o mesmo com o outro pé, sinto o olhar de Caden me acompanhar a cada movimento.

E, também em um ato impensado, imagino, Prescott simplesmente se senta à minha frente, sobre suas próprias pernas.

O encaro confusa por um momento, antes de ignorá-lo, voltando a dar atenção aos meus pés, que até então imploravam por socorro.

Acho que estou bêbada demais para processar o fato de que Caden e eu estamos sentados no chão da sala. Juntos. Em silêncio. Frente a frente.

Que porra está acontecendo aqui, afinal?

— Não preciso de companhia — comento, finalmente, levando meus olhos aos seus. Com uma das mãos, apanho meus sapatos, o jogando para longe, fazendo com que deslizem pelo piso. — Muito menos da sua. Não sei por que se sentou aqui.

Parecendo estar se divertindo, Prescott solta uma risada baixinha, arqueando as sobrancelhas.

— Por que você sempre tem que ser tão rabugenta, esquentadinha?

Rolo meus olhos, soltando uma forte lufada de ar pela boca.

— Por sua causa — respondo, ríspida, mesmo que com a voz arrastada. — Você me irrita. Sempre irritou. Estar diante da sua presença é como um completo teste de paciência.

Assim que observo o sorrisinho arrogante tomar forma nos lábios de Caden, percebo que, por estar se divertindo com minhas palavras, ele gosta de saber disso. Gosta de me estressar. Ou, talvez, não acredite totalmente nelas. E, para ser sincera, nem eu acredito.

Prescott é, sim, um teste constante de paciência. Ele consegue me levar ao limite quando se esforça. É capaz de preencher meu corpo de raiva ao apenas respirar ao meu lado. Mas, apesar de tudo isso, apesar de sentir vontade de socá-lo na maior parte do tempo em que estamos juntos, também existem os raros momentos em que sou capaz de desfrutar da sua companhia.

Como no jantar de ontem, quando, após a nossa discussão pela maldita única cama, o fiz trocar de prato comigo e ri ao compará-lo com um lenhador de uma história para crianças. Ou quando Caden tirou uma foto minha e foi gentil ao me dizer que fico linda quando sorrio, mesmo que, talvez, não tenha passado de uma cantada barata. Até mesmo durante o café da manhã de hoje, quando o cara fortão o flagrou conversando com sua esposa e tivemos que sair às pressas do restaurante.

Caden consegue ser divertido quando quer. E, com certeza, as gargalhadas que demos no bar do hotel, há alguns minutos, são mais uma prova disso.

Sou pega de surpresa quando, afastando esses pensamentos da minha mente à força, Prescott leva seus dedos até meu queixo, levantando meu

rosto em sua direção. Mesmo que sentados, ainda existem alguns centímetros que nos separam, devido à considerável diferença de altura.

Sua mão é quente, seus dedos são gentis, e por algum motivo inexplicável minha respiração acelera.

Prescott inclina a cabeça um pouco, como se eu fosse um quebra-cabeça que procura desvendar. Ele examina meu rosto de forma cautelosa, com seus ébrios olhos e pupilas dilatadas, entorpecidas.

E eu permaneço estática. Simplesmente não me movo. Porque, por alguma razão idiota, não quero.

Nem mesmo sei se conseguira, caso tentasse.

Caden separa os lábios, ainda me analisando. Em seguida, os fecha, como se tivesse desistido de dizer o que estava planejando. Seus olhos descem para a minha boca, suas íris cintilando em uma mistura de desejo e confusão.

Revelando exatamente o que se faz presente em todo o emaranhado confuso de sentimentos que me preenche.

— Então, se sou tão irritante e insolente quanto diz, aposto que não aceitaria caso dissesse que quero te beijar agora — Caden solta, baixinho, seu olhar ainda focado em meus lábios, como se fosse quase impossível o distanciar dali.

E é aí que acontece. Uma paralisia ainda maior toma conta dos meus membros. E permaneço estática, apenas o encarando, perdida em meus próprios pensamentos e sentimentos conflituosos.

Meu coração grita, me implorando para ceder ao desejo arrebatador que me domina. Me implorando para colar meus lábios aos dele e o puxar para mim. Já a minha mente — pelo menos algum canto sóbrio e responsável dela —, clama para que me afaste e o empurre para longe, antes que cometa, provavelmente, o que seria considerado o maior erro da minha vida.

E, mesmo assim, sei que nunca senti tamanha vontade de beijar alguém. Sei que o desejo que sinto por Caden neste momento jamais foi sentido por nenhum outro cara.

E isso é assustadoramente perigoso.

Engulo em seco, procurando pela minha voz, que parece ter morrido junto com a minha dignidade, antes de dizer:

— Prescott, eu...

Mas não tenho tempo de completar a frase.

Em um segundo, a boca de Caden está na minha. Minhas mãos vão imediatamente para seu peito, o espalmando, e juro — de verdade — que estou prestes a empurrá-lo, mas então seus lábios se movem, firmes contra os meus, e qualquer resquício de consciência que ainda me restava evapora, me permitindo ser completamente consumida pelo momento.

Caden leva a outra mão para a minha bochecha, segurando meu rosto. Ainda atordoada, tentando processar o que estou fazendo, levo um tempo para levar minha mão até sua nuca, o puxando para mais perto.

E como se ainda não fosse o suficiente, inclino a cabeça, descendo meus dedos até os enroscar na gola do tecido do seu terno, o puxando ainda mais para mim, desesperada pelo contato. Prescott parece entender isso como um convite, já que sua língua abre espaço e invade minha boca, aprofundando o beijo, me devorando com voracidade.

Juro que sinto como se pudesse derreter aqui mesmo. Não sei se já fui beijada assim antes, de uma maneira tão profunda que me sinto despedaçando.

Caden desce uma das mãos, a enfiando sob o vestido, onde encontra minha coxa, a apertando com firmeza. Gemo em sua boca ao sentir os dedos calejados me apertando mais uma vez, varrendo para longe do meu cérebro os últimos resquícios de poeira que me diziam que o que estou fazendo é uma tremenda loucura.

Uma loucura que vou me arrepender completamente depois. Mas que, ainda assim, sou incapaz de me impedir de cometer.

Nos tocamos sem parar, ansiosos por cada vez mais contato, como se, em algum canto secreto de nossas mentes, aguardássemos para fazer isso há muito tempo.

E não saberia explicar como, mas, quando me dou por mim, já estamos de pé, um em frente ao outro. Dou alguns passos para trás enquanto Prescott se livra do paletó com urgência, o jogando para longe, sequer se importando em sujá-lo ao jogá-lo no chão.

E no momento que ele volta a se aproximar de mim, prendendo meu corpo contra a parede, ao lado do maldito interruptor que foi tão difícil de encontrar há alguns segundos, é a minha vez de beijá-lo.

Choco nossos lábios com desespero, levando as mãos aos fios de cabelo, os bagunçando ainda mais.

Caden, sem afastar nossas bocas, desabotoa alguns botões da camisa social branca que usa. Suas mãos encontram meus pulsos, se fechando sobre

eles ao levantar meus braços, me impedindo de usá-los ao grudá-los à parede, acima da minha cabeça.

E é só quando Prescott separa a boca da minha, a descendo pelo meu pescoço, onde começa a distribuir beijos molhados pela minha garganta e clavícula, que o óbvio pensamento do que estamos prestes a fazer me ocorre.

E, pela primeira vez, não me incomodo em termos apenas uma cama esperando por nós no quarto.



Costumava ter a tendência de permanecer no controle da minha vida.

Não era de cometer erros grotescos, sair da rotina, me atrasar, dar um salto para fora da bolha feliz onde tanto gosto de habitar e muito, muito menos dormir com um cara com quem transei.

Pode me considerar uma cretina se quiser. Sei que todos os homens que dizem não “poder passar a noite”, em maioria, são uns grandes babacas.

Mas é assim que eu sou. Ou que eu era, até a noite passada, quando uma coisa levou a outra e... simplesmente aconteceu.

Me senti inebriada. E posso colocar a culpa na quantidade generosa de álcool que percorria minhas veias, mas sei que ela não foi a única culpada pelo meu deslize imperdoável. Sei que o que senti ontem foi extraordinário. Uma sensação jamais experimentada antes. Assustadoramente real e incontrolável.

Caden tem esse efeito sobre mim, afinal.

Ele, seus sorrisos arrogantes, íris profundas — que parecem carregar uma imensidão infinita de coisas sobre ele que ainda desconheço — e a sua maldita pose de galã invencível.

Prescott se considera um rei.

E, em todas as vezes que nossos olhares se cruzaram e eu senti meu coração errar a sequência das batidas, ou até mesmo a sensação que havia parado de bater, desejei, mesmo que secretamente, em algum canto da minha mente, ser sua rainha.

E não me pergunte o que aconteceu. Não saberia responder nem mesmo se me esforçasse ao máximo.

Ele apenas... invadiu meu sistema sem piedade alguma e se apossou de um grande espaço dele. Um espaço capaz de me fazer realizar estúpidos

atos impensáveis.

Cretino.

E juro, com tudo o que há em mim, que tentei acobertar esse sentimento, até mesmo me enganando e mentindo para mim mesma. Mas ele está aqui. Ainda forte, como sempre esteve.

O filho da puta do meu namorado de mentira sabe como mexer comigo.

E, definitivamente, não posso permitir que isso vá longe demais.

Não sou do tipo de mulher que se entrega tão facilmente. Muito menos quando se trata de jogadores de hóquei presunçosos e insuportáveis. Porra, *principalmente* quando se trata de Caden Prescott.

E é com esse pensamento atravessando minha mente que, como se fosse o destino me alertando, o toque do alarme invade o quarto, preenchendo o cômodo por inteiro.

Só neste momento percebo que ainda estou deitada. Nua sob o cobertor pesado. Encarando o teto fixamente, feito uma tremenda idiota.

E que o grande corpo sonolento de Prescott ainda está ao meu lado.

Merda!

Me levanto às pressas, ainda ouvindo o grito do maldito despertador. Puxo o cobertor comigo, atordoada, buscando esconder meu corpo ao máximo.

Mas apenas no instante em que paro ao lado da cama, segurando o tecido branco em frente ao meu corpo e conectando minhas íris ao homem deitado do outro lado do colchão, que coça seus olhos, sonolento, resmungando com a voz rouca algo sobre odiar acordar cedo, que percebo a tremenda burrada que acabei de cometer.

Meus olhos se arregalam ao irem de encontro com o corpo nu de Caden. Especificamente, a uma parte em questão.

Uma parte que *eu* acabei de afastar o cobertor e deixar à mostra.

Solto um gritinho incontrolável, tapando as mãos antes de me virar de costas, fechando os olhos com força, sentindo minha cabeça girar enquanto desejo que tudo isso não passe de um pesadelo. Enquanto sinto que estou prestes a entrar em combustão.

E quando o toque infernal do despertador cessa, penso, por um mísero e idiota segundo, que talvez minhas preces tenham sido atendidas pelo universo.

Que talvez ele tenha sentido compaixão de mim.

Mas, no instante em que a baixa risadinha rouca do maior erro e arrependimento da minha vida alcança meus ouvidos, vinda de trás de mim, percebo que estava enganada.

Isso realmente aconteceu. Eu, Avery Lakeland, dormi com Caden Prescott.

E tê-lo atrás de mim, enquanto tomo o cuidado necessário para esconder cada parte do meu corpo, apesar de estar ciente de que na noite passada ele me enxergou por inteira, é como se um balde de água fria caísse sobre a minha cabeça.

— Bom dia, esquentadinha — ele diz, sua voz rouca soando sonolenta em meio a um bocejo.

E me xingo mentalmente ao sentir um arrepio percorrer minha espinha, alcançando a ponta dos dedos dos pés.

Encarando a grande janela à minha frente, abro a boca, pensando em algo a dizer. Mas, quando percebo que não me lembro como se pronuncia uma única sílaba sequer, a fecho.

Como se conseguisse sentir a tensão no ar e a estranheza que a atitude de uma mulher virada para a parede e agindo como se fosse uma maldita pintura em um quadro, completamente silenciosa, emana, Prescott solta outra risadinha baixa.

— Sabe, Avery, nós... — ele tenta começar a falar.

— Nós temos que ir — concluo por ele, apesar de saber que não era isso que pretendia dizer, finalmente encontrando minha voz. Sinto o peito subir e descer diante da respiração descompassada, e me obrigo a continuar, mantendo a firmeza no tom: — Temos um voo para pegar. Colocamos alarme para às dez. Paxton disse que o hidroavião estará aqui às onze, para nos levar ao aeroporto. Precisamos arrumar as coisas.

E, simples assim, saio até o banheiro em passos mais apressados do que o normal, sentindo a cabeça girar enquanto fujo do cara que parece estar se tornando meu inferno pessoal.



CADEN

Cinco dias.

Cinco dias desde que cruzei meus olhos com Avery Lakeland pela última vez.

Naquela manhã, quando acordei com o toque do despertador, após ter tido, provavelmente, a melhor noite da minha vida e de ter dormido feito um bebê, capaz de até mesmo ter babado no travesseiro, e a encontrei assustada, agindo mais estranho do que o normal, de costas para mim, após me descobrir e se certificar de esconder seu corpo, percebi que ali, naquele momento, eu tinha estragado tudo.

A convivência com Avery tinha se tornado estranhamente agradável naquela viagem, que, ironicamente, começou com uma discussão estúpida por termos apenas uma cama no quarto, e acabou com nós dois sobre ela, entrelaçados em uma sintonia perfeita.

E eu sei, porra, como eu sei, que não deveria tê-la beijado naquela noite. Que não deveria ter me deixado levar pela sensação surreal que me percorreu quando, feito um idiota, me sentei na frente dela sobre o piso gelado da sala e a encarei, segurando seu queixo com meus dedos, erguendo seus olhos até os meus.

Sei que fui um tolo irresponsável.

Avery me odeia. Pelo menos é o que diz. E, apesar de não acreditar completamente nisso, percebo que ela sempre faz questão de deixar essa informação bem clara.

É como se usasse essa constatação como uma muralha. Uma barreira que a protege de mim, por algum motivo, mas que, naquela noite, em Maldivas, não se mostrou ser forte e eficaz o bastante.

Porque eu a atravessei.

Consegui, de alguma forma, invadir os reforçados muros que cercam Avery Lakeland e toda a sua constante teimosia.

E, apesar de ter sido uma das melhores fodas da minha vida, não posso mentir e dizer que não me arrependo.

Enquanto atravesso a porta do prédio comercial onde os escritórios de Paxton e Savannah se localizam, após ter forçado um sorriso e desejado um ótimo dia ao Gavin, o segurança mais gente boa do local, não posso mentir e dizer que o terrível pensamento de que, talvez, eu possa ter fodido com tudo de vez, não se faz presente em minha mente.

Não deveria ter cometido esse erro. Não deveria *mesmo*.

Pelo pouco que conheço de Avery, sei que ela é capaz de fugir de qualquer situação que a faça se sentir fraca e impotente. E sei que naquela noite, ela agiu sem pensar, assim como eu. Que não foi capaz de ganhar a batalha travada entre sua mente e as necessidades do seu corpo.

E que agora, provavelmente, está se odiando por isso.

E talvez me odiando um pouquinho mais também, por tê-la arrastado para fora da sua órbita, a fazendo cometer o que poderia jurar de olhos fechados ser impossível de acontecer.

Com esse pensamento pairando minha mente, me esforço para conter o sorrisinho satisfeito que ameaça tomar meus lábios enquanto atravesso o saguão, passando ao lado do balcão, onde Mandy se encontra.

Com os cabelos loiros presos em um rabo de cavalo alto, fones de ouvidos enfiados na orelha, provavelmente explodindo qualquer música pop que ela tanto gosta, e fazendo uma bola de chiclete enquanto organiza alguns papéis, a recepcionista nem mesmo nota minha presença quando passo por ela, a caminho de um dos elevadores.

E no instante em que afundo um dos meus dedos no botão ao lado da dupla porta metálica, cravando meus pés no piso e observando meus tênis, impaciente, sinto algo estranho dominar meu peito.

Talvez seja medo.

Se eu subir até o escritório de Savannah agora, para realizarmos a reunião de última hora que ela solicitou, e ouvir, saindo de sua boca, que Avery desistiu do plano e caiu fora, não sei o que faria.

Não sei mesmo.

Talvez me sentiria o cara mais babaca do mundo. Porque, afinal, essa história toda na qual nos metemos trará resultados importantes para ela e sua carreira.

Mais do que para a minha, para ser sincero.

Óbvio que o namoro falso tem me ajudado a reconquistar o coração de alguns fãs após aquela briga no bar e que, quando a Charlotte postou sobre o nosso relacionamento, há algum tempo, o treinador Weston, que me mandou uma mensagem cheia de palavrões quando soube da polêmica, nem mesmo se preocupou em brigar comigo no primeiro treino que tivemos após o caso.

Ele ficou ocupado demais dizendo que "o rinque não é o lugar ideal para expressar a minha felicidade ao sonhar com todos os futuros filhos lindos e bochechudos que eu e Avery teremos".

Mas, cacete, eu sei que para ela tudo isso é diferente. Ela tem uma causa para lutar. Um propósito. Não apenas para ela, mas também para todos os artistas que não são considerados bons o bastante apenas por não se encaixarem em algum padrão tosco imposto pela sociedade.

E juro que se Avery desistir de buscar chamar atenção para o seu filme por *minha causa*, irei me sentir o maior idiota do mundo.

Minutos depois, quando o elevador se abre e finalmente o deixo, chegando ao andar dos escritórios do meu agente e de Savannah — que foi o escolhido para a reunião de hoje —, me obrigo a tomar uma respiração profunda antes de me dirigir ao local indicado.

Passo pela porta entreaberta, sorrindo para Cindy, uma das secretárias da Sav, que segura uma xícara vazia de café enquanto deixa o escritório. Encontro o casal de agentes mais famoso do estado de Washington de um lado da mesa, dirigindo suas atenções instantaneamente para mim, e uma Avery sentada do outro lado, de costas, sequer se dando ao trabalho de se virar e me encarar. De repente, estou lutando contra a vontade arrebatadora de dar meia-volta e sair correndo.

— Está atrasado — Paxton é o primeiro a constatar o óbvio. De pé, ao lado de Savannah, enquanto mantém a habitual postura perfeitamente

ereta, meu agente chama minha atenção para si. — Esqueceu de colocar o alarme para a hora certa de novo?

Abrindo um sorrisinho de quem fez merda, resolvo ser totalmente sincero:

— Para falar a verdade, nem coloquei alarme.

A revirada de olhos que Savannah dá e o gesto de Paxton, de esfregar a ruga da testa, é toda a prova que preciso para deduzir que ambos estão bravos comigo por ser tão imprudente. Nem mesmo Avery é capaz de se conter, bufando.

Ainda ostentando o sorrisinho no rosto, me aproximo dela, torcendo, com tudo o que há em mim, para que não esteja aqui porque decidiu terminar com tudo.

— Vestido bonito, esquentadinha. — É a forma que encontro para a cumprimentar, buscando manter a dinâmica habitual existente entre nós. Mostrando que, mesmo após o ocorrido, continuamos sendo Avery e Caden.

Eu ainda sou o atleta insolente, que participa do *grupinho* de jogadores de hóquei que ela tanto ama generalizar, e ela ainda é a atriz esquentadinha.

A mulher apenas traz seus olhos, faiscando em irritação, para o meu rosto, acalmando algo dentro do meu peito. Ela ainda tem o mesmo olhar de quem deseja me matar a todo instante.

Isso deve ser bom, não? Deve significar que, apesar de querer muito, Avery ainda não está pronta para se livrar de mim e...

Cacete, ela está linda!

Com os cabelos castanhos ondulados nas pontas, uma leve maquiagem pintando o rosto e usando um vestido realmente muito bonito, Lakeland consegue me desviar dos meus pensamentos com uma facilidade assustadora.

Ela leva os dedos até uma mecha de cabelo, a colocando atrás da orelha, desviando o olhar de volta aos nossos agentes, como se minha presença aqui fosse completamente indiferente.

O que todos sabemos que, definitivamente, não é o caso.

Savannah chama minha atenção ao iniciar:

— Bom, chamamos vocês aqui para conversar e, principalmente, os parabenizar pela viagem que fizeram. As postagens no Instagram do Caden chamaram muita atenção, como imagino que tenham visto. — A agente ergue

as duas sobrancelhas, citando o fato, como se até ela mesma estivesse impressionada com a proporção que nossa farsa está tomando.

E eu não a julgo.

Minhas redes sociais viraram um inferno nessa última semana.

Acontece que Avery e eu, por incrível que pareça, temos fãs que apoiam o nosso relacionamento. Temos até algumas dezenas de fã clubes que fazem vídeos com montagens fofinhas e músicas melosas de fundo, acreditando, cegamente, que somos um casal de verdade.

E o pior é que eles sempre alcançam mais de milhares de *likes*.

— Está tudo dando certo, como o esperado — Paxton é quem completa, retornando àquele jogo bizarro existente entre ele e a noiva, onde um conclui o que o outro ia dizer como se possuíssem o mesmo cérebro. — O *Twitter e*stá uma loucura.

Sorrio diante da constatação.

É verdade. Meu relacionamento com Avery está dando o que falar na rede social do passarinho.

Esta semana, por exemplo, nossos nomes até estavam nos assuntos mais comentados da rede social. O meu, em segundo. O dela, em terceiro. E os nossos nomes juntos, em sétimo.

É bom aparecer nos *Trending Topics* de forma corriqueira, sem precisar ter socado ninguém ou não estar sendo "cancelado" por milhares de internautas.

— Inclusive — Savannah limpa a garganta antes de continuar —, a entrevista com o elenco de *Um Clima Diferente*, no início da semana que vem, está dando o que falar. Alguns fãs estão animados por saberem que Cazz, muitas vezes, consegue ser um babaca sem filtro, capaz de arrancar informações pessoais da vida dos seus convidados, apenas para alcançar audiência. Estão dizendo que a presença da Avery no programa dele será boa para descobrirem mais informações sobre o relacionamento de vocês. — Sav estala a língua no céu da boca. — Talvez devêssemos ensaiar algumas coisas, não? Tipo, combinar a maneira como se conheceram e inventar algumas histórias engraçadas para contar?

De repente, ao ouvir Avery concordar, sou atingido por uma onda de alívio.

Ela não quer desistir, no fim das contas.

Muito pelo contrário. Quer falar sobre nós em rede nacional.

E, se essa entrevista com o elenco do filme tivesse acontecido há um tempo, e Sav nos desse a notícia de que teríamos que inventar situações para preencher nossa rasa história de namoro falso, para ser contada no programa do idiota do Cazz, eu provavelmente surtaria. Mas, por alguma razão, não é isso que acontece.

E tudo que faço é endireitar a postura na cadeira e começar a dar algumas ideias toscas, de cenas inventadas na hora, enquanto Savannah contém um sorriso, tentando se obrigar a permanecer séria, Paxton continua com a feição impassível estampada em seu rosto, e Avery, como o de costume, revira os olhos e bufa a cada frase que digo, me dando mais gás para continuar despejando acontecimentos engraçados e inexistentes para preencher nossa história de amor inventada.

Ao que parece, no fim, tudo ainda continua como era antes de quase estragarmos tudo.



— Como Crawford está? — com os braços cruzados, Paxton questiona, se recostando em uma das paredes brancas do corredor, do lado de fora do escritório de Savannah, onde Avery e ela conversam sobre assuntos relacionados à carreira da atriz.

Dou de ombros, soltando uma risada nasalada.

— No meu pé feito um carrapato, como de costume. Austin ainda se apossa do meu quarto de hóspedes todas as noites.

Em um gesto raro, meu agente permite que seus lábios se curvem em uma fina linha, sorrindo. Ou quase isso.

— A vizinha *stalker* ainda o persegue?

Mordo um sorriso, assentindo:

— É o que ele diz.

— Assisti ao jogo de antes de ontem, contra os Sharks — Paxton inicia, mudando de assunto repentinamente. — Austin jogou muito bem, e você também.

Permito que um sorrisinho nada modesto tome meu rosto diante do que escuto.

Nós, definitivamente, nos destacamos no jogo contra os San Jose Sharks, um time da cidade californiana. Tanto que não foi à toa que ganhamos de 7 a 2, com 3 gols feitos por mim.

— Parabéns, garoto — meu agente me elogia, soando como um pai orgulhoso. — Seu esforço pelo time está nítido, como sempre esteve. A campanha dos Caps na temporada regular tem se mostrado cada vez melhor. Se continuarem assim, chegarão aos *playoffs* em abril facilmente, com um espaçamento generoso de pontos comparado aos outros times da tabela.

— É o que eu mais quero — respondo, convicto.

Conquistar a taça da Stanley Cup, pela segunda vez na história dos Caps, é o que eu, Weston e o time estamos idealizando desde o início da temporada. Estamos buscando levantá-la, com força, garra e puxados treinos constantes.

E, se tudo correr bem, no fim, é o que acontecerá.

É o que eu e*spero* que aconteça.

River apenas acena com a cabeça antes de se distanciar da parede, atravessando o curto espaço do corredor, até parar em frente à porta do escritório da sua noiva. Ao levar a mão à maçaneta, porém, Paxton se vira para mim, umedecendo o lábio inferior com a ponta da língua antes de me surpreender ao franzir um pouco a testa e dizer:

— Não sei o que aconteceu naquela viagem, Prescott, mas, se eu fosse você, tomaria cuidado com a maneira que a olha ou se comporta perto dela. — Me obrigo a prender a respiração diante do que escuto, sentindo a boca subitamente seca. River permanece com uma feição impassível antes de continuar: — Para os outros, o namoro de vocês pode ser convicto e real, mas sabemos que não é bem assim. Nesses últimos minutos, porém, dentro deste escritório, seus olhos confessaram mais coisas do que jamais me disse. Você a olhava como se estivesse fascinado. E cuidado, garoto, porque isso pode ser muito, muito perigoso. Isso é trabalho, afinal. Não podemos confundir as coisas.

E, simples assim, sem me dar o tempo necessário para sequer voltar a respirar, meu agente gira a maçaneta, passando pela porta e voltando ao escritório de Savannah, após soltar essas palavras, que me atingiram como se fossem uma bomba acionada em minhas mãos, me tirando de órbita, paralisando meus membros e me explodindo antes de me dar tempo para reagir.

E é só quando a porta à minha frente volta a se abrir, revelando uma Avery passando por ela, parando de sorrir quando seus olhos me encontram, que volto a respirar, soltando o ar de uma só vez.

A atriz franze a testa ao me analisar.

— Por que parece que você está prestes a desmaiar?

Porque talvez eu esteja, é o que penso em dizer.

Mas, ao invés disso, me forço a abrir um grande sorriso nos lábios, buscando fingir uma calmaria inexistente neste momento.

Após alguns segundos me encarando sem pronunciar uma única palavra, Avery revira os olhos, resmungando alguma coisa ao sair andando pelo corredor, em direção aos elevadores.

E eu a sigo.

— Como foi o restante da reunião com Savannah? — questiono, puxando papo. Eu e Paxton passamos um bom tempo aqui fora, conversando enquanto as duas tratavam de assuntos importantes do outro lado da porta.

Lakeland para em frente à porta dupla metálica do elevador, apertando um botão prateado, fazendo que uma luz vermelha se acenda em torno dele, indicando que foi acionado e que, em alguns instantes, a caixa metálica chegará ao nosso andar para nos buscar.

— Não somos amigos, Prescott. Não te devo explicações — ela responde, salivando veneno, como de costume. Mordendo o lábio inferior, levanto as sobrancelhas, desviando o olhar ao sentir suas palavras me atingindo feito um inesperado golpe forte.

Como se estivesse em um andar próximo, o elevador chega em poucos segundos. A porta dupla se abre e eu e Lakeland a atravessamos. A atriz não demora para selecionar o botão do térreo, em meio à fileira pregada à parede, com vários números e opções.

É como se ansiasse para se livrar de mim o quanto antes.

— Podemos não ser amigos, esquentadinha — começo, ao seu lado, mantendo os olhos focados na porta da caixa que nos engole, iniciando sua descida. — Mas, definitivamente, somos namorados de mentira que dormem juntos. Então não vejo por que não me mostrar interessado na sua vida e seu trabalho.

Pelo canto do olho, percebo quando Avery prende a respiração, arregalando um pouco os olhos diante da minha menção ao assunto proibido.

Ela permanece em silêncio por alguns instantes, como se desse o tempo necessário para seu cérebro processar o que acabou de ouvir. Quando se livra de seja lá qual tenha sido o transe que a consumiu, chacoalha a cabeça de leve, mandando seus pensamentos para longe, retornando à realidade.

— Dormimos juntos uma vez, Prescott — sua voz diz, carregada por uma tensão perceptível. — Isso não significa nada.

Rio nasalado, finalmente me virando para encará-la.

Avery traz seus olhos aos meus, me permitindo enxergar suas íris esverdeadas faiscando, como se pudessem queimar a qualquer momento. Tombo a cabeça para o lado, umedecendo o lábio inferior com a ponta da língua antes de sorrir, em desafio.

— Significa que, diferente do que você tanto gosta de insistir e afirmar, tem, sim, uma queda por mim.

E é aí que acontece. As bochechas da mulher ficam vermelhas como pimentões, e, sem dizer uma única palavra, ela aperta os olhos, me encarando como se estivesse possuída pela vontade de desferir um soco em meu rosto ou gritar comigo, apenas por citar os fatos.

Mordo um sorriso ao observá-la perder a paciência, como o de costume.

É incrível como sequer preciso me esforçar para tirá-la do sério.

E quando penso que Avery abrirá a boca para me xingar e me mandar à merda, a porta do elevador se abre à nossa frente, nos permitindo passagem ao térreo.

A atriz finalmente desvia seus olhos dos meus, suspirando pesadamente antes de, endireitando a postura e segurando a bolsa que leva consigo com mais força em uma das mãos, esbranquiçando os nós dos seus dedos, proferir, carregando a voz com um forçado tom enojado:

— Só se for nos seus sonhos, Prescott.

E então, simples assim, Avery Lakeland atravessa a porta dupla, indo embora.



17

AVERY

Preencho metade do copo transparente com cubos de gelo, sentindo a estranha sensação habitual de prazer ao ouvir o som do gelo tilintando contra o vidro.

São oito da manhã e, com uma Raven estranhamente falante e contente em meu encalço, estou preparando um reforçado café da manhã, ao som de *The Climb*, da Miley, que explode em uma pequena caixinha de som sobre o balcão de mármore da cozinha.

Minha irmã, já vestida com suas roupas para trabalhar, diretamente do fogão, após virar sua panqueca na frigideira, leva a espátula até a altura do queixo, acompanhando o refrão da música que tanto amamos. Usando sua alma e coração ao soltar a voz e fingir uma encenação ridícula, como se estivesse em um clipe, Raven arranca uma risada fraquinha dos meus lábios.

É em momentos como este que me lembro da gratidão que sinto por tê-la por perto. Antes, quando morava sozinha por aqui, tudo me deixava para baixo. E Raven, assim que chegou, trouxe um colorido novo ao apartamento que tanto amo hoje em dia.

É o *nosso lar*, no fim das contas.

O lugar onde, depois de tanto tempo, vivendo cercadas por barulhentas paredes, que reverberam constantes gritos a todo momento,

pudemos, finalmente, encontrar a nossa verdadeira paz.

Eu e minha irmã mais velha nos damos bem. Afinal, na infância, era para ela que corria sempre que me sentia esgotada. Sempre que sentia a necessidade de me distrair e ouvi-la me contar histórias, me teletransportando para qualquer outro universo que não se fizesse presente na realidade em que vivia.

Para qualquer outro lugar onde, pela magia existente em um livro, pudesse, pelo menos por algumas horas, fingir ser outra pessoa, vivendo uma história completamente diferente.

Não me leve a mal, eu amo meus pais. Eles sempre fizeram de tudo por nós duas, mas, apesar disso, nunca foram bons juntos.

E, mesmo que isso seja, talvez, o que eu mais deseje, não posso mentir e dizer que todas as brigas, discussões, xingamentos e situações caóticas que presenciei na infância, vinda de duas pessoas que juravam se amar, não deixaram cicatrizes em mim.

Não na pele, mas na alma. Em quem sou.

E é com esse pensamento que, enquanto observo Raven rodopiar pela cozinha, finalizando a música ao cantar o último refrão da letra, ainda usando a espátula como microfone, sinto uma pontada me atingir na barriga. Uma pontada de algo similar a... inveja, talvez.

Minha irmã, apesar de tudo, leva a vida de maneira leve.

Ela, diferente de mim, soube como atravessar toda aquela situação infernal de cabeça erguida, se protegendo por um escudo completamente impermeável, que a permitiu lidar com tudo — até o divórcio dos nossos pais — sem ser atingida.

Raven não possui o mesmo bloqueio emocional que eu. Ela não está quebrada.

Muito pelo contrário, ainda acredita fielmente que o amor da sua vida aparecerá a qualquer instante, a transformando para sempre.

Ela idealiza o futuro perfeito, ao lado de alguém que a complete.

Já eu... bom, apenas consigo me imaginar sozinha.

Para todo o sempre, como diriam nos contos de fadas.

Raven finalmente termina de cantar, junto à música. Rio quando ela faz uma reverência para a sua plateia, que, no caso, se resume apenas a mim.

— Por que está tão animada logo de manhã? — Dou o primeiro gole no café gelado com leite de amêndoas que preparei. — Tem algo a ver com o Adam? — questiono, franzindo o cenho ao encará-la em desconfiança,

torcendo para que diga que sua alegria repentina não tem nada a ver com o neurocirurgião babaca que quebrou seu coração há algumas semanas.

— O quê? — minha irmã carrega a voz com o máximo de incredulidade possível ao questionar. — Ficou maluca? Nunca mais falei com ele depois que descobri que dormiu com a enfermeira. Aquele cara é um tremendo cretino.

Imediatamente, sinto o corpo relaxar.

Se pudesse, socaria todos os babacas com quem minha irmã já se envolveu, permitindo que destroçassem seu ingênuo e puro coração. Um por um.

— Então por que está feliz? — pergunto, buscando respostas ao girar o canudo dentro do copo, antes de levar meus lábios até ele e puxar o líquido novamente.

Raven dá de ombros antes de se encolher, um tanto envergonhada, vindo em minha direção.

Pouso o copo em cima do mármore no mesmo instante, me focando totalmente na minha irmã e seu estranho comportamento.

— O que foi? — Uno as sobrancelhas, já criando milhares de teorias em minha mente.

— Eu conheci um cara — Raven revela, com o entusiasmo abraçando cada uma de suas palavras. Se esforçando para esconder o sorriso de orelha a orelha que se forma em seus lábios, minha irmã vai até o fogão, o desligando antes de colocar sua panqueca, que até então tostava na frigideira, em um prato vazio, sobre o mármore.

Contudo, ao voltar a se virar para mim, finalmente permite que o grande sorriso branco se estampe em seu rosto, transparecendo toda a felicidade que aparenta rodeá-la.

Raven parece diferente. É como se, diante do mísero pensamento e da adrenalina boba de alguém prestes a se apaixonar, ela tivesse ganhado um brilho novo.

Durante um segundo de fraqueza, engulo em seco, sentindo a garganta secar ao pensar que jamais vivenciarei algo assim.

E, por algum motivo, o fato de que ainda não contei à minha irmã sobre o incidente sexual, em Maldivas, com Caden Prescott, se faz presente em minha mente, se sobressaindo diante de todos os pensamentos, como se algum dos meus *divertidamentes* tivesse apontado um maldito holofote em sua direção, me obrigando a focar apenas nele.

Franzindo o cenho, chacoalho a cabeça, buscando me concentrar no que verdadeiramente importa.

— Como assim? Quando? — É o que pergunto, com urgência, ansiando por respostas na mesma medida em que me sinto a corriqueira apreensão me dominar, como sempre acontece quando Raven me conta sobre os caras com quem se envolve.

Não tenho culpa se todos são uns babacas...

— O nome dele é Thomas — ela finalmente revela, mordendo o cantinho do lábio inferior, se contendo para não voltar a sorrir como uma verdadeira boba.

Às vezes, quando me pego desejando ser mais como Raven, me obrigo a recordar de todos os grandes motivos que me fazem desejar o contrário. E, além de não acreditar que o amor é a base de tudo e que pessoas "salvam as outras" ao embarcarem em um relacionamento meloso e que, mais para frente, se transforma no mais intenso caos, permitindo que o casal conheça o lado feio da relação e entenda que, no fim das contas, tudo está muito longe de se tratar apenas de flores e arco-íris, o sentimento de estar apaixonado é perigoso.

Ele cega as pessoas.

E talvez seja por isso que minha irmã tende sempre a se machucar quando se trata de amor.

Porque ela é consumida pela sensação inebriante que toda essa merda proporciona.

— Ele trabalha no hospital — Raven continua, se recostando no balcão. — É cirurgião plástico. Acabou de ser transferido de um hospital em Seattle.

— Se ele for bonito como Mark Sloan, juro que não te dou nenhum conselho sobre se afastar e ainda te deixo se casar com ele — brinco, não me contendo ao fazer o trocadilho com o cirurgião plástico de Grey's Anatomy, a série de médicos que tanto amamos e poderíamos passar incansáveis horas maratonando.

Minha irmã solta uma risada nasalada em resposta.

— Ele é muito bonito, sim — diz, soando extremamente segura ao afirmar. — Mas não chega ao nível do Sloan — completa, sorrindo. — Nós nos conhecemos há alguns dias, quando você estava viajando com Caden. Fui a interna escolhida para assistir à primeira cirurgia dele no hospital. Uma restauração facial.

— E mais uma vez Raven Lakeland se encontra interessada em algum médico com cargo superior ao dela — cantarolo, brincando com a situação ao citar o fato. — Por que será que não estou surpresa?

A mais velha me mostra o dedo do meio, revirando os olhos teatralmente antes de se render, abrindo um sorriso. Nós duas sabemos muito bem que isso é a mais completa verdade.

Talvez, Raven tenha a síndrome das irmãs Grey, no fim das contas. Meredith se apaixonou por um neurocirurgião extremamente gato. Lexie, por um cirurgião plástico renomado. Minha irmã, pelos dois.

A única diferença é que o neurocirurgião da história dela tá mais para galinha do que para Derek Shepherd.

Como sempre, as histórias de romance das telinhas se mostrando completamente irreais comparadas às verdadeiras, todas catastróficas.

— Não tenho culpa se simplesmente não consigo me interessar por ninguém da minha idade — Raven explica, encolhendo os ombros por um instante. Ela levanta as sobrancelhas, rindo baixinho ao alfinetar: — Pelo menos, diferente de você, eu me interesso por alguém, não? — Mostro a língua para ela, que passa a rir ainda mais. Estou alcançando meu copo de café gelado sobre o mármore quando ouço minha irmã continuar: — Inclusive, falando na sua falta de interesse por todos os caras gostosos que te cercam, incluindo seu namorado de mentira, como se sente em relação à entrevista de hoje, em Nova York, para o *Not My Business?* Cazz é o mais idiota de todos os apresentadores idiotas. Ele, com toda certeza, não te deixará em paz e tentará arrancar informações sobre seu relacionamento com Caden a todo custo.

Dou mais um gole na minha bebida favorita, afastando o canudo dos lábios ao confessar:

— Sei disso. Tive uma reunião com Savannah, Paxton e Caden, para me preparar para a entrevista. Já estou pronta para enfrentar Jimmy Cazz em rede nacional.

Raven sorri, separando os lábios para dizer alguma coisa. Mas antes que a primeira sílaba possa ter a chance de escapar, o som de quatro incansáveis patinhas batendo contra o piso a interrompe.

Volto a beber meu café, observando quando um Juice contente, vestindo uma roupinha verde — que se sobressai diante de todas as pintinhas em seu corpo —, abanando o rabo com pelos rasos e ostentando metade da língua para fora, chega à cozinha, entrando em nosso campo de visão.

Me agacho para afagar sua cabeça, o desejando bom dia, quando Raven finalmente fala:

— Faz tempo que você não dá nenhuma entrevista. Não está nervosa?

E é então que, após engolir em seco, erguendo a cabeça para encará-la nos olhos, me obrigo a carregar o tom de voz com o máximo de convicção possível ao responder:

— Não, nenhum pouco.

E o leve sorriso que se apossa do rosto da minha irmã é tudo que preciso para deduzir que acreditou na minha mentira.

Sou uma excelente atriz, afinal de contas.



Meus pulmões parecem prestes a explodir.

Sinto as mãos suadas, a respiração acelerada e uma ansiedade quase claustrofóbica me dominar, me obrigando a cravar os pés no chão, em meio aos meus colegas de elenco, enquanto me seguro para não fugir correndo.

A voz estridente de Jimmy Cazz é tudo que escuto, vinda distante, seguida pelas palmas e gritos eufóricos da plateia.

Não sei que porra está acontecendo. Nunca me senti ansiosa em nenhuma aparição na tevê antes. Trabalho com isso, afinal. Sou atriz. Sempre sou o centro das atenções, ou de pelo menos boa parte delas.

Mas desta vez, é diferente.

Desta vez, tenho um bom motivo para me sentir apreensiva.

Afinal, sustentar a mentira de um falso namoro para o mundo todo, indiretamente, é diferente de ter de confessar estar feliz e apaixonada por Caden Prescott ao vivo, em rede nacional, ao lado de um apresentador intrometido e que ama deixar seus convidados desconfortáveis em qualquer ocasião.

Ainda atrás da cortina, cerro os punhos ao lado do corpo, me obrigando a manter as unhas afastadas da boca, antes que comece a roer uma por uma e destrua todo o esmalte que Raven passou em mim, na noite de ontem. E é então que, vinda do meu lado, ouço a risadinha baixa e rouca, muito conhecida por mim.

— Você parece nervosa, Lakeland. — É o que Marlon Fournier comenta, sua voz carregada pelo forte sotaque francês.

Engulo em seco, forçando uma postura imbatível ao encará-lo, visando fazê-lo acreditar que está blefando.

— Não estou — minto completamente.

Ele sorri, passando a ponta dos dedos brevemente sobre a barba rasa. Seus olhos escuros encontram os meus, e fico à espera de que seu olhar me tire o foco, como costumava ser, mas nada acontece. Por algum motivo, Marlon não causa mais efeito algum sobre mim.

Franzo um pouco o cenho ao perceber isso.

— Está, sim — ele provoca, me contrariando. — Aposto que, assim que Cazz chamar pelos nossos nomes e esta cortina se abrir, você desejará sair correndo.

Reviro os olhos, me estressando.

— Como se eu tivesse essa opção... — É tudo que sou capaz de responder antes do que acontece.

Jimmy Cazz, como se possuísse ouvidos biônicos capazes de escutar nossa conversa em sussurros, resolve, finalmente, nos chamar. Ele apresenta o elenco em um grito alto, dizendo nossos nomes no microfone, e a plateia vai à loucura.

De repente não sei mais como respirar.

A cortina se abre à nossa frente, e tudo passa pelos meus olhos em câmera lenta. As pessoas no auditório gritam, eufóricas, a banda toca uma música alegre no canto do estúdio, e Jimmy Cazz, sentado atrás de sua mesa, ostenta o sorriso mais largo e branco que é capaz, nos lançando um falso olhar simpático.

Marlon, ainda ao meu lado, acena para a plateia, jogando seu charme. Mesmo longe, a passos de distância, posso jurar ouvir suspiros apaixonados vindos do auditório.

Chega a ser patético o efeito que esse cara causa nas pessoas.

Emma Davis e Anne Carson, as atrizes que interpretam as irmãs da minha personagem no filme, também sorriem, acenando, simpáticas.

E no momento em que percebo que sou a única ainda estática, me obrigo a acenar também, apesar de achar patético.

A banda passa a tocar mais alto, e Cazz se levanta de sua confortável cadeira de couro — marca registrada do programa *Not My Business* —, vindo em nossa direção. O apresentador nos cumprimenta com beijos no rosto antes de nos guiar aos nossos assentos, de forma automática, como faz com todos os convidados. Enquanto Jimmy volta ao seu lugar, Marlon e eu

nos acomodamos no pequeno sofá de couro de dois lugares, onde fomos instruídos para nos sentarmos. Emma e Anne, por suas vezes, se sentam nas duas cadeiras altas, estilo as de diretor de cinema, posicionadas logo atrás da gente.

Aperto as mãos no meu colo, permanecendo com o forçado sorriso no rosto ao encarar a plateia, antes de direcionar meu olhar a Cazz. Câmeras nos cercam por todos os lados.

A banda para de cantar, o auditório para de aplaudir e Jimmy Cazz, então, entende que agora é o momento certo para começar a atacar.

— Estamos aqui com parte do elenco de *Um Clima Diferente*, que estreia em janeiro nos cinemas — ele inicia, nos apresentando devidamente ao focar seus olhos em uma das câmeras. — O filme, protagonizado por Avery Lakeland, conta a história de três irmãs que se mudam para Los Angeles e são obrigadas a recomeçar suas vidas do zero, conhecendo novas pessoas e... — O apresentador faz uma pausa, sorrindo sugestivo ao desviar seu olhar para Marlon, ao meu lado. — Novos interesses amorosos também.

Fournier mantém a postura de galã ao rir e, por um momento, imagino como a feição de Savannah deve estar, ao nos assistir em algum canto por aí, escondida das câmeras.

Depois da reunião que tivemos com Caden e Paxton, onde combinamos o que dizer caso Jimmy Cazz deseje ir mais a fundo no meu relacionamento com o jogador de hóquei, Savannah me pediu para ficar em sua sala enquanto os dois homens saiam. Tudo que ela me disse foi para ser cuidadosa ao estar ao lado de Marlon. A internet, muitas vezes, é capaz de acreditar em qualquer boato inventado. E se, por alguma razão, qualquer mísera troca de olhares mal interpretada entre Marlon e eu, gerar polêmica nas redes sociais, tenho grandes chances de ser vista como a atriz que traiu e partiu o coração de Caden Prescott, a sensação do hóquei, ao ter um caso com seu colega de elenco. E pelo histórico que Marlon e eu temos, com muitas pessoas que acreditam que realmente algo aconteceu entre nós, entendo a preocupação da minha agente.

Todo cuidado é pouco.

— Falando nisso, não posso deixar de dizer que o elenco desse filme está dando no que falar, hein? — Cazz começa, colocando suas garrinhas para fora. Atrás de mim, Emma e Anne riem fraquinho. — Eu tenho acompanhado as notícias e parece que vocês estão sempre na boca do povo.

— Ele arqueia as sobrancelhas, em uma feição sugestiva. — Na maioria das vezes, por assuntos relacionados às suas vidas amorosas.

Me obrigo a sorrir, apesar de, internamente, estar lutando contra a vontade de sair correndo ou de acertar um soco no rosto artificialmente harmonizado de Jimmy Cazz.

— Sabe como é, Cazz, nosso elenco não perde tempo — Marlon entra na jogada, provocando.

Reprimo a gigantesca vontade de revirar os olhos quando ouço a plateia gargalhar.

— Eu vi mesmo. — O apresentador também ri. — Inclusive, trouxe algumas provas de *tweets* que encontrei nesses últimos dias. — Sinto meu corpo gelar quando o vejo mexer em uma pilha de cartolinas preta em sua mesa, temendo ao imaginar o que possa estar tramando. Cazz pega a primeira delas, onde há um *tweet* de uma foto colado a ela. O nome e o *username* da pessoa estão borrados, não nos permitindo saber quem o publicou. Algo em mim parece se acalmar quando leio e percebo que não é sobre mim que a postagem se trata. — Anne Carson, por exemplo, pareceu estar se divertindo bastante com Ben Dumphy, o antagonista da trama.

Lanço uma breve olhada para trás, observando os olhos de Anne se arregalarem. Suspiros surpresos e, obviamente, forçados nos alcançam, vindos da plateia. A essa altura do campeonato, todos que conhecem o filme e o elenco já sabem que Anne está saindo com Ben, graças às fotos que vazaram.

E a colada à cartolina que Jimmy segura é só mais uma delas.

Anne e Ben haviam saído para jantar na noite em que foram fotografados por um paparazzo. Os dois, como sempre, saíram impecáveis na fotografia, apesar de terem sido pegos de surpresa. Ben, sendo o cara gentil que é, com seus cabelos loiros, olhos azuis e corpo cheio de músculos, estava vestindo seu casaco pesado sobre os ombros da atriz, que aparentemente estava com frio quando deixaram o restaurante italiano, após o jantar. Anne, com seus cabelos castanhos cacheados e a pele negra clara, sorriu diante do gesto, sendo pega em uma surpresa agradável.

Os dois são, definitivamente, muito fofos juntos.

— No filme, o personagem de Ben quer suas duas irmãs. Já na vida real, quer você — Cazz continua, rindo, se divertindo ao ser o insuportável que é.

De repente me pergunto por que caralhos aceitei participar deste programa. E me xingo mentalmente por ter entrado naquele voo com Savannah, de Washington para Nova York, onde acontece o programa, há apenas algumas horas.

Anne finalmente resolve se pronunciar, com a voz contida e tomada pela vergonha:

— As fotos não deveriam ter vazado — É o que diz, soltando uma risadinha forçadamente amigável, quando, na verdade, tudo que deseja é alcançar a garganta do apresentador e enforcá-lo. *Acho que não a culparia se assim fizesse...* — Ben e eu estamos nos conhecendo. Tudo ainda é muito novo. Infelizmente, não tenho muita coisa para dizer sobre nós dois.

— Mas ainda estão saindo? — Jimmy quer saber, arqueando uma sobrancelha.

Assisto quando a atriz faz que sim com a cabeça, cruzando as longas pernas finas.

— Sim, ainda estamos.

— Isso é ótimo! — Cazz exclama, se preparando para pegar a segunda cartolina. — Os fãs gostam muito de vocês como casal. Dizem que são fofos juntos.

— É, eles realmente são — Emma se pronuncia, preocupada em não deixar a amiga sem graça diante da inconveniência ao vivo.

— E quanto a você, Emma? Sei que anda saindo bastante, não? — Ele a lança um olhar sugestivo, segurando a segunda cartolina. Neste momento, todos percebemos que a mulher baixinha, de pele branca, cabelos castanhos e olhos sempre exageradamente maquiados é o seu próximo alvo.

O tweet colado ao papel, agora, por sua vez, é uma fofoca sobre ela.

— *Trabalho em um bar em uma boate e tenho visto Emma Davis quase todas as noites. Tenho que parabenizá-la. A mulher, além de ser uma tremenda gata, não perde tempo quando se trata de dar chances a turistas bonitões. Talvez esse seja o resultado de ser uma atriz internacional, no fim das contas* — Cazz lê exatamente o que está escrito na folha.

Atrás de mim, Emma, apesar de aparentar estar desconfortável, apenas revira os olhos teatralmente, gesticulando com uma das mãos, provavelmente dizendo que a bartender fofoqueira estava blefando ao postar a última parte.

— O que posso fazer se estou vivendo a vida de solteira? — Ela questiona, retoricamente, rindo nasalado.

Ao meu lado, Marlon cruza os braços, focando seus olhos em Cazz ao umedecer o lábio inferior com a ponta da língua.

— Emma é a minha inspiração — o ator brinca, fazendo o apresentador rir. — Quero ser como ela quando crescer.

— Você fala como se estivesse na seca há mil anos, não apenas há algumas horas — Anne comenta, rindo.

Fournier a lança um falso olhar ofendido, levando uma das mãos ao coração, arrancando algumas risadas do público.

— Falando na sua vida de solteiro, Marlon, tenho que admitir que fiquei surpreso quando soube que as expectativas dos fãs do filme foram quebradas — Cazz inicia, indo diretamente para um tópico perigoso e altamente sensível. Uma luz vermelha parece se acender em minha mente, acompanhada por um alto e ensurdecedor alarme desesperado, que me implora por socorro. O apresentador apoia os cotovelos sobre sua mesa, entrelaçando as mãos antes de suspirar, endireitando a postura, como se o assunto dependesse de toda a sua atenção e foco, pronto para atacar. — Todo mundo jurava que você e Avery teriam alguma coisa na vida real, não apenas no filme.

E então acontece.

Ele finalmente toca no ponto que sabia que planejava desde o começo, quando enviou os convites para nossos agentes, nos convidando a participar de seu programa.

Jimmy Cazz adora deixar as pessoas desconfortáveis, afinal.

— Não vou mentir. Eu, como fã de vocês dois, quando vi que ela havia assumido o namoro com Caden Prescott, me senti desolado — o idiota continua, sendo extremamente desagradável.

Ao ouvir a risada de Marlon, me empertigo no sofá. Não apenas por lembrar do que Savannah me instruiu, para ter cuidado com o modo que me comporto ao lado do ator, mas também por estar genuinamente irritada com tamanha falta de respeito que me cerca. Meu namoro pode não ser real, mas não é isso que acreditam. E ambos estão sendo uns cretinos ao rirem e debocharem do meu relacionamento.

— Não, de jeito nenhum! — Forço um sorriso no rosto, demonstrando não me afetar. — Eu e Marlon nunca tivemos nada além de respeito profissional um pelo outro — minto descaradamente, lançando um breve olhar para o homem ao meu lado, que para de sorrir no mesmo instante. Ele sabe que não é verdade. Nós dois sabemos. Realmente sequer

nos beijamos, mas isso não significa que não gostaríamos de ter feito. E aquela mensagem que me mandou, há um tempo, se lamentando por ter demorado tanto para me convidar para sair, quando descobriu sobre Caden e eu, é só mais uma prova disso. Volto a encarar Cazz, mentindo mais uma vez:

— Sinto muito, mas nossos fãs blefaram um pouco ao enxergar o que não tinha entre a gente. Somos apenas amigos e nada mais.

O apresentador acena levemente com a cabeça, olhando para Marlon em busca de confirmação. Fito o ator ao meu lado, torcendo para que não fale bobagem, e me sinto aliviada quando, após engolir em seco, ele concorda comigo.

— Exatamente. — É o que diz, voltando a sorrir.

Jimmy dá de ombros, lançando um olhar para a plateia antes de voltar a se direcionar a nós.

— Bom, se é o que dizem, quem sou eu para contrariar? — ele pergunta. — E sobre o Caden, Avery? Todos sabemos que ele é a grande estrela do time de Washington, que, por sinal, deve estar em jogo agora mesmo, não? — Cazz franze a testa ao perguntar.

Prontamente, faço que sim com a cabeça.

— Em Las Vegas, contra os Vegas Golden Knights.

— Deve ser difícil se relacionar com alguém que vive viajando — o apresentador comenta, buscando, mais uma vez, se intrometer no meu relacionamento.

Forço o meu mais sincero sorriso antes de responder:

— É complicado, sim, mas a gente dá um jeito. Minha rotina também costuma ser cheia, mas Caden e eu nos amamos demais. Quando estamos na cidade e com a agenda livre, passamos todo o tempo juntos — conto, me surpreendendo ao perceber que, em parte, a mentira que saiu pelos meus lábios é verdade.

Prescott e eu quase sempre estamos juntos.

— Isso é bom — o apresentador comenta. — Inclusive, vi algo sobre uma viagem que fizeram recentemente. Vocês pareciam realmente apaixonados nas fotos.

Finjo um suspiro bobo antes de dizer exatamente o que Savannah e eu ensaiamos:

— É, nós realmente estamos. Caden é um homem maravilhoso. Ele me completa.

Sinto ânsia imediatamente.

— Que fofos — ao meu lado, Marlon comenta, em alto e bom som. O encaro, buscando encontrar uma expressão de desdém tomando seu semblante, mas me surpreendo quando o flagro sorrindo. Talvez ele esteja atuando, assim como eu.

— Você o conhece, Fournier? — Cazz quer saber.

— Não — o ator responde, sem hesitar. Ele solta um risinho envergonhado antes de concluir: — Para ser sincero, nem sabia que Caden Prescott existia até ler a matéria sobre Avery e ele.

— O cara é um astro — atrás de mim, Emma fala, citando o fato. — Meu pai é um grande fã de hóquei, e é fascinado pelo Prescott.

— Ele é mesmo surreal no gelo — Cazz comenta, sorrindo. Me pergunto como seu maxilar ainda não trincou, diante de tantos sorrisos forçados. — Como se conheceram, Avery?

— Em uma exposição de arte beneficente — conto, naturalmente. — Eu estava observando um quadro quando Caden apareceu. Nós travamos uma guerra boba, decidindo quem levaria a obra para casa. — Rio com a lembrança.

Uma linha ainda maior toma o rosto de Jimmy, que, pela primeira vez desde que me sentei à sua frente, parece estar sendo verdadeiro em suas reações.

— Depois desse dia, não nos desgrudamos mais — concluo.

— E como foi a viagem às Maldivas? — Cazz quer saber.

— Ótima — revelo, tentando mascarar o desconforto ao ser bombardeada pelas lembranças das mãos de Caden em mim, da sua boca na minha, seu perfume invadindo minhas narinas e todos os beijos que depositou em minha clavícula e pescoço. Um arrepio estranho me percorre quase que imediatamente. Me obrigo a ignorá-lo. — É um ambiente extremamente romântico. Tudo que precisávamos após uma semana cansativa. Conseguimos aproveitar bastante.

E é com essa deixa que Jimmy Cazz dá início às perguntas sobre a viagem, parecendo, de repente, verdadeiramente interessado. E, de início, eu o respondo com sorrisos forçados no rosto. Mas, assim que começamos a falar sobre os acontecimentos da viagem e eu conto, de forma natural, sobre o jantar que Caden preparou, omitindo a nossa briga nesse dia, sobre a fácil amizade que fez com o garotinho apaixonado por elefantes, na piscina do hotel, e sobre quando fugimos de um cara, nos trancando no banheiro,

escondendo, obviamente, o motivo que nos levou a isso, percebo que a expressão feliz em meu rosto está longe de ser forçada.

E isso é extremamente assustador.

Só não chega a ser mais assustador do que o fato de que, em minutos de conversa e interação, dando boas risadas, não contei nenhuma daquelas histórias malucas que Caden inventou, durante a reunião com Paxton e Savannah, mas sim acontecimentos reais.

Porque, por incrível que pareça, de vez em quando, estar na companhia de Caden Prescott pode ser incrivelmente agradável.

E também incrivelmente perigoso.



CADEN

Odeio perder. Odeio d*e verdade*.

E sei que todos do time compartilham do mesmo sentimento, pois, enquanto meia dúzia de nós atravessa um dos corredores dos quartos do hotel em Las Vegas, o ar é pesado. Como se estivéssemos na porra de um enterro.

O silêncio abraça o espaço com luzes amareladas. Ninguém fala nada. Estamos ocupados demais repassando todas as péssimas jogadas que fizemos esta noite, nos martirizando e xingando em nossas próprias mentes por desapontar outros de nós e nossos torcedores.

Essa é a pior parte de jogar profissionalmente, no fim das contas. É bom ter a fama, o dinheiro e as festas, mas, no fim do dia, depois de uma derrota, o sentimento que temos às vezes, de que somos imbatíveis e estamos no topo do mundo, se vai, e nos sentimos insuficientes. Simplesmente porque a pressão colocada sobre cada um de nós, por milhares e mais milhares de pessoas, tem o mesmo poder de uma bigorna caindo sobre nossas cabeças.

É desgastante e apaixonante ao mesmo tempo, se é que isso é possível.

Desço meus olhos até o cartão, que atua como a chave do quarto do hotel, e confiro o número da porta. 432.

Estou erguendo meu olhar novamente quando sinto alguém cutucar minhas costas. Viro a cabeça, me deparando com um Austin, parecendo inquieto. Ele, assim como eu, segue andando atrás dos outros caras do time, a caminho dos nossos devidos quartos, localizados no final do corredor. Levanto a sobrancelha quando percebo o iPhone em suas mãos, imaginando que tenha visto algo que queira me mostrar, por isso me chamou.

— Já checou suas redes sociais depois do jogo? — meu melhor amigo sussurra. É como se tivesse medo de questionar em voz alta e atrapalhar o sofrimento da derrota pós-jogo de todos ao nosso redor.

Sem hesitar, faço que não com a cabeça, sincero.

Depois que deixamos a T-Mobile Arena, a casa dos Vegas Golden Knights, após uma derrota de 3 a 1, fomos direto para o vestiário. Em momentos como esse, após tomar uma ducha gelada, buscando aliviar os músculos tensionados, eu costumo checar meu celular, mesmo que brevemente. Mas hoje não fui capaz disso. Minha cabeça parecia prestes a explodir. Deixamos o rinque na expectativa de ouvir as dezenas de broncas e xingamentos do treinador Weston, mas isso não aconteceu. E todo mundo sabe que um George Weston silencioso é bem mais assustador do que um Weston raivoso. É como se ele estivesse desapontado ao nível extremo. Como se nem ao menos possuísse força para chamar nossa atenção e ditar o que fizemos de errado, com direito a dedos sendo apontados e jogadores fortões se encolhendo de medo.

E, relembrando de todas as chances que perdemos de forma gratuita e dos erros idiotas que cometemos, que poderiam ser facilmente evitados, sei que ele tem razão ao se sentir decepcionado. Weston é como o pai do time, afinal.

Austin abre um sorrisinho nos lábios antes de os separar, prestes a dizer alguma coisa. Mas então os caras param de andar. E, distraído, quase me choco contra as fortes costas de Michael Parker, mas, felizmente, percebo a tempo.

— Boa noite, galera. — É o que Michael diz, em alto e bom som, quebrando o silêncio ao me fazer perceber que já alcançamos o fim do corredor e estamos próximos das portas dos nossos devidos quartos. O mais novo do time, com apenas 20 anos de idade, força um leve sorriso ao se despedir dos outros 5 de nós, que estamos neste andar. Parker, vestindo seu terno pós-jogo, entrelaça os dedos nos longos fios de cabelo castanhos claro, que chegam quase na altura do fim do pescoço. — Vejo vocês amanhã. — É

a última coisa que ele fala antes de abrir a porta do seu quarto e sumir por ela.

O corredor é preenchido por resmungos e despedidas desanimadas, e então, segundos depois, apenas Austin e eu restamos. O canadense volta a me encarar, seus olhos transparecendo toda a empolgação que aparenta o preencher neste momento. Uma sensação muito contraditória para um atleta que acabou de perder um jogo consideravelmente importante.

Solto um pesado suspiro, me recostando na parede branca. A mochila que trouxe pesa em minhas costas, impedindo meu corpo de ter um contato direto com a parede fria.

— Desembucha, Crawford — falo, sem mais delongas.

Estou exausto pra cacete e, seja lá o que Austin esteja louco para falar, é melhor que faça logo.

Meu melhor amigo finalmente permite que um grande sorriso tome seus lábios. Ele volta a encarar o celular, batendo a ponta dos dedos calejados incessantemente sobre o teclado do iPhone branco, procurando por alguma coisa. Quando parece encontrar, finalmente estende o aparelho em minha direção, me permitindo ver o que há na tela.

E meu queixo imediatamente cai, quase alcançando o chão.

— Avery acabou de sair do estúdio do Jimmy Cazz, em Nova York — Austin diz, como se fosse a legenda desnecessária de um gráfico ou algo assim, já que a informação está bem na minha frente, em seu celular. — Você sabia que ela participaria do *Not My Business*?

Enrugo o nariz no mesmo instante.

Com a ansiedade pré-jogo e a derrota preenchendo minha mente durante as últimas 24 horas, nem me lembrei disso. Mesmo tendo passado horas no escritório de Savannah, conversando sobre o que aconteceria na entrevista de hoje. A informação simplesmente se desvaneceu da minha cabeça, feito uma linha de fumaça sumindo pelos ares.

— Eu esqueci — comento, puxando o celular das mãos dele.

Um vídeo de Jimmy Cazz, atrás de sua mesa, em sua famigerada cadeira de couro, está aberto na tela, postado por uma conta no *Twitter*. O apresentador sorri com seus dentes brancos de forma exagerada, enquanto conversa com o elenco de *Um Clima Diferente*. Quando a câmera muda, focando nos 4 atores principais da trama, sinto uma pontada estranha me atingir, ao observar o babaca do Marlon Fourier sentado ao lado da Avery.

O idiota está perto. Perto demais. E dirige olhares a ela a cada cinco segundos.

Cerro a mandíbula no mesmo instante, involuntariamente.

E então Cazz começa a falar, sendo o apresentador inconveniente de sempre:

— *Falando na sua vida de solteiro, Marlon, tenho que admitir que fiquei surpreso quando soube que as expectativas dos fãs do filme foram quebradas. Todo mundo jurava que você e Avery teriam alguma coisa na vida real, não apenas no filme.*

Assisto quando Avery se remexe no sofá, desconfortável, mas se esforçando para permanecer com a falsa postura contente de quem está tendo uma ótima oportunidade em aparecer, mais uma vez, em rede nacional. Eu a conheço bem. Não importa quantas vezes ela tente negar, eu sei disso. Conheço a forma como se comporta com a palma da minha mão. Já senti seu corpo, afinal.

E sei que, naquele momento, durante aquela parte da entrevista, Avery Lakeland daria de tudo para pular em cima da mesa de Cazz e o estrangular com suas próprias mãos.

Austin dá alguns passos até parar ao meu lado, cravando os olhos curiosos no vídeo em seu celular, como se ainda não o tivesse assistido por inteiro. Na tela, Avery não demora muito para se defender, mentindo descaradamente:

— *Eu e Marlon nunca tivemos nada além de respeito profissional um pelo outro. Sinto muito, mas nossos fãs blefaram um pouco ao enxergar o que não tinha entre a gente. Somos apenas amigos e nada mais.*

Sinto algo se revirar em minha barriga ao observar o francês a encarando. Ele sabe que não é verdade. *Porra*, os dois sabem. Até eu sei. Aquela foto no porta-retrato sobre a cabeceira no quarto de Avery é a prova de que o que tiveram, seja lá o que tenha sido, foi além de "respeito profissional". E esta maldita entrevista também, já que Marlon a encara como se pudesse despi-la apenas com o olhar.

Sorrio ao assistir Lakeland mentir, dizendo que eu a completo, fingindo ser uma tremenda boba apaixonada. Essa mulher é uma atriz incrível. Isso ninguém pode negar. Solto um riso nasalado ao pensar em como ela deve ter ficado com raiva de si mesma diante da mentira que foi obrigada a soltar.

Mas no momento seguinte, quando o idiota do Marlon quase me menospreza em rede nacional, afirmando que não me conhecia até Avery assumir estar comigo, minha feição volta a ser séria.

— Odeio esse cara — Austin comenta, ao meu lado.

— Você não é o único — devolvo.

Sinceramente, não consigo imaginar Marlon Fournier e Avery sendo amigos. O cara é um tremendo babaca. Essa entrevista e as mensagens que ele mandou a ela, enquanto estávamos em Maldivas, são provas vivas disso. Ele simplesmente não respeita ninguém. Nem o relacionamento dos outros.

Apenas volto a sorrir quando Avery conta como eu e ela nos conhecemos, na exposição beneficente que Paxton e Savannah organizaram. Solto um riso baixinho assim que menciona a briga boba que travamos pelo quadro da esposa assassina, percebendo o olhar estranho que Austin lança em minha direção, como se captasse alguma coisa. E só quando a vejo contar sobre nossa viagem às Maldivas, sobre o jantar, o acontecimento do banheiro e minha amizade momentânea com o garoto fanático por elefantes, me dou conta de que não sinto mais meus lábios, de tanto tempo que estão parados na mesma posição. Em um sorriso idiota. E que meu coração, inexplicavelmente, parece bater mais forte.

O vídeo acaba. Me libertando do estranho transe que me consumiu, limpo a garganta, entregando o celular de volta para Austin. E no instante em que me viro para ele, o encontro me encarando fixamente, com a boca minimamente aberta e um vinco se apossando da sua testa, em meio às sobrancelhas, como se divagasse sobre algo.

— O que foi? — questiono, sem entender.

Meu melhor amigo não responde. Poucos segundos depois, ele finalmente se mexe, fechando a boca e chacoalhando a cabeça.

— Nada — Austin mente. Ele desvia o olhar, guardando o celular no bolso da cara calça social, que ama usar após os jogos. Em seu rosto, percebo que um sorriso é contido. — É só que... às vezes vocês parecem um casal de verdade. Sua noite estava uma bosta até eu te mostrar essa pequena parte da entrevista. De repente, você estava com um sorrisão no rosto.

Deixo uma risadinha me escapar.

— Essa é a intenção, não é? Não é isso que temos que mostrar para todo mundo? Que estamos juntos?

— Acho que sim. — O canadense dá de ombros. — De qualquer forma, saiba que se quiser ficar com ela no fim de toda essa maluquice, eu

dou todo o maior apoio.

Reviro os olhos teatralmente. Pouso a mão em um dos seus ombros, em um gesto forçadamente reconfortante, antes de dizer:

— Sei disso, Crawford, mas nunca vai acontecer.

— Já te falei que é isso que dizem em todas as comédias românticas — o idiota continua insistindo, me fazendo rir baixinho.

Afasto meu toque do seu ombro, dando um passo para longe da parede. Com uma das mãos, firmo a alça da mochila pesada em meus ombros, sentindo que já passou da hora de deitar na cama e dormir.

Como se compartilhasse do mesmo pensamento, meu melhor amigo boceja.

— É melhor a gente dormir — fala, constatando o fato. — Escutei quando Weston disse para o Parker que se pegasse qualquer um de nós andando pelo hotel depois das dez, iria nos matar. Ele já está sem paciência.

Rio um pouco, concordando.

— Boa noite, cara.



Um grande quadro com uma réplica da pintura “Noite Estrelada”, de Vincent van Gogh, está pregado a uma das quatro paredes do quarto. Um grande lustre pende do teto, iluminando o ambiente, e observar a cama de casal, diante do cômodo abraçado pelo silêncio, traz uma estranha sensação de solidão.

Enfiando a escova de dentes na boca, me afasto da pia do banheiro, indo até o batente da porta que separa os dois cômodos. Me recosto nele, escovando os dentes. Com a mão livre, desbloqueio o celular, colocando a mesma senha que uso há mais de cinco anos. E, só quando faço isso, percebo que Avery me enviou uma mensagem, há sete minutos.

Sorrio, com a boca lotada de espuma, e aperto na notificação, me deparando com uma matéria da Winter Rose, compartilhada por ela, logo acima de uma mensagem.

AVERY LAKELAND EXPRESSA SEU AMOR POR CADEN PRESCOTT EM REDE NACIONAL! FÃS DO CASAL VÃO À LOUCURA!

Por Fallon Dions
Winter Rose.

Nesta noite, o elenco de *Um Clima Diferente,* um filme que chega em janeiro nos cinemas, foi ao *Not My Business*, o programa noturno do apresentador Jimmy Cazz, onde dezenas de convidados são recebidos mensalmente, para serem entrevistados.

Entre os quatro principais do elenco — Marlon Fournier, Emma Davis e Anne Carson —, estava Avery Lakeland, a protagonista. E a conversa entre ela e Jimmy Cazz deu o que falar nas redes sociais. Os internautas que se consideram fãs de CAVERY — junção escolhida para ser o *shipp* do casal —, foram à loucura diante das falas da atriz, que, sentada ao lado de Marlon Fournier durante todo o tempo, confessou estar perdidamente apaixonada por Caden Prescott, o jogador estrela do Washigton Capitals. A atriz disse estar mais feliz do que nunca, e arrancou algumas risadas do público ao contar alguns detalhes sobre a recente viagem às Maldivas, feita pelos dois.

Prescott e Lakeland são, com certeza, um casal promissor, que está conquistando diversos corações ao redor do mundo.

Estou com um sorriso idiota estampado nos lábios assim que termino de ler. Desço meus olhos pelo bate-papo com Avery, checando sua mensagem:

Avery: *Eca.*
Tive que falar muitas coisas boas sobre você hoje.
Não nego que senti vontade de vomitar.

Solto um riso baixinho, levando os dedos ao teclado, para responder. Mas então, Avery é mais rápida. A tela do iPhone se acende, e seu nome pisca nela, acima do botão de aceitar ou recusar a chamada de vídeo.

Imediatamente, corro para a pia, cuspindo a pasta de dente antes de limpar a boca, a secar com a pequena toalha branca, e voltar para o quarto. Me jogo na cama, ainda ouvindo o toque do celular, e, encostando as costas na cabeceira estofada, finalmente atendo a ligação.

Avery aparece na tela, também deitada na cama de um quarto de hotel, do outro lado do país. Seus lábios estão franzidos, como se se esforçasse para conter o sorriso que ameaça tomá-los, o rosto está livre de maquiagem, e o cabelo castanho está solto, se espalhando sobre a fronha branca do travesseiro.

Está linda pra cacete.

— A que devo a honra, esquentadinha? — pergunto, em um tom de brincadeira, tomando o cuidado para manter a câmera apontada para o meu rosto.

Ela finalmente desiste, deixando que o sorriso tome seus lábios.

— Por favor, me diga que não assistiu à entrevista — Avery diz, claramente envergonhada. Suas bochechas, um tanto rosadas, são a prova disso.

Solto uma risada nasalada, sem conseguir me conter.

— Não assisti tudo, mas Austin me mostrou uma parte. Então quer dizer que eu sou um homem maravilhoso, *huh?* — provoco.

De repente Avery some da tela, afastando o celular do seu rosto, repleta de vergonha. Algo se aquece em meu coração, e o sorriso em minha boca se alarga.

— Não acredito que me submeti a isso — a atriz diz, ainda sem apontar a câmera para si, me fazendo rir.

— Já Jimmy Cazz, ao contrário de você, adorou ter nosso relacionamento comentado em seu programa — comento, citando o fato.

Avery finalmente volta a aparecer na câmera.

— Aquele apresentador é um babaca. Senti vontade de pular na mesa dele e esganá-lo.

Solto uma risada fraca ao ouvir sua fala, comprovando exatamente o que eu pensava.

Viu, Avery Lakeland? Eu te conheço.

— Já que estamos falando sobre caras inconvenientes, Marlon Fournier também foi bem intrometido, não? — sondo, querendo saber sua opinião. Sei que Avery e esse cara tem algum tipo bizarro de amizade, mas não consigo imaginá-la o defendendo diante do comportamento que teve na entrevista. Porra, ele a olhava como se a quisesse por inteira, e nem ao menos tentou disfarçar.

A atriz revira os olhos verdes, bufando alto.

— Marlon me irritou ao extremo hoje. Não sei o que deu nele — ela fala, me obrigando a conter o sorriso satisfeito. Em seguida, Avery muda de assunto, transformando seu semblante: — Vi o resultado do jogo de hoje. Sinto muito, Prescott.

Suspirando, me sento na cama, tendo o meu humor alterado diante da lembrança.

— Jogamos muito mal. Não sei o que aconteceu — falo, sentindo cada palavra pesando sobre mim. — O treinador Weston está extremamente desapontado. E os caras estão tristes pra caralho.

— Era um jogo muito importante? — Avery pergunta, torcendo os lábios.

— Todo jogo é importante, esquentadinha — admito, deixando que a fina linha de canto volte a tomar meus lábios. — Mas agora sei que Weston vai pegar mais pesado nos treinos. Nós estávamos indo bem, e não sei o que aconteceu no jogo de hoje.

— Nem imagino como deve ser ter tanta pressão sobre suas costas — Avery diz, enrugando o nariz. — Ainda mais por saber que pessoas têm a horrível tendência de focar apenas nos erros uma das outras.

— É, é uma verdadeira bosta — digo, sincero. — Quando entrei nos Caps, essa pressão gigante ainda era maior. Eu era novo no time, me cobrava demais. Queria levar orgulho aos meus pais, à torcida, ao capitão, a mim mesmo e, principalmente, para o Owen, fosse lá onde ele estivesse. Me lembro de me trancar no banheiro uma vez, depois de uma derrota, e explodir. Foi Austin quem me ajudou nessa época. Ele me fez entender que nem sempre a gente consegue ganhar. Por isso, o que sinto hoje em dia, depois que perdemos um jogo, não é nem 10% do que eu sentia naquela época.

— Mas vocês estão bem na tabela, não estão? — Avery pergunta, se certificando.

Faço que sim, sem hesitar.

— Não tão bem quanto estávamos em 2018, quando ganhamos a Stanley Cup, mas estamos bem, sim — respondo, sincero. — Estamos fazendo de tudo para chegar aos *playoffs*. A recaída de hoje não vai mudar muita coisa.

Avery assente, tentando acompanhar. Em silêncio, eu a observo por alguns segundos, antes de tomar fôlego e dizer:

— Volto para Washington em dois dias. — Engulo em seco após soltar a informação, me sentindo nervoso, por alguma razão. — Se você já estiver lá, será que... posso dar uma passadinha no seu apartamento? Sabe, só para sustentar a mentira e...

Paro de falar, deixando a frase morrer no ar, sem saber como prosseguir.

A verdade é que eu não tenho um motivo bom o suficiente para usar como desculpa. Simplesmente *quero* estar na presença de Avery Lakeland. Nem eu entendo direito por quê. Acho que talvez já esteja acostumado com sua companhia, já que tem se tornado cada vez mais corriqueira em minha vida.

— Pode — a atriz responde, sem hesitar, sequer parecendo se incomodar com o pedido.

Pisco algumas vezes, sendo pego de surpresa. *Nenhuma piadinha, careta ou patada? O que aconteceu com Avery que não estou sabendo?*

— Certo — conto, contendo o sorriso teimoso que ameaça tomar meus lábios mais uma vez. — Te vejo em dois dias, então?

A atriz concorda com a cabeça, prestes a responder. Assim que separa os lábios, porém, um bocejo a impede, transparecendo sua exaustão.

E é adorável pra caralho.

— Te vejo em dois dias — ela repete, com a voz baixa e sonolenta.

Finalmente, me libertando de qualquer amarra que me prendia, deixo que o sorrisinho se estampe em meu rosto. E volto a me deitar, chocando a cabeça contra o travesseiro, antes de desejar:

— Boa noite, esquentadinha.

Avery boceja de novo, levando uma das mãos à boca, a tapando, dizendo logo em seguida, com um sorrisinho:

— Boa noite, Prescott.

E assim que ela desliga, e a tela do meu celular se apaga, o jogo para o lado, em cima das cobertas. Levo meus olhos ao teto branco, o fitando, sentindo algo que não sentia a muito tempo se aflorando dentro do peito.

E caio no sono sem nem perceber, ainda com o sorrisinho idiota emoldurando os lábios.



19

AVERY

Reprimo uma careta a cada vez que ouço Raven fungar.

É terça-feira à tarde, e estamos sentadas no sofá da sala, assistindo a uma das cenas finais do filme Sol da Meia-noite, embaixo de pesados cobertores. Novembro em Washington, geralmente, é um mês fresco, que antecipa a estação fria, que permanece de dezembro a março. Mas como já estamos nos aproximando do fim do mês, ventos gélidos e nuvens cobrindo o céu por inteiro estão se tornando cada vez mais frequentes.

— Esse filme é tão triste — comenta minha irmã, fungando mais uma vez. Franzindo a testa, eu a encaro, me deparando com lágrimas escorrendo por cada um dos seus olhos vermelhos. Raven as seca com o dorso da mão, em vão, já que logo depois outras voltam a escorrer por suas bochechas rosadas.

Não nego que é um filme difícil de assistir, já que a história gira em torno do Xeroderma Pigmentoso, uma doença rara, e que Bella Thorne deu vida à personagem de uma maneira extraordinária e emocionante, mas às vezes acho que minha irmã deve ter algum problema ao assistir filmes tristes. Raven sempre chora feito uma criança. E nunca é de um jeito controlado ou saudável.

Ela sempre parece prestes a desidratar.

— Você está bem? — pergunto, apenas para me certificar.

Minha irmã, sem dizer nada, usa uma das mãos para fazer um sinal positivo em minha direção, em forma de resposta. Suas íris esmeraldas permanecem focadas na tela da tevê, e ela inclina o tronco para frente, como se estivesse ansiosa pelos momentos finais do filme e quisesse assisti-los mais de perto.

Ainda com o cenho franzido, volto minha atenção à tevê.

Raven está de folga hoje. E, para falar a verdade, não sei por que está aqui em casa, assistindo a um filme comigo e fazendo a mesma coisa que fazemos sempre. Com o tanto que Raven Lakeland trabalha, devia dar um tempo para si mesma e sair da rotina. Não é como se minha irmã tivesse muitos amigos. Ela passou a vida toda com a cabeça enfiada nos livros, estudando para se tornar uma boa médica, e hoje em dia sua rotina é uma confusão, com poucos dias livres, mas Raven é extremamente sociável. Sei que, se desse uma chance a si mesma, para visitar lugares diferentes e conhecer pessoas novas, faria novos amigos em um piscar de olhos.

O filme finalmente acaba, e minha irmã se encontra aos prantos ao meu lado. Estou prestes a acudi-la quando, em um *timing* perfeito, meu celular toca.

Procuro pelo aparelho em meio ao cobertor, ouvindo o toque incessante da música irritante. Quando o encontro, o prendendo entre meus dedos, lanço um olhar para Raven, que permanece enxugando as lágrimas em seu rosto com as próprias mãos.

— É a mamãe — aviso.

Ela se levanta no mesmo instante, ainda fungando. Como se não fosse nem mesmo capaz de falar, minha irmã apenas estende a palma da mão no ar, me pedindo para esperar em um gesto silencioso. Ela dá alguns passos largos em direção ao corredor, saindo do meu campo de visão ao sumir por ele.

Nós duas sabemos muito bem como a cabeça de Anastasia Lakeland funciona. Ela tem tendência a se preocupar por motivos bestas e a criar uma história em sua mente extremamente criativa, aumentando o que verdadeiramente aconteceu. Se visse o rosto da minha irmã, com os olhos vermelhos inchados e as bochechas manchadas pelo rímel borrado, provavelmente entraria em colapso, desligaria a ligação e estaria em nossa porta em menos de cinco minutos.

Mesmo que o percurso da sua casa até o nosso apartamento demore mais.

Ela colocaria Washington de ponta cabeça para nos alcançar, chegando a nós em tempo recorde.

Inspiro e expiro demoradamente antes de tomar a coragem necessária e levar a ponta do dedo até o botão verde estampado na tela do meu celular, atendendo a chamada de vídeo. Todo mundo sabe que, às vezes, falar com qualquer um dos meus pais é tão exaustivo que se iguala a correr uma maratona inteira. Os dois, com suas manias de reclamar um do outro feito dois discos arranhados, são capazes de cansar qualquer um.

— Avery! — Anastasia exclama assim que aparece na tela. Seus cabelos tingidos de loiro estão perfeitamente penteados, e um largo sorriso está aberto em seus lábios pintados de vermelho. Minha mãe é linda. Isso não tem como negar.

— Oi! — Armo um sorrisinho nos lábios, tentando passar a mesma animação expressada por ela.

— Está tudo bem? Onde está a sua irmã? Ela não trabalha hoje, não é? — ela começa, me bombardeando com perguntas.

— Raven está no banheiro — conto, provavelmente falando a verdade. Neste instante, ela deve estar em frente à pia, lavando o rosto e buscando deixar sua feição menos parecida com a de alguém que parecia ter voltado de um enterro de um parente próximo. — Ela já deve estar voltando.

Anastasia desvia seus olhos para longe da tela, os focando em algo ao seu lado, que sua câmera não é capaz de capturar. Por um instante, enquanto fixa suas íris no que quer que esteja diante delas, seu olhar se transforma, como se a apreensão o dominasse por alguns poucos segundos.

Mas então ela volta a atenção para o celular, e o sorriso forçado retorna à sua boca.

Franzo o cenho no mesmo instante, repassando sua atitude estranha em minha própria mente.

— Voltei! — A voz de Raven invade a sala novamente, e, relaxando a testa, ergo meu olhar até ela, que entra saltitando no cômodo, como se não tivesse desidratado minutos atrás. Seu tom de voz ainda está um pouco fanho, mas não de forma exagerada, nem perto do que estava antes, e seu rosto agora se encontra com a leve maquiagem renovada.

Definitivamente, não se parece com alguém que estava aos prantos com um filme triste.

— Oi, filha! — minha mãe exclama, toda feliz, assim que minha irmã se acomoda ao meu lado, aparecendo na câmera. — Está tudo bem?

Raven permite que uma fina linha contente tome seus lábios ao assentir.

— Você está bonita — ela diz. — Vestido novo?

Anastasia faz que sim com a cabeça, lançando uma breve analisada para o vestido que usa. Um social verde, feito de *tricot*, mas extremamente elegante. *É a cara da minha mãe.*

— Comprei na semana passada — ela informa, franzindo os lábios em seguida. A observando tentar disfarçar a apreensão que, por algum motivo, ameaça tomar seu semblante mais uma vez, franzo o cenho.

— Está tudo bem aí? — questiono, em busca de respostas. Raven se aproxima ainda mais de mim enquanto seguro o aparelho, encostando sua cabeça em meu ombro, repentinamente preocupada ao ouvir minha pergunta. Anastasia, por sua vez, apenas pisca, sendo pega de surpresa. Alguma coisa, definitivamente, não está certa. E eu posso sentir. — Você parece estranha.

Minha mãe, desistindo de permanecer na postura fingida de mulher sorridente, fecha os olhos, soltando um longo suspiro ao permitir que seus ombros despenquem. A preocupação dentro do meu peito se agrava, e, ao meu lado, Raven me lança um rápido olhar, repleto de perguntas não proferidas.

— O que está acontecendo? — minha irmã questiona, voltando sua atenção para o aparelho em minha mão, onde nossa mãe se faz presente em um retângulo na tela.

Anastasia abre os olhos, os conectando a nós, mesmo que virtualmente. Ela parece... com medo. E é estranho vê-la assim. Minha mãe costuma ser muito segura de si, diante de todas as situações difíceis que enfrenta.

— O que aconteceu? — insisto, repetindo a pergunta de Raven.

— Vocês vão querer me matar... — Anastasia murmura baixinho, movimentando a câmera para o que há ao seu lado. Para o que chamou sua atenção minutos atrás, quando notei o primeiro sinal de apreensão tomar seus olhos.

E então, eu o vejo.

De repente não sei mais como respirar. Minhas mãos passam a suar no mesmo instante, e tenho a sensação de ter levado um chute na boca do estômago.

Porque, ao lado da mulher loira que me deu a vida, está uma figura que eu e minha irmã conhecemos muito bem.

Com seus 51 anos, os cabelos, que antes eram pretos, completamente grisalhos, vestindo um dos seus trilhares de ternos caros e ostentando um maldito sorrisinho no rosto, que faz com que a vontade de gritar me preencha por inteira, está Charles Wilfred. E meu pai não parece nem perto de estar abalado. Muito pelo contrário.

Em um pulo, Raven volta a se sentar de forma ereta no sofá, repleta de uma mistura de ódio e confusão. Expressando exatamente o que me invade feito uma desesperada e intensa avalanche neste momento.

— Que porra é essa? — É o que minha irmã questiona, a voz saindo mais aguda do que o habitual, quase que em um grito. Raven nem mesmo se importa com o fato de ter dito um palavrão para nossos pais. Está puta demais para pensar nisso.

Capaz de sentir meus olhos faiscando em irritação, eu os cravo em minha mãe, que volta a aparecer na tela. Anastasia, parecendo nervosa ao ter que se explicar, mordisca o cantinho do lábio inferior, desejando adiar provavelmente a que será uma das conversas mais difíceis da sua vida.

— Pode começar a falar — digo, sem paciência. Meu coração parece prestes a pular pela boca a qualquer instante, e meus ombros se encontram mais tensionados do que nunca.

Charles e Anastasia não se suportam. Meus pais se odeiam. Poderiam ser capazes de matar um ao outro em questão de segundos, caso estivessem juntos em um mesmo ambiente.

Na última vez que isso aconteceu, quando ambos vieram jantar em nosso apartamento, para conhecer Caden, Raven teve que os separar o tempo todo, evitando que se tornassem os causadores da Terceira Guerra Mundial.

Esta merda está toda errada.

E nem mesmo gosto de pensar por que...

— Não vou pedir para não surtarem, porque sei que é impossível... — minha mãe começa. — Sei que vão sentir raiva de nós dois, e eu entendo. Juro que entendo. Mas, peço que escutem tudo que temos a dizer antes de jurarem que não irão nos odiar para o resto da vida.

— Meu Deus... — Raven murmura, ao meu lado, confirmando que seus pensamentos estão seguindo na mesma linha que os meus. Ele leva uma das mãos à boca, a tapando, e fecha os olhos, suspirando de forma

dolorosamente lenta, como se, assim como eu, desejasse ouvir qualquer outra frase no mundo, menos a que estamos prestes a escutar agora.

— Eu e seu pai resolvemos reatar — Anastasia conta, tirando o *band-aid* de uma vez por todas, assim como qualquer vontade que eu ainda tinha de viver, que ela arranca para fora do meu peito sem o menor sinal de piedade.

— Puta que pariu! — sopro, sequer me dando conta até que o palavrão já tenha escapado pelos meus lábios.

— Aconteceu quando eu e Eddie começamos a sair cada vez mais. Sabe, aquele cara da loja de móveis na Penn Quarter... Cheguei a falar dele para vocês — nossa mãe continua. Por um instante, enquanto a observo, extremamente incrédula e furiosa ao mesmo tempo, se é que isso é possível, penso em tapar meus ouvidos com as mãos, feito uma criança birrenta. — Eu percebi que não existe mais ninguém para mim. Apenas o Charles.

E então Anastasia sorri, direcionando seu olhar ao homem sentado ao seu lado, no que imagino ser o sofá da sua casa. Ela se mostra *feliz*. Feliz por ter voltado com o ex-marido, que também pode ser chamado de "meu pai".

E eu sinto vontade de esganar os dois.

— É sério mesmo que vocês acham que essa merda vai funcionar? — explodindo ao meu lado, Raven puxa o aparelho das minhas mãos sem sequer pedir permissão. Ela se levanta do sofá em um pulo, inquieta, dando alguns curtos passos pela sala do nosso apartamento, sem rumo. Sua voz, que até alguns minutos estava um tanto fanha, sendo o resultado do seu frágil momento assistindo a um filme que neste instante nem mesmo deve se lembrar da história, agora se encontra potente, como se pudesse bater o recorde do grito mais alto de todos. — Qual é o problema de vocês dois? — minha irmã grita, ficando vermelha, me fazendo arregalar um pouco os olhos.

Não consigo enxergar as feições dos meus pais, mas imagino que estejam longe de estar contentes.

— Não conseguem enxergar tudo que nos foi causado por esse relacionamento problemático e doentio para o qual estão voltando? — Raven continua, como se tivesse alcançado o seu limite. Como se já estivesse de saco cheio há muito tempo, mas, após anos guardando suas emoções para si mesma, tenha se esgotado. Minha irmã solta uma risada incrédula antes de gritar, pela última vez: — Puta merda! Vocês dois são loucos!

E então Raven desliga a chamada.

E só neste momento percebo a lágrima que escorreu por um dos meus olhos, em algum momento em meio a esse caos. De tristeza ou de raiva, não sei ao certo. Talvez seja fruto de uma mistura dos dois.

Minha irmã deixa meu celular sobre o móvel da tevê, suspirando ao apoiar as duas palmas das mãos no mesmo, buscando se acalmar.

Raramente vejo Raven se descontrolar, mas não a julgo. De jeito nenhum.

Apenas nós duas sabemos de tudo que passamos. Dos gritos, discussões, competições infantis e de todas as vezes que fomos esquecidas na escola, enquanto esperávamos nossos pais decidirem quem iria nos buscar, assim que parassem de berrar um com o outro.

Não consigo acreditar que agora, depois de tudo, eles ainda possam crer que esse relacionamento perturbado tem chance de dar certo.

E, se esse for mesmo o caso, essa é só mais uma prova de que essa merda que chamam de amor é cega pra caralho.



Afogando o rosto no meu travesseiro favorito, permaneço em silêncio, deitada em minha cama. Minha respiração está abafada, e entrelaço as mãos sobre a barriga.

Sinto como se pudesse passar o restante do dia todo aqui. Sozinha, em silêncio, enquanto tento encobrir meus problemas usando um maldito travesseiro, para me impedir de enxergar todo o caos que tem se apossado da minha vida com cada vez mais intensidade.

É como se meu futuro, que antes era minuciosamente controlado e planejado, agora fosse um grande borrão branco, capaz de me atordoar e cegar os olhos. Como se um furacão tivesse passado pela minha vida, arrancando florestas do chão e destruindo tudo pelo caminho.

E isso é assustadoramente aterrorizante.

Quando a campainha toca, fazendo o som reverberar por todas as paredes do apartamento, alcançando cada cômodo, apenas solto um grunhido baixo, sem forças até mesmo para me sentir irritada por estarem atrapalhando meu momento de depreciação.

— Eu atendo! — É o que a voz estridente de uma Raven ainda furiosa grita, vinda de longe ao me avisar.

Sem mover um músculo sequer, solto um pesado suspiro, já começando a sentir falta de ar ao permanecer com o travesseiro tapando meu rosto há tempo demais.

Ouço, mesmo que baixinho, quando minha irmã gira a chave na fechadura, destrancando a porta principal do nosso apartamento, buscando verificar quem é o inconveniente intruso que, neste instante, está com os pés cravados sobre nosso tapete de "boas-vindas". E depois de alguns segundos de silêncio, quando a porta se abre, imagino eu, a voz que escuto faz todos os meus membros congelarem.

— Oi, Raven. — É o que *ele* diz. — Sua irmã está? Mandei algumas mensagens para ela, mas Avery não respondeu.

Com uma das mãos, afasto o travesseiro do rosto no mesmo instante, em alerta. Abro os olhos, os sentindo arder ao se conectarem com a luz, depois de um bom tempo no escuro, e passo a fitar o teto, franzindo um pouco o cenho, focada em ouvir a conversa que está prestes a acontecer no cômodo próximo.

— Ela está no quarto — Raven responde.

Ouço Caden dizer mais algumas coisas que não entendo, e então se explicar:

— Nós tínhamos combinado de se encontrar, depois que eu voltasse de viagem. Ela falou que eu poderia passar aqui, assim que chegasse em Washigton.

Merda. É verdade.

Com a bomba que foi atirada em minha cara nesta tarde, fantasiada de "meus pais estarem juntos novamente", acabei me esquecendo desse fato. Prescott disse que estaria aqui dois dias depois da minha entrevista para o programa de Jimmy Cazz. Dois dias depois que os Caps perderam para o time de Las Vegas.

— Não acho que hoje seja uma boa... — minha irmã fala, sincera. Mesmo que de longe, meus ouvidos são capazes de captar a cautela abraçando cada uma de suas palavras.

— O que aconteceu? — Prescott quer saber, como se, de repente, estivesse genuinamente preocupado.

Me viro na cama, deitando de lado assim que ouço Raven começar a contar sobre a ligação que recebemos mais cedo, vinda da minha mãe e da

repentina volta dos meus pais, que, de alguma forma, acreditam que agora tudo vai dar certo. Que serão felizes juntos e que saberão conviver de uma forma saudável.

Acreditar nisso, após anos infelizes, vivendo em meio ao mais sincero caos, uma traição e palavras de ódio sendo atiradas sem piedade alguma, é algo burro pra caralho.

E é estranho que apenas os dois não consigam enxergar isso.

Abraço um dos travesseiros quando, após Raven contar tudo a Caden, as vozes cessam. Imaginando que ele tenha ido embora, estou prestes a fechar os olhos, buscando pegar no sono e fingir, mesmo que por algumas horas, que meus problemas são inexistentes, quando escuto a sola de um sapato indo de encontro ao assoalho.

A porta do meu quarto, que já estava parcialmente aberta, range baixinho, sendo empurrada por alguém. E nem preciso erguer a cabeça para me certificar de quem seja, pois o perfume amadeirado muito conhecido por mim, alcança minhas narinas, estraçalhando qualquer dúvida antes mesmo de ser formada.

— Vá embora — peço, a voz saindo fraca demais, sem convicção alguma. Quem estou tentando enganar, afinal? Não importa quantas vezes repita ou tente mentir para mim mesma, me obrigando a acreditar que quero distância de Caden Prescott. Nunca vai funcionar.

Porque não é verdade.

Conviver com ele é como caminhar sobre uma corda-bamba, buscando manter o equilíbrio necessário para não despencar de metros e mais metros de altura. É como estar de frente a uma armadilha, necessitando do máximo de cautela para não ser fisgada. Como tentar fugir de ladrões em um escuro beco sem saída, onde, a qualquer momento, possa ser pega sem piedade alguma.

É arriscado, difícil e assustador. E, muitas vezes, só de ouvir sua voz ou sentir seu perfume, luzes vermelhas e piscantes se acendem em meu cérebro, gritando em alto e bom som que ele é algo perigoso. Algo do qual preciso manter distância.

— Não vou embora até ter certeza de que você está bem — Caden diz, estilhaçando qualquer resquício do juízo que me restava. Ouço quando, do outro lado da cama, ele chuta os sapatos para longe dos seus pés, se preparando para se deitar ao meu lado. E, quando assim faz, não movo um músculo sequer para impedi-lo.

Porque simplesmente não quero. E meu irritante coração idiota parece implorar para que ele fique. Para que se deite ao meu lado, me envolva com seus braços fortes e faça promessas rasas, dizendo que tudo ficará bem. Que todo esse emaranhado caótico de sentimentos conflituosos que me preenche vai passar.

E talvez, neste momento, eu seja mesmo uma tola por estar precisando do único cara capaz de me desestabilizar, logo quando meus pais reataram, voltando para a relação problemática que nos infernizou durante anos, nos trazendo cicatrizes e profundas marcas, mas, diferente do que eu queria, não me importo.

Só me pego desejando que me abrace. Que prenda meu corpo contra o seu até que, mais tarde, ao levar meu moletom ao nariz, tudo que possa sentir seja o seu perfume.

E quando assim ele faz, se acomodando ao meu lado, passando um dos musculosos braços em volta da minha cintura, me puxando para si e me inebriando com seu cheiro, algo se rompe dentro de mim, se estilhaçando feito vidro. E ao sentir seu toque e sua quente respiração em meu cangote, a sensação é de ter pequenas estrelas dançando através da minha pele, arrepiando meu corpo por inteiro.

É perigosamente reconfortante.

Mas, pela segunda vez desde que dormimos juntos em Maldivas, mando esses pensamentos para longe.

Suspirando, sem proferir uma palavra sequer, mantenho o silêncio e fecho uma das minhas mãos sobre a sua, ao redor da minha cintura, sentindo seus dedos calejados de atleta.

E Caden nem mesmo parece se surpreender diante do gesto ou da falta de alarde que fiz, quando se aproximou de mim e nem tentei contê-lo. É como se, no fundo, ele soubesse que tudo em mim grita para ser reconfortado por ele.

Como se soubesse que meu corpo arde para estar tomado em seus braços, na companhia de todos os seus sorrisinhos presunçosos e habitual arrogância que muitas vezes me faz querer socá-lo, mas que, de alguma forma, estou aprendendo a gostar.

É como se entendesse que simplesmente *preciso* dele.

Só dele.



20

AVERY

Não tenho tendência a dormir por horas, me perdendo em meio ao sono, mas acho que é isso que acontece quando o corpo dói tanto. Ele implora por um descanso. Como se estivesse desesperado por ser engolido pela escuridão do sono, podendo desligar as emoções e impedir a mente de pensar em tudo que há de caótico por algumas horas.

Sobre a cabeceira ao lado da cama, o relógio marca sete da manhã. Já é quarta-feira, e eu nem mesmo percebi o tempo passar.

Ontem à tarde, depois que Caden se deitou ao meu lado, me prendendo contra seu corpo, tudo em mim relaxou. Foi como se quilos fossem afastados dos meus ombros, me permitindo voltar a respirar de forma tranquila.

E foi absurdamente estranho.

Resmungando na cama, levo uma das mãos para frente dos olhos, os protegendo e impedindo que os fortes raios solares de início da manhã, que invadem o cômodo pela janela, os alcancem. Me perco no pensamento de que acordar com o céu ensolarado, à medida que vamos chegando a dezembro, aqui em Washington, é algo extremamente raro, e levo um tempo até recobrar a consciência e perceber que o outro lado da cama, onde o corpo musculoso de Caden Prescott estava na última vez que meus olhos

estiveram abertos, agora se encontra vazio. O lençol branco está amarrotado, e o travesseiro se encontra parcialmente encapado pela fronha, igualmente amarrotada.

Franzo o cenho assim que o pensamento de que, possivelmente, em meio à madrugada, Prescott possa ter ido embora, sem ao menos se despedir, invade minha mente.

E fico surpresa diante da pontada de decepção que isso me causa. Não é como se ele tivesse a obrigação de permanecer aqui até eu acordar.

Devagar, me sento na cama, ainda sonolenta. Coço um dos olhos com a mão, enquanto afasto o pesado cobertor de cima de mim com a outra. Tateando o piso com as solas dos pés, alcanço as pantufas de forma automática, as calçando logo em seguida.

Instantes depois, já estou saindo pela porta do meu quarto. O silêncio preenche a casa por inteira, e sou atingida pela confusão assim que percebo esse fato.

Está cedo. Neste horário, Raven deveria estar se arrumando para ir trabalhar. E eu sei muito bem o quanto ela adora cantarolar enquanto se veste, tomando o cuidado para não se atrasar.

Mas, ao contrário do habitual, nem mesmo é possível ouvir sua voz baixinha, cantando qualquer uma das músicas do The Neighbourhood que tanto adora.

Atravesso o corredor, chegando à sala. Os cobertores que usamos para nos proteger do frio de ontem, enquanto assistíamos ao filme, ainda estão sobre o sofá, amarrotados um ao lado do outro. E Juice, por sua vez, deve ter adorado nossa falta de vontade para guardá-los, pois está deitado em cima de um deles, como se já tivesse se apossado dele e o considerasse sua cama.

— Bom dia, amigão! — o cumprimento, fazendo aquela voz irritante que pessoas babonas costumam usar com seus cães.

O dálmata sequer hesita antes de saltar para longe do sofá, vindo em minha direção. Ele abana o rabo durante o curto percurso, exibindo a língua para fora da boca, demonstrando estar feliz.

Sorrio assim que Juice se senta sobre um dos meus pés, me encarando ansioso, esperando por carinho. Afago os pelos brancos e rasos de sua cabeça, o observando como uma mãe orgulhosa, capaz de sentir meu coração explodir a qualquer momento.

Amo esse cachorro.

Como se fosse uma jogada do destino, ouço uma chave se encaixando na porta do apartamento no mesmo instante, erguendo meus olhos até ela sem pestanejar. E então, simples assim, matando todas as minhas dúvidas sobre o paradeiro dos dois, Raven e Caden a abrem, passando por ela.

Raven veste uma calça legging e um top de ginástica. A roupa de Prescott, por sua vez, se resume a apenas uma bermuda, já que a camiseta ensopada, que imagino que tenha tirado há apenas alguns minutos, se encontra amarrotada em volta do seu pescoço. Tênis próprios para exercícios estão em seus pés, e suas expressões felizes revelam que, até poucos instantes atrás, estavam rindo de algo.

Levo alguns segundos para perceber o que realmente está acontecendo.

E assim que todas as peças se encaixam em minha cabeça, sou obrigada a reprimir a careta que ameaça tomar meu semblante.

Meu namorado de mentira e minha irmã acabaram de voltar de uma corrida matinal. Juntos. Rindo, como se fossem cunhados de verdade.

Como se pertencessem à mesma família.

Puta merda!

— Ah, você acordou! — É a primeira coisa que Caden exclama assim que seus olhos se conectam aos meus, notando minha presença. Um sorrisinho se faz presente em seus lábios, e ele analisa meu rosto de maneira minuciosa, o escrutinando em busca de qualquer indício que revele que não estou bem. Sua preocupação é fofa e aquece algo dentro de mim. — Está melhor?

Faço que sim com a cabeça, assistindo quando Juice me deixa para trás, correndo em direção aos dois adultos que acabaram de chegar.

Raven sorri, se agachando no chão e abrindo os braços para que o dálmata se encaixe entre eles. Juice passa a lamber o rosto da mais velha, que sorri e tenta impedi-lo.

Caden aproveita o pretexto para se aproximar de mim, que permaneço no mesmo lugar, quase como se meus pés estivessem presos por tijolos. Meus olhos o acompanham a cada curto passo que dá, vindo na minha direção. Faço uma careta assim que Prescott se aproxima o suficiente, me permitindo ver as gotas de suor que escorrem pelo seu cabelo, respingando em seu abdome ridiculamente esculpido, à mostra pela falta de camisa.

— Que nojo, você está suado!

Ele ri, segurando a blusa branca ensopada, que pendurava no pescoço.

— É isso que geralmente acontece quando a gente sai para correr — o atleta comenta, e, por um segundo, me pego imaginando-o depois do treino. Um vestiário, após um jogo de hóquei, com certeza, deve ser um dos lugares mais fedidos do mundo. Caden deixa a camiseta no braço do sofá antes de se virar para mim novamente, coçando a nuca ao contar: — Ontem à noite, enquanto você dormia, dei uma passada em casa, para pegar algumas coisas. Austin estava lá, então pedi para ele já deixar algumas cuecas, bermudas e camisetas separadas. As roupas que trouxe de viagem estavam todas sujas, e não ia conseguir usá-las de novo. Sabe, não estava nos meus planos passar a noite aqui... — Caden aponta para um dos cantos da sala, onde há uma pequena mala, ao lado de uma mochila. Sinto uma estranha alegria boba ao pensar que ele, mesmo depois de ter ido para sua casa enquanto eu dormia, se deu ao trabalho de voltar e passar a noite aqui. Retorno meu olhar para Prescott assim que ele continua: — A maior é a mala que trouxe comigo de Las Vegas. — Solta uma risadinha baixa, dando de ombros ao conectar suas íris às minhas. — Fui burro o suficiente para esquecer de deixá-la em casa ontem, quando fui buscar a mochila menor.

Pisco algumas vezes, tentando processar o que acabei de ouvir.

— Você veio pra cá logo que pousou em Washington?

Prescott encolhe os ombros, abrindo um sorrisinho nos lábios.

— Eu disse que viria te ver assim que chegasse na cidade, esquentadinha.

Antes que possa me dar conta, um sorrisinho também invade meu rosto, se fazendo presente.

Parado à minha frente, ainda a passos seguros de distância, Caden desce seus olhos até meus lábios, os cravando neles por alguns pouquíssimos segundos. Sinto um arrepio idiota me percorrer no mesmo instante.

Mas, assim que Raven pigarreia, atrás de nós, Caden desvia o olhar.

— Desculpa por atrapalhar a conversa dos dois, mas eu tenho que tomar café da manhã antes de me arrumar para o trabalho — ela diz, se levantando do chão, parando de dar atenção ao Juice. A expressão contente do cão murcha imediatamente. — Se ainda quiser fazer aquele *smoothie* de blueberry que comentou, Prescott, a hora é agora.

— Ah, sim! Claro — Caden a responde, abrindo um sorrisinho simpático em seus lindos lábios.

Raven sai andando em direção à cozinha, e o atleta gira nos calcanhares, fazendo menção de segui-la. Antes, porém, Prescott se vira para mim, relevando, com a testa um tanto franzida:

— Não sei se quer se certificar disso ou não, Avery, mas, assim que voltei da minha casa ontem, com minhas roupas, eu dormi na sala. Tinham cobertores e almofadas no sofá, e achei que seria melhor do que dormir com você na cama, sem o seu consentimento.

Processando sua fala, levo alguns segundos para me libertar da paralisia que, de uma hora para outra, pareceu dominar meu corpo. E então, meneio a cabeça.

Uma fina linha se curva nos lábios do atleta antes que ele volte a se virar de costas, indo em direção à minha irmã.

Indo fazer o *café da manhã* com a minha irmã.

E assistir a essa cena é estranho pra caralho.



— Quer experimentar, esquentadinha? — Caden pergunta, estendendo o copo com a cremosa bebida roxa, com um canudinho enfiado.

Nego com a cabeça, dando mais um gole em meu café gelado com leite de amêndoas.

Prescott, Raven e eu estamos sentados à mesa, tomando café da manhã. Os dois, se perdendo em meio às altas gargalhadas que deram enquanto cozinhavam, exageraram na quantidade e nas variedades das receitas. O caos que se apossa da cozinha, com algumas panelas e dezenas de utensílios sujos sobre o balcão, é a maior prova disso.

Caden dá de ombros, desistindo de insistir, após a milésima vez, a me convencer a experimentar um gole da bebida gelada que preparou e jura ser sua maior especialidade. Realmente parece ser boa, já que Raven faz sinais de positivo com uma das mãos e geme em aprovação a cada vez que leva o canudo de seu copo à boca, mas não troco meu café gelado por nada.

Minha irmã chama minha atenção ao fazer barulho com o canudo dentro do copo, sugando o líquido, que já acabou. Como se estivesse apressada, Raven checa o relógio em seu pulso, que ela sempre usa quando

vai correr, já que conta suas calorias gastas, batimentos e controla a respiração. Em seguida, apoia as pontas dos dedos das mãos na beirada da mesa, tomando ajuda para arrastar sua cadeira para trás. Os pés do assento rangem pelo piso, e minha irmã se levanta, roubando uma última torrada de uma das cestas. Sem se dar ao trabalho de passar geleia na mesma, Raven a morde.

— Preciso tomar banho e me arrumar agora, se não quiser me atrasar — ela avisa, mandando um beijo no ar antes de dar as costas e sair em direção ao corredor, sumindo pelo mesmo em questão de segundos, levando a torrada junto de si.

Do outro lado da pequena mesa, Caden dá uma grande mordida no sanduíche de salame que preparou, revelando, de boca cheia:

— Depois do café, vou precisar ir embora também. — Ele dá mais um gole em sua bebida, engolindo tudo antes de continuar: — Eu e alguns caras do time combinamos de malhar antes do treino. De acordo com o Austin, isso nos fará sentir mais garra para entrar no gelo, mais tarde. Não sei se isso se aplica a todos nós, mas Austin e eu, por algum motivo maluco, realmente nos tornamos mais pilhados após puxar alguns ferros. — Ele franze o espaço entre as sobrancelhas, exibindo um sorrisinho nos lábios. — O que é meio estranho, se pararmos para pensar que a maioria das pessoas parece querer morrer depois da academia.

Ergo uma das mãos no ar, sorrindo também.

— Eu sou uma dessas pessoas.

Caden solta uma risada baixinha, focando seus olhos nos meus por alguns segundos, antes de desviá-los de volta para o seu sanduíche.

Também me obrigo a afastar meu olhar do seu rosto charmoso e corpo musculoso, que ainda continua sendo exibido pela falta de camiseta.

— O que Savannah disse sobre a entrevista com Jimmy Cazz? — ele pergunta, puxando papo.

Dou de ombros, repetindo o mesmo que contei a Raven, assim que cheguei de Nova York:

— Após passar alguns incontáveis minutos o xingando com todas as palavras feias existentes no dicionário, ela me parabenizou. Disse que eu fui convincente diante de todas as mentiras contadas.

Caden sorri.

— Afinal, o que mais poderíamos esperar de uma atriz como você? — ele questiona, retoricamente. — Quando nos encontramos pela primeira

vez, na exposição beneficente, você disse que ser uma boa atriz é fingir ser outra pessoa tão bem, que fará com que todos os outros acreditem que você é mesmo como o personagem que foi escalado para interpretar. — Um sorriso toma meus lábios assim que ele mostra se lembrar do que falei, mesmo depois de tanto tempo. — Nesse caso, sua personagem é a fã número um do jogador Caden Prescott, também conhecido como *"um homem maravilhoso"* — Caden brinca, soltando uma risadinha ao zombar da forma como me referi a ele na entrevista com o Cazz.

Reviro os olhos, cruzando os braços em frente ao peito, feito uma criança birrenta. A linha feliz que emoldura meus lábios, porém, entrega que minha irritação não chega nem perto de ser genuína.

— Nunca vai me deixar esquecer disso, não é? — Arqueio as duas sobrancelhas.

Caden ri, deixando o sanduíche pela metade sobre a mesa. Ele esfrega uma das mãos na outra, como se as limpasse, e afirma:

— Não, esquentadinha. Nunca.

Reviro os olhos mais uma vez, de forma teatral.

— Ah, já ia me esquecendo! — Prescott diz, após dar mais um longo gole em sua bebida roxa, endireitando a postura, como se o assunto demandasse toda sua atenção. Foco meus olhos em seu rosto, atenta, esperando pelo desenrolar da sua fala. — O que vai fazer no feriado de Ação de Graças?

Dou de ombros, sem resposta.

— Tinha planos de jantar na casa da minha mãe, mas, depois de ontem, a ideia de ao menos cogitar visitá-la parece impossível. — Dou mais um gole no meu café, puxando a bebida pelo canudinho. Arqueio uma sobrancelha, curiosa. — Por quê?

Prescott endireita ainda mais a postura. Ele separa os lábios, mas não diz nada e os fecha em questão de instantes. Franzo a testa ao observá-lo levar uma das mãos até a nuca, a coçando, como se estivesse nervoso.

— Tem algo para me dizer? — pergunto, um tanto cautelosa.

O atleta conecta suas íris escuras às minhas, e, apreensivo, faz que sim com a cabeça.

— Eu pensei que... sei lá... — Caden pigarreia, estranhamente nervoso. — Meus pais moram em Maryland, em uma casa no lago. Costumo visitá-los nos feriados, e não vejo o porquê de ser diferente nesse. Além de que, os dois estão extremamente ansiosos para te conhecer e...

— Espera aí! — o corto, no mesmo instante. — Está pensando em me levar junto com você?

Posso sentir o nervosismo me invadir apenas ao pensar na ideia.

— É — Prescott responde, simplista, dando de ombros. — Da mesma forma que seus pais estavam ansiosos para me conhecer, os meus também estão. — Ele me fita nos olhos, mantendo a expressão tranquila, forçando a cautela a abraçar cada uma das suas palavras. É como se temesse minha reação e se esforçasse para não me assustar e me fazer entrar na defensiva, como geralmente tende a acontecer. Às vezes, até mesmo chego a pensar que Caden pode me conhecer de verdade. — Será tranquilo, juro. Meus pais não são bichos de sete cabeças, e temos aquela casa desde que eu e Owen éramos crianças. Conheço bem a região, caso você seja mordida por um peixe assassino e eu tenha que te levar a tempo para o hospital. — Ele não é capaz de se conter, soltando uma risadinha. Nem eu, pois acabo sorrindo também. Prescott volta a manter a voz séria ao dizer: — São apenas alguns dias, Avery. Vamos na quarta-feira e voltamos na sexta.

Encarando seus olhos escuros, que permanecem à espera de uma resposta, pondero sobre o convite.

Realmente, não me parece um monstro de sete cabeças. Mas também não aparenta ser uma situação “tranquila”, como Caden disse.

Conhecer a família de um namorado verdadeiro, como todo mundo já sabe — até aqueles que nunca tiveram um —, é um grande acontecimento. Ao se tratar de um namorado falso, é ainda maior.

É literalmente mentir para uma família esperançosa, que acredita que o filho encontrou o amor da sua vida ou a pessoa que, possivelmente, no futuro, os trará lindos netinhos bochechudos.

Mas, se Caden Prescott conseguiu se manter no papel em frente aos meus pais, por que eu não conseguiria?

E é com esse pensamento que, endireitando a postura e erguendo um pouco o queixo, tentando demonstrar uma confiança que nem mesmo estou certa se tenho, resolvo dizer, surpreendendo tanto Caden, quanto a mim:

— Tudo bem. Vamos visitar seus pais.



PARTE DOIS

ABAIXANDO OS MUROS



AVERY

Exatamente uma semana depois, no fim de tarde da última quarta-feira do mês, antes do feriado de Ação de Graças, Prescott e eu estamos em seu carro, a caminho de Maryland, para visitar seus pais. O vento beija nossas peles, pela falta de teto na Mercedes cinza, onde, explodindo no rádio, a voz de Katy Perry é capaz de me fazer sentir como se estivesse no clipe de *Teenage Dream*, já que o cenário em que nos encontramos agora, com Caden dirigindo e eu sentada no banco ao seu lado, é quase idêntico ao dos personagens do clipe.

A única diferença é que não estamos dirigindo pelas ruas da Califórnia, como é dito na música.

E, muito menos, apaixonados.

Usando uma das mãos para descer minimamente os óculos de sol que uso, o escorregando pelo ossinho do nariz, viro a cabeça e lanço uma olhada para o homem ao meu lado, que, dirige batucando os dedos no volante, no ritmo da música, balançando a cabeça e cantarolando baixinho. Um sorriso idiota toma meus lábios no mesmo instante.

Nunca pensei que Caden Prescott fosse um fã de música pop. E não nego que fiquei surpresa quando sua playlist favorita começou a tocar.

Ele, muitas vezes, ainda consegue ser uma caixinha de surpresas aos meus olhos.

A estrada, por incrível que pareça, se encontra vazia, apenas com poucos veículos, o que permite que Prescott acelere o carro esportivo; se esquecendo do limite de velocidade às vezes.

Não nego que vê-lo dirigindo, com um boné vermelho dos Caps afundado na cabeça, com a aba virada para trás, e óculos escuros com a armação redonda, é uma das coisas mais sexy que já cruzou meus olhos. E nunca vou admitir isso em voz alta, mas Prescott, quando veste uma camiseta preta e uma correntinha prateada, como agora, chega a beirar o perfeito, se é que isso é possível.

Ele é a personificação de um pedaço de mau caminho.

Flashes de memória invadem minha mente, me teletransportando para Maldivas, onde senti e vi seu corpo por inteiro. Um arrepio me percorre no mesmo instante e, mordiscando o cantinho do lábio inferior, me obrigo a desviar os olhos de sua mão firme na direção e a afastar as lembranças daquela noite. Que ainda considero um grande erro, por sinal.

Com a ponta do dedo, deslizo a armação dos meus óculos pela ponta do nariz, o ajeitando diante dos meus olhos. Em seguida, levo minhas mãos bisbilhoteiras até o porta-luvas do carro, o mesmo onde vi Caden pegar seu boné, quando me buscou em frente ao meu prédio e entrei em seu carro.

Encontro um segundo boné. Um azul, desta vez. Bordado a ele, em vermelho, está o número 13 — o número de Caden —, e na aba, também em detalhes vermelhos, está a logotipo da águia, que representa o Slapshot, o mascote oficial do time.

Fecho o porta-luvas, o travando antes de levar o boné à cabeça e o afundar na mesma. Caden, curioso ao captar meus movimentos, me lança um olhar convidativo, deixando que um sorrisinho de canto se forme em seus lábios.

— Combina com você — ele diz.

Buscando verificar, desvio meus olhos até o retrovisor ao meu lado, me analisando no espelho.

E percebo que Caden tem razão.

Por algum motivo estranho, fico bonita usando alguma peça com a logo dos Capitals.

— Posso assinar para você, se quiser — o idiota ao meu lado brinca, buscando me provocar. Volto a atenção para ele, que franze os lábios

enquanto concentra os olhos na estrada, se contendo para não rir.

Reviro os olhos de maneira teatral, apesar de saber que, mesmo se estivesse olhando para mim, Caden não conseguiria reparar com clareza, por conta dos óculos escuros que uso.

— Não se dê ao trabalho — respondo, forçando uma simpatia inexistente na voz, entrando no seu jogo. O sorrisinho sincero que mantenho nos lábios revela que estou levando na esportiva, longe de estar irritada. Alcanço meu celular no console do carro, destravando a tela com o *face id* antes de abrir a câmera e erguê-lo no ar. — Poupe sua assinatura para suas fãs de verdade. — Abro um sorriso grande, mostrando os dentes para a câmera ao fazer uma pose. — Agora diga "somos um casal de verdade" e sorria para a câmera — peço, entredentes.

Caden demora alguns segundos para processar meu pedido, mas logo obedece.

— Somos um casal de verdade! — exclama, sorridente, lançando um rápido olhar para o aparelho em minhas mãos antes de voltar a direcioná-lo para o caminho à sua frente.

Trago o aparelho para perto dos olhos, verificando se pelo menos alguma das três fotos que tirei ficou boa. Nas duas últimas, Prescott saiu borrado, pois já estava virando sua cabeça, para se focar na estrada. Mas a primeira delas, está perfeita.

Nós dois estamos lindos.

Verifico o sinal do celular, checando se os dados móveis funcionam neste canto da estrada. Em seguida, abro o Instagram, indo direto postar a imagem. Escrevo uma legenda simples, mas que explica que estamos viajando para o feriado, e menciono Caden na foto. Assim que aperto no botão para publicá-la, as curtidas já começam a chegar como uma desesperada enxurrada.

É impressionante como minhas fotos com Prescott sempre chamam muito mais atenção do que minhas postagens sozinha. Não só por ele ser um cara bonito e atraente aos olhos, mas por realmente termos fãs que nos apoiam.

Ao deslizar a ponta do dedo na tela e atualizar o *feed*, me arrependo no mesmo instante. A primeira postagem que vejo, faz com que a sensação ruim, que não sentia há muito tempo, me invada com força. Engulo em seco, em uma falha tentativa de fazer o amargor presente em minha língua descer pela garganta.

Na imagem, o elenco de um novo seriado de médicos se faz presente. A série ainda não tem data de estreia, mas todos já estão depositando uma grande expectativa sobre ela. Nessa última semana, o elenco foi oficialmente revelado, e as redes sociais foram bombardeadas por críticas. Em maioria, positivas.

O que não me impressiona. Os atores escalados realmente são magníficos.

Alguns, conheço pessoalmente. Outros, apenas de ouvir falar ou pelos trabalhos que já fizeram. Mas uma das atrizes em específico, infelizmente, se faz presente em alguns capítulos da minha história. Capítulos sombrios e obscuros que, se tivesse a chance de apagar, faria sem ao menos pestanejar.

Na foto, Lina Simmon, vestindo o traje da cirurgiã protagonista que foi escalada para interpretar, sorri, exibindo seus dentes brancos e perfeitamente alinhados. Seus cabelos loiros cacheados emolduram o rosto fino, e seu corpo magro posa para a foto, já que uma de suas mãos está em seu quadril.

Ela é linda. Isso não tem como negar.

Pena que o que há em seu interior, foi capaz de a estregar por completo, aos meus olhos.

Ao ter a mente bombardeada de lembranças indesejadas, de tempos distantes, bloqueio o celular, o colocando de volta no console, sem muito cuidado. Tiro os óculos de sol, esfregando a mão nos olhos, impedindo que lágrimas ao menos tentem se formar por eles.

Assim que passo a encarar Caden, ele já está me olhando. E tem a testa franzida.

— Está tudo bem? — É o que quer saber, sua voz se misturando à música alta e feliz que escapa pelo rádio, se contradizendo com o sentimento amargo que me preenche e que, por sua vez, parece ter dominado todos os cantos do veículo.

Sorrindo falsamente, tentando passar o máximo de convicção possível, respondo, mentindo de forma descarada:

— Perfeitamente bem.

Situada no lago Deep Creek, a casa da família Prescott tem um estilo rupestre. Com dois andares, o telhado com telhas aparentes e em formato de L, varandas que valorizam o andar superior e um deck na lateral, que dá caminho direto ao lago, a construção passa um ar harmônico e aconchegante.

A vizinhança deserta, composta apenas por árvores e alguns cais flutuantes, que atravessam pequenas porções do lago, é extremamente tranquila. O piar audível dos pássaros e as aves aquáticas, que ocupam as regiões mais rasas da água, são mais algumas provas de que viver neste lugar, muito provavelmente, chegue próximo de ser um sinônimo para tranquilidade.

— Tem certeza de que está mesmo bem? — Ao meu lado, a voz de Caden chama minha atenção para si, me obrigando a distanciar meus olhos curiosos da janela e parar de analisar os arredores. Me encarando curioso, com cautela, ele desafivela o cinto de segurança, se libertando após uma hora cansativa de viagem. — Sabe, se o motivo de ter ficado calada por metade da viagem seja o fato de estar nervosa para conhecer meus pais, pode ficar tranquila. Eles são tranquilos. Pouco invasivos. O máximo que pode acontecer é expressarem felicidade ao te conhecerem, até porque faz muitos anos que não chego em casa com uma namorada, mas não vai ser nada demais. Só te darão alguns abraços, talvez.

O escuto com atenção, me dando conta apenas neste momento de que nunca questionei Caden sobre seus antigos relacionamentos. Porra, nem mesmo sabia que ele já teve uma namorada de verdade antes.

— Eu estou bem — revelo, obrigando um falso sorrisinho a se formar em meus lábios, buscando assegurá-lo. — Não fiquei calada porque estou nervosa. Só estava cansada — conto, mentindo em partes.

É verdade que meu silêncio não se deu pelo fato de estar apreensiva para conhecer seus pais, mas também não fiquei quieta por estar com sono.

Fui tudo culpa da Lina Simmon e daquela postagem que vi.

Mesmo após anos e mesmo depois de ter superado, ela ainda mexe comigo.

É como se meu cérebro e corpo se lembrassem de tudo.

À minha frente, Caden arqueia as sobrancelhas, demonstrando não acreditar em mim. Suspirando, puxo uma de suas mãos frias para mim, a segurando enquanto olho no fundo dos seus olhos e tenho convencê-lo mais uma vez.

— Juro. Estou bem.

Prescott separa os lábios, prestes a falar alguma coisa, mas então o som de uma porta se abrindo chama nossa atenção. Solto sua mão no mesmo instante, me virando de volta para a janela, que me permite ver quando um homem de 62 anos e a mulher de 58 saem da casa, abrindo gigantes sorrisos nos rostos ao notarem nossa presença.

Ao menos foi necessário que tocássemos a campainha para avisá-los que chegamos. A região é tão calma e silenciosa, que ambos conseguiram escutar o motor do carro com clareza.

Caden alcança minha mão novamente, me obrigando a voltar a encará-lo. Seus dedos calejados apertam a minha pele de forma leve, fazendo cosquinha, e seus olhos escuros me fitam em um pedido silencioso, como se implorassem por algo.

— Caso se sinta desconfortável, prometa que vai me avisar. Que não vai simplesmente fugir e se isolar em um canto. Sei como todo esse negócio de fingir estar apaixonada é como se fosse uma fraqueza para você — ele pede, controlando o tom de voz, com medo dos seus pais ouvirem.

Engolindo em seco, apenas sou capaz de anuir.

Os lábios de Caden se juntam em uma fina linha, e ele então solta minha mão, abrindo a porta ao seu lado. Prescott salta do carro, andando rapidamente ao dar meia-volta em torno do veículo, buscando chegar até seus pais.

Jae Yoon e Andrea Prescott Yoon estampam sorrisos ainda maiores assim que o filho se aproxima deles, os cumprimentando com um abraço apertado. Por um segundo, sinto medo de seus maxilares se romperem.

Os dois são exatamente como nas fotos que encontrei na internet, há alguns meses, quando fiz minhas pesquisas sobre Caden. Andrea é uma mulher baixinha, com olhos verdes escuros e alguns fios de cabelo brancos, que imagino que tenha se esquecido de pintar. Jae, por sua vez, é um homem de cabelos grisalhos e olhos idênticos ao do filho. O que me lembra que, quando fiz a pesquisa sobre Caden, me tornando sua biografia ambulante, vi um site que dizia que ele é praticamente idêntico ao seu pai quando tinha sua idade. Apenas o cabelo, que é menor, e os milhares de músculos entregam que são pessoas diferentes.

O que explica Jae Yoon ser um senhor tão bonito, imagino eu.

Tomando uma respiração profunda, levo uma das mãos até a trava da porta, a abrindo antes de saltar do carro. A batendo logo em seguida, me sinto um tanto travada, incerta sobre o que fazer.

Caden e seus pais parecem estar em um momento familiar agradável, o que é raro para mim. Quando Raven e eu éramos crianças e situações semelhantes aconteciam, nos permitindo viver na paz familiar pelo menos por alguns poucos minutos, tínhamos medo de estragar tudo. Sabíamos que se falássemos algo errado, poderíamos desencadear mais uma discussão entre meus pais e, consequentemente, destruir todo o inabitual clima agradável.

Mas então Caden se afasta do abraço da mãe, se virando em minha direção. Com uma das mãos e um sorriso estampado no rosto, Prescott gesticula, me convidando a me aproximar.

E, tentando parecer o mais natural possível, me obrigo a esconder o nervosismo e estranhamento em qualquer lugar profundo dentro de mim. Armo meus lábios com uma linha feliz, dando alguns passos em direção à sua família unida e contente.

— Amor, esses são meus pais — Caden começa, nos apresentando ao entrar no personagem. Sorrio ao apertar a mão de Jae, que parece genuinamente contente em me conhecer. Seus olhos brilhantes são a prova disso. — Pai, mãe, essa é Avery Lakeland, minha namorada.

Estendo a mão para cumprimentar Andrea, mas, ao invés de apertá-la, ela me puxa para um abraço, me surpreendendo.

— Estou muito feliz em finalmente te conhecer, querida — a mãe de Caden comenta, me apertando contra si. O sorriso que cresce em meus lábios é inevitável. — Você é ainda mais bonita pessoalmente! Não me considere uma daquelas *stalkers* de perfil, como vocês costumam dizer hoje em dia, mas eu andei dando uma olhada nas suas fotos do Instagram. — Ela se afasta de mim, levando uma das mãos até meu ombro. Andrea abre um sorrisinho travesso, e nem mesmo consigo me sentir incomodada diante do que acabei de ouvir, pois sua simpatia faz algo se aquecer dentro de mim.

Solto uma risadinha, logo respondendo:

— Obrigada. Também estava doida para conhecer vocês.

— Caden deveria ter nos apresentado antes — ela comenta. — Foi uma surpresa e tanto quando descobrimos sobre o relacionamento de vocês. Jae até achou que a notícia fosse mais uma daquelas *fake news*, de hoje em dia — ela continua, se mostrando atualizada nas expressões populares pela segunda vez. Acho que isso é o que acontece quando se está com quase 60 anos e tem um filho famoso. É necessário se manter informada sobre o que circula pelas redes sociais.

— Em minha defesa, nossas vidas não são fáceis — Prescott diz, ao meu lado, respondendo à mãe. Os olhos de Andrea brilham assim que se conectam ao filho, com um orgulho puro flutuando por eles. Ela afasta o toque do meu ombro, e sou surpreendida quando seu filho se posiciona atrás de mim, levando suas mãos até meu quadril. Um arrepio me percorre no mesmo instante, e pisco algumas vezes, batendo meus cílios ao tentar me controlar e fingir normalidade ao ter Caden tão próximo. Tocando uma região tão sensível. — Vocês sabem que estou sempre treinando ou viajando para os jogos. E Avery tem estado igualmente ocupada nos últimos meses, com reuniões, sessões de fotos e entrevistas.

— Nós vimos mesmo que você atuou como protagonista de um filme que está para estrear — Jae comenta, falando comigo. Todos dirigimos nossos olhares para o pai de Caden.

— É mesmo! — Andrea exclama, ainda com o grande sorriso no rosto. — E também assistimos à entrevista no programa do Jimmy Cazz. Você estava radiante!

Imediatamente, sinto como se pudesse desmoronar no chão, repleta de vergonha. Meu rosto esquenta, e é como se Caden pudesse sentir, já que seus dedos se apertam em minha cintura.

O que, sinceramente, não ajuda muito.

— Avery estava mesmo linda — ele diz, atrás de mim. — Mas vou fingir que não ouvi isso e continuar acreditando que, naquela noite, estava assistindo ao jogo do seu filho, ao invés de alienada ao *Not My Business*.

Andrea arregala os olhos, franzindo os lábios, sendo pega no flagra.

— *Ops!*

Caden ri baixinho, como se dissesse que a perdoa.

— Foi por isso que perdemos, mãe! — ele exclama, forçando um tom coberto por uma indignação inexistente. — Ou você esqueceu que é o meu amuleto da sorte?

A mulher volta a sorrir, e sua reação misturada à frase que acabei de ouvir são uma das coisas mais fofas que já presenciei.

O relacionamento de Caden com seus pais é saudável, afinal.

— Vamos entrar? Já deixamos tudo pronto lá dentro, aguardando pela chegada de vocês — Jae comenta, em um inglês quase limpo de sotaque.

Sei que ele nasceu na Coreia e veio para os Estados Unidos quando ainda era muito novo, mas imaginei que seu inglês fosse mais carregado.

Assim como o de Andrea, que quase não dá indícios de que ela veio da Itália.

— Precisamos apenas buscar as malas no carro — Caden diz, pousando seu queixo no topo da minha cabeça, pela diferença de altura que nos separa. — Podem ir. Avery e eu entramos daqui a pouco.

Seus pais assentem, dando mais um beijo na bochecha do filho, que se afasta de mim, antes de darem as costas e atravessarem a porta de entrada da casa, desaparecendo do nosso campo de visão.

Prescott sequer hesita antes de girar nos calcanhares, voltando a se virar em minha direção e arquear uma das sobrancelhas.

— Não foi tão ruim assim, foi? — É o que pergunta.

Soltando uma risadinha fraca, respondo, coberta da mais genuína sinceridade:

— Não, não foi.

E um grande sorriso toma conta dos lábios de Caden no mesmo instante.



Seu quarto, localizado no segundo andar, é espaçoso. Pôsteres de lendas do hóquei e de carros que nem mesmo sei como se chamam estão pregados às quatro paredes do cômodo, sobre a tinta branca. A cama de casal, localizada no centro, em frente à televisão, é ocupada por um pesado edredom preto e almofadas azuis, com estampas de carros, discos e tacos de hóquei.

Literalmente, tudo se resume às duas paixões de Caden. E sei que ele me disse que na última vez que mexeu na decoração do quarto ainda era adolescente, mas acredito que, no fundo, não queira mudar nada aqui.

— Costumava trazer muitas garotas pra cá? — pergunto, como quem não quer nada, atravessando o cômodo em curtos passos, analisando tudo ao redor.

Caden, colocando sua mala deitada sobre uma poltrona, ao lado do guarda-roupa que, assim como aconteceu na nossa viagem às Maldivas, não pretende usar, solta uma risada fraca, erguendo o rosto até conectar os olhos aos meus.

— Por que acha que eu era um galinha? — ele pergunta, apesar de, no fundo, saber a resposta. O fito, esperando para que se dê conta disso. Prescott franze a testa por alguns segundos, mas então parece se lembrar, já que suaviza a expressão em seu rosto e solta um longo suspiro. — Ah, por conta da história de "todos os jogadores de hóquei são iguais".

— Bingo! — exclamo, com um sorriso no rosto.

O atleta revira os olhos de forma teatral, se afastando da poltrona.

— Só para o seu governo, esquentadinha, nunca fui desse tipo de cara. Esse papel sempre pertenceu ao Austin.

Solto um risinho. Do pouco que conheço de Austin Crawford, já deu para perceber isso.

Ele parece ter alguns neurônios a menos. É exatamente como os atletas pegadores de filmes e livros clichês. Muito bonito, mas, na maioria das vezes, com tendência a pensar com a cabeça de baixo.

Paro em frente à cabeceira, ao lado da cama de casal, e levo meus dedos até o porta-retrato sobre ela, o segurando. Na foto, tirada em frente à casa onde estamos, um Caden mais novo e Owen estão presentes. Caden tem um boné vermelho afundado na cabeça e um dos braços está rodeando os ombros de uma garota ruiva, com olhos verdes e sardas salpicando o rosto, que aparenta ter sua idade. Ao lado direito dela, está Owen, de braços cruzados, mostrando a língua e com os olhos forçadamente vesgos, em uma careta.

Os três aparentavam ter em torno de 15 anos, na época. E pareciam extremamente felizes.

— O nome dela era Olivia Tunder — ainda vinda de alguns passos de distância, a voz Caden explica, como se ele seguisse meus olhos e, consequentemente, o rumo que meus pensamentos estão tomando. — Éramos vizinhos, em Alexandria. Nossas famílias moravam lado a lado por anos e crescemos juntos. Ela sempre vinha pra cá conosco, quando meus pais decidiam que queriam passar os feriados na casa do lago, afastada da cidade. Olivia foi minha primeira e única namorada.

Deslizo os olhos para longe da fotografia sem pestanejar, os cravando em Caden, que mantém um olhar distante, mas que não consigo decifrar muito bem.

Então ele já teve uma namorada de verdade.

— O que aconteceu com vocês dois? — pergunto, colocando o porta-retrato de volta na cabeceira, onde o peguei. Dou de ombros ao direcionar a

atenção para Prescott mais uma vez. — Quer dizer, você meio que está em um relacionamento falso comigo agora. Espero que tenha terminado as coisas com ela bem antes de resolver embarcar neste plano maluco e...

— Olivia está morta — Caden solta de uma vez, me cortando ao me pegar de surpresa.

Fecho meus lábios no mesmo instante, desistindo de continuar meu raciocínio em voz alta. A informação me atinge feito um grande e inesperado baque.

Prescott apenas solta um longo suspiro, cabisbaixo. Ele caminha até a cama de casal, se sentando na ponta dela. Assim que o assisto dar alguns leves tapinhas no colchão, ao seu lado, me chamando para perto, não hesito em obedecer.

Em curtos passos contidos, me aproximo dele, me acomodando ao seu lado.

Caden se perde em seu olhar distante por alguns segundos, antes de, tomando uma respiração profunda para ganhar a coragem necessária, começar a contar:

— Ela faleceu há 6 anos, no mesmo dia que Owen. No mesmo minuto. No mesmo lugar. Da mesma forma. — Cada palavra deixa seus lábios com uma dificuldade sufocante, mas ele endireita a postura, focado em continuar. Com os lábios um tanto separados, suavemente boquiaberta, o encaro com atenção. — Os pais de Olivia eram motociclistas. Eles eram membros de um clube e faziam viagens frequentemente, se aventurando com o grupo de casais. Os dois tinham uma Harley-Davidson cinza, que os levava para cima e para baixo. Olivia, porém, não parecia demonstrar muito interesse pela coisa. Ela sequer tinha vontade de aprender a pilotar uma moto. — Ele dá uma pausa, franzindo um pouco o cenho diante da lembrança. — Na noite do acidente, estava chovendo muito em Alexandria. Olivia queria ir para uma festa na casa da Anne, uma das garotas populares do colégio, que namorava com um cara do nosso time de hóquei, mas seus pais não deixaram. Ela tinha me convidado e me pedido para levá-la, mas as provas finais do semestre estavam se aproximando, e, diferente do meu irmão, eu estava com a cara enfiada nos livros. Foi aí que ela pediu para que Owen a levasse. E os dois tiveram a brilhante ideia de roubar a moto dos Tunder.

Caden solta uma risadinha fraca, julgando a ideia como a mais estúpida possível.

— Owen não sabia pilotar direito. Porra, ele só tinha feito isso uma vez, na moto do nosso tio, que ditou tudo que ele tinha que fazer e ficou ao seu lado o tempo todo. — Chacoalhando a cabeça, indignado diante da lembrança, Prescott finalmente traz seus olhos de volta aos meus. Vazio flutua por suas íris escuras. — Uma carta foi encontrada na jaqueta de couro da Olivia, após o acidente. Ao que parece, a chuva e a moto foram o suficiente para acabar com a vida de Olivia e do meu irmão, mas, de alguma forma, deixaram as malditas palavras escritas de caneta azul naquela carta intactas e perfeitamente legíveis. — Os olhos de Caden ficam marejados, e ele rapidamente os esfrega com uma das mãos, impedindo as lágrimas de continuarem a se formar. É como se a ferida aberta, que ele aparenta tanto se esforçar para esconder, ainda estivesse presente. — A letra era do meu irmão. E naquele papel ele confessava estar apaixonado pela garota que eu amava.

A informação me atinge feito um baque. Como uma bigorna caindo em minhas costas. Imediatamente, uso tudo que há em mim para conter a feição e o arquejo de espanto que tanto imploram para me escapar.

Todo mundo tem capítulos na vida que não sai contando em voz alta. Caden omitiu tudo isso quando me contou sobre a morte do seu irmão, no dia em que fui à sua casa. Por isso, sei, com toda certeza, que esse é um dos capítulos que conta apenas para poucas pessoas. Nas que confia de olhos fechados.

E não sei por que, mas acho que, para ele, sou uma dessas pessoas.

Preciso ser cautelosa em minhas reações.

— Até hoje não sei se Olivia chegou a ler a carta. Nem se Owen pretendia me contar em algum momento — ele conclui, umedecendo o lábio inferior com a ponta da língua, ainda se esforçando para conter as lágrimas. — Mas descobrir isso, junto à morte de duas das pessoas que mais amava no mundo, foi a pior situação que já tive de enfrentar na vida.

Desço meus olhos para a tatuagem em seu pescoço, observando sua garganta se mover assim que ele engole em seco.

— Sinto muito — falo, voltando a fitar suas íris. Minha voz sai baixa demais, e me pergunto como fui capaz de encontrá-la, mesmo que de forma fraca. — De verdade mesmo.

Caden acena brevemente com a cabeça e, em silêncio, leva sua mão até a minha, sobre meu colo. Em um agradecimento silencioso, seus dedos se fecham sobre os meus, se entrelaçando, e aquele habitual arrepio, que me

percorre sempre que nossas peles se tocam, invade meu corpo por completo, alcançando os dedos dos pés.

Ainda perdida em seus olhos, separo os lábios, os fechando em seguida, sem saber ao certo o que dizer.

Mas então, vinda do andar de baixo, invadindo o quarto pela porta parcialmente aberta, Andrea grita:

— Pombinhos, o jantar está na mesa!

E Caden e eu nos afastamos no mesmo instante.



CADEN

— Estava com saudade da sua torta de morango — comento, secando mais um prato.

Assim como costumava fazer quando era criança, estou ajudando minha mãe a organizar a cozinha e lavar a louça depois de ter me empanturrado de comida. Ela faz, sem dúvida nenhuma, os melhores pratos que já comi na vida.

— Estava com saudade de fazer a minha torta de morango para você — minha mãe comenta ao meu lado, também com um pano de prato nas mãos, secando um copo que Avery acabou de lavar. Andrea deposita um beijo estalado em minha bochecha, e minha namorada de mentira, parada em frente à pia, ensaboando os pratos sujos, abre um sorrisinho no rosto ao assistir à cena.

Algo se aquece dentro de mim ao observar sua feição. Avery, por alguma razão, ficou estranhamente calada durante boa parte da viagem. Ela disse que o motivo de isso ter acontecido não tem nada a ver com o fato de ter se sentido nervosa para conhecer meus pais, mas não sei se me convenci totalmente disso.

Sei muito bem que ter de fingir estar loucamente apaixonada por mim não é uma tarefa fácil para ela. Sei que seus traumas e cicatrizes a fazem

reagir a isso de forma negativa, sem ser capaz de levar na esportiva.

Então é bom saber que, mesmo diante desta situação, ela ainda consegue abrir um sorrisinho genuíno.

Minha mãe segue meu olhar, encarando Avery, que, agindo como se tivesse sido pega no flagra, pigarreia e desvia sua atenção de volta à pia, fingindo naturalidade.

Andrea, então, ergue as sobrancelhas ao conectar seus olhos aos meus de novo. Ela me dá uma cotovelada fraquinha, transformando sua feição em sugestiva ao sussurrar:

— Saia agora mesmo e a leve para o andar de cima. Eu consigo dar um jeito nas coisas por aqui.

Solto uma risadinha, deixando o prato, agora seco, sobre o mármore do balcão. Chacoalho a cabeça, a respondendo no mesmo tom:

— Não vou te deixar aqui sozinha. Nós também sujamos a louça.

Minha mãe revira os olhos, resmungando. Ela me bate com o pano de prato antes de dizer:

— A culpa foi minha. Eu te criei bem demais para ser verdade.

Rio novamente, mais alto desta vez.

Persistente em me tirar do seu caminho, Andrea se vira para Avery, abrindo um grande sorriso no rosto ao proferir:

— Querida, pode deixar que eu termino tudo por aqui. Caden vai te levar até o seu quarto.

A atriz paralisa seus movimentos no mesmo instante, trazendo sua atenção até minha mãe.

— Mas você ficaria aqui sozinha e...

Andrea não deixa que ela termine sua fala, gesticulando, como se dissesse não haver problema, ao falar:

— Eu me viro. Pode deixar. Já está ficando tarde, e vocês viajaram hoje. Devem estar cansados. Podem subir.

Como se buscasse ajuda, sem saber como negar uma ordem vinda da minha mãe, Avery me encara, em um pedido silencioso de socorro. Suspirando, pouso o pano de prato que seguro no mármore, me livrando dele ao desistir de ir contra às leis da mulher que me deu a vida.

— Tudo bem. Se quer tanto se ver livre de nós dois, então que assim seja.

Minha mãe abre um grande sorriso no rosto, satisfeita.

— Ótimo. Agora arraste essa sua bunda para longe da minha cozinha e ajude sua namorada a levar as malas dela lá para cima.

Avery solta uma risada baixinha ao ligar a torneira, enxaguando as mãos, se livrando da tarefa de lavar a louça. Já minha mãe, apenas me lança uma piscadela assim que giro em meus calcanhares, pronto para deixar a cozinha. De forma teatral, reviro os olhos, ouvindo o risinho que Andrea solta em resposta.

Ela, definitivamente, está querendo me ver sozinho com Avery.

A atriz e eu deixamos o cômodo, permitindo que minha mãe fique com a vitória desse conflito bobo que se instalou entre nós.

Lakeland segue meus passos, atravessando a sala em meu encalço, e me observa segurar sua mala. Nós ainda não a subimos e deixamos no quarto de hóspedes, onde ela irá passar a noite.

— Seus pais não vão mesmo achar estranho o fato de dormirmos em quartos separados? — É o que ela pergunta, com o cenho um tanto franzido, enquanto subimos as escadas até o segundo andar.

Soltando uma risadinha fraca, sou invadido pela lembrança da guerra boba que travamos em Maldivas, quando Avery descobriu que eu havia esquecido de solicitar uma cama extra e sentiu vontade de enfiar uma faca no meu pescoço, além de arrancar minhas bolas. Prometi a mim mesmo que jamais cometeria esse erro de novo, então tive de mentir aos meus pais.

— Não — respondo, subindo os últimos degraus. Um sorrisinho brincalhão se faz presente em meus lábios. — Falei para a minha mãe que você faz do tipo puritana e que está esperando para depois do casamento. — Assim que alcançamos o topo da escada, parando em frente à porta do quarto onde Avery dormirá pelas duas próximas noites, giro em meus calcanhares, me virando para encará-la. Divertimento flutua por suas íris esverdeadas. Eu levanto as sobrancelhas, ainda com a curva feliz marcando os lábios ao confessar: — Andrea adorou essa sua característica, aliás.

A atriz tenta se conter, franzindo os lábios em linha reta, mas acaba falhando miseravelmente ao deixar que uma risada a escape.

— Às vezes me esqueço do quanto você é bobo — ela comenta. Um de seus ombros raspa contra o meu assim que passa por mim, atravessando a porta do quarto.

A suíte é simples, mas espaçosa. Possui apenas uma cama de casal, uma poltrona e um guarda-roupa com um tamanho maior do que a média. Como todos os cômodos da casa, ele possui as paredes brancas. Quando eu

era criança e era, por alguma razão, apaixonado por azul, costumava atanazar minha mãe, implorando para pintar as paredes do meu quarto com a cor. Ela revirava os olhos toda vez que eu usava a desculpa que “essa aqui nem era a nossa casa de verdade e só a usávamos nas férias de verão ou feriados”.

Minha mãe odeia paredes coloridas.

Passo pela porta, deixando a mala de rodinhas ao lado dela antes de me recostar no batente. Cruzando os braços na altura do peito, tombo um pouco a cabeça para o lado ao manter meus olhos em Avery, que caminha pela suíte como se fosse uma criança explorando a praia pela primeira vez.

— Sou todo ouvidos — resolvo dizer, arriscando entrar no tópico que tenho evitado desde que saltamos do carro e cumprimentamos meus pais, há algumas horas.

Lakeland se vira para mim, estreitando um pouco os olhos em sinal de confusão.

— O quê?

Remexo os ombros, decidindo ir direto ao ponto:

— Se quiser contar por que ficou tão estranha durante a viagem, estou disposto a ouvir — clarifico. Algo se transforma no semblante de Avery no mesmo instante. — Sei que tem algo errado. Você nunca é tão calada. E faz mais de quatro horas que não me dá nenhuma patada.

Um sorrisinho triste toma conta dos seus lábios. Avery dá alguns curtos passos até a ponta da cama de casal, onde se senta. O silêncio se faz presente entre nós por alguns segundos quando, me fitando fixamente, ela dá de ombros, soltando um pesado suspiro antes de revelar:

— Não é um assunto que eu gosto muito de falar.

— Você não gosta de falar sobre muitas coisas. Principalmente comigo. — Um sorrisinho brinca em meus lábios.

— É. — Ela ri um pouco, encolhendo os ombros. — Tem razão.

Mas então, indo contra tudo que sua recente risada emanou, seus olhos se enchem de lágrimas. Franzo o cenho no mesmo instante, confuso ao ver Avery levar a mão até eles, os secando antes que suas emoções possam ter tempo suficiente para escorrer por ali. Em curtos passos, me aproximo dela, que não tenta me impedir.

— O que foi, esquentadinha? — questiono, me sentando na cama, ao seu lado.

Ela funga, chacoalhando a cabeça em negação, como se dissesse que não é nada ou que não preciso me preocupar. Mas então, como se desistisse de permanecer na fingida pose de durona inabalável, seus ombros despencam, como se mil blocos de tijolos fossem colocados sobre eles, e ela me encara com tristeza flutuando por suas íris esverdeadas.

— Lina Simmon. — É o que solta sua fraca voz embargada.

O vinco que se apossa da minha testa se intensifica no mesmo instante.

— Aquela atriz que protagonizou aquela série de médicos que vai estrear?

— É — Avery responde, após engolir em seco, estranhamente abalada.

Não conhecia o trabalho da Lina até seu nome começar a circular em peso pelas redes sociais na semana passada, quando foi revelado que ela será a protagonista de um novo seriado de cirurgiões que, até então, tem de tudo para ser promissor. Com a vida agitada que levo, não tenho muito tempo para me alienar dos filmes e seriados que estão em alta e, muitas vezes, acabo assistindo qualquer coisa que apareça na minha tela inicial da *Netflix*.

Mas parece que Lina não é apenas um nome que surgiu sem motivo diante dos meus olhos. Aparentemente, ela tem alguma história com Avery.

— O que aconteceu com ela? — questiono, buscando respostas.

Avery engole em seco mais uma vez, e observo o movimento que sua garganta faz. Ela desvia os olhos, os focando em um ponto distante e fixo do carpete sobre nossos pés. Após tomar uma respiração profunda, finalmente diz:

— Eu fiz aulas de teatro com ela, na infância. Éramos boas atuando juntas.

— Bom, então não foi à toa que se tornaram famosas. A escola de teatro devia ser muito boa.

Avery deixa que um sorrisinho triste, quase imperceptível, se forme em seus lábios.

— Lina me fazia muito mal — ela solta.

— Como assim? — pergunto, em uma mistura de curiosidade e preocupação.

— Eu era a única gorda da turma. E ela se incomodava com isso. Por muito tempo tentei me convencer de que era só inveja, pois sempre recebia muitos elogios dos professores e ela ficava meio que de fora. Mas quando

passei a ouvi-la me dizendo constantes maldades e a me sentir mal diariamente, sempre que me olhava no espelho pela manhã, o que ela dizia passou a se internalizar na minha mente. — Avery traz seus olhos aos meus novamente, e algo dentro de mim se parte em mil pedaços ao enxergar todo o emaranhado de sentimentos negativos que, neste instante, se abriga em suas íris. — Eu passei a achar que, para ter sucesso na carreira, precisava perder peso. Caso contrário, teria gastado todo o tempo e dinheiro que meus pais investiram nas aulas de teatro e preparação no lixo. — Ela engole em seco e leva o dorso da mão até os olhos, o esfregando, ainda persistente em impedir que lágrimas escorram por eles. — Então decidi dar início a uma dieta restritiva. Na minha cabeça, aquela era a saída que mais fazia sentido. Eu só não contava com o fato de que, dentro de alguns meses, estaria obcecada em contar calorias e me sentiria bem ao deitar na cama toda noite e sentir a cabeça latejando de dor.

Cerro o punho de uma das mãos, sentindo sua história me atingir sem piedade alguma. Eu não fazia ideia. Como poderia? Não é como se nós dois vivêssemos dividindo nossos passados um com o outro.

— Tive bulimia por 4 anos — Avery conta, entregando a grande bomba em minhas mãos. Por um dos seus olhos, a primeira lágrima escapa. E de tão distante que ela aparenta estar, com os pensamentos encobertos por uma nuvem tempestuosa, nem mesmo nota quando isso acontece. — Passei 4 anos da minha vida me privando de viver. — Solta uma risadinha fraca, como se estivesse indignada diante do que ela mesma conta. — As pessoas tendem a acreditar que transtornos alimentares se resumem ao relacionamento que possuem com a comida, mas essa é a maior besteira do mundo. Quem luta contra um T.A, também possui a vida afetada em um leque de possibilidades. Incluindo a forma de se relacionar com outras pessoas. Já perdi as contas de quantas vezes deixei de sair de casa porque estava com medo de não conseguir me conter e acabar comendo algo que, na minha cabeça, naquela época, não deveria. Algo que jogaria toda a minha "jornada" ralo abaixo. — Observo quando a segunda lágrima cai. E, em seguida, mais uma. Avery suspira, com a respiração trêmula, que demonstra o quanto falar sobre esse assunto é um tópico delicado para ela. — O que eu não sabia, até então, era que eu mesma estava me destruindo cada dia mais. Eu me perdi, Prescott. E percorri um longo caminho até me reencontrar. Foi uma batalha difícil de enfrentar. Ainda é.

Um soluço escapa pelos seus lábios e, então, como se se desse conta apenas neste momento que, enquanto era consumida por lembranças, se permitiu desabar, Avery leva as duas mãos até a boca, a tapando, impedindo que mais sinais de fraqueza escapem por ela.

— Eu sinto muito — digo, repleto da mais genuína sinceridade, levando uma das mãos até seu joelho, coberto pela calça jeans, em sinal de apoio. Sei que não há muito que possa dizer para fazê-la se sentir melhor, mas quero demonstrar que estou aqui. E que posso não entender sua luta por completo, já que nunca passei por nada parecido, mas imagino o quanto deve ter sido difícil enfrentar tudo isso.

Me recordo até hoje de uma aula que assisti, durante o ensino médio. A professora de inglês havia entrado em um debate com os alunos. Nesse dia, me lembro de como fiquei surpreso quando ela nos contou que a porcentagem de pessoas com transtornos alimentares que estão abaixo do peso é muito pequena comparada ao resto.

Não que isso torne a luta deles mais insignificante. Jamais pensaria assim. Mas, para mim, foi um choque descobrir essa informação.

Quando se pensa em distúrbios alimentares, para muitas pessoas, o estado de extrema magreza é a primeira coisa que vem à mente. O que não faz o menor sentido, como as próprias estatísticas nos mostram.

A gente nunca sabe o que acontece na vida das pessoas. Por isso é necessário o máximo de cuidado na hora de julgar.

— Eu sinto muito mesmo — repito, apertando meus dedos em seu joelho de forma leve.

Avery afasta as mãos do rosto e deixa mais uma lágrima cair. Imediatamente, levo minha mão livre até sua bochecha, a enxugando em um carinho delicado. A atriz entreabre a boca assim que sente meu toque em seu rosto.

Mas, no instante em que me afasto, um sorrisinho leve se abre em seus lábios. E sei que, definitivamente, o pensamento que cruza minha mente ao observá-la fazer isso é indelicado, se considerarmos o momento em que nos encontramos e todas as revelações pesadas que ainda se fazem presentes neste quarto, mas simplesmente sou incapaz de contê-lo.

Avery está linda pra cacete.

A ponta do seu nariz se encontra vermelha, por conta de todas as lágrimas que derramou. E juro por Deus que é uma das cenas mais adoráveis que já presenciei.

— Acho melhor nós irmos dormir — diz, mantendo a voz baixa. Ela engole em seco antes de continuar, se forçando a falar mais alto, se mostrando inatingida pelo assunto que trouxemos à tona nos últimos minutos, quando vi muito bem que pode ser tudo diante dele, menos inabalável. — Você deve estar cansado. Sempre depois que eu dirijo na estrada, durmo que nem uma pedra.

Solto um riso fraquinho por conta da sua última fala.

— Certo. — Aceno com a cabeça de forma breve, afastando minha mão do seu joelho antes de me levantar.

Dando as costas, caminho até a porta. E sinto os olhos de Avery me seguindo a cada passo.

Assim que me aproximo do batente da entrada do quarto, paro de repente. Giro nos próprios calcanhares, me virando de volta para a atriz, que permanece sentada na ponta da cama.

— Lakeland — a chamo, fazendo seus olhos entrarem em alerta, vindo de encontro aos meus.

Ela inclina a cabeça um pouco para o lado, como se esperasse pelo desenrolar da minha fala.

— O quê?

— Lina Simmon foi uma vaca — solto, em um suspiro. Um sorriso se irrompe no rosto de Avery no mesmo instante. — E você é gostosa e talentosa pra caralho.

Ela fica vermelha antes de soltar uma risadinha, escondendo o rosto, que até então era coberto por uma nuvem nebulosa, com as mãos, envergonhada.

E sinto meu coração amolecer diante da cena.

Um sorriso cresce em meus lábios.

— Boa noite, esquentadinha — desejo.

— Boa noite, Prescott. — A resposta dela vem logo em seguida, assim que afasta as mãos do rosto.

Dou mais alguns curtos passos até deixar o cômodo, sentindo algo diferente se aflorar dentro do peito, como se fosse capaz de sufocá-lo. E no instante em que fecho a porta do quarto, a deixando sozinha do outro lado dela, tomo um susto ao ouvir uma voz dizendo:

— Gosto dela.

Me viro no mesmo instante, percebendo não estar sozinho no corredor. Minha mãe, que segura uma cesta de roupas sujas, provavelmente

as levando para a lavanderia, estampa um sorriso no rosto.

— É, eu também — respondo, com meus lábios marcados por uma linha igualmente feliz.



O escuro abraça o quarto onde passei diversos momentos memoráveis da minha infância. O travesseiro exageradamente fofo abriga minha cabeça, e o pesado cobertor afasta qualquer frio que possa sentir em meu corpo.

Perdi a noção do tempo quando, após horas mexendo no celular, sem conseguir dormir, resolvi deixá-lo de lado. Mas, diferente do que era esperado por mim, mesmo após desligar o aparelho, não fui capaz de fazer o mesmo com a minha mente.

Os pensamentos de tudo que aconteceu esta noite são repassados em minha cabeça várias e várias vezes.

E, em todas elas, me pego sorrindo feito um idiota ao pensar que Avery Lakeland está conseguindo se abrir para mim. E que, a cada dia que passa, descubro mais sobre ela.

É como se estivesse abaixando os muros reforçados que tanto lutou para manter ao seu redor durante todo esse tempo.

Continuo com os olhos fechados quando escuto a porta ranger baixinho, sendo aberta por alguém. Imaginando ser algum dos meus pais, relembrando os velhos tempos ao invadir meu quarto no meio da madrugada, para checar se estou respirando ou dormindo, sequer dou muita importância.

Mas, nos segundos seguintes, assim que ouço a porta ser fechada, passos descalços se aproximando de mim, e o colchão se remexer sob meu corpo, com alguém subindo na cama, e o perfume tão conhecido por mim invadindo minhas narinas, percebo que não poderia estar mais errado em imaginar se tratar de Andrea ou Jae.

Avery se enfia debaixo do cobertor, o dividindo comigo. Se esforçando para fazer o máximo de silêncio, provavelmente imaginando que estou dormindo, ela se acomoda ao meu lado, me envolvendo com um dos seus braços, me pegando em uma agradável surpresa ao me abraçar.

Com medo de quebrar o clima ou a afastar por fazer algum movimento, me obrigo a permanecer estático.

E tudo que faço é permitir que um grande sorriso — o qual ela não consegue ver, já que estou deitado de lado, de costas para seu rosto — tome meus lábios.

Porque, por mais precipitado que seja pensar nisso, talvez, apesar de como tudo começou, exista uma chance, mesmo que mínima, de que eu acabe gostando mesmo de Avery Lakeland.



AVERY

Andrea Prescott é, definitivamente, a personificação do estereótipo de mãe coruja que adora mimar o filho.

É quinta-feira de manhã e nós duas estamos sentadas à mesa do café da manhã, comendo o bolo caseiro que ela preparou enquanto esperamos Caden e Jae voltarem.

Há uma hora, quando os fortes raios solares invadiram o quarto de Caden e alcançaram meus olhos, me obrigando a abri-los, fui atingida por uma pontada potente de desapontamento ao perceber que o atleta já não estava mais ao meu lado. O lençol amarrotado e a camiseta que ele usou para dormir, que amanheceu jogada no piso, próxima à cama, eram os únicos sinais capazes de indicar que Caden esteve ali. Que não estava ficando louca ao ter sonhado com uma cena que nunca aconteceu.

Que eu *realmente*, por algum motivo estranho, entrei em seu quarto em meio à madrugada e o abracei, me acomodando ao seu lado no colchão.

Como se depois de toda a conversa que tivemos, quando o ouvi me confiar o capítulo de sua história que poucas pessoas sabem existir e, mais tarde, abri meu coração ao confessar um dos momentos mais difíceis que já enfrentei, meu corpo precisasse dele.

De início, quando me deitei ao seu lado, imaginei que Prescott já estivesse dormindo. A minha vontade inicial era de correr para o seu quarto no instante em que deixou o meu, mas algo me impediu, me segurando. Por alguma razão, foi mais fácil me aproximar depois de ter esperado algumas horas e ter imaginado que ele havia dormido. Apenas descobri que estava acordado quando, já deitada ao seu lado, vi um sorriso tomar seus lábios.

Caden não se moveu. Sequer mexeu um mísero dedo.

Foi como se estivesse com medo de me mostrar que estava acordado e me afastar.

E, tendo consciência disso, não sei como ele não me empurrou. Afinal, o fato de ter alguém invadindo seu quarto em meio à madrugada, em silêncio, apenas para se deitar ao seu lado, me parece extremamente estranho.

Se fosse ao contrário, eu provavelmente teria feito um escândalo.

Quando deixei o cômodo, não o encontrei ao procurar por ele no andar de cima. Foi só quando, ainda com os pés descalços, desci as escadas, chegando à sala, onde encontrei com uma Andrea sorridente no sofá e a ouvi me contar que Caden e Jae haviam saído para pescar, que soube do seu paradeiro.

— É uma coisa deles. Como se fosse uma tradição. Fazem isso todo feriado de Ação de Graças. — Foi o que ela me explicou enquanto me guiava até a mesa de café da manhã, extremamente exagerada para duas pessoas. — Mas não se preocupe. Essas pescarias sempre costumam ser um fiasco. Daqui a pouco eles estão de volta — concluiu.

A verdade é que a mãe de Caden é uma fofa.

Desde que cheguei, ela tem se esforçado ao máximo para me deixar confortável. É extremamente simpática e um amor de pessoa.

Já Jae é um cara mais calado. Mas não de um modo que o deixe parecido com alguém antipático ou algo assim. Ele só é mais na dele.

— O bolo está uma delícia — comento, dando mais uma garfada.

Andrea, sentada do outro lado da mesa, sorri, trazendo seus olhos aos meus.

— Fico feliz que gostou, querida. — É o que ela diz.

Seus cabelos castanhos e perfeitamente sedosos emolduram seu rosto radiante. A mãe de Caden é uma mulher linda. E o amarelo vestido florido que usa só a valoriza ainda mais.

Engulo em seco quando me lembro do estado em que me encontro. Com uma blusa de um número maior do que realmente uso, mais larga do que o habitual, que vesti para dormir, um minúsculo short de pijama e os pés descalços. Sem falar no cabelo desgrenhado, após a noite de sono, que nem mesmo me dei ao trabalho de pentear.

Meu Deus! Se não fosse pelo olhar contente e por todos os sorrisos que tomam o rosto de Andrea neste momento, imaginaria que ela, muito provavelmente, estaria com uma visão péssima de mim.

Acontece que quando desci as escadas à procura do seu filho, não imaginava que seria convidada para tomar café da manhã com ela. Pensei que teria mais tempo para subir de volta ao segundo andar, pentear meus castanhos fios rebeldes e trocar de roupa.

O som da porta sendo aberta, rangendo baixinho, invade meus ouvidos, me desviando do rumo que meus pensamentos estavam tomando. Engolindo a última garfada de bolo que coloquei na boca, deslizo meus olhos até a entrada da casa, onde, atravessando-a, estão Jae e Caden.

O atleta está lindo, como sempre.

Vestindo uma bermuda preta lisa e uma regata branca, que revela seus fortes músculos do braço, deixando pouco para a imaginação, Caden traz consigo um isopor de tamanho médio. Assim que conecta seus olhos aos meus, ele permite que uma fina linha tome seus lábios. Atrás de si, seu pai fecha a porta, a trancando.

— Conseguiram pegar algo? — É o que, ainda sentada do outro lado da mesa, Andrea pergunta, lançando um olhar curioso aos dois homens da sua vida. Os dois murcham suas feições no mesmo instante.

Caden, indo em direção à mãe, estala a língua no céu da boca, exalando seu desapontamento.

— Só um peixe — ele diz, parando atrás da cadeira de Andrea. Ainda segurando o isopor, se abaixa um pouco para depositar um beijo no topo da cabeça dela, que abre um sorrisinho feliz diante do gesto e do filho carinhoso que criou.

Algo se aquece dentro do meu peito ao assistir à cena.

Caden, então, dá as costas, seguindo para a cozinha, onde imagino que irá deixar o peixe e o isopor.

— Estamos meio enferrujados — Jae brinca, se juntando a nós em passos curtos. Ele solta uma risadinha rouca, um tanto constrangida.

Andrea o acompanha, levantando as duas sobrancelhas enquanto ri.

— Vocês nunca foram pescadores pacientes — ela comenta, se virando para mim em seguida, prendendo seus olhos aos meus ao continuar. Pelo modo como seu rosto se transforma, sendo coberto pela nostalgia de uma memória distante, sei que está prestes a me contar uma história. — Quando Caden e Owen eram crianças, Jae saía para pescar com eles em todo feriado. Os três sempre fracassavam — conta, ainda com um sorrisinho no rosto, se referindo ao filho falecido pela primeira vez desde que Caden e eu pusemos os pés nesta casa. — Eles nunca foram do tipo que gostam de esperar. Ficavam tirando o anzol da água a todo minuto, para checar se a isca ainda estava lá.

Solto um riso fraco, me lembrando de que também fazia isso quando era criança. Eu e Raven gostávamos de pescar em um lago próximo à fazenda da nossa tia, irmã do meu pai, mas nunca conseguíamos pegar nada e sempre saíamos frustradas.

— Nós apenas verificamos a isca porque gostamos de nos prevenir, amor — Jae se defende, com um sorrisinho no rosto, parando atrás da cadeira da mulher, assim como o filho fez há alguns segundos. — Somos precavidos — ele comenta, depositando um beijo estalado na bochecha da esposa.

Andrea grunhi no mesmo instante, irrompendo seu rosto em uma careta. Ela vira a cabeça, lançando um olhar para o marido ao reclamar:

— *Ugh!* Você está suado!

Jae apenas solta uma risadinha.

— Vou tomar banho agora mesmo — devolve ele, passando uma das mãos nos cabelos grisalhos. Em seguida, lança um rápido olhar para mim, antes de voltar a se focar na esposa. — Quando vocês querem começar a preparar o jantar?

Andrea franze o cenho, como se pensasse por alguns segundos.

— Daqui a uma hora — ela decide. Pelo modo que diz, imagino que o jantar de hoje será uma grande refeição, que demandará de todo o nosso tempo e disposição para ser preparado.

— Certo. Daqui a pouco eu desço, então. — Seu marido, ignorando sua reclamação de segundos atrás, repete o gesto, dando mais um beijo estalado em sua bochecha.

Andrea continua com a careta tomando seu semblante, mas algo me diz que não dá a mínima para Jae estar suado.

E essa teoria se revela verdadeira quando ele se afasta, indo até a escada, e um sorrisinho bobo toma os lábios dela, como se fosse uma adolescente ingênua e perdidamente apaixonada.

Não nego que os assistir é como levar um forte e ardido tapa na cara. Tendo crescido na casa onde cresci, em meio às constantes brigas dos meus pais, enxergar um relacionamento saudável é quase como assistir a um desenho animado da Disney pela tevê. Como se, mesmo estando diante dos meus olhos, meu cérebro me dissesse que não é real. Que não acontece.

Mas é. Eu sei que é.

Meu pai, Charles Wilfred, nunca se ofereceu para ajudar minha mãe a preparar o jantar, assim como Jae acabou de fazer. Nem no Dia de Ação de Graças, nem em nenhum outro. Ele nunca depositou beijos na bochecha da minha mãe ao chegar em casa, a cumprimentando enquanto a ouvia dizer que ele estava suado e fingir reclamar disso, agindo como se ligasse. Os dois nunca trocaram sorrisinhos fáceis como Jae e Andrea trocam.

É quase como se ambos os relacionamentos pudessem ser usados como exemplos para "o casal feliz e o infeliz". Ou "o relacionamento saudável e o erro em que dois adultos imprudentes estão se enfiando mais uma vez".

Pode parecer idiota, mas algo em Jae e Andrea me faz pensar que, no caso deles, o amor possa, sim, vir com um combo de parceria e confiança.

E imagino que, se fosse possível, os dois seriam o casal perfeito para me mostrar que isso que chamam de amor existe de verdade.

— Mãe, posso roubar a Avery um pouquinho, ou vocês estão ocupadas demais? — A voz que volta a invadir o cômodo faz com que eu erga o rosto no mesmo instante, encontrando com Caden, que acabou de deixar a cozinha.

Ele ostenta um sorrisinho em seus lindos lábios enquanto vem até nós, dando alguns curtos passos em direção à mesa.

Andrea sequer hesita antes de responder:

— Mas é claro que pode!

Solto uma risadinha fraca diante da sua rápida exclamação. Está nítido o quanto ela nos apoia, querendo nos dar privacidade sempre que ela é solicitada por nós. Bom, ou até quando não é, como no caso de ontem, quando estávamos a ajudando a lavar a louça do jantar e fomos expulsos da sua cozinha.

Prescott se aproxima de mim, estendendo a palma de uma das mãos em minha direção, em um convite silencioso para que a aceite e me junte a ele. Suas sobrancelhas estão arqueadas, e seus olhos esperançosos.

Permitindo que uma linha fina tome meus lábios, levo minha mão até a dele, que também passa a sorrir. Assim como o pai, Caden está suado. Mas não me importo nenhum pouco com isso quando me levanto, fazendo os pés da cadeira em que estava sentada rangerem contra o piso, ao serem arrastados, e saio junto a ele ao ouvi-lo dizer, quase que em um sussurro:

— Quero te mostrar uma coisa.



O porão da casa dos Prescott é espaçoso. Tendo a tinta descascada em alguns pontos das paredes, pouca iluminação e o tenebroso ar que todo porão costuma ter — graças aos filmes de terror, onde tudo de ruim acontece neles e é onde monstros assustadores costumam viver —, o espaço é preenchido por caixas e mais caixas de antigas memórias. Todas com identificação do que há dentro delas, escritas com um canetão de tinta preta.

— Meus pais trouxeram tudo isso de Alexandria, quando resolveram se mudar — Caden conta, caminhando entre as caixas espalhadas pelo chão. — Aqui tem muita coisa minha de quando era criança. — Ele sorri ao apontar para uma caixa onde, em letras garrafais, está escrito: “CARROS DO CADEN”. — Me lembre de pegar essa depois, antes de irmos embora — brincando, Prescott lança uma piscadela em minha direção, me fazendo soltar uma risadinha.

— Realmente é muito fascinante um homem de 25 anos ser obcecado por carros de brinquedo — provoco. Caden força uma carranca em seu rosto, fechando sua expressão como uma criança birrenta. Ele mostra o dedo do meio, me fazendo rir. — Estou brincando.

— É bom mesmo — diz, suavizando seu semblante. Sua voz soa tranquila, como se soubesse desde o começo que eu não estava falando sério. — Ninguém tem o direito de zombar das minhas miniaturas. Nem mesmo você.

Me pego sorrindo quando o vejo dar as costas, seguindo em meio às caixas espalhadas pelo piso. Sigo seus passos feito uma sombra, e quase me choco contra suas costas quando Caden para de repente.

Ao nosso lado, encostada na parede, há uma pilha de caixas. Aproximadamente cinco delas, no total.

Prescott leva suas mãos à posicionada no topo, a segurando e colocando no chão, como se a tirasse do caminho, para alcançar a que verdadeiramente deseja. Quando conecto meus olhos na segunda caixa da pilha, agora podendo ler o que há nela, sinto o coração se apertar.

"CADEN E OWEN / HÓQUEI", é o que está escrito no papelão.

Observo o semblante de Caden murchar quando liga seus olhos ao ponto em específico, como se fosse atingido por lembranças do irmão falecido. E não me surpreendo quando ele leva as mãos a ela, me mostrando que esta era a caixa que procurava desde o início.

Prescott pigarreia antes de dizer, se esforçando para afastar qualquer sinal de emoção da voz:

— Se lembra daquele papo que tivemos em Maldivas, sobre sabermos o que queríamos fazer desde que nos entendemos por gente? — É o que pergunta, conectando seus olhos aos meus. Um tanto confusa, faço que sim com a cabeça.

Caden, então, deixa que um sorrisinho tome seus lábios.

E quando, com as duas mãos, ele abre a caixa, me permitindo espiar o que há dentro dela, não é preciso muito esforço para que eu entenda o que estava tentando dizer com a pergunta que acabou de me fazer.

Dentro do espaço quadrado de papelão, estão todos os equipamentos que Caden e Owen usavam para jogar quando eram crianças. Todos pequenos demais.

Prescott, com um brilho diferente nos olhos, começa a vasculhar. Ele tira dois pequenos tacos, sorrindo ao me mostrar. Em seguida, os deixa de lado, colocando as mãos dentro da caixa novamente, para pegar os dois pequenos capacetes que estavam guardados dentro dela.

Hoje em dia, sua cabeça é do tamanho dos dois empilhados.

Caden ri baixinho, os entregando para mim, que logo os deixo sobre uma caixa qualquer, atrás de nós. Quando deslizo meu olhar de volta para Prescott, ele não ostenta mais o sorrisinho nostálgico nos lábios. Muito pelo contrário. Seus olhos estão encobertos por uma névoa, e ele está longe. Bem longe.

É como se as memórias o transbordassem.

Caden segura o objeto em suas mãos com tanta força, que acaba esbranquiçando os nós dos dedos. Ele engole em seco, e observo o

movimento que a tatuagem em sua garganta faz, subindo e descendo.

— Está tudo bem? — pergunto, apesar de ter a resposta estampada diante dos meus olhos.

Prescott se vira para mim, hesitante, me permitindo ver o que possui entre as mãos.

O que o deixou tão abalado.

— É uma medalha de melhor dupla — ele conta, a voz embargada, fraca demais. — Eu fiz na escola, uma vez. Devia ter uns 7 anos. Fiz uma colagem com tudo que encontrei pela frente e entreguei para o Owen na hora da saída, quando o vi. O primeiro jogo de hóquei das nossas vidas era no dia seguinte, e queria encorajá-lo.

Ele engole em seco mais uma vez, como se se esforçasse para fazer todos os sentimentos amargos de saudade que o preenchem descerem pela garganta, indo embora como se fossem água sumindo pelo ralo.

Ainda não consegui processar completamente o que me disse, sobre a carta que seu irmão escreveu para a sua namorada. Sei que a parceria existente entre Owen e Caden sempre foi forte — assim como a que Raven e eu temos —, e não consigo imaginar como Caden se sentiu ao descobrir, em questão de instantes de diferença, sobre a morte de Owen e o fato de que os dois estavam apaixonados pela mesma garota.

Deve ter sido muito para absorver ao mesmo tempo.

A emoção ameaça transbordar pelos olhos escuros do atleta à minha frente, em forma de lágrimas, quando ele volta a conectar suas íris à medalha que segura as mãos.

Sem pensar muito, levo minha mão até seu braço forte, quebrando o espaço que nos separava ao tocá-lo. Prescott desliza seus olhos para o meu rosto, me fazendo sentir uma onda de adrenalina fora de hora.

Uma carga elétrica percorre meu corpo por estar tão próxima a ele, o tocando, enquanto mil sentimentos parecem passar por suas íris, as deixando mais intensas a cada segundo.

Separo os lábios, buscando minha voz, que parece ter morrido na garganta.

E então, me surpreendendo, Caden dá um passo à frente, quebrando o restante do ar que se fazia presente entre nossos corpos, nos separando. Seu perfume amadeirado, misturado ao da loção pós-barba, invade minhas narinas, me inebriando.

Fecho os lábios, engolindo em seco, ainda mantendo o toque leve em seu braço, demonstrando apoio. Permaneço com os olhos conectados aos de Prescott, e penso que, a qualquer instante, nossos olhares podem começar a faiscar, tamanha a carga elétrica que carregam.

Mas então Caden umedece os lábios com a ponta da língua e, de forma dolorosamente lenta, aproxima seu rosto do meu. Sinto o coração bater mais forte dentro do peito, perdendo o compasso ao entrar em disparada, e estou certa de que vamos nos beijar. De que nossas bocas se chocarão e, diferente do que aconteceu em Maldivas, eu estarei completamente sóbria. Mas que, mesmo assim, não irei afastá-lo. Não *terei forças* para afastá-lo.

E é no instante em que passo a sentir a respiração pesada de Caden em meu rosto, quando nossos narizes estão quase se tocando e meus olhos prestes a se fechar, que tudo é arruinado pela voz que vem de longe, do topo da escada.

— Filho, preciso da sua ajuda com a máquina de lavar! — É o que Andrea grita, acabando com todo o clima.

E, como se só neste instante nos déssemos conta do que estávamos prestes a fazer, recobrando a consciência, nós nos afastamos sem pestanejar.

E não nego sentir uma pontada de desapontamento quando, após me encarar em silêncio por alguns curtos segundos, Prescott devolve a medalha à caixa, engole em seco e passa por mim, a caminho da escada, onde sua mãe o espera.

E ele não olha para trás sequer uma única vez.



CADEN

O sol da sexta-feira de manhã brilha forte sobre o lago Deep Creek, seus raios solares refletindo nas tranquilas águas claras da superfície.

Caminhando em passos curtos pelo deck, ouço a madeira do mesmo estalar sob as solas dos meus tênis e deslizo os olhos pela linda vista que há em minha frente.

Estar neste lugar e não pensar no Owen é uma tarefa impossível.

E não nego que tem sido difícil pra cacete manter a postura e não desabar diante dos meus pais. Sempre que venho visitá-los é assim.

Me obrigo a me manter forte, mesmo quando todos os cômodos desta casa me bombardeiam com lembranças do que vivemos nele, crescendo juntos. Mesmo quando cada mísero detalhe faz meu peito querer transbordar de saudade.

Com os olhos cravados no horizonte, engulo em seco ao deslizar as mãos pelos bolsos da calça preta de moletom que uso, as guardando e aquecendo. O tempo em Maryland, mesmo com o forte sol no céu, está fresco. E a brisa fria que sopra meu rosto é uma prova disso.

Vivi muitas memórias neste lugar. Muitas pescarias falhas com meu irmão e meu pai. Muitos feriados de Ação de Graças, onde Owen e eu passávamos noites em claro e levávamos bronca da nossa mãe por fazer uma

bagunça na cozinha, ao tentar assar o simples bolo de chocolate que, por mais que tentássemos mil vezes, sempre terminava em catástrofe.

E sei que tudo isso agora está no passado. Que minha vida mudou, meu maior sonho se realizou, que as dificuldades que enfrento hoje são outras e que tive de aprender a entender que ele não está mais aqui. Que meu irmão, sangue do meu sangue, nascido poucos minutos antes de mim, se foi. Para sempre.

E o para sempre é muito tempo.

Pensar na morte me traz um sentimento estranho. Sempre foi assim. É uma sensação amarga de incerteza. Só espero que, seja lá onde estiver agora, Owen esteja bem. E, se isso que dizem for mesmo possível, que esteja olhando por mim.

Gosto de pensar que ele teria orgulho de quem estou me tornando. De tudo que venho conquistando. E que se sinta parte do que alcancei, porque muito disso foi por conta dele. Por todas as idiotas vezes que, quando criança, pensei em desistir e ele me mandou olhar para seus olhos e repetir de novo, em voz alta, só para ver se eu tinha coragem. Eu nunca tive. No fundo, sempre acabava falando da boca para fora mesmo.

O hóquei é a minha vida.

O ar que respiro.

Assim como era para o meu irmão.

Atrás de mim, a madeira do deck estala novamente. Franzo o cenho, encarando meus próprios pés, que agora encontram-se cravados, sem sair do lugar. Estranho quando a ouço estalar mais uma vez e, ainda com o vinco confuso se apossando da testa, giro nos calcanhares, levando meus olhos de encontro a uma surpresa agradável, também conhecida como Avery Lakeland.

Ela está linda.

Usando um liso vestido preto e um tênis inteiramente branco, Avery tem uma mochila em suas costas, se mostrando pronta para ir embora.

— Está tudo bem? — pergunta, a alguns passos de distância. Seu semblante revela que está verdadeiramente preocupada, e a cautela abraça suas palavras.

Suavizando a expressão marcada em meu rosto, não hesito em responder:

— Sim. Só estou... pensando.

Ela aperta os olhos em minha direção, desconfiando, me analisando de maneira minuciosa, como se soubesse que minha mente estava me trazendo mais do que simples pensamentos rasos.

— Certo — responde, suavizando seu olhar, mesmo que não esteja satisfeita com a resposta dada por mim. Avery endireita a postura antes de continuar, suspirando fracamente: — Acabei de colocar todas as malas no carro. — Pelo meu semblante, ela parece perceber minha confusão, pois se apressa em acrescentar: — Talvez você tenha se perdido no tempo, Prescott, mas já está parado aí, encarando este lago, com a cabeça na lua, faz um bom tempo.

Engulo em seco, puxando uma das mãos para fora do bolso da calça, trazendo o pulso para perto dos olhos ao checar o horário no relógio que o envolve.

— Desculpa. — Volto meus olhar à Avery, suspirando ao perceber que me perdi no tempo.

— Não precisa se desculpar. Eram só algumas malas. — Ela gesticula com uma das mãos no ar, como se me dissesse para deixar pra lá. — Mas acho bom se apressar. Seus pais estão te esperando para se despedir. E, pela feição estampada no rosto da sua mãe, imagino que ela possa chorar ao te dizer tchau.

Solto uma risadinha fraca ao distanciar meus olhos, focando a atenção ao casal parado em frente à entrada da grande casa com estilo rupestre. Meu pai tem um dos braços ao redor da cintura da minha mãe, a abraçando. E os dois estão com os olhares direcionados a Avery e eu, esperando pela despedida.

Nunca é fácil.

Com a agitada rotina que levo, não é sempre que consigo visitá-los. E sei que isso corta o coração deles, mas que nunca reclamam, pois entendem perfeitamente.

Mesmo me sentindo meio mal ao pisar nesta casa, sendo invadido por todas as lembranças de Owen, me esforço para vir em todos os feriados que consigo.

Ontem, durante o jantar de Ação de Graças, perguntei a eles se tinham planos de voltar a morar em Alexandria, ou até mesmo se mudar para Washington. Ambos disseram que não trocariam a vida que levam hoje por nada, mas isso não significa que a consideram perfeita. Porque sei que,

apesar de estarem felizes aqui, às vezes se sentem sozinhos, apenas dividindo a companhia um do outro.

— Odeio essa parte — revelo, com sinceridade. Avery abre um sorrisinho triste nos lábios assim que passo por ela, que me segue logo em seguida.

— Imagino que sim.

Enquanto me despeço dos meus pais, com direito a abraços apertados, beijos no rosto, olhos marejados e a promessa de que, assim que puder, virei visitá-los novamente, Avery permanece a alguns passos de distância, nos dando liberdade.

Lanço um rápido olhar a ela, que passando a mão em um dos braços, morde o cantinho do lábio inferior, assistindo à nossa despedida. Em suas íris esverdeadas, emoções parecem cintilar. Ainda não tinha me dado conta disso, mas agora, pela primeira vez na viagem, a ideia de que Avery possa ter se sentido mal, de alguma forma, ao ver o bom relacionamento que minha família leva, invade meus pensamentos.

Sei que o que rola entre os Lakeland é diferente. E talvez algo dentro dela possa doer, ao presenciar o bom relacionamento que tenho com meus pais, repleto de amor, parceria e carinho.

Com esse pensamento se fazendo presente em minha mente, me afasto da minha mãe, estendendo um dos braços em direção à atriz, a chamando para se aproximar de nós.

— Vem se despedir — convido, com a voz baixinha.

Um sorriso de canto toma os lábios da garota no mesmo instante, e então ela dá passos em nossa direção, se despedindo dos meus pais. E é como se realmente fizesse parte da família.

— Foi um grande prazer te conhecer — Andrea comenta, a abraçando apertado. Com o queixo apoiado em um dos ombros de Avery, minha mãe fecha os olhos. — Obrigada por ter entrado na vida do Caden. Consigo ver um lindo futuro para vocês.

Antes que possa me dar conta, já estou com um sorrisinho estampado em meu rosto. E ao assistir Avery dar curtos passos em direção ao meu pai, se despedindo dele também, sinto uma pontada de pena atingir meu coração.

Para eles, tudo isso é real. Para eles, nós estamos juntos de verdade.

Nos *amando* de verdade.

— Façam uma boa viagem — minha mãe deseja, conectando seus olhos aos meus. Ela se aproxima de mim em passos tranquilos, parando ao

meu lado e erguendo um pouco o queixo, fazendo um biquinho com os lábios. Rindo fraquinho, me abaixo, cortando os centímetros que nos separam o suficiente para que possa estalar um beijo em minha bochecha. — Não corra muito na estrada! — Andrea Prescott aponta para meu rosto com o indicador, em uma ordem.

— Pode deixar — digo, ainda sorrindo.

Amo essa mulher.

— Eu não vou chorar. — É o que ela diz, chacoalhando a cabeça em negação, como se tentasse garantir a si mesma que é forte o suficiente para se conter. Mas o brilho que começa a tomar seus olhos, os deixando marejados, vai totalmente contra o que está afirmando. — Não vou.

Rindo fraquinho, a puxo para mais um abraço. Minha mãe afunda o rosto no meu peito, coberto pela camiseta, e suspira pesadamente.

— Prometo que vou me esforçar para te ligar mais vezes, está bem? — questiono, a envolvendo com meus braços.

Andrea concorda com a cabeça antes de se afastar, tomando uma respiração profunda ao tentar controlar as lágrimas que parecem cada vez mais perto de caírem.

— Certo — ela diz. — Agora vão embora logo, antes que eu comece a desidratar.

Solto mais uma fraca risadinha, a vendo esfregar um dos olhos com o dorso da mão, afastando os sentimentos que ameaçam escorrer por eles.

Avery para ao meu lado, segurando em minha mão. Quando a lanço um rápido olhar, ela já está me encarando. E tem um sorrisinho no rosto.

— Vamos? — É o que pergunta.

Assinto com a cabeça, a sentindo pesar. Me sinto péssimo em deixar meus pais para trás.

— Vamos — respondo, simplista.

E assim que minha mãe se junta ao meu pai, que me lança uma piscadela nada discreta, Avery e eu finalmente damos as costas, em direção ao meu carro.

E não soltamos nossas mãos durante todo o percurso, até termos de nos separar, para cada um ir para o seu devido assento.

— Foi divertido. — É o que a atriz comenta, minutos depois, quando já estamos acomodados. Ela fita meus olhos enquanto afivela o cinto de segurança, com uma leve fina feliz marcando seus lábios.

— Viu? Eu disse que seria tranquilo — respondo, copiando seus movimentos ao colocar meu cinto também.

Antes de dar a partida no carro, lanço mais um olhar para meus pais. Parados em frente à grande casa onde passei diversos momentos marcantes da minha vida, Andrea Prescott e Jae Yoon nos esperam ir embora. Meu pai tem um dos braços ao redor da cintura da minha mãe, a mantendo perto.

Avery, deslizando os olhos até onde os meus estão cravados, comenta, com a voz baixa, mas cheia de certeza:

— Eles são lindos juntos.

Estampo um sorrisinho nos lábios ao concordar:

— É, eles são mesmo.

E então, finalmente, dou a partida, ouvindo os motores do veículo esportivo roncarem.



Os óculos escuros com armação redonda que uso impedem que os fortes raios solares da manhã alcancem meus olhos, incomodando a visão, que deve permanecer cravada na estrada à minha frente.

Cigarettes After Sex explode pelo rádio, alcançando meus ouvidos. Com as mãos no volante, tamborilo a ponta dos dedos no ritmo de *Apocalypse*, extremamente envolvido em sua batida.

Mas então a música cessa.

Franzindo o cenho, movo minha atenção para a garota ao meu lado, que estampando um sorrisinho travesso nos lábios, tem em mãos seu celular.

— Não acredito que acabou de conectar seu celular no *bluetooth* do meu carro! — exclamo, indignado, voltando os olhos para a estrada.

Em resposta, Avery solta uma risada baixinha.

No instante seguinte, *Style* passa a preencher o carro. E não consigo conter minha expressão de espanto.

— Como assim você curte Taylor Swift? — pergunto, me direcionando à mulher ao meu lado.

Avery solta uma risada baixinha, se divertindo com a minha reação.

Ela está linda pra cacete. E o boné com a logo dos Caps, que roubou do meu porta-luvas, apenas intensifica ainda mais sua beleza. *Porra*, devia

ser crime que alguém ficasse tão sexy assim, apenas com um maldito boné afundado na cabeça.

— Por que está tão surpreso, Prescott? — pergunta, arqueando uma sobrancelha.

Dou de ombros, sem saber muito bem como respondê-la. Pelo que conheço de Avery, poderia jurar que, por adorar ser contra às coisas básicas que as pessoas costumam gostar — como o próprio amor —, ela fosse mais do tipo que escuta rock ou coisa assim.

— Não sei — respondo, levantando minhas sobrancelhas ao olhar para ela, intercalando meus olhos entre seu rosto e a estrada à minha frente. — É só que você é meio estranha, acho. Uma hora está fascinada por Serial Killers e histórias sangrentas, e na outra...

— Pode ir parando por aí! — manda, me interrompendo. Solto uma risada fraca diante da indignação que cada uma das palavras usadas por ela transborda. — É melhor não começar com esse papo ridículo de "achei que você fosse diferente das outras garotas" — solta, me fazendo rir. Não era isso que iria dizer. — Posso gostar do que quiser. Você tem sido agradável durante toda a viagem, e não quero voltar a te odiar minutos antes de chegarmos em Washington.

Com uma expressão contente tomando meu semblante, me viro de volta para ela, arqueando uma sobrancelha. Ignorando tudo que acabou de dizer, me foco em apenas um ponto específico ao questionar:

— Então quer dizer que deixou de me odiar?

Bufando, Avery revira os olhos, me arrancando uma risada baixinha.

— Por enquanto. — É a sua resposta.

Franzo os lábios, me contendo para parar de sorrir feito um verdadeiro idiota ao voltar meus olhos para o caminho à minha frente, firmando as mãos ainda mais no volante.

A verdade é que algo mudou entre nós durante esta viagem. Avery parece ter entendido que não sou um monstro. Muito menos que deve evitar me tocar ou ter contato comigo.

A noite em que invadiu meu quarto e se deitou ao meu lado é a prova disso. Até mesmo o fato de ter segurado minha mão antes de entrarmos no carro.

É claro que a química existente entre nós é palpável. De forma extrema, para ser honesto. O que aconteceu ontem à tarde, no porão, só serviu para nos mostrar isso mais uma vez. E quando nos beijamos em

Maldivas e acabamos dormindo juntos depois, sem forças para nos conter, também.

Mas isso não deveria fazer Avery se afastar de mim.

Estamos nessa juntos, afinal. Unidos por uma mentira contada para multidões.

Deveríamos buscar apoio um no outro.

No rádio, Taylor para de cantar quando a música acaba. E quando o silêncio abraça o carro, permaneço à espera de que Avery, que mexe em seu celular de forma concentrada, ao meu lado, selecione a próxima música.

Mas não é muito bem o que acontece.

— Puta merda! — a atriz grita de repente, se esquecendo da famosa regra que diz que não se deve assustar a pessoa que está atrás da direção. Ela nem mesmo parece se tocar que o berro que deu, que fez meu coração acelerar e meu corpo pular de susto, também poderia ter me feito bater o carro. Avery está focada demais na tela do celular, deslizando seus olhos por ela enquanto um vinco se apossa de sua testa.

— Que porra aconteceu? — pergunto, buscando respostas. — Você quase me matou do coração!

Ela não me responde de imediato, apenas continua lendo o grande texto na tela do iPhone. Que, pelo pouco que consigo espiar, é bem extenso.

— Será que dá para me dizer logo o que está rolando? — pergunto, impaciente. Mil teorias começam a se criar em minha mente. Umas muito mais sérias e péssimas do que as outras.

Boquiaberta, Avery se vira para mim, estendendo o aparelho em minha direção. De forma breve, afasto meus olhos da estrada, cravando as íris na tela do celular da minha namorada falsa. E no instante em que vejo a foto que por ali se estampa, preciso me lembrar de firmar ainda mais as mãos no volante, me recordando do fato de que ainda estou dirigindo, e impedir o alto arquejo de surpresa que ameaça escapar pelos meus lábios.

— Cacete! — É o que exclamo, dando mais uma breve analisada na foto, incapaz de encontrar uma palavra que possa descrever melhor o choque que invadiu meu corpo neste momento.

Porque, na tela do celular de Avery, uma memória da noite passada se faz presente. E nela, diretamente de Las Vegas, Elvis Presley está casando Savannah Gray e Paxton River em uma cerimônia relâmpago.

Os três posam para a foto, sorrindo.

Solto uma risada alta, finalmente processando o que caralhos acabei de ver. Ao meu lado, Avery me acompanha, explodindo em uma gargalhada.

— Puta merda, eles deviam estar muito bêbados — comento, em meio ao riso. — Isso não é nada a cara deles.

Avery recolhe o celular, o soltando em seu colo, sobre o vestido preto que usa. Quando me encara, suas íris estão cintilando.

— Paxton estava sorridente demais. Com certeza não estava sóbrio.

— Pelos menos eles já estavam noivos. Imagina a catástrofe que seria se não quisessem se casar e um belo dia, *puft*, acordassem com uma aliança no dedo, após uma noite de bebedeira? — pergunto, voltando a rir apenas em imaginar a cena.

— Ia ser um desastre — Avery concorda, com um grande sorriso inevitável marcando seu rosto. Foco a atenção na estrada assim que um carro em alta velocidade me ultrapassa, permanecendo atento. — O Twitter está uma loucura — Avery conta. — A Charlotte publicou a matéria com exclusividade, e todo mundo está repostando. Alguns dos nossos fãs estão surtando.

— Queria ter visto a cena — comento, pensando em como seria incrível ver Paxton River ao lado do Elvis, *se casando*. Chacoalhando a cabeça, solto mais uma risada fraquinha, ainda desacreditado. — Meu Deus, isso é loucura!

Avery me acompanha, rindo ao dizer:

— Imaginei que seria convidada para o casamento, mas sequer consigo me sentir irritada por terem decidido se casar de forma inusitada e não-planejada. — Ela leva uma das mãos até a aba do boné em sua cabeça, o afundando com os dedos. Um sorrisinho genuíno emoldura sua boca. — Fico feliz por eles. Os dois combinam.

No mesmo instante, direciono meus olhos a ela, que agora olha para frente, focada na estrada. E, analisando-a e repassando o que acabei de ouvir em minha mente, é impossível conter o sorrisinho que toma meus lábios.

Porque Avery Lakeland, a garota que costumava considerar sem coração e mórbida, por conta do seu estranho fascínio pelo quadro da mulher assassinando o marido, acabou mesmo de dizer estar feliz com a união de um casal recém-casado.

E nunca pensei que ouviria algo parecido vindo dela.



Vários minutos depois, estaciono em frente ao prédio onde Avery mora, em Georgetown.

Acomodada no banco ao meu lado, a atriz dorme tranquilamente. Sua cabeça está encostada no encosto do assento, e um ronco fraquinho, seguido por um suspiro, escapa pelos seus lábios minimamente separados. Rindo baixinho, pego meu celular, que até então estava guardado no console do carro, e desbloqueio a tela com o *face id*.

Sei que se Avery imaginar que estou fazendo isso vai ameaçar cortar minha garganta, mas não me importo. Ela está tão adorável e engraçadinha agora, que seria um crime da minha parte se não a gravasse.

Com a ponta de um dos dedos, aperto no ícone da câmera, logo a posicionando em frente ao rosto de Avery, que continua roncando. Buscando me aproximar ainda mais, tiro o cinto de segurança com a mão livre, inclinando meu tronco para frente ao me libertar de suas amarras.

Mas então, em um dos carros próximos, algum idiota resolve pressionar a buzina como se estivesse com toda a raiva do mundo. Me assusto ao escutar o barulho, sendo pego de surpresa, e o celular acaba escorregando por minhas mãos.

Sequer hesito ao tentar pegá-lo antes que atinja o chão, mas falho miseravelmente. Me aproximo ainda mais de Avery, estendendo o braço, buscando alcançar o maldito aparelho. Quando vejo que está longe do meu toque, praticamente subo em cima dela, resmungando.

E então, dou uma cabeçada em seu joelho.

— Cacete, Prescott! Cuidado com essa sua cabeçona gigante! — ela reclama, com a voz sonolenta, mas coberta de irritação. Não a julgo. Se estivesse sido acordado da maneira como Avery foi, estaria mal-humorado pra caralho. — O que você está fazendo aí? E que porra de barulho foi esse?

— Uma buzina. Algum babaca me assustou e me fez derrubar meu celular — conto, tateando o tapete, buscando alcançar o telefone.

Avery se remexe em seu assento, impaciente, querendo me ver longe dela o quanto antes, e o carro balança levemente para o lado em que estamos.

— Espera aí, esquentadinha! Você vai acabar me dando uma joelhada — reclamo, ainda focado na missão. Quando meus dedos finalmente vão de

encontro ao maldito aparelho, eu o pego, irritado com a falha tentativa de ter um vídeo de Avery roncando.

— Sai logo daí, Prescott! — ela reclama, se remexendo novamente. Desta vez, acertando minha cabeça com seu joelho. Solto um grunhido de dor no mesmo instante. — Por que ainda está aí?

— Meu celular caiu perto do seu pé. Tive que pegar.

Envolvendo o telefone com a mão, começo a voltar para o meu assento. Choco a cabeça contra o porta-luvas, xingando. E então, quando finalmente consigo sair, não tenho dúvidas de que amanhã irei acordar com alguns galos na cabeça.

Tudo isso por culpa da merda de um vídeo roncando.

— Você está bem? — É o que Avery quer saber.

— Não. Porra, acho que minha cabeça está sangrando — comento, levando minha mão a ela no mesmo instante, só para ter certeza.

— Deixa eu ver — a atriz pede.

Volto a inclinar meu tronco para frente, abaixando o queixo para que Avery consiga ver se há sangue no meu couro cabeludo. Ela leva uma das mãos até meus cabelos, verificando.

Em seguida, estala a língua no céu da boca ao dizer:

— Não. Nada de sangue.

— Graças a Deus! — solto, em um suspiro. Talvez eu tenha exagerado um pouco, mas foi uma baita batida contra o porta-luvas.

Quando ergo meu olhar, me deparo com nossos rostos extremamente próximos. Ao que parece, Avery também decidiu se inclinar para frente quando foi analisar minha cabeça.

Nossos olhos se conectam. E a conexão é tão grande, que sinto como se pudessem faiscar a qualquer momento.

E sei que, ao nosso redor, a vida em Georgetown continua, mas é como se o mundo inteiro parasse. Como se só houvesse Avery e eu.

Engulo em seco, deslizando meus olhos até seus lábios minimamente entreabertos. Por algum motivo, Avery está com a respiração ofegante. E gosto de pensar que a causa disso foi a intensa troca de olhares que acabamos de compartilhar.

De repente não sinto mais dor nenhuma na cabeça. Meu corpo está ocupado demais em se concentrar na mulher à minha frente e na vontade avassaladora que sinto de beijá-la.

— Está olhando para a minha boca, Prescott — Avery comenta, sem se afastar. Sua voz sai fraca demais, como se compartilhássemos do mesmo sentimento de impotência neste momento, rendidos pelas necessidades dos nossos corpos, que parecem gritar em silêncio, nos implorando para se encontrarem.

— Eu sei — respondo, lacônico.

Avery respira fundo, e seu peito sobe e desce de forma lenta, acompanhando o gesto.

— Você deveria parar.

— Sei disso também — digo, sequer me importando. Ainda mantendo nossos rostos próximos, deslizo meu olhar de volta para os seus olhos, analisando seu rosto no meio do caminho. — Mas eu quero te beijar agora. E como você continua no mesmo lugar e ainda não se afastou, imagino que é isso que queira também.

— Nós não deveríamos...

— Sim, nós deveríamos. E, no fundo, você sabe disso, pois sei que no instante em que colar nossos lábios, irá ceder e se esquecerá de todos os motivos que te fazem pensar dessa forma. Porque a chama que existe entre nós é real pra caralho, Avery.

Ela não responde. Apenas engole em seco, como se todas as suas palavras tivessem morrido na garganta.

E é aí que resolvo agir.

Choco nossos lábios, e Avery é pega de surpresa no início, mas logo retribui. Um tanto hesitante, ela leva sua mão até um dos cantos do meu rosto, e sinto suas unhas compridas fazendo um carinho leve e intencional em minha bochecha.

Um calafrio percorre meu corpo e se instala entre minhas pernas. *Puta que pariu.*

— Você ainda tem o poder de mandar eu me afastar — digo, separando nossos lábios o mínimo que é necessário.

— *Shhh*. Cala a boca, Prescott. — É o que Avery diz antes de chocar a boca contra minha novamente.

Desta vez, o beijo é mais desesperado. O encontro de nossas línguas evoca ruídos de nós dois. E, no mesmo instante, esqueço de onde estamos. Ouço o som do trânsito e o piar dos pássaros, que voam pelo bairro de Washigton, mas não me importo. Até mesmo sei que qualquer um pode passar ao lado do carro e nos ver, mas não dou a mínima. Meu coração está

batendo tão rápido, que é como se pudesse abafar qualquer barulho ou preocupação ao meu redor, deixando-me surdo.

Enfio meus dedos em seus cabelos castanhos, sequer ligando para o fato de bagunçá-los.

Avery solta um gemido baixinho contra meus lábios, e o som gutural cria vibrações que aceleram minha pulsação.

Porra.

Mas, assim que ela se afasta, tudo o emaranhado de sensações que me preenchia é trocado por uma forte pontada de desapontamento.

A atriz engole em seco, focando seus olhos intensos nos meus antes de proclamar:

— Eu... Eu preciso ir. Raven deve estar me esperando.

E então, simples assim, após me fazer voar para longe da minha própria órbita, Avery Lakeland tira seu cinto de segurança, dando as costas ao sair do meu carro, pegando sua mala no banco do carona.

E no momento em que ela se afasta, após bater a porta do veículo, seguindo até a entrada do prédio onde mora, sinto como se deixasse uma parte sua comigo.

Afinal, seu gosto ainda se faz presente em meus lábios.



AVERY

É comprovado que quando estamos em uma situação perigosa, nossas veias dilatam e a transpiração aumenta. A boca fica seca, nos obrigando a engolir em seco, e o coração passa a bater mais rápido, aumentando a produção de adrenalina.

Me senti exatamente assim ao beijar Caden, há uma semana.

Eu tento entender, mas não sei o que acontece. Sempre que nossos olhares se cruzam de maneira intensa e nossos corpos se tocam, esqueço o autocontrole. Fico fora de mim.

E isso nunca tinha acontecido com outro cara antes. Sempre conseguia me controlar e obedecer ao que minha consciência mandava. Mas com Caden... sempre é diferente com ele.

É como se o som do meu coração batendo forte em meu peito zumbisse em meus ouvidos, abafando todos os gritos que meu cérebro solta, me implorando para me afastar.

Porque Caden Prescott é um erro. Ele me torna fraca e impotente. Me faz querer ir contra tudo que acredito.

E mesmo sabendo disso, sempre que nossos olhares se cruzam e as peles se tocam, é como se eu estivesse sobre uma ponte alta, andando pelo parapeito em passos cuidadosos. E nunca consigo evitar me jogar.

— Querida, seu celular está vibrando de novo. — É o que Marga, a mulher que costuma me ajudar com a limpeza do apartamento, diz, me fisgando para longe dos meus pensamentos.

Desvio os olhos para longe do muffin de mirtilo em meu prato, percebendo apenas neste momento que me perdi no tempo e devo tê-lo ficado encarando por vários minutos, com a cabeça no mundo da lua.

Marga, Raven e eu estamos na cozinha. Eu e minha irmã estamos sentadas nos banquinhos da ilha, e Marga está preparando uma vitamina para Raven levar para o trabalho. Mas neste instante, as duas pararam o que estavam fazendo e estão com os olhos cravados no meu telefone, sobre o mármore à minha frente, com a tela virada para baixo.

— Façam suas apostas, crianças. Mamãe, papai ou o Caden? — ao meu lado, Raven solta.

E eu suspiro pesadamente, tomando a coragem necessária para ver de quem se trata. Estou ignorando Prescott há uma semana, desde que nos beijamos e deixei seu carro sem olhar para trás, enquanto meu corpo todo parecia me implorar para ficar. Já minha mãe e meu pai, faz tanto tempo que perdi as contas.

E agora eles parecem ainda mais focados em conversar comigo e Raven, já que só esta manhã nos ligaram cinco vezes. Em cada celular.

Alcanço o telefone, virando a tela para cima, conectando meus olhos a ela. E no instante em que leio o nome de Caden, solto mais um suspiro alto.

Caden: *Bom dia, esquentadinha.*

Até quando o seu projeto de "vou ignorar Caden Prescott" vai durar? Preciso me programar.

— É o Caden — solto, voltando a largar o celular sobre o mármore e endireitar a postura.

— Por que você não responde? — É o que Marga quer saber, retomando à sua função de cortar as bananas para fazer a vitamina de Raven.

Lanço um breve olhar à minha irmã, ao meu lado. Marga não sabe de nada. Não sabe que meu relacionamento com a lenda do hóquei ambulante é uma farsa. Como poderia? O mundo todo acredita que nos amamos cegamente.

— Nós brigamos ontem — minto, abrindo um sorrisinho triste para a mulher na casa dos 50 anos. Marga gira nos próprios calcanhares, se virando

para mim. Seu semblante se transforma no mesmo instante. — Não estou com cabeça para respondê-lo agora.

— Sinto muito, querida. Homens conseguem ser uns imbecis quando se esforçam — ela lamenta.

— Alguns sequer precisam se esforçar — Raven acrescenta, soltando uma risada baixinha. — Basta apenas transar com a enfermeira e depois fingir que nada aconteceu.

A encaro, lançando um olhar entediado no mesmo instante. Não sei por que minha irmã insiste em trazer o neurocirurgião babaca à tona, quando diz estar feliz com Thomas, o cirurgião plástico com quem tem saído.

Acho que se existisse um termo para definir Raven, seria: maria-bisturi. Sabe, como as marias-chuteiras e marias-patins.

— Este mundo está perdido! — Marga exclama, melodramática, nos fazendo rir baixinho.

— E é por isso que vou parar de falar de homem e me levantar agora, para me arrumar e ir para o hospital — Raven avisa, saindo do banquinho que ocupa ao meu lado. Minha irmã permite que um falso sorriso tome seus lábios ao dizer: — Preciso trabalhar para sustentar o poder de ser uma linda corna.

Rio diante da sua fala, a observando enquanto se afasta. Raven some pelo corredor instantes depois, saltitando feito uma criança feliz.

— Deixarei sua vitamina na geladeira! — Marga grita, a avisando.

Voltando a atenção ao meu café da manhã, alcanço o copo de café gelado com uma das mãos, o trazendo para perto do rosto e sugando o líquido pelo canudo. Dou mais uma mordida no muffin que Raven comprou na Bloom Café, assim que amanheceu. O som ensurdecedor do liquidificador toma conta do cômodo, assim que Marga o liga. E fazendo uma careta diante do barulho, levo uma das mãos ao meu celular, ainda sobre o mármore, e uso o *face id* para desbloquear a tela.

E me arrependo no mesmo instante.

Por algum motivo, minha conversa com Caden é aberta. E me sinto uma idiota ao pensar que talvez possa tê-la pressionado com a ponta do dedo antes de destravar o celular, sem querer.

Mensagens novas se fazem presente, em meio a todas as outras que li pela tela de bloqueio, mas não visualizei. E entre as novas, enviadas há apenas dois minutos, estão algumas fotos.

Caden: *minha mãe pediu para te enviar.*

Sei que você nem tá me respondendo, mas sabe como é, né? não dá para desobedecer uma ordem de mãe.

Sorrio de forma involuntária ao descer pelas fotos, tiradas no feriado de Ação de Graças, há uma semana. Eu pareço feliz em todas. Porque *realmente* estava. Mesmo o que aconteceu durante a viagem, quando vi a foto de Lina Simmons e fui preenchida por lembranças nebulosas, não foi capaz de me deixar para baixo por muito tempo.

A família de Caden é incrível. E mesmo que eu jamais vá admitir isso em voz alta, ele também. Eu o julguei muito mal no começo, ao pensar que era como Dax Colton ou o babaca do Hunter Killor, apenas por jogar hóquei.

Prescott é diferente.

E isso me preocupa, porque agora sei que gosto de quem ele é.

O som insuportável do liquidificador cessa, e direciono meu olhar à Marga quando ela passa a despejar a vitamina, agora pronta, no copo que Raven levará para o trabalho, o tapando logo em seguida. E como se pudesse ouvir que seu nome voltou a aparecer em meus pensamentos, Raven volta à sala, em passos largos e apressados.

Minha irmã, agora vestindo um sutiã, a calça que vai usar para trabalhar e com o rosto parcialmente maquiado, vem até mim. A sigo com os olhos, acompanhando quando Raven para ao meu lado.

Então, ela estende a tela do celular em minha direção, me permitindo ver o nome da minha mãe, logo acima das opções de aceitar ou recusar a chamada.

— Será que eles nunca vão se cansar de ligar? — É o que Raven questiona, exausta diante de tamanha insistência, assim como eu.



O quadro pendurado à parede, em frente à minha cama, me dá vontade de rir.

Quando o comprei na exposição de Paxton e Savannah, no dia em que vi Caden pela primeira vez, não fazia ideia do que estava por vir. Aquela

Avery não tinha noção do confuso furacão que tomaria sua vida, e muito menos da loucura que seria obrigada a embarcar, mentindo para multidões.

Estamos no começo de dezembro. E, olhando para trás agora, não posso mentir e dizer que não sinto como se quilos e mais quilos fossem afastados dos meus ombros, à medida que os dias passam.

Janeiro está chegando. E com ele, tudo isso acaba.

Caden e eu vamos voltar a viver nossas vidas de maneira separada. Ele poderá voltar a conhecer e a sair com outras mulheres, e eu poderei retornar à minha bolha anti-amor, da qual nunca quis me libertar.

Tudo parece certo, como foi planejado desde o início.

Então, por que sinto como se algo estivesse fora dos trilhos?

Estou com a testa franzida quando o toque do meu celular passa a preencher meu quarto. Deslizando os olhos para longe da pintura na parede, onde a esposa tenta assassinar o marido, aproximando a faca das costas dele, me sento na cama, começando a procurar pelo aparelho em meio ao emaranhado de cobertores.

Faz pouco mais de uma hora desde que Raven saiu para trabalhar. Eu sequer tive tempo e forças para tomar banho e tirar o pijama, quem dera para arrumar a cama.

Assim que encontro o celular, após alguns segundos de procura, estou pronta para soltar um suspiro exausto, imaginando que o nome da minha mãe ou de Caden estará na tela. Mas então sou surpreendida. O contato de Raven é o que aparece, me obrigando a franzir o cenho no mesmo instante.

São raras as vezes que Raven me liga enquanto está no trabalho. Ela nunca tem tempo. Sempre que precisa me avisar sobre alguma coisa, manda uma mensagem rápida.

Então, não considero exagero todas as mil teorias que invadem minha mente, me alertando de que há algo errado.

Sem hesitar mais nenhum segundo, arrasto a ponta do dedo na tela, atendendo a ligação.

— Está tudo bem? — É como a cumprimento, a voz saindo com mais urgência do que o habitual.

Do outro lado da linha, Raven solta um pesado suspiro. E ao ouvi-lo, meu corpo inteiro, que já estava preenchido pela preocupação, fica ainda mais em alerta.

— O que aconteceu? — me adianto em perguntar.

— O papai aconteceu — Raven começa, não fazendo sentido nenhum. O vinco que se apossa do espaço entre minhas sobrancelhas se intensifica, transparecendo minha confusão. — Charles está com intoxicação alimentar. Quando cheguei ao hospital, ele e a mamãe já estavam aqui.

Segurando o celular contra o ouvido, levo a mão livre até uma das têmporas, a massageando. Meus lábios se separam, e solto uma lufada de ar por eles.

— Como ele está? — pergunto, buscando respostas. Se meu pai está no Washington Hospital, Raven deve ter falado com o médico que está cuidando dele, certo?

— Bem, na medida do possível. Eles nos ligaram a manhã toda para avisar — minha irmã responde, soltando um pesado suspiro. — Olha, Avery, você não precisa vir, se não quiser. Mas saiba que o papai será internado para receber medicamentos nas veias, que controlam as náuseas e repõe o líquido e nutrientes perdidos.

Ainda estática, sentada na mesma posição sobre os cobertores, deslizo meus olhos de volta para o quadro na parede. E ele me traz lembranças de tudo que vi meus pais passarem. De um relacionamento turbulento, para o qual decidiram voltar. E sei que prometi a mim mesma que não os encontraria até perceberem que estão sendo idiotas ao se enfiarem em uma tremenda enrascada, mas que tipo de filha eu seria se não fosse visitar meu pai internado?

Então, com esse pensamento se fazendo presente em minha mente, me obrigo a tomar uma respiração profunda antes de avisar:

— Chego aí em meia hora.



AVERY

É estranho como os hospitais costumam ser frios.

Quando era mais nova, pensava que era apenas por conta do ar-condicionado, que precisa sempre estar ligado. Mas hoje, acredito que o medo, incerteza, dor e insegurança que circulam pelos corredores também influenciam na temperatura.

E a cor branca, que parece estar em todos os cantos à minha volta, age como um reflexo perfeito da angústia que preenche os corpos de todas as famílias e amigos que aguardam na sala de espera.

Quando passei pela porta dupla do Washington Hospital, segui direto para o balcão, onde a recepcionista, que conversava com alguém no telefone, estendeu uma das palmas da mão no ar, me pedindo para aguardar alguns segundos. Escutei sua conversa, sei que era algo importante e que se tratava de um assunto do hospital, mas ainda assim não consegui conter a aflição que dominou meu corpo, me implorando para soltar um grito alto e pedir para ela me dar informações sobre meu pai antes de voltar a resolver seu assunto. E eu quase fiz isso, juro mesmo. Mas então, como se fosse um anjo enviado para me resgatar, Raven apareceu na recepção.

Sequer hesitei antes de seguir em direção à minha irmã, que logo me guiou pelos corredores, me explicando que era algo simples, que nosso pai

está bem, mas que ainda assim é bom que ele fique em observação e continue tomando medicamentos na veia.

E eu me forcei a acreditar nela. Raven fez faculdade de medicina, afinal. E mesmo ainda achando que *toda* internação significa que o paciente não está *bem*, como minha irmã alegou, foi melhor me agarrar a um pensamento positivo.

E foi assim que acabei no quarto de hospital com Charles Wilfred internado e Anastasia Lakeland ao lado da sua cama, segurando sua mão. E fui obrigada a quebrar o juramento que fiz a mim mesma, prometendo que continuaria afastada deles o máximo possível, até perceberem que essa ideia de reatar o relacionamento não passa de um tremendo absurdo.

Recostada em um dos cantos da parede do quarto, mantenho os braços cruzados em frente ao peito enquanto foco meus olhos no meu pai, deitado na cama com lençóis que, assim como tudo no quarto, são brancos. Charles está pálido e tem olheiras marcantes embaixo dos olhos. Raven me disse que seus vômitos foram persistentes, por isso ele aparenta estar tão fraco.

Minha mãe, de pé ao seu lado, apertando sua mão, ergue o queixo, trazendo seus olhos castanhos até mim. Ela desliza sua atenção pelo meu corpo, a focando em meu rosto. E então, abre um sorrisinho nos lábios.

E eu retribuo, porque apesar de estar furiosa com ela, não sou uma filha de merda.

Estou aqui para demonstrar meu apoio ao meu pai doente, afinal.

Faz alguns minutos desde que Raven me guiou até o quarto, me permitindo atravessar a porta, e até agora falei poucas palavras. Sei que é um momento complicado, mas é difícil para mim lidar com o fato da volta repentina dos meus pais. Tenho meus motivos, e a dor que isso me causa é o principal deles.

— Certo, sr. Wilfred, vamos checar como você está. — É o que diz o médico que entra no quarto, atraindo todos os quatro pares de olhos da minha família. Ele é alto, tem a barba rasa e cabelos loiros desgrenhados, que indicam que ou estava dormindo, ou trabalhando feito louco, sem ter tempo de sequer se olhar no espelho. Ele ajeita a gola do jaleco branco que usa antes de cravar as íris azuis na prancheta em sua mão, prosseguindo. — Vamos continuar com a reposição de líquidos e sais pela via endovenosa. Seu caso de intoxicação era mais grave, como o senhor já sabe, e tinha risco de desidratação, mas já está tudo sob controle. Não deve demorar muito para

que receba alta. E, quando acontecer, saiba que precisa continuar repousando e consumindo muito líquido.

Diretamente da cama, meu pai apenas acena com a cabeça, demonstrando ter entendido.

— Ótimo. Volto em uma hora para ver como o senhor está. — O médico abre um sorrisinho no rosto.

— Obrigada, Doutor — minha mãe agradece.

Ele gesticula com uma das mãos, como se dissesse que não foi nada, que está fazendo apenas o seu trabalho. E assim que gira nos próprios calcanhares e dá alguns curtos passos para fora do quarto, Raven se afasta da parede onde estava encostada, do outro lado do cômodo, e o segue. Minha irmã ainda veste o jaleco branco e imagino que talvez esteja indo pegar informações sobre outro paciente. Ela está em seu horário de trabalho, afinal.

Quando os dois somem pela porta, seguindo pelo corredor, sou invadida por uma pontada de desespero por ter sido deixada sozinha com as outras duas pessoas no cômodo. Lanço um olhar aos meus pais, que se encaram enquanto sorriem um para o outro. Minha mãe, ainda segurando sua mão firmemente, sussurra alguma coisa, provavelmente assegurando Charles de que ele ficará bem, e os olhos dele cintilam como se observá-la de perto fosse o mesmo de estar diante do paraíso.

Sou tomada pela náusea no mesmo instante.

— Eu já volto — comento, saindo em passos largos. Assim que deixo o quarto, fechando a porta atrás de mim, sequer sei responder se eles me ouviram ou prestaram atenção na minha saída repentina.

Levando uma das mãos ao peito, me permito soltar um pesado suspiro, aliviada por ter me livrado daquela cena em que Charles e Anastasia fingem, mais uma vez, que são perdidamente apaixonados um pelo outro. Às vezes, questiono se não se enganaram ao seguir a carreira de advogados. Os dois seriam ótimos atores.

Sabem enganar até a si mesmo, afinal.

Me afasto da porta fechada, atravessando o corredor até alcançar a mesinha com garrafas térmicas de café e chá, posicionadas próximas ao filtro de água. Ao lado dela, há uma máquina de venda automática, com alguns chocolates, salgadinhos e refrigerantes. Alcanço um dos copos de plástico, enchendo com a água do filtro. Em seguida, tomo em longos goles, buscando acalmar meu coração, que parece pesar em meu peito.

E é quando estou jogando o copo vazio no lixo, que eu o vejo.

O arquejo de surpresa escapa pelos meus lábios antes mesmo que eu possa me conter. Caden está no fim do corredor, próximo à recepção. Ele olha para um dos lados, perdido, como se tentasse se lembrar em que direção a recepcionista o mandou seguir, e tem uma pequena caixinha nas mãos.

No momento em que gira a cabeça e seus olhos se acendem ao virem de encontro aos meus, mesmo que a passos de distância, sinto um choque elétrico percorrer meu corpo. E de repente não sei mais como respirar.

Prescott abre um sorrisinho no rosto, erguendo uma das mãos no ar, em um aceno.

Mas que porra ele está fazendo aqui?

Sem pensar muito, saio em passos largos em sua direção. Paro em sua frente, fechando uma das mãos ao redor do seu pulso. O puxo para um dos cantos do corredor, abrindo espaço para o caso de alguém precisar correr para socorrer um paciente ou arrastar uma maca por aí. Então, foco meus olhos aos dele. E nós estamos perto. Perigosamente perto.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, ríspida, indo direto ao ponto.

O sorriso que marcava o rosto de Caden some no mesmo instante, liberando espaço para que seu semblante se transforme e um vinco se aposse de sua testa.

— Vim ver como seu pai está. — É o que ele responde, soando quase como se estivesse ofendido. — Raven me contou sobre o que aconteceu. Disse que estariam aqui.

Endireitando a postura, firmo os pés no chão, ainda com o queixo um pouco erguido, para encarar as íris escuras de Caden.

— Ele está bem. Está tomando remédio na veia — conto, resolvendo ignorar o fato de que minha irmã e meu namorado de mentira se consideram amigos a ponto de trocar mensagens, conversando sobre a vida.

Prescott dá um breve aceno de cabeça, desviando sua atenção para um ponto distante atrás de nós. Sigo seu olhar, que está cravado na porta fechada do quarto onde meu pai está. E quando volto a encará-lo, Caden já está me fitando de volta.

Ele esfrega a nuca com uma das mãos ao questionar:

— E como você está? Faz uma semana que não responde às minhas mensagens.

Separo meus lábios, soltando um pesado suspiro.

— O que está fazendo aqui, Prescott? — questiono, repetindo a mesma pergunta que fiz há poucos segundos.

E Caden percebe isso, já que sua expressão é tomada pela confusão.

— Como assim? Eu já disse. Raven me avisou que Charles está internado e vim ver como ele está.

Chacoalhando a cabeça levemente em negação, solto uma curta lufada de ar pelas narinas, sem acreditar. Em seguida, cerro um dos punhos ao lado do corpo, me fortalecendo ao encarar a imensidão escura que se abriga no fundo dos seus olhos.

— Não somos um casal de verdade. Não precisa estar aqui. Não precisa demonstrar o seu apoio, Prescott. Por que você se importa, afinal? Não é como se tivesse a necessidade de se aproximar da minha família e continuar alimentando toda essa nossa mentira na cabeça deles.

Sendo pego de surpresa, Caden separa um pouco os lábios e levanta as duas sobrancelhas, demonstrando que o golpe em forma de palavras o afetou.

Ótimo.

— *Ouch!* — ele solta. — Já vi seus pais antes, Avery. *Você* me convidou para jantar na *sua* casa e me aproximar deles. Por que, de repente, decidiu se incomodar com isso?

Determinada a acabar com esta conversa o quanto antes, bufo, dizendo logo em seguida, com a voz mais fraca e arrastada do que o normal:

— Olha, Caden... Só, por favor, vai embora.

E quando faço menção de girar nos calcanhares, dar as costas para ele e seguir em direção ao quarto onde meu pai está internado, Prescott me surpreende ao levar sua mão ao meu cotovelo, me virando para ele novamente. E antes mesmo que eu possa prever seu próximo movimento, Caden cola meu corpo à parede, que é fria contra minhas costas, e se posiciona à minha frente, buscando agir como uma barreira, que me impedirá de tentar fugir.

— Quer saber? Sei porque fica tentando me afastar. Eu te conheço — ele diz, convicto, mantendo a voz baixa. Caden posiciona a palma das duas mãos ao meu redor, na parede, uma de cada lado do meu corpo, me deixando presa entre seus braços. Ouço o barulho que a caixinha que segurava faz quando cai no chão, mas nenhum de nós parece se importar.

Engulo em seco assim que ele inclina o tronco um pouco para baixo, aproximando o rosto do meu. De repente, todas as poucas pessoas que atravessam o corredor se tornam inexistentes, e tudo que vejo são os olhos dele. As íris escuras que parecem prestes a faiscar a qualquer momento.

— Você não sabe nada sobre mim — respondo, no mesmo tom baixo usado por ele. Minha vontade é de gritar e espalmar minhas mãos em seu peito, o empurrando para longe, mas, por algum motivo, me sinto impotente para reagir.

Então simplesmente deixo que continue me prendendo.

— Eu sei um monte de coisas sobre você, esquentadinha — Prescott revida, soltando uma risada fraca, como se achasse engraçado o fato de eu o subestimar. Me obrigo a prender a respiração assim que sinto seu perfume amadeirado invadir minhas narinas. — Sei qual é a sua bebida favorita, que tipo de música você escuta, que tem mania de colocar o cabelo para trás da orelha, e eu acho isso a coisa mais adorável da porra do mundo. Sei que não tem muitos amigos, que ama cães e que carrega cicatrizes do seu passado. E, além de tudo isso, sei que só quer que eu vá embora porque não consegue suportar a ideia de me permitir enxergar o seu lado vulnerável. Que pensa que o mundo iria acabar se eu visse uma lágrima sequer ou qualquer resquício de desespero vindos de você de novo. Porque não consegue lidar com a ideia de abaixar os muros perto de mim. Pois, por algum motivo idiota, tem medo de que eu te conheça de verdade. Que saiba que você tem um lado humano. Que descubra o que existe além de toda essa marra que se força a ostentar diariamente.

Quando Caden para de falar, minha cabeça está girando. E estou completamente submersa em seu olhar.

— Você não sabe do que está falando — me forço a dizer, após engolir em seco, encontrando forças que até então pensava não ter. Minha voz sai embargada e reflete perfeitamente o compilado de sentimentos conflituosos que me preenche neste instante.

Caden cerra os dentes, travando o maxilar. Aproximando ainda mais o rosto do meu, ele toca nossos narizes ao pedir, quase que em um sussurro:

— Então me diga o verdadeiro motivo pelo qual não posso ficar.

Foco minha atenção em suas íris escuras, perigosamente próximas. E, sem saber o que dizer, mantendo a boca fechada, desejo poder sufocar meu próprio coração, que parece gritar dentro do peito, extremamente acelerado.

E não sou capaz de dizer nada.

Porque não consigo. Não consigo falar que, apesar de lutar contra isso com tudo que há em mim, acho que posso estar me apaixonando por ele. E que isso é demais para pensar agora, justo quando meus pais reataram e estão dentro daquela merda de quarto de hospital, de mãos dadas e cobertos pela nuvem de farsa que eles mesmo criaram. E que tudo que mais quero é escancarar aquela porta e berrar, implorando para que abram os olhos e percebam a merda que estão fazendo.

Prescott recebe meu silêncio como uma resposta, pois, suspirando, ele diz:

— Foi o que eu pensei.

E então, Caden se afasta, me libertando de seus braços, que protegiam meu redor como altas barreiras. E eu solto o ar que nem me lembrava de estar segurando.

Sem dizer mais nada, Prescott se agacha, alcançando a caixinha que derrubou no chão quando decidiu me prender contra a parede, me impedindo de fugir. Ele endireita a postura, conectando nossos olhos pela última vez ao estender o objeto em minha direção, pedindo, com a voz controlada e firme:

— Entregue isto ao seu pai.

Assim que meus dedos parcialmente trêmulos vão de encontro à caixinha e minha mão a envolve, a trazendo para mim, Caden não hesita antes de virar de costas. E eu, ainda coberta pelo choque gerado pelo momento que acabamos de compartilhar, assisto suas largas e musculosas costas se afastando, a caminho da entrada do hospital.

Quando Prescott já está longe, direciono meu olhar para a embalagem entre minhas mãos. E quando a abro, me deparando com o que há dentro dela, é impossível que minhas memórias não me levem de volta ao jantar que tivemos em meu apartamento, quando Caden conheceu meus pais e ele e Charles dividiram seus gostos em comum.

Pois, dentro da caixa, está um carro em miniatura.



CADEN

Minha cabeça parece prestes a explodir.

O apito ensurdecedor do despertador preenche meu quarto, e grunho irritado, rolando na cama. O alcanço com uma das mãos, desligando-o sem ao menos pensar duas vezes.

É segunda-feira de manhã e eu estou com uma ressaca fodida. O culpado? Austin Crawford.

Não sei o que deu em mim na noite de ontem, mas deixei que meu melhor amigo imprudente me arrastasse para um bar com alguns outros caras do time. Nós bebemos pilhas e mais pilhas de garrafas de cerveja, ignorando totalmente o treino que temos hoje, em algumas horas. E sei que não devia ter feito isso, mas meu corpo todo estava implorando por um momento de descontração, em que eu pudesse apenas curtir com os caras e beber, esquecendo de todos os meus problemas e da existência da mulher de cabelos castanhos e olhos verdes que tende a me levar à loucura.

O que, infelizmente, não aconteceu, já que Avery se fez presente na minha cabeça durante a merda da noite inteira.

Assim como nas duas últimas semanas.

A minha tentativa de visitar seu pai doente no hospital foi a última vez que a vi. E desde então, não nos falamos mais. Sequer trocamos uma

mensagem. Eu apenas fiquei sabendo que Charles havia melhorado e recebido alta porque Raven me contou, deixando uma mensagem de voz na minha caixa postal.

E para falar a verdade, ficar longe de Avery por todo esse tempo está acabando comigo. Mesmo o motivo da nossa aproximação sendo o plano maluco de namoro falso, nós nos acostumamos com a presença um do outro. Ter Avery Lakeland ao meu lado durante meus dias era algo normal e, de alguma forma, estranhamente reconfortante, mesmo que passássemos boa parte do tempo discutindo e trocando farpas.

Era como se ela fosse parte da minha rotina.

Resmungando, esfrego os olhos, me obrigando a despertar. Usando os últimos resquícios de responsabilidade que ainda se fazem presentes no meu cérebro, me arrasto para fora da cama, atravessando o quarto até a janela e afastando as cortinas, permitindo que a luz da manhã bata em meu rosto. Washigton está nublado. E o tempo parece frio.

Ótimo. Um clima de merda para combinar com o meu humor de merda.

Esfregando o rosto, me aproximo da porta. Paro em frente ao espelho pregado à parede, dando uma breve analisada no meu reflexo pela primeira vez no dia. Os cabelos pretos desgrenhados, calça de pijama e a primeira regata branca que encontrei em meu guarda-roupa, ao chegar exausto ontem à noite, revelam que acabei de sair da cama.

Deixo o cômodo, seguindo pelo corredor silencioso até a cozinha, conjugada à sala. E no instante em que começo a pensar no que fazer para o café da manhã, meus olhos são atraídos para as duas Long-Necks vazias sobre o mármore do balcão, uma ao lado da outra.

Minha testa se franze imediatamente, transparecendo minha confusão. Mas antes que meu cérebro sonolento possa ter a chance de criar teorias capazes de explicar de quem é a segunda garrafa, ouço passos vindos de trás de mim.

Giro nos calcanhares sem sequer hesitar, me deparando com uma loira de corpo esguio. A mulher me lança um sorriso, mostrando seus dentes perfeitamente brancos e alinhados. Seu cabelo está preso em um coque alto, no topo da cabeça, sua perna está desnuda, e um de seus ombros está à mostra, já que a camisa branca social de Austin que está vestindo fica larga em seu corpo.

— Sou a Spancer — ela diz, dando alguns curtos passos em minha direção. Quando estende uma das mãos para mim, em um cumprimento, hesito antes de apertá-la.

Porra, faz tanto tempo que não tenho contato físico com outras mulheres, que nem sei mais o que devo ou não fazer. Até um mísero aperto de mãos se torna estranho quando ela não é... a Avery.

— Caden — me apresento, tentando suavizar a expressão confusa que marcava meu rosto até alguns segundos atrás. Não sabia que Austin tinha trazido alguém para a minha casa, depois da noite de ontem. Cheguei horas antes dele, afinal. — Caden Prescott.

Spancer solta uma risadinha, como se considerasse minha apresentação desnecessária.

— Eu sei quem você é — ela diz. Me obrigo a sorrir, sendo simpático. — Sabe, você é meio que um astro de Washington e coisa assim. — Spancer continua, rindo mais uma vez.

E eu apenas balanço nos meus próprios calcanhares, sem saber o que dizer. Não acordei muito comunicativo hoje e posso parecer um babaca por isso, mas não estou com paciência para manter conversas furadas. Só quero tomar meu café em paz, ir para o treino e descontar todas as minhas frustrações no gelo.

— Bom dia! — a voz sonolenta de Austin anuncia sua chegada, e meu corpo é preenchido por uma pontada de alívio no instante em que lanço um olhar para o corredor, vendo meu melhor amigo vindo em nossa direção, arrastando seus pés pelo chão, sem o mínimo de disposição. Ele está sem camisa. Seus cabelos pretos estão bagunçados e os olhos azuis turquesa parecem implorar para que ele arraste seu corpo de volta à cama e volte a dormir o quanto antes. Austin abre um sorrisinho ao conectar sua atenção à mulher parada à minha frente, que veste uma peça de roupa sua. — Bom dia, Skyler.

E então, em questão de segundos, a pontada de alívio que me tomou se transforma em vergonha alheia. *Puta merda!*

— É Spancer — ela o corrige. Quando intercalo meu olhar entre os dois, voltando a analisar a loira, o sorriso contente que marcava seu rosto até pouco tempo foi substituído por uma carranca furiosa.

Já Austin, por sua vez, ostenta um sorrisinho arrogante nos lábios. Meu melhor amigo para em frente à ilha de mármore, pescando uma das maçãs da fruteira.

— Bom, neste caso, bom dia, Spancer — ele corrige, sequer parecendo se importar com o erro. Em seguida, dá uma mordida na fruta.

E não economizo ao revirar meus olhos. Austin Crawford consegue ser um tremendo cretino quando quer.

Spancer o encara, desacreditada, com os lábios um pouco separados. Pela forma como cerra os punhos ao lado do corpo, imagino que esteja se corroendo de ódio, se questionando por que perdeu tempo ao ir para a cama com um cara como Austin.

— Com licença — ela rosna, o fitando com seus olhos em chamas. — Preciso pegar minhas coisas e ir para casa.

Extremamente irritada, ela raspa seu ombro no meu ao passar por mim de forma agressiva, agindo como se eu tivesse culpa de algo, apenas por ser amigo do Austin. E eu juro que tento entendê-lo, mas é difícil pra caralho. Antes de toda essa minha farsa com Avery começar, Austin vivia tentando me enfiar em relacionamentos, me apresentando mulheres que ele dizia "serem perfeitas para mim". Mas ao contrário dos planos que ele tinha para a minha vida, Austin nunca tentou conhecer nenhuma mulher ao ponto de atravessar a linha do sexo casual.

E olha que ele já conheceu várias que quiseram ir além desse ponto.

— Não esquece de deixar a minha camisa! — É o que o idiota grita por cima dos ombros, assim que Spancer chega ao corredor que leva aos nossos quartos, sumindo por ele. Em seguida, conecta seus olhos aos meus, dando uma mordida na maçã antes de estendê-la em minha direção, arqueando uma das sobrancelhas. — Quer?

Sequer me dou a trabalho de responder, soltando apenas uma risadinha, buscando parecer o mais indignado possível.

— Você é um babaca. Sabe disso, não sabe?

Meu melhor amigo dá de ombros, desviando a atenção de volta à fruta em suas mãos, agindo como se não desse a mínima.

— É melhor elas irem embora me odiando do que pensando em me ligar no dia seguinte — ele comenta, voltando a saborear a maçã.

E eu reviro os olhos mais uma vez, impressionado com como Austin é capaz de ser inacreditável. Me aproximando do balcão, alcanço outra maçã na cesta de frutas, a pegando para mim.

E no instante em que subo meu olhar de volta ao rosto de Austin, me arrependo de o ter deslizado por seu abdome. Porque ele está *todo* arranhado.

— Puta merda! — exclamo, arregalando um pouco os olhos. — Você é sadomasoquista ou algo assim?

Dando mais uma mordida na fruta, quase acabando com ela, o canadense solta uma risadinha.

— Você está com inveja, eu sei — ele responde. Austin franze um pouco o cenho antes de continuar, como se estivesse concentrado em pensar. Ou, pelo menos, *fingindo* estar. Acredito que a segunda opção seja a mais provável. — Quando foi a última vez que você transou? Em Maldivas, com a Avery? Porra, cara, já faz uma década. — Ele volta a rir, me dando vontade de desferir um forte soco em seu rosto, quebrando seu maxilar em caquinhos. Austin foi a única pessoa para quem contei sobre o acontecimento com Avery. Apesar de muitas vezes parecer ser um idiota sem cérebro, sei que nele posso confiar. Ele sabe todos os meus segredos, afinal. Nossa amizade é um livro aberto. — Ah, e ela ainda não gostou.

— Quem disse que ela não gostou? — retruco, imediatamente. Minha voz sai mais aguda do que o habitual, carregada de indignação.

O sorriso que volta a tomar seus lábios me dá vontade de chutá-lo.

— Para mim, acordar desesperada na manhã seguinte e correr para fazer as malas, visando sair de perto de você o quanto antes, já diz muito sobre o que ela achou do seu desempenho na cama. — Em meio a risinhos, ele dá a volta na ilha, vindo para o lado que estou, para jogar o que sobrou da maçã devorada no lixo.

— *Ha*, *ha*, muito engraçado — eu respondo, o olhando com uma feição irritada.

Meu melhor amigo dá de ombros, trazendo seus olhos azuis aos meus.

— Só falei a verdade — ele se atreve a dizer, ainda com a fina linha feliz brincando em seus lábios. Antes de prosseguir, porém, Austin me lança uma piscadela. — Se quiser, posso te dar algumas dicas. As mulheres me amam.

E então, assim que essas palavras escapam por sua boca, como em uma jogada do destino, Spancer volta à sala, agora vestindo um vermelho vestido amarrotado. O que ela devia estar usando ontem, antes de ser fisgada pelo charme de Austin, eu imagino.

O par de saltos altos em sua mão e os passos largos e apressados que dá, indica que está desesperada para dar o fora daqui o quanto antes, tamanha decepção que sente. E grunhindo irritada ao alcançar o meio da

sala, a loira atira a camisa de Austin, que usava há alguns minutos, em nossa direção, mirando nele. E ela nem parece se importar quando erra o alvo, já que a camisa atinge o chão muito antes do esperado, caindo do outro lado da ilha de mármore, e apenas sai andando, batendo a porta fortemente ao deixar minha casa.

Não consigo evitar rir diante da cena.

— Elas te amam, é? — provoco, dando alguns fracos tapinhas nas costas desnudas do meu melhor amigo, que me lança um olhar raivoso.

— Na hora que estão gritando meu nome, elas amam, sim — ele retruca, forçando um sorrisinho.

Uma careta irrompe meu rosto no mesmo instante, e desvio o olhar, dando a primeira mordida na fruta que seguro.

— Vai logo tomar um banho, idiota — comento, resolvendo mudar de assunto. — Temos treino daqui a pouco e o treinador Weston vai querer te matar, se te ver com essa puta cara de ressaca.

Austin apenas solta uma risada nasalada ao dar a volta pela ilha mais uma vez. Antes de seguir para o corredor, ele se agacha, resgatando a camisa que Spancer atirou no chão.

— Ah, e vê se arruma logo um lugar para morar! — quase berro, elevando o tom de voz para alcançá-lo mesmo com a distância. Na semana passada, Austin finalmente deu entrada no processo de cancelar seu aluguel, deixando o lugar onde morava e, consequentemente, se livrando para sempre da vizinha adolescente que era loucamente obcecada por ele. — Não aguento mais te ver aqui!

Estou girando nos meus próprios calcanhares, pronto para ir até a geladeira e selecionar os ingredientes necessários para fazer o meu *smoothie* de blueberry, quando sua resposta alcança meus ouvidos, em um grito.

— Já estou trabalhando nisso! — É o que Austin avisa.



George Weston, definitivamente, não está em um bom dia. E não sei bem explicar por que, mas o treinador está furioso desde o primeiro apito, como se tivesse acabado de descobrir que um dos caras do time está indo para a cama com sua filha, às escondidas.

Deslizando sobre o gelo da Capital One Arena, sinto como se meus braços pudessem cair a qualquer instante. Weston está pegando pesado hoje e nos obrigou a passar as primeiras horas fazendo treino de velocidade, tomando impulsos em círculos pelo rinque até nossos pés implorarem por descanso. Não satisfeito, ele decidiu dar início a uma sequência de disparos para o gol. E é isso que está ferrando meus braços.

Já perdi as contas de quantas tacadas dei.

— O que aconteceu hoje, será que Weston dormiu com a bunda descoberta? — Michael Parker pergunta, se posicionando atrás de mim. Ele veste o uniforme vermelho e azul, onde o número 24 está estampado.

— Talvez ele tenha brigado com a esposa — Dilan Clanton responde, patinando até parar atrás do jogador mais novo entre nós.

— Ou ainda esteja puto com a gente pela derrota catastrófica em Las Vegas — Austin sugere, parando ao meu lado.

Lanço um olhar de desânimo para o meu melhor amigo, como se dissesse que não estou aguentando mais. E ele parece compartilhar o mesmo pensamento, pois solta um pesado suspiro, exausto.

— Não acho que Weston esteja assim por causa do jogo — Michael pontua, chamando nossa atenção de volta para ele. — Aquilo aconteceu há semanas, e o treinador já voltou a ficar feliz com o desempenho do time. Ele até bateu nas minhas costas na sexta-feira, depois do treino, quando estava indo para o túnel, e disse: “Bom trabalho, garoto”. Eu fiquei feliz pra caralho.

Solto um riso fraco ao ver a empolgação de Parker ao contar sobre o elogio. Ele joga na posição de asa direita e é incrivelmente bom. Por ser novo, com apenas 20 anos, sua carreira no hóquei profissional está apenas começando, mas consigo ver um futuro brilhante esperando por ele.

— Será que Weston descobriu sobre a nossa ida ao bar, ontem? — Dilan sugere.

Nós quatro trocamos olhares cúmplices, como se chegássemos a um acordo silencioso, decidindo que é melhor nem tocarmos nesse assunto. Se o treinador acabar descobrindo que enchemos a cara até quase três horas da manhã, começará a dizer que qualquer possível erro que cometermos é por culpa das cervejas que tomamos ontem. Quando, na verdade, nem sempre é assim.

De repente, o som oco de coturnos indo de encontro ao chão, nos arredores do rinque, chama nossa atenção. Desvio o olhar em direção ao

barulho no mesmo instante, me deparando com uma Riley Weston aparentemente furiosa. Ela usa um *cropped* preto de mangas compridas, uma calça cor verde militar e tem os médios cabelos pretos, que batem nos ombros, lisos e soltos, como em todas as outras vezes que a vi. Riley trava o maxilar enquanto anda em direção ao pai, rodando a chave do seu carro no dedo indicador de uma das mãos.

Ela é bonita. *Muito* bonita.

E sabe disso, pois caminha como se fosse a dona do mundo.

Deslizo meu olhar de volta ao três patetas ao meu lado, que só faltam ajoelhar ao ver a cena, chocando suas joelheiras contra o gelo e se rendendo totalmente à rainha. Os olhos dos idiotas cintilam, focados na Weston mais nova, e seus lábios estão separados, os deixando boquiabertos.

— Cuidado para não babar. — Segurando o taco com apenas uma das mãos, dou uma cotovelada em Austin, que desperta no mesmo instante, me encarando como se eu o tivesse fisgado para longe do mundinho que criou em sua cabeça, onde Riley está caminhando para o altar, vestida de branco, e ele está à sua espera.

— Vocês quatro! — O grito ensurdecedor do trinador Weston chama nossa atenção. Riley para de andar, semicerrando seus redondos olhos azuis em nossa direção, esperando pelo desenrolar da fala do seu pai. — Por que caralhos estão parados aí? Vai, porra! Se mexam! Quero mais cinco voltas ao redor do rinque. E quem eu achar que está muito devagar, vai ficar sentado aqui do meu lado, de castigo, feito uma criança.

Esse é todo o incentivo que precisamos antes de começarmos a patinar, saindo em fila, mas tomando cuidado o suficiente para dar espaço entre nossos corpos, evitando que nos choquemos ou caiamos feito peças de dominó.

Weston apita, e os outros caras do time, porém, continuam trabalhando nas tacadas bem planejadas para dentro do gol.

Quando estou na segunda volta, patinando em alta velocidade, me permito lançar um breve olhar para Riley e o treinador, que agora conversam entre si. Ela gesticula com uma das mãos, parecendo indignada. George, por sua vez, a encara chacoalhando a cabeça, como se já estivesse no seu limite.

E não é preciso que eu seja o cara mais inteligente do mundo para entender o que está acontecendo.

Riley Weston é a culpada pelo humor de merda do seu pai. E, consequentemente, pelo nosso treino puxado.



Após uma ducha gelada e um sachê de carboidrato em gel sabor laranja, já posso dizer que recarreguei as energias. Estamos na sala de mídia da arena, e o treinador Weston está posicionado em frente ao telão, mexendo em alguns fios que ligam o notebook ao monitor, projetando a imagem.

Austin está sentado ao meu lado, inquieto, sem conseguir parar de chacoalhar a perna. E mesmo que eu esteja me contendo ao máximo, minha vontade é de desferir um soco na cara dele, por estar me irritando.

— Qual é o seu problema, cara? — pergunto, me virando em sua direção.

Meu melhor amigo demora alguns segundos para processar minha pergunta, mas quando a entende, para de mexer a perna no mesmo instante. Ele endireita a postura, soltando um suspiro pesado.

Ao nosso redor, os caras do time se acomodam nas poltronas, todos exaustos.

— Por que está inquieto? — continuo, buscando uma resposta.

No mesmo instante, os ombros de Austin despencam, e ele parece derrotado ao dizer:

— Por conta do Natal.

Franzo o cenho imediatamente, sem entender.

— O que tem o Natal?

— É a época em que eu visito minha família — ele revela, se recostando em seu assento. Sua voz sai pesada, como se transparecesse todo o emaranhado com uma carga difícil que pesa em suas costas, sempre que sua família é trazida à tona. Austin Crawford ama a sua mãe, mas detesta algumas escolhas que ela insiste em continuar tomando. Por isso, para ele, é tão difícil visitá-la.

— Já comprou a passagem para Vancouver?

Meu melhor amigo foca seus olhos azuis nos meus antes de concordar com a cabeça, em uma resposta silenciosa.

— Comprei ontem. Minha mãe estava me cobrando — ele conta, soltando uma pesada lufada de ar pelos lábios. — Por isso estava tão ansioso para sair de casa e ir para aquele maldito bar. Precisava espairecer.

— Por que não falou comigo sobre isso?

Austin abre um sorrisinho nos lábios diante da minha pergunta, como se estivesse contente por eu me importar.

— Porque sei que você anda com a cabeça cheia nesses últimos dias. Não quis sobrecarregar ainda mais seu cérebro com as minhas merdas.

— Suas merdas também são minhas merdas — comento, me sentindo um pouco ofendido ao vê-lo pensando que não me preocupo o suficiente com ele para saber dos seus problemas. — Sempre foi assim. E vai continuar, mesmo que você decida morar na minha casa pelo resto da sua vida. Talvez eu te soque até seu nariz sangrar, mas continuarei te amando mesmo assim.

Crawford ri, voltando a endireitar a postura.

— Já te disse que estou resolvendo essa questão. Estou procurando apartamento. Daqui a pouco devo achar um.

Estou prestes a respondê-lo quando a luz se apaga e a escuridão abraça a sala de mídia, que em instantes passa a ser iluminada apenas pelo telão à nossa frente. Todos os jogadores no espaço focam os olhos no treinador, que para em frente à tela, onde um momento do nosso último jogo, contra o Colorado Avalanche, está pausado.

Ganhamos de 3 a 2, mas foi difícil pra caralho.

— Escutem bem — Weston inicia, limpando a garganta em seguida. Sua voz sai grossa, e eu juro que sinto uma pontada de medo me atingir. De repente, a sala inteira é preenchida pelo silêncio. — Nós vamos rever alguns lances horrendos que fizeram durante o jogo em Denver. Quero que prestem atenção em cada detalhe. Que percebam todas as burradas que fizeram. Que fiquem atentos no que precisam consertar e que *façam*. No próximo jogo, quero passes rápidos, pressão, concentração e 3 caras de olho no *puck* o tempo todo, prontos para tomá-lo.

E no momento em que Weston aperta um botão do controle em suas mãos, soltando o vídeo em câmera lenta, eu juro que me esforço para prestar atenção, mas falho de forma miserável.

Porque minha mente está ocupada demais tentando pensar em como irei convencer Avery a passar o Natal comigo, depois de duas semanas sem notícias dela.



28

AVERY

“True Love”, *d*a *P!nk*, é a música que preenche o banheiro, sendo abafada pelo vapor quente que circula pelo ambiente — resultado do meu relaxante banho noturno.

Saio do box, alcançando uma das toalhas penduradas na parede ladrilhada em branco, e não hesito antes de enrolar meus cabelos nela, sentindo gotas de água escorrendo pela minha coluna. Alcanço outra toalha, logo a envolvendo em meu corpo. Dou alguns falsos passos no tapete branco sob meus pés e, no instante exato em que a música acaba, já estou atravessando a porta do banheiro, indo até meu quarto.

E sequer tenho tempo para sentir o frio de uma Washington em dezembro, que me atormenta sempre que deixo meu banheiro confortável e quentinho, pois o grito que ouço faz tudo em mim entrar em alerta.

— Avery! — É o que a voz de Raven berra, vinda de longe, soando um tanto desesperada.

Sentindo uma pontada de preocupação me atingir, dou largos passos até a porta do quarto, a escancarando antes de sair apressada pelo corredor, tomando o cuidado necessário para a toalha que me envolve não escorregar e atingir o chão, mas não dando a mínima para o fato de que gotas de água

ainda estão caindo pelo meu corpo e podem muito bem respingar por onde passo.

— O que foi? — pergunto, chegando à sala, com urgência na voz e a respiração um pouco ofegante, pelo susto e pela pressa que tive de chegar até aqui.

Parada em frente ao sofá, Raven está linda. Emoldurando o rosto fino, seus cabelos castanhos estão soltos, ondulados nas pontas com a ajuda do *babyliss*. Um colar chama atenção para o seu pescoço, e pulseiras prateadas cintilam umas contra as outras em um de seus pulsos, sobre a pele branca. O longo vestido preto que veste marca sua cintura de forma perfeita, e a leve maquiagem que cobre seu rosto a deixa ainda mais bonita, mesmo que não precise dela.

Talvez eu seja suspeita de falar, já que sou sua irmã, mas Raven Lakeland, sem dúvida nenhuma, é um dos seres mais magníficos que já pisaram neste planeta.

E agora, olhando para ela, tenho certeza de que se existisse algum limite para aquilo que chamamos de beleza, Raven o estilhaçaria sem muito esforço.

Só não entendo por que seus lábios estão franzidos, sua respiração pesada e nem porque um leve vinco se apossa do espaço entre suas sobrancelhas. Ela deveria estar feliz, certo? Está indo para um encontro com um cara que gosta muito.

— O que aconteceu? Por que parece que está prestes a chorar? — pergunto, dando poucos passos hesitantes em sua direção.

Minha irmã solta uma respiração profunda, permitindo que seus ombros despenquem.

— Não consigo alcançar o fecho do vestido — ela choraminga, se virando de costas, fazendo com que meus olhos se conectem ao zíper aberto. Raven solta uma frustrada lufada de ar pelos lábios. — Faz mais de dez minutos que estou tentando.

— Espera aí — peço, parando atrás dela. Prendendo a toalha em meu corpo com os cotovelos, aproximo uma das mãos do zíper, o subindo lentamente. — Pronto.

Raven solta mais um suspiro ao girar nos calcanhares e voltar a me encarar. Em suas íris esverdeadas, sou capaz de enxergar algo próximo à apreensão.

— Vai, desembucha — peço, sem pestanejar, voltando a abraçar a toalha ao redor do corpo. Tenho certeza de que o motivo do seu quase choro não se resumia a apenas um maldito fecho de vestido. — O que está acontecendo?

— Acho que Thomas vai me pedir em namoro hoje — minha irmã revela. E, ao contrário do que costumava ocorrer sempre que ela desconfiava que algo parecido estava prestes a acontecer com qualquer um dos outros caras com quem já se relacionou, Raven parece longe de estar feliz. Ela joga os cabelos para trás dos ombros antes de continuar. — E estou com medo.

Franzo a testa no mesmo instante.

— Por quê? — Meu tom de voz sai um pouco mais agudo do que o normal, transparecendo a confusão que se faz presente em mim.

Bufando, Raven dá curtos passos até o sofá, despencando no mesmo, caindo sentada. Ainda parada no mesmo lugar, cravo meus olhos nela, esperando pelo desenrolar da sua explicação.

— Porque eu realmente gosto dele — minha irmã mais velha conta, encolhendo os ombros. Em seu rosto, vejo uma incerteza límpida, misturada a uma porção de medo, como se temesse o que irá acontecer caso entregue seu coração nas mãos de outro alguém mais uma vez. E não posso deixar de me surpreender ao vê-la reagindo dessa forma. Raven nunca temeu o amor. Não como eu. — Não estou a fim de quebrar a cara novamente.

Algo se parte dentro de mim ao ouvir suas palavras, que comprovam minha teoria.

— Não acho que eu e meu coração gelado sejamos os melhores para te aconselhar sobre isso — respondo, arrancando uma risada fraca de seus lábios. Abro um sorrisinho ao continuar. — Nem nossos pais, para ser sincera. Você é a única dessa família que não é considerada perturbada quando o assunto é o amor. E sei que sabe disso, então cuidado para não acabar estragando tudo e entrando na nossa onda. — Solto um suspiro ao ir em sua direção, me sentando ao seu lado, tomando o cuidado necessário para que a toalha que cobre meu corpo não escorregue sequer um centímetro. Afasto meus olhos dos da minha irmã, os focando em um ponto distante do piso sob meus pés descalços ao continuar, revelando algo que até agora guardei apenas para mim, com a voz mais contida e insegura do que o habitual. — Você sabe que conheci os pais de Caden, há algumas semanas. Sabe que nós fomos para Maryland, passar o feriado de Ação de Graças com

eles. — Ouço Raven concordar. — Lá, fui capaz de presenciar algo que nunca havia visto na vida. Os pais dele são... diferentes dos nossos. Com eles, há parceria, confiança e respeito. Há aquela mistura que sempre disse que nunca anda junto ao amor. Com eles, todas aquelas histórias que liamos quando éramos crianças, onde os príncipes e as princesas estavam cegos de paixão um pelo outro, parecem reais demais, possíveis de acontecer. E para mim, foi um baque presenciar a saudável relação que existe naquela casa. — Finalmente ergo o olhar, conectando meus olhos as íris de Raven novamente. — Então, talvez, o amor não seja verdadeiramente falho em todos os casos."

"Talvez, a culpa de todo esse grande emaranhado de confusão que vivemos diariamente seja inteiramente nossa, por não sabermos lidar com o amor. Por nossa história ter sido iniciada de maneira errada, por nossos pais. — Dou de ombros, sem saber ao certo o que estou dizendo. É como se meu coração, meu cérebro e meus olhos estivessem travando uma batalha dentro de mim, me obrigando a despejar palavras pela boca, revelando tudo que senti, pensei e vi nessas últimas semanas. — Só sei que o que existe naquela casa do lago, Raven, é um sentimento real. De pessoas que se amam de verdade. E eu posso estar enlouquecendo agora, já que minha mente está confusa pra caralho em relação ao que pensar ou acreditar, mas, se fosse te dar um conselho neste momento, diria para não repetir os mesmos erros que eu. E sim para escolher o caminho mais fácil. O caminho humano, onde sentimentos não são evitados apenas porque temos medo de acreditar neles."

Quando termino de falar, minha irmã está com os lábios levemente separados, boquiaberta, como se não conseguisse acreditar que essas frases acabaram mesmo de sair pelos meus lábios. E para ser sincera, nem eu entendo o que realmente está acontecendo comigo.

Ter feito aquela viagem, conhecido os pais de Caden, enxergado uma realidade que jamais pensei existir de verdade, fora das telas de cinema ou páginas de livros, mudou algo em mim. Ainda não sei exatamente o que foi, mas algo foi transformado. Ou está no processo de ser.

E o beijo que Prescott me deu, assim que me deixou em casa, também contribuiu para que isso acontecesse.

Faz duas semanas que não nos falamos. Eu vi, pelo Instagram do Austin, que hoje eles estavam treinando. E vê-lo naquela foto, com o uniforme dos Capitals e o taco nas mãos, aqueceu algo dentro do meu peito. Algo próximo à saudade, que, mesmo me esforçando ao máximo e tentando

encobrir esse sentimento, é o que eu sinto por Caden agora. E foi um sentimento estranho pra cacete.

Chacoalhando a cabeça, Raven desperta, voltando à realidade e afastando seu choque diante do que acabou de ouvir. Minha irmã desliza os olhos para longe dos meus, verificando o horário no fino relógio prateado em seu pulso, que completa seu visual, juntamente às pulseiras.

Em seguida, Raven solta um arquejo, como se percebesse que está atrasada. Ela deixa o sofá no mesmo instante, ficando de pé em seus saltos altos vermelhos.

— Preciso ir — minha irmã avisa por cima dos ombros enquanto anda até uma das poltronas, onde sua pequena bolsa dourada está. Antes de se dirigir à porta, porém, ela se vira para mim pela última vez, abrindo um sorrisinho nos lábios. — Obrigada.

E eu também permito que uma fina linha feliz tome minha boca ao gesticular com uma das mãos no ar, como se dissesse que não foi nada. E é só no instante em que Raven passa pela porta, a batendo, e eu me levanto, indo até ela para trancá-la, que percebo o quanto é estranho que eu ainda esteja de toalha.

Giro nos calcanhares, pronta para voltar para o meu quarto e vestir uma roupa, quando ouço a campainha tocar, atrás de mim.

Soltando um pesado suspiro, volto meus passos em direção à entrada, imaginando que Raven deve ter retornado após se dar conta de que esqueceu o celular ou algo assim. Com essa teoria em mente, nem me dou ao trabalho de olhar pelo olho mágico, buscando verificar se não é um Serial Killer que está do outro lado da porta, com as botas cobertas com o sangue das suas vítimas sobre meu tapete de boas-vindas.

No momento exato em que giro a maçaneta, sou tomada pelo arrependimento. E me pego desejando que fosse mesmo um assassino quem estivesse ali.

Parado sobre meu tapete, com o habitual sorrisinho arrogante marcando seus lábios, Caden ergue o queixo, trazendo suas íris escuras até mim. Ao perceber meu estado, deslizando a atenção pela toalha que cobre meu corpo, o semblante de Prescott muda subitamente. Ele arregala os olhos sem pestanejar.

E um choque me percorre por inteira no mesmo instante.

— Mas que porra você... — Caden começa, mas sequer dou tempo suficiente para que termine sua fala.

Apertando a toalha conta meu corpo com os cotovelos, me certificando de mantê-la bem presa, volto a segurar a maçaneta da porta com uma das mãos, a empurrando logo em seguida, batendo a madeira na cara do atleta, de forma grosseira e desesperada.

Puta merda!

Pela vergonha que circula meu corpo agora, tenho certeza de que minhas bochechas devem estar ruborizadas, me deixando o mais próximo possível de um pimentão.

— Por que caralhos você está de toalha, esquentadinha? — A voz de Caden chega abafada aos meus ouvidos, vinda diretamente do outro lado.

Com a respiração pesada pela surpresa, me recosto na porta, levando uma das mãos ao peito, buscando acalmar meu coração.

— Talvez porque eu esteja na minha casa? — retruco, sequer entendendo por que estou me dando ao trabalho de dar explicação. Eu deveria estar furiosa. Cerrando os punhos ao lado do corpo, prendendo a toalha embaixo dos braços, permito que uma carranca tome meu rosto antes de continuar, transparecendo minha indignação em forma de palavras. — Qual é a porra do seu problema? Por que nunca avisa quando está subindo?

Ouço a risada inacreditada que Caden solta.

E imediatamente sinto vontade de chutá-lo para fora do meu prédio, sem me importar em aparecer de toalha em frente ao porteiro.

— E se não fosse eu do outro lado da porta? E se fosse um pervertido? — Caden questiona, ignorando o que eu disse, resolvendo me dar um sermão, carregando a voz com a mesma indignação que se faz presente na minha.

— Eu achava que fosse a Raven!

— Bom, você não tinha certeza! Devia ter olhado no olho mágico!

— Se eu tivesse olhado, não teria aberto a porta para você!

Prescott se cala ao ouvir minha última sentença. Mesmo que vindo do outro lado da madeira, o suspiro pesado que solta é capaz de alcançar meus ouvidos.

— A gente pode conversar? — Ele pergunta, cortando o silêncio enlouquecedor que se instalou entre nós durante os últimos segundos, que mais pareceram uma eternidade.

Engolindo em seco, pondero sobre seu pedido, sendo levada pelo meu cérebro até os corredores do Washington Hospital, onde nos encontramos pela última vez, há duas semanas. Eu estava fora de mim. Ter

presenciado meus pais unidos e juntos de novo, depois de tantos anos, teve o mesmo efeito de um avião caindo sobre meus ombros, me afundando no chão e quebrando todos os ossinhos do meu corpo.

Sei que exagerei na minha reação com Caden, tratando-o mal, mas simplesmente não consegui deixar que permanecesse ali.

Para mim, o amor sempre foi sinônimo de fraqueza. E mesmo que o que eu sinta por Caden não seja amor, sei que ele mexe comigo de uma forma que ninguém nunca foi capaz. E naquele dia, quando me prendeu contra a parede, tirando meu fôlego, e jogou verdades difíceis de escutar na minha cara, deixando claro o quanto me conhece, fui tomada pelo medo.

Pelo medo do que pode acontecer se nós continuarmos com o que acontece entre a gente, seja lá o que seja. Porque eu sei que, mesmo que nossa relação seja coberta pela mentira que sustentamos diante de multidões, existe algo que vai além disso. Algo real.

E é com esse pensamento se fazendo presente em minha mente que tomo uma respiração profunda antes de proclamar:

— Eu estou de toalha.

A resposta de Caden vem logo em seguida.

— Então, você pode vestir uma roupa para a gente conversar? — Sua voz sai baixa, quase derrotada.

Mordiscando o cantinho do lábio inferior, penso por alguns instantes, tentando decidir o que fazer. E então, diante do pensamento de que Prescott se deu ao trabalho de vir até aqui, apenas para falar comigo, solto um pesado suspiro, me dando por vencida. Me afasto da porta ao pedir:

— Me dê cinco minutos. A porta está destrancada. Você pode entrar, daqui a alguns segundos, quando eu e minha toalha já tivermos deixado a sala.



O vestido que passei pelos meus braços e cabeça, às pressas, é uma das peças mais antigas que tenho no guarda-roupa. Com mangas compridas para me proteger do frio, a peça de roupa tem um tom azul claro desbotado e chega até a metade das minhas coxas torneadas.

É um vestido fofo, e eu costumava usá-lo com frequência, o que explica o desgaste na cor.

Sentada na ponta da cama, me preparo para calçar meus tênis brancos, colocando as meias em ambos os pés primeiro. Quando inclino o tronco para frente e estico um dos braços, alcançando o par de calçados sobre o piso, sinto meus cabelos molhados e soltos batendo contra o rosto, respingando gotículas de água na minha pele.

É quando estou amarrando os cadarços dos tênis que escuto um forte limpar de garganta, feito por alguém que busca chamar atenção, avisando que está presente no cômodo.

E assim que ergo meu queixo, levo meu olhar a um Caden com a cabeça enfiada pela porta. Cauteloso, ele cobre os olhos com as mãos, tomando o cuidado necessário para não me pegar desprevenida, ainda nua. Ao ver a cena, me obrigo a usar tudo que há em mim para conter o sorriso que parece desesperado para emoldurar meus lábios.

— Já estou vestida, Prescott. Pode tirar as mãos dos olhos agora.

Caden obedece sem ao menos pestanejar, soltando uma breve lufada quase inaudível pelos lábios ao relaxar os braços ao lado do corpo.

Volto meus pés ao chão, ouvindo o som oco que a sola dos tênis, agora amarrados, fazem ao irem de encontro ao piso. Em passos hesitantes, Caden se aproxima de mim, me encarando durante todo o curto percurso, como se temesse que eu o mande se afastar ou parar a qualquer momento.

Ele se senta ao meu lado, e sinto o colchão se remexer sob meu corpo, sendo afundado.

— Sobre o que quer conversar? — pergunto, com a voz quase fraca demais.

É estranho sentir no que o clima entre nós, que até a viagem para a casa dos seus pais era agradável, se transformou depois do ocorrido nos corredores do hospital. É como se agora tudo estivesse mais tenso.

Caden entrelaça as próprias mãos em seu colo ao revelar, indo direto ao ponto:

— Sobre o Natal.

Viro o rosto no mesmo instante, levando meus olhos até ele. Franzindo o cenho, repleta de confusão, observo quando Prescott engole em seco, sua tatuagem subindo e descendo, acompanhando a garganta.

— O que é que tem o Natal?

Caden conecta suas íris escuras às minhas antes de continuar:

— É daqui a uma semana. — Ele dá de ombros. — Hoje no treino, Austin me contou que já está com as passagens compradas para Vancouver,

para visitar sua mãe. E isso me fez pensar no que nós vamos fazer para comemorar a data.

De repente, ao ouvir suas palavras, o vinco que se apossa da minha testa se intensifica de forma intensa, como se pudesse ficar marcado ali para sempre.

— Como assim *nós?*

O sorrisinho que toma os lábios de Caden, por algum motivo estranho, é capaz de tornar o ar à nossa volta, que parece pesado, sendo resultado do clima tenso instalado entre nós e de todas as palavras não ditas que se fazem presentes em nossos corpos, mais leve.

— Você sabe — ele diz, estalando a língua no céu da boca antes de continuar. — *Nós*, as duas pessoas que estão fingindo ser um casal de verdade para o resto do mundo.

O encarando em silêncio por alguns segundos, tento pensar onde Prescott está querendo chegar com esse assunto. Em seguida, endireito a postura, dando de ombros ao responder:

— Certo. Eu não vou fazer nada. Se quiser ir passar a data com seus pais, pode ir.

A confusão toma o rosto de Caden assim que ele escuta minhas palavras.

— Como assim? E a sua família?

Solto uma risadinha, julgando como cômico que, mesmo ciente da repentina aproximação catastrófica dos meus pais, Prescott ainda ache que eu possa querer passar qualquer data festiva com eles.

— Raven estará de plantão. E nem morta que vou passar o Natal sozinha com Anastasia e Charles.

— Ótimo. Então você e eu vamos passar o Natal aqui. — Sua resposta vem logo em seguida.

E eu quase engasgo no instante em que a escuto.

— Só nós dois? — pergunto, com a voz saindo mais aguda do que o normal, transparecendo exatamente o desespero que preenche meu corpo por inteiro. Sei que passar um tempo com Caden, sozinha em meu apartamento, é algo extremamente perigoso.

É o tipo de situação que faz meu cérebro entrar em estado de alerta, piscando em luzes vermelhas enquanto grita que estou me enfiando em uma tremenda enrascada. E meu coração, por sua vez, busca calá-lo, acelerando ansioso dentro do peito.

Não sei se algum dia serei capaz de compreender o conflito que se instala dentro de mim sempre que penso em Caden Prescott.

Ele tomba a cabeça para o lado, umedecendo os lábios com a ponta da língua antes de sorrir.

— É. Só nós dois. — Caden solta uma risadinha antes de continuar, com suas íris cintilando em divertimento. — Postando fotos bregas com pijamas natalinos combinando e fingindo ser o casal imbatível que o mundo acredita que somos.

E talvez eu esteja louca. Talvez tenha perdido toda a noção, tenha batido a cabeça muito forte contra uma pedra ou tenha tido meus miolos amassados por um martelo. Mas, assim que ouço sua proposta, eu concordo.

E por algum motivo, o grande sorriso que invade o rosto do Caden me impede de me arrepender da minha decisão.

É só por mais um mês, é o que lembro a mim mesma.



PARTE TRÊS

ESQUEÇA A RAZÃO

EXCLUSIVO! CADEN PRESCOTT E AVERY LAKELAND FORAM VISTOS JUNTOS, APÓS 3 LONGAS E TORTURANTES SEMANAS PARA OS FÃS, QUE SE QUESTIONAVAM SE O CASAL HAVIA OU NÃO TERMINADO.

Por Quinn Louis
Just Like That.

Na noite de ontem, dia 19 de dezembro, o astro do hóquei Caden Prescott foi flagrado com Avery Lakeland, a grande estrela do cinema, em um restaurante, em Georgetown. As fotos tiradas pelos *paparazzi*, mostram Avery e Caden de mãos dadas sobre a mesa, onde o jantar à luz de velas estava servido, engatados em uma conversa agradável, rindo um para o outro enquanto aproveitavam a música ao vivo do local e o agradável clima romântico.

Para os fãs do casal, observar as fotos, que agora circulam pelas redes sociais, foi como tomar uma lufada de ar fresco no rosto, fantasiada de alívio. Nas últimas 3 semanas, Avery e Caden aparentemente estavam afastados. Um perfil de fofoca até mesmo chegou a compartilhar a falsa notícia de que o relacionamento do casal teria chegado ao fim, deixando os fãs desesperados. Acontece CAVERY apenas estava dando um tempo fora das redes sociais, vivendo a vida real, sem compartilhar sua privacidade para todos.

Pois, como vimos nas fotos, eles continuam mais apaixonados do que nunca.

FLAGRADOS! CADEN PRESCOTT E AVERY LAKELAND FORAM VISTOS FAZENDO COMPRAS NATALINAS NO WASHINGTON SQUARE SHOPPING.

Por Lae Olli
Winter Rose.

Na tarde de ontem, dia 21 de dezembro, Caden Prescott e Avery Lakeland foram vistos mais uma vez. O casal, acompanhados por Gavin Sandler, um dos seguranças dos agentes Paxton River e Savannah Gray, foi flagrado andando de mãos dadas pelo Washington Square Shopping, onde compravam presentes natalinos.

Os dois chegaram a tirar fotos com alguns fãs, que logo postaram em suas redes sociais, enfatizando o quanto Avery e Caden são perfeitos juntos.

O AMOR ESTÁ NO AR! CARÍCIAS EM GEORGETOWN!

Por Sarah Stuart Charlotte.

Ontem, dia 23 de dezembro, a lenda do hóquei Caden Prescott e Avery Lakeland foram vistos caminhando pelo bairro Georgetown, em Washington, DC. Acompanhados pelo segurança Gavin Sandler, o casal parecia mais apaixonado do que nunca, distribuindo beijos no pescoço e sussurros no ouvido.

O clima leve se deu pela comemoração da vitória do Washington Capitals para cima do New York Islanders, time sediado em Nova York, na noite do dia 22.

O jogo, que aconteceu na Capital One Arena, a casa dos Caps, foi marcado pelos magníficos dois gols de Caden Prescott, que levou a torcida à loucura.



29

AVERY

Nunca fui muito fã do Natal. Afinal, é uma data que na grande maioria das famílias, é comemorada com trocas de presentes, beijos, abraços e declarações bonitas. Com a minha, porém, nunca foi assim. O Natal dos Lakeland é caracterizado por ser um momento caótico. Em que, apesar das circunstâncias e de toda aquela baboseira de “magia natalina”, que as pessoas tanto gostam de afirmar que existe, sempre terminava em caos. Em todas as vezes, por culpa dos meus pais, que brigavam para decidir quem havia presenteado Raven e eu da melhor forma, entrando em mais uma daquelas competições ridículas que marcaram o relacionamento deles por anos.

Por esse motivo, é estranho que hoje eu não me sinta como um *Grinch* nessa data. É estranho que eu esteja... contente?

É noite de véspera de Natal, e Caden e eu estamos largados em meu sofá, devorando baldes de pipoca enquanto assistimos a uma cena de *“Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”*, que se estampa na grande tela da tevê, à nossa frente. Pode me chamar de brega se quiser, mas me rendi à ideia de Prescott, de usarmos pijamas combinando. Em nossos corpos, macacões verdes e quentinhos, estampados por desenhos de renas de nariz

vermelho, nos protegem do frio de dezembro. E são estranhamente confortáveis de usar.

Os internautas, por sua vez, parecem ter adorado nos ver vestidos de maneira melosa, já que a foto que postei há uma hora já conta com mais de um milhão de *likes*. Na imagem, Caden e eu estamos posicionados em frente à árvore de Natal — que ele me obrigou a montar —, e sorrimos para a câmera, com os olhos brilhando, extremamente felizes.

O que, obviamente, foi resultado de mais uma das habituais gracinhas que Caden tende a fazer.

Em minha defesa, eu apenas me rendi a todo esse exagero de casal feliz porque Savannah estava furiosa comigo. Nas últimas semanas que Prescott e eu passamos separados, minha agente me ligou mais de cem vezes, pronta para gritar e me xingar com palavras que nem mesmo existem no dicionário. Eu, como não sou boba, ignorei todas elas. Não estava com vontade de ouvir sua voz estridente me chamando de irresponsável, por conta de todos os rumores que estavam surgindo, que diziam que o casal "CAVERY" — um *shipp* que eu acho ridículo, aliás — havia terminado.

Minha agente provavelmente estava se contendo ao máximo para não bater em minha porta e decapitar minha cabeça, por ser tão imprudente.

Por esse motivo, Caden e eu nos esforçamos para sermos vistos juntos ao máximo nesses últimos dias, clareando todas as semanas que deixamos nossos fãs no escuro, sem notícias e cheios de dúvidas e teorias relacionadas a um possível término. Saímos o máximo que conseguimos, acompanhados de Gavin, que estava sempre a metros de distância, nos observando e se certificando de que nenhum *paparazzo* se aproximasse demais, rompendo nossa privacidade, e nos protegendo de todas as ameaças do mundo, no geral.

Caden e eu sabíamos que estávamos sendo flagrados a todo momento. Mas, nos esforçando para continuar nos personagens, não lançamos sequer um único olhar para as câmeras dos *paparazzi* que nos cercavam.

O que, sinceramente, não foi muito difícil. Estar na companhia de Caden Prescott tem se tornado algo cada vez mais agradável. E durante esses últimos dias, quando estávamos juntos e Caden não tinha nenhum jogo, me permiti desfrutar da sua presença e de todas as risadas fáceis que tira dos meus lábios sem muito esforço. Me forcei a não pensar demais. E a silenciar e sufocar todos os alertas em vermelho que se faziam presentes em meu

cérebro sempre que nossos olhares se cruzavam. Os alertas que tentavam me lembrar de que eu deveria me afastar. Antes que seja tarde demais.

Antes que meu coração seja entregue por completo em suas mãos e todas as regras e barreiras que construí em mim ao longo dos anos, que sempre me protegeram de me apaixonar, sejam estilhaçadas com a mesma felicidade de um frágil vidro sendo atingido por um martelo.

— É agora, é agora! — A voz animada de Caden me fisga de volta à realidade.

O lanço um rápido olhar, soltando uma risadinha ao perceber seu tronco inclinado um pouco para frente e os ombros tensionados, como se esperasse a grande cena ser exibida para poder voltar a relaxar. Suas íris escuras cintilam ao se manterem focadas na tela.

E quando deslizo minha atenção de volta ao filme, entendo o porquê de Caden estar tão eufórico com o que está prestes a acontecer. Assim como ele, já assisti esse filme mais vezes do que poderia realmente contar. E sei que este é o momento em que o Ned, melhor amigo do Peter Parker interpretado pelo Tom Holland, nosso famigerado Homem-Aranha, usa as mãos para abrir o portal e, inconscientemente, o espaço para que o Peter Parker do Andrew Garfield o atravesse.

E, sendo bem sincera, essa é uma das cenas mais icônicas do cinema contemporâneo.

Com os olhos vidrados na tela, tateio o fundo do balde que tenho em meu colo, procurando por mais pipoca. Assim que a ponta dos meus dedos não encontra nada, solto um suspiro, me levantando do sofá em um pulo.

— Vou fazer mais pipoca — aviso a Caden, que continua encarando a tevê como se fosse uma criança indo pela primeira vez a um parque de diversões. Ele rói o cantinho do polegar e parece extremamente ansioso pela cena, mesmo tendo me dito que já a assistiu mais de mil vezes. Quando percebo que não irá desviar a atenção da tela para me encarar, resolvo continuar. — Você quer?

Prescott apenas faz que não com a cabeça, se mantendo na mesma posição. Solto uma risada fraca antes de dar as costas e me dirigir à cozinha, com o balde que devorei na mão.

Enquanto espero o novo saco de pipoca estourar no micro-ondas, meus ouvidos são capazes de captar a voz de Caden se misturando às falas do filme. Ele as repete, já que tem todas decoradas em sua própria mente. Deixando que um sorrisinho tome meus lábios, encosto a lombar no balcão

de mármore atrás de mim, tirando o celular de um dos bolsos do pijama natalino verde. Trago o aparelho para frente do rosto e o desbloqueio pelo *face id*, abrindo na minha conversa com Raven sem hesitar. Antes de enviar uma mensagem, porém, checo o horário estampado na tela, em números pequenos.

Faltam 5 minutos para o dia 25 de dezembro.

Raven deve estar triste. Mesmo que minha irmã não tenha muitas recordações boas da data, deve ser péssimo passar o Natal trabalhando.

Levo a ponta dos meus dedos, um tanto oleosos pela pipoca, até o teclado.

Eu: *Como você está? Eu e Caden estamos assistindo Homem-Aranha. Queria que estivesse aqui.*

Por incrível que pareça, a resposta de Raven chega logo em seguida.

Raven: *Estou bem. Acabei de descobrir que no Natal as pessoas ficam mais burras do que o normal e se machucam de jeitos idiotas. Um cara de 32 anos acabou de dar entrada no hospital por ter MASTIGADO e ENGOLIDO uma BOLINHA de enfeite da árvore de Natal. Fui chamada para assistir à cirurgia dele.*

Eu: *Meu Deus! Que horror! Fico feliz que esteja aí, ajudando a salvar vidas e coisa e tal, mas ainda te queria aqui comigo. Posso ser considerada um monstro por isso?*

Raven: *Hahaha. Acho que não. Devo voltar para casa amanhã à tarde, para a gente pelo menos passar metade do Natal juntas. Estou com saudades. Tenta não pensar muito em mim e aproveitar a companhia do atleta gostosão que você tem como namorado de mentira.*

Sorrio assim que leio sua mensagem, a respondendo logo em seguida com um *emoji* de olhos sendo revirados e um “eu te amo”. Quando Raven fica offline, imagino que deve ter sido chamada por alguém do hospital. Dou de ombros, guardando o celular de volta no bolso e me virando para o micro-ondas que, em um *timing* perfeito, começa a apitar, indicando que a pipoca já está pronta.

Quando volto à sala, me acomodando ao lado de Prescott no sofá, ao me enfiar embaixo de um pesado cobertor, percebo que as cenas que passam na tevê já estão mais avançadas. Agora, ao invés de apenas o Peter Parker do Andrew, o do Tobey Maguire também atravessou o portal. E os dois engatam em uma discussão, buscando descobrir onde o Homem-Aranha do Tom Holland está.

Mas no momento em que a MJ diz saber do seu paradeiro e ocorre um corte de cena, Prescott me surpreende ao apertar um botão do controle e pausar o filme.

Franzindo o cenho em confusão, com a boca um tanto cheia de pipoca, deslizo meu olhar até Caden, que já está me encarando. Um sorrisinho brinca em seu rosto.

— O que foi? Por que você pausou justo agora? — questiono, me obrigando a engolir.

De repente, a felicidade estampada nos lábios de Prescott se alarga, se transformando em um grande sorriso, com dentes brancos e perfeitamente alinhados. Ele aponta para o relógio no móvel da tevê, e movo meu olhar no mesmo instante.

— É meia-noite, esquentadinha. É Natal — Caden conta, mantendo a voz tranquila.

E quando volto a encará-lo, estou prestes a dizer que não sei como funciona a comemoração desta data na família dele, já que seus pais não são daqui, e que os americanos apenas comemoram a partir do momento em que acordam, mas não tenho tempo. Porque, logo em seguida, Caden solta:

— Tenho um presente para você. Espera aí.

E enquanto ele se levanta do sofá em um pulo, correndo até o corredor e sumindo por ele — provavelmente indo até o quarto de hóspedes, onde deixou suas coisas quando chegou mais cedo —, eu permaneço petrificada. Sem saber como reagir. Com a cabeça girando.

Caden Prescott comprou um presente para mim?

Ouço seus passos correndo pelo corredor, e antes que minha mente possa ter tempo o suficiente para processar o que está acontecendo, volto a escutar sua voz, vinda de longe e soando abafada.

— Fecha os olhos. — Não hesito antes de obedecer. — Fechou?

— Fechei — respondo, tentando controlar o sorrisinho idiota que ameaça tomar meus lábios. O choque que senti quando Caden contou sobre o presente se transforma em uma pontada boba de ansiedade.

Escuto seus passos sobre o piso, o som oco que a sola dos seus tênis faz ao ir de encontro ao chão repetidas vezes, ficando cada vez mais próximas. E então, o sofá se remexe sobre mim, e percebo quando Caden volta a se sentar ao meu lado.

— Só para deixar claro, eu não comprei nada para você — alerto, com os olhos fechados com tanta força que sinto as pálpebras tremerem. — Não sabia que iríamos trocar presentes.

Caden e eu fomos a muitas lojas nesses últimos dias, é verdade. Ele comprou presentes para os seus pais, os enviando por correio, e eu fiz o mesmo com os meus, buscando evitar ter contato com eles a todo custo. Mas em nenhum momento vi Prescott comprar algo para mim. Não sabia que planejava me presentear.

— Está tudo bem. Não me importo com isso — ele responde, agora perto. Ouço o som de uma embalagem sendo aberta e fecho meus olhos com ainda mais força, me contendo para não espiar. Prescott segura uma das minhas mãos, virando a palma dela para cima, como se a preparasse para receber algo. A sensação do seu toque contra a minha pele é a mesma de sempre, e sinto como se as famosas estrelas a atravessassem, me causando arrepios. Quando algo pesado é colocado sobre a palma da minha mão, porém, a mágica sensação cessa, mas ainda sinto algo diferente preencher meu corpo quando ouço Caden sussurrar. — Pode abrir os olhos, esquentadinha.

Mais uma vez, eu o obedeço.

Abro os olhos lentamente, logo os focando no objeto em minha mão. E quando percebo o que é, franzo o cenho de imediato.

— Um livro? — pergunto, erguendo o queixo ao conectar minhas íris às de Caden.

Ele tem um grande sorriso estampado no rosto.

— É. Uma distopia — explica. — É melhor do que os livros que você costuma ler. Não tem romance, como eu sei que você gosta, e tem a mesma quantidade de gente se fodendo e morrendo. Só que pelo governo, não por assassinos em série reais. — Prescott dá de ombros, um tanto sem jeito. E é extremamente adorável. — Sabe, eu meio que achei que seria legal se tentasse ler ficção. E pensei em você quando vi o livro na vitrine da livraria do aeroporto, então...

Não deixo que Caden termine seu raciocínio. Antes mesmo que possa me dar conta do que estou fazendo, me atiro em sua direção, passando meus

braços ao redor do seu pescoço, me prendendo a ele. A risadinha fraca que solta, sendo pego de surpresa, alcança meus ouvidos, e Prescott posiciona as mãos em minhas costas, as espalmando por ali. O perfume amadeirado capaz de me inebriar chega às minhas narinas, e, agindo por impulso mais uma vez, deposito um beijo estalado em sua bochecha.

— Obrigada. — É o que digo.

Quando me afasto, Caden pisca, surpreso com o que acabou de acontecer.

Eu também estou, para falar a verdade.

É esquisito como mesmo depois de termos passado meses juntos, nos beijado e ido para a cama, qualquer demonstração de afeto que acontece entre nós ainda é estranha. E sei que grande parte disso é culpa minha, por ser a pessoa difícil que sou, mas me encontro extremamente perdida em relação ao que fazer.

Caden Prescott apareceu do nada, sem pedir licença, e agora parece mandar em meu corpo e coração. Ele tem o mesmo efeito de uma droga. É viciante. E não importa quanto eu queria me afastar, sempre acabarei voltando.

— Tem mais uma coisa — o atleta avisa, erguendo o indicador no ar, me pedindo para aguardar.

O observando enquanto vira o corpo, pegando alguma coisa escondida atrás de si, no braço do sofá, pouso o pesado livro com capa vermelha em meu colo.

E então os olhos de Caden voltam a se conectar aos meus. E em sua mão, uma caixinha preta se faz presente.

— Também comprei esse no aeroporto, na volta de um dos jogos. Foi em uma das semanas que ficamos sem se falar, depois que fui tentar visitar seu pai no hospital e você me barrou. — Mordo o cantinho do polegar ao ouvir suas palavras. *E você me jogou contra a parede*, é o que penso. Prescott solta um pesado suspiro antes de estender a pequena caixa em minha direção. — Espero que goste. Tem um significado importante para você.

Sem quebrar o contato dos nossos olhos, pego a caixinha de suas mãos. Quando finalmente a observo, percebo que a embalagem é de uma loja de joias.

E imediatamente penso que Caden deve ter perdido o juízo. Todo mundo sabe que as lojas do aeroporto são muito mais caras do que as outras. Ainda mais para comprar joias.

Assim que abro a caixa, porém, esse pensamento se esvai da minha mente, sumindo feito fumaça pelos ares. Porque o que há dentro da embalagem vai além da perfeição.

— Uma corrente prateada com pingente de claquete — digo em voz alta, sorrindo feito uma verdadeira boba ao segurar o colar com cuidado, o erguendo em frente aos olhos. Minha voz sai fraca, repleta de encantamento. — É perfeito.

O sorriso que cresce nos lábios de Caden mostra que ele se sente orgulhoso de ter acertado no presente.

— Quer que eu coloque? — Prescott oferece.

Assinto no mesmo instante.

— Por favor — peço, o entregando a corrente.

Me movimento no sofá, me virando de costas para ele. Erguendo meus fios castanhos de cabelo, os seguro no topo da cabeça, abrindo espaço para que Caden tenha acesso ao meu pescoço sem dificuldade.

E no momento em que ele passa o colar por minha cabeça, tocando a parte de trás do meu pescoço com os dedos cuidadosos enquanto prende o fecho da corrente, as famosas estrelinhas muito conhecidas por mim voltam a atravessar minha pele em todos os pontos nos quais a ponta de seus dedos tocou. E um arrepio percorre minha espinha.

— Quando vi o colar à venda, pensei em tudo que você me contou na casa do lago. — A voz de Caden soa grave enquanto ele trava uma batalha contra o fecho, que muitas vezes consegue ser impossível de prender. — Sobre os seus anos lutando contra o transtorno alimentar, a pressão que carregava por ser fora dos padrões impostos e sobre ter adoecido ao buscar se encaixar, mesmo tendo nascido com o dom de atuar maravilhosamente bem. — Prescott faz uma breve pausa antes de continuar. Pelo que conheço dele, aposto que deve estar engolindo em seco. Nós dois temos mania de fazer isso quando o assunto em questão é um tópico sensível e complicado. — Sei que não combinamos de trocar presentes, mas não quero receber nada em troca. Se você acordar todos os dias e olhar para este colar, se lembrando do quanto é uma mulher forte pra caralho, com capacidade de ser e fazer o que quiser, para mim já é o suficiente. E, com certeza, o melhor presente de Natal que poderia ganhar.

Caden finalmente afasta as mãos do meu pescoço, após prender o fecho. Volto a soltar meus cabelos, que caem imediatamente em meus ombros, e então me viro de volta para ele, encarando suas íris escuras.

E é só nesse momento que, ao perceber a visão borrada, me dou conta de que meus olhos estão marejados.

Petrificada, ainda tentando processar suas últimas palavras, observo quando a garganta de Caden se movimenta, sua tatuagem subindo e descendo ao acompanhá-la. E assim que uma de suas mãos vai até a lateral do meu rosto e seu polegar passa a acariciar minha bochecha de forma leve, nem sei mais como ainda estou respirando.

— Sinto muito por tudo que passou, Avery — ele profere, com a voz carregada e grave, me obrigando a engolir em seco. — Mesmo.

E estilhaçando os últimos tijolos da muralha que ainda me cercava, pela primeira vez sou eu quem tomo a iniciativa. Em um movimento rápido, levo minha mão até sua nuca, o trazendo para perto antes de chocar nossos lábios.

Caden sequer é pego de surpresa. É como se ele soubesse. Como se, assim como eu, considerasse palpável o clima que se instalou entre nossos corpos, repleto de tensão.

E mais uma vez, ter seus lábios contra os meus parece certo.

A língua de Prescott abre espaço, invadindo minha boca, aprofundando o beijo. E no momento em que sinto suas mãos descerem para a barra da minha blusa e Caden se afasta, cortando o beijo ao ter a respiração ofegante, é como se pudesse adiantar suas palavras.

— Tem certeza disso? — ele questiona.

— Mais do que tudo. — confirmo, chocando nossos lábios de forma voraz.



Sinto como se pudesse derreter a qualquer instante.

Já em meu quarto, apoio os cotovelos no colchão, obtendo apoio para manter o tronco minimamente erguido. Caden está posicionado entre minhas pernas, e sua boca, que antes beijava cada uma das pintinhas em meus ombros de forma delicada, agora desliza pelo meu pescoço.

A única peça de roupa que se faz presente no corpo musculoso de Prescott é uma boxer preta. Porque, assim como eu, ele também se livrou com urgência do pijama natalino, que continua causando uma grande repercussão na internet.

Com os lábios separados, sentindo beijos molhados descendo pela minha clavícula, me pego analisando seus ombros e suas costas. E no momento em que sua respiração pesada bate contra o espaço entre meus seios, todos os pelinhos do meu corpo se arrepiam.

Caden passa os lábios parcialmente separados em minha pele, onde o sutiã preto e simples não cobre, e engulo em seco ao senti-lo beijar o alto dos meus seios. Uma, duas, três vezes.

Em seguida, Prescott ergue o queixo, trazendo seus olhos até os meus. Suas pupilas estão dilatadas e suas íris cintilam em uma mistura de desejo e luxúria. Deveria ser crime algum cara olhar para uma mulher do mesmo modo que Caden faz agora. Porque, mesmo que eu quisesse dizer não para o pedido silencioso que percorre suas íris escuras, sei que não conseguiria.

Sem hesitar, levo as mãos às costas, alcançando o fecho do sutiã e me livrando da peça de uma vez por todas.

Prescott analisa cada um dos meus movimentos, não demorando para voltar a aproximar os lábios do alto dos meus seios. Devagar, ele passa a baixá-los, alcançando um mamilo.

Um arquejo trêmulo me escapa ao sentir a sensação da sua língua no ponto enrijecido, e meu corpo inteiro se arrepia. Sinto um espasmo resultante, que chega direto ao meio das minhas pernas. *Porra.* Sua boca explora meus seios, beijando, chupando e mordiscando, até me obrigar a morder o lábio inferior, necessitada.

De repente, Prescott para. Ele desliza os olhos pelo meu corpo antes de levá-los de volta ao meu rosto, onde estavam há alguns minutos. Quando toca meus lábios com o polegar, o contornando, prendo a respiração. Seu olhar perscruta meu rosto por um instante. Gosto de me ver através dos seus olhos cintilantes. Ele faz com que eu me sinta linda.

— É estranho eu estar pensando no Austin agora? — É o que Caden solta, transformando o clima por completo.

E de repente, mesmo que meu corpo todo esteja queimando, sua fala fora de hora provoca uma risada aguda do fundo da minha garganta.

— Sabe, se tiver alguma coisa para me dizer, essa é a hora — digo, brincando, ainda sorrindo.

Prescott solta uma risadinha, chacoalhando a cabeça levemente.

— Você não entendeu o que eu quis dizer. Austin estava me zoando há uns dias, dizendo que você não gostou da vez que dormimos juntos em

Maldivas.

Franzo a testa no mesmo instante.

— Você contou para ele? — questiono, curiosa, longe de estar irritada.

E assim que Caden faz que sim com a cabeça, sendo sincero, sou atingida por uma pontada de algo próximo à inveja. Queria ter tido coragem para contar à Raven sobre o que aconteceu. Talvez, se tivesse dividido meus sentimentos conflituosos com alguém, tudo isso pudesse ser mais fácil.

O encarando no fundo dos olhos, tomo uma respiração profunda, reunindo forças antes de confessar:

— Foi perfeito. — Um sorrisinho se estampa nos lábios de Caden no mesmo instante. — De um jeito caótico, mas perfeito.

E ele parece satisfeito com a minha resposta, pois, sem quebrar contato visual, desliza o polegar pelo meu corpo, descendo pelos meus seios e barriga, até alcançar o espaço entre minhas coxas. A ponta dos seus dedos roça minha calcinha antes de puxar o elástico da mesma e tirá-la, a descendo pelas minhas pernas, me deixando completamente nua. E no instante em que Caden se posiciona de maneira correta entre mim, e sinto sua língua indo de encontro à minha intimidade, eu desabo. Meus cotovelos, nos quais estava apoiada, se tornam enfraquecidos, e minhas costas atingem o colchão em um baque.

Fecho os olhos, voltando a morder o lábio inferior em uma falha tentativa de evitar que gemidos me escapem. Prescott é bom, *muito bom*. E deixou isso claro desde a nossa primeira transa, em Maldivas.

Caden passa as mãos pelas minhas panturrilhas e minhas coxas, as acariciando levemente enquanto sua língua continua me explorando, me levando ao limite. Agarrando o lençol, pressiono meu corpo contra a cama, buscando parar de me contorcer.

Sons ofegantes e gemidos baixos preenchem o quarto, que a essa altura já está tomado pelo calor. Quando estou prestes a levar meus dedos até seus cabelos, visando entrelaçá-los, porém, Prescott se afasta. E, tentando ofuscar a sensação de vazio que me invade, abro as pálpebras ao sentir o colchão se remexer sobre mim.

— Espera — Caden pede, um tanto ofegante, dando largos passos apressados em direção à uma mesinha de canto, onde a camisinha está localizada.

Assim que ele volta até mim, se posicionando ao meu lado, nós dois nos enfiamos sob um pesado edredom. Sob as cobertas, Caden se ajeita, se livrando da boxer preta com urgência antes de se preparar para se posicionar sobre mim. Prescott toca nossos lábios de forma paciente, esperando pelo momento ideal. Assim que a hora chega, ele foca o olhar em meu rosto, observando minha expressão. E quando entra em mim, solto um arquejo, separando meus lábios. Acaricio os músculos fortes de suas costas enquanto o sinto sair de mim no mesmo ritmo lento com que entrou.

E não há um milímetro do meu corpo que não queira estar aqui neste momento. Isso é fato.

— Você é linda pra caralho — Prescott solta, ofegante.

E sequer tenho tempo para absorver suas palavras, pois, em um instante, sua boca já está de volta à minha, me beijando com avidez.

Caden desce o rosto até um dos lados do meu pescoço quando seus quadris recuam, se flexionando para frente em um impulso profundo logo em seguida.

Meu corpo todo queima, em chamas.

Assim que o orgasmo chega, ele abafa os meus gemidos com beijos desesperados, e logo em seguida cede ao próprio prazer. Caden tomba ao meu lado, caindo de volta no colchão.

Com um sorrisinho marcando os lábios, deito minha cabeça em seu peito quente, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma.

É estranho pensar na naturalidade em que nossos corpos reagem um ao outro. Como se já se conhecessem há anos e fossem completamente conectados, trabalhando em um ritmo perfeito.

— Isso foi... — Caden começa, se perdendo nas próprias palavras.

— Incrível — concluo por ele, sem sequer hesitar.



CADEN

A claridade da manhã entra pela janela do quarto de Avery, alcançando meus olhos no instante em que os abro. Um tanto sonolento, esfrego o rosto com uma das mãos, buscando despertar o suficiente para organizar meus pensamentos. E assim que as lembranças do que aconteceu durante à madrugada tomam minha mente, me invadindo feito uma desesperada enxurrada, um sorrisinho impossível de ser evitado se estampa em meus lábios.

Deslizo os olhos até a mulher ao meu lado, que, deitada com o rosto virado para mim, ainda dorme tranquilamente, escondendo seu corpo sob o pesado edredom, se protegendo do frio. Avery está linda. Ela *é* linda.

E sei que possui seus motivos para se fechar para relacionamentos, me impedindo, muitas vezes, de me aproximar da maneira que quero. Mas a Avery de ontem à noite é a Avery verdadeira. A real, que não se esconde atrás de muralhas. Que não se esforça para cobrir seu rosto com uma máscara e se permite rir e assistir um filme comigo enquanto devoramos baldes e mais baldes de pipoca.

Por ter capturado esse pensamento, durante à madrugada, quando uma coisa levou a outra e acabamos em sua cama, eu beijei todas as pintinhas de seus ombros antes de avançar para qualquer outra etapa. Uma por uma. As

beijei porque queria que, de alguma forma, Avery entendesse que não precisa voltar a se fechar. Que pode ser como realmente deseja comigo. Que só porque a principal referência de amor em sua vida fora catastrófica, não significa que precisa viver com medo de presenciar novas.

Eu, mais do que ninguém, sei como o amor pode doer. Sei que o que mais amamos é o que mais pode nos destruir. Sou a prova viva disso. Afinal, sou o cara que perdeu o irmão gêmeo e a namorada no mesmo acidente para que, tempos depois, descobrisse que ele estava apaixonado por ela.

Minha história é triste e complicada. E sei que, talvez, daria um enredo cativante para algum filme.

Mas, diferente de Avery Lakeland, não permiti que meu coração se fechasse. E continuo aberto a viver uma nova história, a experimentar um novo amor.

E agora, enquanto a observo dormir tranquila ao meu lado, com uma das bochechas amassadas contra o travesseiro e com os lábios parcialmente separados, soltando um ronco fraquinho, seguido por um leve suspiro, percebo que não quero que isso acabe. Não agora. E nem nunca.

Porque, de alguma forma, entendo que não é o inferno se você gosta da maneira que queima. E que o nosso caos, por sua vez, sempre me pareceu certo. E se em algum momento Avery aparentar estar disposta a receber meu coração em suas mãos, eu o entregarei sem hesitar.

Pois ele já se rendeu a ela há muito tempo.



— Espero ter feito tudo certo. — É o que a atriz comenta, uma hora depois, misturando a massa de cookies em uma tigela com a ajuda de uma colher de pau.

Estamos cercados pela bagunça de louças sujas sobre o balcão de sua cozinha, preparando os famigerados biscoitos de Natal, que tendem a marcar a data ao redor do mundo. Avery parece focada no que está fazendo, já que, após ler e reler a receita na internet mais de oito vezes, tem a testa franzida enquanto olha fixamente para a tigela e mistura o fermento na massa. Ela veste uma camisola de seda branca com alças finas e tem os cabelos castanhos claros presos em um coque desajeitado no topo da cabeça, como se tivesse sido feito às pressas.

Minha garganta fica ligeiramente seca com a lembrança da sensação de ter seus fios entrelaçados nos meus dedos durante a madrugada.

— Prescott, consegue me entregar o chocolate picado? — Avery pede, sem desviar a atenção da receita que prepara.

No mesmo instante, estendo um dos braços para alcançar a tigela com pequenos cubos de chocolate cortados, a arrastando pelo mármore do balcão, a aproximando de nós. Avery me lança um sorrisinho antes de levar uma de suas mãos a ela, logo usando a colher de pau para raspar todos os pequenos quadradinhos e os misturar com a massa já pronta e prestes a ser levada ao forno.

E tenho certeza de que vê-la tão concentrada, focada no que está fazendo, sem tempo para distrações, poderia facilmente entrar para a minha lista de coisas favoritas de assistir. Mesmo que isso fira um pouco meu ego, já que estou sem camisa ao seu lado, com meus músculos à mostra, e ela nem aparenta se importar. Sequer parece perceber.

Mas no instante em que meu celular toca, preenchendo o ambiente com o toque alegre, Avery traz seus olhos curiosos até mim sem pestanejar. Pego o aparelho, que até então estava posicionado na bancada, e o trago para perto dos olhos, lendo o nome que se estampa na tela.

É o Austin.

— Quem é "melhor amigo gostosão"? — a atriz ao meu lado pergunta, soltando uma risada baixinha. Avery conecta suas íris esverdeadas às minhas, arqueando uma sobrancelha. Divertimento flutua por seus olhos. — É sério que esse foi o melhor jeito que encontrou para salvar o contato do Austin?

— Em minha defesa, foi ele que alterou o nome depois de ter dito que o que eu coloquei era "sem graça demais" — respondo, me adiantando em explicar.

Ouço Avery soltar mais uma risadinha enquanto levo a ponta de um dos dedos até a tela do aparelho, aceitando a chamada de vídeo.

Quando um Austin até então relaxado aparece na tela, deitado em uma cama, sem camisa e diretamente de Vancouver, aceno com uma das mãos, o cumprimentando antes de mostrá-lo à mulher que está ao meu lado.

E meu melhor amigo se engasga no mesmo instante, repleto de choque.

O som das risadas que Avery e eu soltamos se mistura ao de um Austin Crawford tossindo desesperadamente, agora sentado na cama, após

ser pego de surpresa. Ele não tinha ideia de que Avery e eu passaríamos a data de hoje juntos. Não sei se chegou a ver o que ela postou nas redes sociais ontem à noite, mas pelo modo como nos encontrou agora, com rostos amassados que revelam que acordamos faz apenas algumas horas, com certeza sabe que dormi aqui.

Ele tosse mais algumas vezes, se recompondo ao levar uma das mãos ao peito e carregar a voz com o máximo de espanto possível ao proferir:

— Vocês dormiram *juntos*?

Deixando os utensílios de cozinha soltos pelo balcão, Avery leva uma das mãos ao meu pulso, a fechando sobre ele e virando a tela do celular em sua direção, focando a câmera totalmente em seu rosto.

— Sim — ela revela, simplista, me pegando de surpresa. Percebo que tenta conter o sorrisinho que ameaça tomar seus lábios ao continuar. — Mas não vamos te dar nenhum detalhe, se é isso que quer saber. Às vezes tenho a sensação de que seu maior sonho é roubar meu namorado de mentira.

Austin força um arquejo de espanto ao exclamar, como se estivesse realmente indignado e até mesmo ofendido:

— Que calúnia!

Avery solta mais uma risadinha antes de soltar meu pulso e voltar a direcionar seus olhos à receita sobre o balcão, continuando a prepará-la. Austin apenas permanece exibindo o sorrisinho de canto nos lábios. Já eu, recosto a lombar no mármore, me apoiando ao voltar a centralizar minha imagem na câmera.

— Está tudo bem aí? Por que ligou?

O canadense permite que uma careta tome seu rosto no mesmo instante.

— Bem é uma palavra muito forte — ele diz. — E só liguei para desejar Feliz Natal. Volto ainda hoje para os Estados Unidos. Meu voo está lotado, e fui obrigado a ir em uma poltrona no fundo do avião.

— Que merda, cara — lamento, apesar de saber que Austin deve voltar o quanto antes. Temos um jogo próximo e precisamos ter o máximo de foco, já que a temporada regular da NHL acaba em alguns meses. — Conseguiu aproveitar sua família, pelo menos?

Ele faz que sim com a cabeça, mas algo que cintila em suas íris azuis não me convence. Sei que para ele, é difícil visitar sua mãe e o cara idiota que apenas está ali para dificultar a vida dela. Digamos que Kleah Crawford tem um dedo podre para escolher namorados. De acordo com Austin, ela

sempre foi assim. Desde o dia em que decidiu ir para a cama com o seu progenitor.

— Te aviso quando pousar, tudo bem? — meu melhor amigo muda de assunto, se forçando a erguer o queixo e manter a postura fingida quando *sei* que não é o que deseja. Conheço Austin como conheço a mim mesmo. Sei que neste momento tudo que quer é poder desabar. Mas também tenho certeza de que não se permitirá a fazer isso. Então, evitando voltar a falar sobre sua mãe, sua família ou qualquer outro tópico que possa magoar ainda mais seu corpo exausto, me obrigo a apenas assentir. — Não sei se ainda estará no apartamento da Avery ou não, mas eu tenho a chave de casa.

— Da *minha* casa — corrijo, mas o sorriso em meu rosto mostra que estou longe de estar bravo pelo uso do termo incorreto.

Crawford também permite que uma fina linha tome seus lábios.

— Isso. Da *sua* casa — ele volta atrás, se deitando na cama novamente. Sua cabeça bate contra o travesseiro com uma fronha com desenhos de dinossauros, que provavelmente tem desde quando era criança. Eu poderia julgá-lo por isso, se meu quarto na casa do lago não fosse uma mistura obsessiva de hóquei e carros. *Ou se não fosse um cara de 25 anos que ainda coleciona carros em miniatura.* — Feliz Natal, Caden. Te vejo mais tarde.

— Feliz Natal — respondo.

— Feliz Natal, louca do quadro! — Austin deseja, elevando ainda mais o tom de voz ao falar com Avery, que a essa altura já está terminando de preparar os cookies para irem para o forno.

De repente, assim que lembro de que foi exatamente dessa maneira que ele se referiu a ela quando leu sobre a notícia do nosso namoro falso na internet, sou atingido por uma pontada forte de nostalgia. Austin ficou esperançoso naquele dia, pensando que ela e eu acabaríamos juntos de verdade.

— Para você também, melhor amigo gostosão! — Lakeland grita de volta, ainda com os olhos cravados nos biscoitos que prepara, brincando com o nome que Austin salvou no seu contato em meu celular.

Quando ele encerra a chamada, está sorrindo. E me sinto feliz por saber que mesmo por poucos minutos fui capaz de distraí-lo da viagem de bosta que provavelmente está tendo.

Austin é importante para mim.

E tenho essa mania protetora de querer afastar todas as merdas do mundo das pessoas que amo, mesmo sabendo que é impossível.

— Pronto. Acho que vai dar certo. — A voz tranquila de Avery me fisga para longe dos meus pensamentos. Assim que conecto meus olhos a ela, a flagro colocando a forma com os cookies no forno preaquecido. Uma luva vermelha envolve uma de suas mãos, evitando que se queime.

— Não sabia que tinha dotes culinários. — É o que digo, após pousar o celular novamente sobre o mármore do balcão. Cruzando os braços em frente ao peito, ostento um sorrisinho em meus lábios enquanto a observo.

Ela endireita a postura, empurrando a portinha do forno para fechá-la. Em seguida, gira nos calcanhares, se virando para mim.

— Não tenho. — Avery solta uma risada fraquinha, se livrando da luva vermelha antes de vir em minha direção. — Não faço ideia se a receita vai dar certo.

Levo minhas mãos à sua cintura assim que para diante de mim. Ela sobe na ponta dos pés descalços, aproximando o rosto do meu ao me dar um selinho rápido. Quando volta os calcanhares ao chão, um sorrisinho molda seus lábios.

E é adorável pra caralho.

— O que aconteceu com o Austin? Por que pareceu preocupado ao perguntar se ele estava bem? — É o que ela quer saber.

Solto um suspiro pesado, pensando em como respondê-la.

— Crawford tem problemas com a família, mas não quis deixar de passar o Natal com a mãe — revelo. Avery permanece me observando com atenção, à espera de mais alguma coisa. E no instante em que um pensamento me ocorre, deixo que um fraco vinco tome o espaço entre minhas sobrancelhas, me focando apenas nele. — Sabe, talvez você devesse fazer o mesmo.

A confusão toma seu semblante assim que escuta minhas palavras. Avery franze a testa, me encarando fixamente.

— Como assim? Quer dizer que acha que tenho que encontrar meus pais? — ela questiona, buscando matar suas dúvidas. Diferente do que aconteceria se fizesse essa pergunta há algumas semanas, a resposta de Avery sai tranquila, longe de estar carregada de raiva.

— Acho — digo, sincero. À minha frente, a atriz franze ainda mais a testa. Firmo minhas mãos em sua cintura, buscando assegurá-la de que, seja

lá qual for sua decisão, eu a apoiarei. — Seus pais podem ficar felizes com um pouco de atenção.

— Do jeito que você fala, parece que sou a pior pessoa do mundo — ela responde.

Foco meus olhos nos seus ao devolver:

— Você sabe que eu nunca diria isso. — Encolho meus ombros antes de abaixá-los, suspirando ao acompanhar o gesto. — Não conheço seus pais muito bem, mas acredito que todos ficariam tristes se não recebessem Feliz Natal dos filhos. Os meus ficariam, pelo menos.

— Seus pais são o completo oposto dos meus. — A resposta de Avery, mesmo que de um modo sutil, sai rápida, como se já estivesse com ela na ponta da língua.

— Eu sei, esquentadinha, mas talvez você devesse tentar. Talvez valha a pena.

Ela permanece fitando meus olhos, sem quebrar contato visual. Em suas íris esmeraldas, consigo ver a batalha que se travou dentro de si, onde suas dúvidas e certezas guerreiam uma contra as outras.

— Acho muito difícil — Avery solta em um sopro.

Ainda focado em convencê-la, dou mais um passo à frente. E de repente, o espaço que separa nossos corpos se torna mínimo.

— Que horas Raven volta do hospital? — questiono.

— Hoje à tarde — ela responde.

— Então por que não tenta convencê-la a ir com você na casa da sua mãe? — sugiro, esperando que isso basta.

Sei que Avery e Raven são como carne e unha. Que quando estão juntas, se fortalecem e são capazes de enfrentar seus medos e situações que julgam como difíceis. Sei disso porque Owen e eu éramos assim. Exatamente assim.

Avery pondera sobre minha sugestão por alguns segundos, mordendo o cantinho do lábio inferior. Soltando uma curta lufada de ar pelos lábios, antes de afirmar, desviando totalmente o foco do assunto:

— Você viaja amanhã.

Franzindo a testa em confusão, assinto com a cabeça, mesmo sabendo que não foi uma pergunta.

— Volto no dia 29 à noite, depois do jogo. Chego aqui no dia 30 — revelo, enxergando pelo seu olhar que busca mais informações. — Por quê?

Lakeland tomba a cabeça um pouco para o lado. De repente, um sorrisinho meio tímido se faz presente em seus lábios.

— E onde pretende passar o Ano-Novo?

Desconfiado do rumo no qual a conversa está tomando, aperto os olhos, que ainda permanecem focados em seu rosto.

— Não tenho ideia.

Então, me pegando totalmente de surpresa, Avery solta, com a voz um tanto relutante e incerta:

— Sabe, talvez nós pudéssemos passar com os meus pais.

Arqueio uma das sobrancelhas no mesmo instante, perscrutando seu semblante em busca de qualquer indício que revele que o que acabei de ouvir não passou de uma pegadinha. Quando não encontro nada, é praticamente impossível impedir o sorriso que toma meus lábios.

— Então quer dizer que vai fazer as pazes com eles hoje?

Avery se encolhe um pouco sob meu toque, seu corpo transparecendo sua indecisão.

— Talvez. — É o que ela diz, franzindo os lábios. — Acho que sim. Nunca tive um namorado. Não sei como é passar a virada de ano com a família e poder dar um beijo em alguém à meia-noite. — Ela para de falar no mesmo instante, parecendo se dar conta do que disse. Seu corpo se enrijece sob meu toque em sua cintura, e seus olhos se arregalaram um pouco. — Quer dizer, eu sei que não somos namorados de verdade e tudo mais, mas tenho consciência de que meus pais estão contentes em me ver com você. E por mais que tudo em mim grite de vontade de esganá-los agora, acho que poderíamos passar o Ano-Novo com eles. — Avery dá de ombros. — Sabe, seria diferente ter você lá, para apaziguar a situação se os dois tentarem se matar, como acontecia antigamente, em toda ocasião. — Ela morde o cantinho do lábio inferior, abaixando o tom de voz ao continuar. — Ainda mais porque só nos restam mais algumas semanas antes de toda essa farsa chegar ao fim.

E no instante em que ouço suas palavras, agora carregadas de um sentimento diferente, que revela que, tanto quanto eu, Avery não deseja mais que tudo isso acabe, sinto o peito se apertar.

E a sensação que me preenche é vazia.

Porque, no fundo, sei que agora já fomos longe demais. E que, no fim de tudo isso, ao menos um coração será despedaçado.

Ou, talvez, os dois.



AVERY

— Não acredito que está me arrastando para essa merda. — É o que Raven resmunga, pela milésima vez nos últimos cinco minutos.

Desafivelando o cinto, me obrigo a conter um suspiro exasperado. Estamos em minha SUV prateada, estacionadas em frente à casa que costumamos evitar a todo custo, mas que hoje fui convencida a fazer uma visita. E minha irmã, que trouxe junto a mim, depois de tê-la surpreendido ao dizer que é o certo a se fazer, já que é Natal, não economizou nos resmungos e reclamações durante todo o caminho.

— Sei que é horrível, está bem? — digo, me virando para ela. Raven conecta suas íris esverdeadas às minhas. — Sei que não queria estar aqui. Eu também não. Passamos pelas mesmas situações de merda e agora somos preenchidas pelo sentimento de que tudo pode voltar a ser como antes. Que o caos que tende a abraçar nossa família pode se intensificar de novo, acabando com os poucos minutos de paz que tínhamos. — Dou uma pausa, observando quando a mais velha engole em seco, ainda focada em mim. — Mas é o certo, Raven. Hoje é Natal.

Minha irmã aperta os olhos ao escrutinar meu rosto, desconfiada. Ela não diz nada por alguns segundos, e pelos seus olhos, sou capaz de ver que sua mente está longe, focada em um pensamento em específico.

— Que tipo de lavagem cerebral Caden Prescott fez em você? — É o que Raven solta, fazendo com que um sorrisinho se arme em meus lábios no mesmo instante.

Quando ela voltou do plantão, se arrastando de forma exausta para dentro do nosso apartamento e desesperada para tomar um banho, Caden já não estava mais lá.

— Nenhuma. — Dou de ombros, sincera. — Ele apenas me disse que seria bom se nós duas víssemos nossos pais hoje. — Sentindo um amargor invadir minha língua, engulo em seco, buscando mandá-lo embora pela garganta. De repente, assim que o inesperado pensamento cruza minha mente, sinto o coração se apertar. — E, sabe, nossa família ainda está toda aqui... Viva. Existem pessoas por aí que dariam de tudo para passar esse feriado com algum outro alguém que não está mais entre nós. — *Assim como Caden e Owen*, é o que penso. Observo quando Raven arqueia as sobrancelhas, como se estivesse se questionando como nossa conversa trocou de rumo tão repentinamente. Tomo uma respiração profunda antes de continuar. — Está tudo bem. Vamos só fingir ser uma família menos perturbada e desejar Feliz Natal aos nossos pais, ok?

Minha irmã não responde de imediato. Ainda com o cinto afivelado, a prendendo no banco ao meu lado, Raven permanece me encarando, estática, como se travasse uma batalha dentro de si, tentando decidir o que fazer. E então, finalmente cedendo, joga as mãos para o alto, soltando uma curta lufada de ar pela boca.

— Certo, Avery. Conseguiu me convencer. Não é como se tivéssemos feito todo o trajeto até aqui à toa. — Ela desafivela o cinto de segurança, se livrando de suas amarras e proteção. Raven estala a língua no céu da boca ao voltar a me encarar. — Agora vamos logo.

E sem hesitar, temendo que mude de ideia, concordo, me apressando em esticar meu corpo em meio aos dois bancos ocupados e alcançar uma travessa de cookies no banco de trás. Quando retorno ao meu assento, segurando a receita que tive uma certa dificuldade em preparar, minha irmã está com o cenho franzido, me encarando como se o que visse fosse uma miragem. Como se alguém tivesse invadido meu corpo e agora esteja me fazendo agir de um jeito estupido. De um jeito que me faz trazer cookies para meus pais, após ter jurado a mim mesma que manteria distância deles até decidirem acabar com essa ideia ridícula de reatar o relacionamento.

— O que foi? — solto, levantando as sobrancelhas. Sou sincera ao continuar. — Caden e eu fizemos biscoitos demais. Nós duas não iríamos dar conta de acabar com eles sozinhas.

— Você está estranha pra caralho — Raven diz, se virando ao levar uma das mãos à trava ao seu lado, abrindo a porta do meu carro sem sequer hesitar, como se não esperasse resposta vinda de mim.

E eu sei que está certa. Mas, porra, é Natal. E Caden tinha razão quando disse que talvez visitar meus pais possa valer a pena. Talvez, se conversarmos pacificamente, eles possam decidir que voltar atrás e desistir do falho relacionamento para o qual estão retornando seja a melhor opção.

Bato a porta do veículo ao deixá-lo, logo em seguida. Tomo o devido cuidado para segurar a travessa de vidro em minhas mãos, observando o chão com cautela, com medo de tropeçar em alguma pedrinha no asfalto da calçada e estilhaçar o vidro, espalhando os cookies pelo concreto.

Quando subimos os degraus que levam à porta de entrada da casa de Anastasia Lakeland, Raven é quem afunda o dedo na campainha. Pela feição estampada em seu rosto, ela deixa claro que preferia ter ficado no hospital a estar aqui agora.

— Espero não me arrepender disso — minha irmã murmura, mais para si mesma do que para mim. — Apesar de saber que isso é praticamente impossível.

— Ei — a chamo, sentindo meu corpo inquieto diante da espera. Raven traz seus olhos acesos aos meus imediatamente. — Fica tranquila, tá legal? Se não estivermos confortáveis, vamos embora.

Ela meneia com a cabeça, redirecionando a atenção à madeira da porta.

E eu sigo seu olhar, soltando uma respiração profunda, preparando meu corpo para o que quer que encontremos lá dentro. Os nós dos meus dedos se tornam esbranquiçados ao redor do vidro da travessa em minhas mãos, e por um momento, ao perceber que estou a apertando com força demais, como uma forma de controlar meus sentimentos, sinto medo de quebrá-la.

— Vai dar tudo certo — cochicho mais uma vez, em uma tentativa de acalmar nós duas e nossos corações que a essa altura batem freneticamente dentro do peito, como se bombeassem mais sangue do que necessário.

Pelo canto do olho, vejo quando Raven cerra um dos punhos ao lado do corpo, endireitando a postura, como se tentasse garantir a si mesma de

que é forte o suficiente para se deparar com o relacionamento que há do outro lado desta porta.

E então, o som de uma chave sendo encaixada na fechadura, vindo do outro lado da madeira, alcança meus ouvidos. E juro por Deus que sinto meu corpo inteiro gelar. Sei que já encontrei meus pais depois que decidiram reatar o relacionamento, mas naquela ocasião eu não tive escolha. Charles estava internado. Não podia ser uma péssima filha e deixar de visitá-lo. Agora é diferente. Agora estou aqui por livre e espontânea vontade.

Quando a maçaneta é girada e o ranger baixinho da porta se abrindo alcança meus ouvidos, é quase como se meu coração pudesse abafar o som, já que suas batidas zunem em meu tímpano de forma desesperada. E meu corpo se enrijece, tomado de tensão.

Charles Wilfred é quem nos recepciona. Suas íris se acendem no instante em que se fixam em nós, repletas de confusão. Ele franze o cenho, estupefato, pasmo por nos encontrar aqui. E é visível quando se livra do transe momentâneo que o tinha consumido, pois sua feição perplexa se transforma, seus olhos se focam em nós e o vinco deixa seu semblante, abrindo espaço para que um grande sorriso se forme em seus lábios.

E tenho que confessar que a visão do meu *pai* nos recepcionando na casa da minha *mãe* é assustadoramente estranha. Acho que nunca serei capaz de me acostumar com isso.

— Meu Deus! O que estão fazendo aqui? — ele solta, com a voz mais aguda que o habitual. Está realmente feliz em nos encontrar. Isso é visível.

Permaneço estática assim que Charles se aproxima de um jeito meio estabanado, me rodeando com seus braços. A travessa em minhas mãos é a única coisa que impede que nossos corpos tenham um contato direto, e acho que nunca senti tamanha gratidão por algo inanimado em toda a minha vida.

— Viemos desejar Feliz Natal — ainda parada ao meu lado, livre do abraço desajeitado do papai, Raven diz, se forçando a manter a feição impassível.

— Que ótimo! — Charles exclama, todo sorridente. Quando me solta, todos os músculos tensionados do meu corpo voltam a relaxar.

E penso que não deveria ser assim. Que uma filha não deveria sentir tamanho desconforto ao abraçar o homem que deveria ser seu exemplo, seu super-herói.

Meu pai dá alguns curtos passos em direção à Raven, a abraçando em seguida. Minha irmã força um sorriso trêmulo nos lábios, e assim que passa a cabeça pelo ombro dele, permitindo que apenas eu enxergue sua feição, sei que Raven também não está à vontade com o contato direto.

O relacionamento existente entre nós nunca foi dos mais próximos ou saudáveis. E é como se tudo tivesse piorado no instante em que recebemos aquela ligação e descobrimos que após 5 anos separados, após uma traição e mil acontecimentos que serviram para provar que o que existe entre eles, seja lá o que for, nunca dará certo, meus pais decidiram reatar. Decidiram voltar a se enganar.

— Charles? — A voz que o chama vem de longe, chegando abafada aos meus ouvidos. Prendo a respiração no mesmo instante, me forçando a relembrar do principal motivo que me trouxe até aqui, antes que seja tarde demais e acabe cedendo ao que meu corpo grita, me implorando para ir embora sem olhar para trás. — Quem está aí?

Meu pai se afasta de Raven, enfiando o rosto pela porta. Vejo seu corpo tomar fôlego antes de gritar:

— São as meninas, *amor!* — O apelido faz com que o desconforto que borbulha em minha barriga se intensifique.

O silêncio se instala entre os dois por alguns instantes. Se conhecesse minha mãe o suficiente para garantir, apostaria que ela deve estar com o cenho franzido agora, pensando se ouviu direito ou se seu cérebro está enlouquecendo.

— Raven e Avery? — ela solta, rompendo a quietude, buscando se certificar.

— Sim, *querida* — Charles responde. E mais uma vez, o apelido sai fácil por seus lábios. Carinhoso demais.

Troco um olhar cúmplice com Raven, que tem uma expressão de nojo estampada em seu semblante, revelando que o pensamento que atravessa sua mente está alinhado ao meu.

De repente, o som oco de saltos indo de encontro ao piso de porcelanato repetidas vezes chega aos meus ouvidos. E nem é preciso que eu seja a pessoa mais inteligente do mundo para saber quem está se aproximando. Apenas uma pessoa no planeta é capaz de usar saltos altos no meio da tarde, estando em sua confortável casa.

Anastasia Lakeland.

Minha mãe aparece no meu campo de visão, abrindo um sorriso largo ao conectar seus olhos a Raven e eu. Ela rompe o curto espaço que nos separa, dando uma corridinha em nossa direção, se equilibrando no salto de forma perfeita. E então, quando passa os braços ao redor dos nossos pescoços e nos puxa para um abraço em trio, minha irmã e eu não conseguimos mais nos segurar, passando a resmungar.

Mas Anastasia sequer se abala. Está focada demais no fato de estarmos aqui agora, após pensar que iríamos odiá-la para sempre pela decisão que tomou.

— Por que não avisaram que viriam? — É o que quer saber, se afastando. Meu corpo todo é preenchido pelo alívio assim que o abraço é rompido. — Eu poderia ter preparado alguma coisa.

— Não esquenta — me forço a dizer, mantendo a voz controlada. — Nossa decisão foi tomada de última hora. Raven chegou faz pouco tempo do trabalho — conto, sentindo os olhos dos meus pais cravados em mim enquanto explico. Incomodada em receber toda a atenção, ergo a travessa com os biscoitos, a segurando em frente ao rosto. — Trouxemos cookies.



Um grande quadro da formatura de Raven está pregado a uma das paredes da sala, ao lado da árvore de Natal. Na foto, minha irmã está de lado, cruzando os braços. Um estetoscópio se encontra ao redor de seu pescoço, e ela veste o jaleco branco com seu nome e sobrenome bordado em verde, ao lado do símbolo de medicina, que consiste em um bastão com uma serpente em volta, em espiral. Ela sorri, mostrando seus dentes brancos e perfeitamente alinhados.

Antes de vir morar comigo, Raven passava horas estudando em seu quarto, no andar de cima, se esforçando para evitar nossa mãe e conseguir ter o foco necessário. Ela sempre foi muito empenhada, e isso não é novidade para ninguém.

— Eu trouxe chá. — É o que Anastasia avisa, voltando à sala. Em suas mãos, ela carrega uma bandeja prateada, com um bule e xícaras vazias. — De camomila, como sei que vocês gostam.

Após posicionar a bandeja na mesinha de centro, ao lado da travessa intocada com meus cookies, minha mãe passa uma das mãos nos cabelos

tingidos de loiro, que caem como cascatas em seus ombros, soltos como ela tende a usar. E então, dá as costas, dando curtos passos até se sentar ao lado do meu pai, no sofá em frente ao que Raven e eu estamos acomodadas.

O silêncio ensurdecedor invade o cômodo, tornando o ar pesado e desconfortável. É como se todos soubéssemos que precisamos conversar, que não dá mais para permanecer em silêncio diante de um assunto que, mais uma vez, mudará nossa família por completo, mas fossemos vencidos pelo medo de abrir a boca e estragar tudo ao causar uma nova discórdia.

No sofá à frente, meu pai limpa a garganta, relaxando o corpo no assento e levando as mãos até atrás da cabeça, as entrelaçando. Raven, por sua vez, inclina o tronco, pescando um dos cookies da travessa na mesinha de centro.

De repente, o som da minha irmã mastigando o biscoito é tudo que ouvimos.

— Então... — meu pai começa, resolvendo cessar o estranho silêncio desesperador. Ele força um sorrisinho nos lábios ao continuar, focando seus olhos em mim. — Como está o Caden?

Relaxo meus ombros antes de responder, sendo sincera.

— Bem. Ele viaja amanhã, tem um jogo na Pensilvânia.

— Contra o Pittsburgh Penguins, certo? — ele pergunta, se certificando. Assim que percebe meu cenho franzido, solta uma risadinha, afastando as mãos da cabeça e esfregando o cabelo grisalho de forma breve no meio do caminho. — Estou de olho nos Caps desde que começou a namorar o Prescott, querida. Tenho assistido alguns jogos, inclusive. Seu namorado é uma lenda. Com certeza, um dos melhores e mais rápidos da temporada.

— Bom, as estatísticas não mentem — digo, abrindo um sorrisinho em meus lábios.

— É uma pena que ele estava sem tempo para visitar seu pai no quarto, naquele dia que foi ao hospital — minha mãe lamenta, entrando em um tópico sensível ao se mostrar ter acreditado na mentira que contei, após minutos tentando pensar em uma desculpa boa o bastante para explicar porque Caden não foi capaz de entregar o presente que comprou ao meu pai. — Charles pareceu uma criança ao abrir o carro em miniatura que Prescott deu.

Ao meu lado, Raven para de mastigar. Minha irmã franze o cenho ao trazer seus olhos verdes aos meus, me encarando confusa.

Merda.

— Caden foi ao hospital? — É o que ela pergunta, ainda de boca cheia.

— Sim — respondo, mantendo a postura. — Você o avisou sobre a internação do papai, não se lembra?

A mais velha dá de ombros, se inclinando para pescar mais um cookie da travessa.

— Lembro, mas não sabia que ele tinha ido de fato. — Ela volta a se sentar corretamente, estendendo o biscoito em minha direção, levantando as sobrancelhas. — Isso aqui está *muito* bom, Avery. Trate de fazer mais vezes.

E imediatamente, diante da troca de assunto, sou preenchida pelo alívio. Não fui nada simpática com Caden naquele dia. E me arrependo disso, para ser sincera. Sei que Prescott só estava tentando ajudar, mas estou confusa. Extremamente confusa. E não sei lidar nada bem com todas as emoções conflituosas que parecem dominar meu corpo nos últimos dias.

— Como fez os biscoitos? — A voz da minha mãe me puxa de volta à realidade. Quando a encaro, percebo que também tem um cookie em uma das mãos, agora já mordido.

E de um modo estranho, tomo uma respiração profunda antes de respondê-la, entrando em um território até então desconhecido por nós. Um território onde os Lakeland, a família conturbada e caótica, engata em uma conversa agradável sobre receita de biscoitos, que logo se transforma em planos para a próxima semana e o que iremos fazer no Ano-Novo.

Um território onde Charles Wilfred abraça sua ex-esposa, com quem não conseguia passar sequer um minuto sem brigar. Onde Anastasia Lakeland estampa um sorrisinho nos lábios ao encostar a cabeça no ombro do cara que jurou ódio eterno.

Um território que, pela primeira vez, por mais estranho que seja, me faz pensar que talvez, no fundo, os anos que meus pais passaram separados podem mesmo ter feito bem para eles.

E percebo que Caden estava certo. Porque, mesmo se eu acordar amanhã e perceber que toda essa paz que nos cerca é apenas um fruto da magia passageira de Natal, saberei que valeu a pena. Pois dar risadas fáceis e viver em harmonia com a família vale a pena.

Então, Feliz Natal para os Lakeland.

COM A VITÓRIA DO WASHINGTON CAPITALS PARA CIMA DO PITTSBURGH PENGUINS, COM DOIS GOLS DE CADEN PRESCOTT, OS CAPS ALCANÇAM O TERCEIRO JOGO CONSECUTIVO LIVRE DE DERROTAS.

Por Jonas Edward
Just Like That.

O jogo de ontem à noite, na Pensilvânia, rendeu vários elogios para os Caps nas redes sociais. Após ganhar de 4 a 1, com dois gols do centro

Caden Prescott, o Washington Capitals levou alegria e euforia para o coração de diversos fãs espalhados pelo mundo.

E também a questão: Estaria Caden Prescott inspirado?

AMOR E PARCERIA ENTRE ESTRELAS!

Por Julie Milton
Charlotte.

Quebra do silêncio! Diante de todos os comentários que a atriz Avery Lakeland vem recebendo dos amantes de hóquei de Washington, que alegam vê-la funcionando como um amuleto da sorte para a estrela do time, Caden Prescott, seu namorado, Avery finalmente resolveu se pronunciar.

"Caden é um jogador incrível. Sempre foi. Estar comigo não o influencia em nada, além de fazê-lo mais feliz, eu espero", foi o que ela disse, soltando uma risadinha, ao responder uma caixinha de perguntas em seus s*tories* no *Instagram*, onde atualmente conta com mais de 12 milhões de seguidores.

DEU A LOUCA NO CINEMA! EXPECTATIVA NAS ALTURAS!

Por Clary Osman
Winter Rose.

Com a gigantesca repercussão que *"Um Clima Diferente"*, um filme que chega aos cinemas na segunda quinzena de janeiro, está causando nas redes sociais, bilheterias alegam já estarem sendo procuradas para compra dos ingressos, que só começa a partir da semana que vem.

Preparem os corações! Marlon Fournier e Avery Lakeland chegam às telonas em poucas semanas!

VEJA AGORA! FIM DE POSSÍVEIS RELACIONAMENTOS NO ELENCO DO FILME "UM CLIMA DIFERENTE", PROTAGONIZADO POR AVERY LAKELAND!

Por Jack G
Mais Cinema.

Todos sabemos que a trama já está na boca do povo, certo? Com um elenco incrível, *"Um Clima Diferente"* conta sobre a vida de três irmãs que se mudaram para Los Angeles, em busca de recomeçar a vida do zero.

Na história, Marlon Fournier interpreta o par romântico da protagonista Avery Lakeland, e muitos internautas ainda alegam que o que existiu entre os dois foi além das falas decoradas e atuação dos personagens, mesmo que Avery e Marlon já tenham desmentido os boatos, em uma entrevista ao programa de Jimmy Cazz, há um tempo.

Para a infelicidade dos fãs, mais corações foram quebrados na noite de ontem, quando Anne Carson postou um *story e*m seu *Instagram*, afirmando que seu a*ffair* com Ben Dumphy, o antagonista da trama, teve um fim. A atriz também chegou a comentar sobre o relacionamento dos dois no programa de Jimmy Cazz, há um tempo, alegando que tudo ainda era muito novo e que ainda estavam se conhecendo.



CADEN

No penúltimo dia de dezembro, estou de volta a Washington.

Virado para o espelho do elevador, passo uma das mãos nos fios escuros do meu cabelo, os ajeitando. Quando, pelo espelho, percebo a porta dupla e pesada atrás de mim se abrir, giro nos calcanhares, deixando a caixa metálica sem sequer hesitar. A mochila que costumo levar em todas as viagens pesa em minhas costas, e arrasto a mala grande comigo conforme dou alguns passos até parar em frente à porta da cobertura de Avery.

No instante em que levo a ponta de um dos dedos à campainha, a apertando, meu corpo é preenchido por uma ansiedade incontrolável.

Não vejo Avery desde o Natal. E mesmo que tenhamos conversado por mensagem todos os dias, nos atualizando sobre a vida um do outro e fofocando sobre famosos que se envolveram em polêmicas na última semana, cada mísera parte em mim sente falta dela. De cada detalhe dela.

No dia 28, Avery foi à Los Angeles, se juntar ao elenco do filme que protagonizou para dar entrevistas e tirar algumas fotos. Com a estreia cada vez mais próxima, sua agenda está uma loucura.

Eu tive um jogo nesse dia. E durante todo o caminho de volta até o hotel, nós fomos trocando mensagens. Quando ela me mandou um *emoji* de cocô, seguido por uma explicação que dizia: “Marlon está um saco. Ele

ficou se intrometendo em TODAS as perguntas que os entrevistadores faziam para mim", juro que me peguei com um sorriso gigantesco cortando o rosto.

Odeio esse cara.

Quando a maçaneta da porta é girada e o ranger baixinho dela se abrindo alcança meus ouvidos, já estou tirando a mochila das costas. Ela cai no chão, e sequer me lembro do que havia lá dentro ou do que poderia ter quebrado, pois a figura da mulher que tirou meu sono nessas últimas noites aparece à minha frente. E Avery Lakeland é tudo que vejo.

Com um sorriso no rosto, ela se joga em minha direção, passando seus braços pelo meu pescoço, me recebendo de maneira calorosa. E sentir seu perfume, mesmo que separados apenas por poucos dias, faz que uma sensação reconfortante invada meu peito.

— Descobri que sou um completo fracasso em ficar longe de você — digo, com a voz tranquila.

A risadinha que Avery solta faz com que os pelinhos do meu pescoço se arrepiem. Ela ergue o queixo, encontrando meus olhos.

— É claro que é — responde, convencida. Um sorrisinho brinca em seus lábios. — Sou seu amuleto da sorte.

Solto uma risada alta ao ouvir sua fala, tombando a cabeça para trás. Com o bom desempenho que tive nos últimos jogos, os fãs agora acreditam que Avery me traz sorte.

E talvez eles até estejam mesmos certos, porque, *porra*, até eu me surpreendi com as tacadas que dei.

— Vamos. — Lakeland se afasta, e de repente meus ombros, onde seus antebraços estavam apoiados, ficam mais leves. — Vou te ajudar a trazer as malas para dentro.

Ela me lança um último sorrisinho antes de se agachar e segurar a mochila que derrubei no chão há alguns minutos, assim que cheguei e estava ansioso demais para tê-la nos braços. E algo em seu olhar e na maneira que seus lábios se curvam me faz querer arrancar suas roupas e beijar sua boca até dizer chega.

— Assisti os cortes dos gols do último jogo — Avery comenta, assim que passamos pela porta. Com uma das mãos fechada na alça da mala de rodinhas, eu a arrasto comigo a cada passo que dou. — Você foi perfeito. De longe, o melhor. — Ela se vira para mim, apontando com o indicador da mão livre em minha direção. — E não é para ficar se achando, mas isso estava nítido. Até meu pai comentou.

— Seu pai assistiu ao jogo? — questiono, sem conseguir afastar o sorrisinho idiota dos lábios. Viro meu corpo minimamente, fechando a porta atrás de mim.

— Ele assistiu aos dois — Avery esclarece, dando alguns passos até o sofá, onde pousa a mochila pesada. — O contra os Penguins e contra os Phanters.

A felicidade estampada em meu rosto se alarga no mesmo instante.

— Então quer dizer que meu sogro de mentirinha sabe como sou incrível no gelo?

Lakeland revira os olhos de maneira teatral, soltando um suspiro fingido. Ela conecta nossos olhares antes de dizer, soando exatamente como uma mãe mandona:

— Eu falei para não ficar se achando, Prescott.

Rompendo a distância entre nossos corpos, dou alguns passos em sua direção, deixando a mala de rodinhas no mesmo lugar onde estava. Seus olhos me seguem a todo instante. E assim que paro à sua frente, voltando a enxergar suas íris esverdeadas de perto, sinto como se pudesse me perder facilmente dentro delas.

— Não se manda um jogador de hóquei parar de se achar — começo, mantendo a voz tranquila. Sinto Avery enrijecer assim que levo minhas mãos à sua cintura — Somos todos presunçosos. Está no DNA.

Ela separa os lábios, deslizando sua atenção para a minha boca antes de dizer, com a voz baixa, que transparece o efeito que meu toque tem sobre si:

— Achei que odiasse esse negócio de generalizar as pessoas.

Dou de ombros, levando uma das mãos até seu rosto. Segurando seu queixo, eu o ergo, a fazendo levantar a cabeça para conectar nossos olhares novamente. E, como sempre, nossa conexão é eletrizante.

— Bom, existem coisas que são fatos. E essa é uma delas — revelo, com a voz fraca. Enxergando a imensidão por suas íris, engulo em seco antes de continuar. — Outra coisa que não tenho dúvida nenhuma é que quero muito te beijar agora.

Avery sequer se abala assim que escuta minhas palavras. Ela movimenta o rosto minimamente junto ao meu polegar assim que deslizo em sua pele macia, acariciando seu queixo.

— Então vamos brincar de generalizar. — É o que solta, com a voz embargada. — Algo me diz que todas as pessoas nesta sala sentem o mesmo

que você.

Me inclinando para frente, aproximo nossos rostos, roçando as pontas dos nossos narizes antes de sussurrar:

— E como só estamos nós dois aqui, é exatamente isso que vou fazer. Te beijar.

E então, cumpro minha palavra. Choco nossos lábios, seguro e impaciente, como se os últimos segundos de preparação para este momento tivessem sido pura tortura. A onda de adrenalina que percorre meu corpo chega sem pudor algum. E no instante que Avery leva sua mão até a gola da minha camiseta preta, a prendendo entre os dedos e me puxando ainda mais para perto, intensificando o contato de nossos corpos, minha língua pede passagem por entre seus lábios.

E é pura magia.

Porque Avery Lakeland é como uma dose de absinto. Viciante, amarga e capaz de levar qualquer um à loucura.

E sinto como se já estivesse completamente entregue a ela.



AVERY

Às vezes penso se minha mãe não assistiu *Gossip Girl* demais. Porque a mesa à minha frente, com certeza é digna de um jantar requintado dos Waldorf.

Com uma toalha escura, que forra a estrutura de madeira, taças e baldes com diversas garrafas de bebida e gelo, ela abriga uma refeição mais do que completa. E um tanto exagerada, se levarmos em consideração que somos apenas seis pessoas para toda essa imensa variedade de pratos.

A mesa da casa da minha mãe, em formato retangular, tem um tamanho bom, e todos nós conseguimos nos acomodar de maneira decente. Caden e eu estamos de um lado. Meus pais, estão um em cada ponta. Raven e Thomas, o cirurgião plástico bonitão que finalmente resolveu pedi-la em namoro, estão sentados do outro lado.

E ele permanece com os olhos brilhantes cravados em Caden, como se ainda estivesse perplexo por estar passando o Ano-Novo com a lenda do Washington Capitals.

— Torce para os Caps, Thomas? — Como se seus pensamentos estivessem seguindo na mesma direção dos meus, é o que meu pai questiona. Charles dá mais uma garfada no *cocktail* de camarão com molho picante que

preparou. Não consigo me lembrar de um evento em família que ele não tenha feito esse prato. É sua especialidade, afinal.

Thomas, parecendo se libertar do transe que o consumiu, dá um pulo na cadeira, deslizando seus olhos até os conectar à feição tranquila de Charles Wilfred, que agora incorpora o papel de um sogro querendo conhecer o genro mais a fundo.

— O quê? — ele pergunta, meio atordoado.

Meu pai abre um sorrisinho nos lábios antes de pousar o talher na mesa e endireitar a postura, dizendo:

— Eu perguntei se você torce para os Caps. Está encarando o Prescott desde que nos sentamos à mesa.

E isso é tudo que Thomas precisa ouvir para ficar parecendo um pimentão. Suas bochechas enrubescem em uma fração de segundo, e ele separa e fecha os lábios diversas vezes, como se a vergonha tivesse impedido que palavras escapassem por sua boca.

Raven lança um olhar fulminante para Charles, o repreendendo apenas com a força de suas íris esverdeadas. Ela leva a mão até a do namorado, sobre a mesa, procurando acalmá-lo.

— Sim, pai. — É o que diz, em seguida, se forçando a manter a voz tranquila. — Thomas curte hóquei e é torcedor dos Caps.

E imediatamente, o homem ruivo ao seu lado, assim que se dá conta de que não terá que dizer nada, parece voltar a respirar. A vermelhidão deixa sua pele pálida, e ele leva uma das mãos até o colarinho da camisa social branca que veste, afrouxando a gravata cor de vinho.

— É sério? — Caden se certifica, ao meu lado, sua voz saindo carregada de animação. Ele coloca uma das mãos nas costas da minha cadeira enquanto se balança na dele, com apenas duas pernas coladas ao chão, se equilibrando. — Já assistiu algum jogo na arena?

Observo o instante exato em que Thomas volta sua atenção para Prescott. Seus olhos castanhos cintilam como se estivessem diante de uma obra-prima.

— Já. Eu... — Ele pisca, engolindo em seco, tentando manter a postura e afastar o nervosismo na voz embargada. — Eu já fui várias vezes. Acompanho o time desde que era criança.

Prescott fica feliz com a resposta, pois um sorriso de orelha a orelha se estampa em seus lábios.

— Que legal saber disso. — É o que ele comenta, genuinamente empolgado por descobrir que o atual namorado da sua cunhada de mentira é seu fã.

E, convenhamos, não é uma grande coisa. Seria, se Caden e eu estivéssemos juntos de verdade.

— Como foi o seu Natal, Prescott? — A voz de minha mãe alcança meus ouvidos ao mudar de assunto repentinamente, vinda de uma das pontas da mesa. Anastasia está linda. Com os cabelos tingidos de loiro soltos e enrolados nas pontas, um vestido branco que realça suas curvas e pulseiras cintilando em seu pulso, tenho certeza de que poderia tirar o fôlego de muitos caras por aí.

Minha mãe é uma mulher extremamente elegante. Isso não dá para negar.

Os lábios de Caden se moldam em um sorrisinho repleto de malícia assim que seus ouvidos captam a pergunta. Ainda se equilibrando na cadeira, ele move os olhos até os meus.

— Maravilhosamente bom. — É o que responde.

E ciente do rumo que seus pensamentos depravados tomaram, tento chutar as pernas da sua cadeira, buscando derrubá-lo, mas o idiota prevê meu movimento e fecha uma das mãos em meu joelho antes que eu consiga colocar meu plano em ação.

— *Tenha modos, esquentadinha* — Caden sussurra, me provocando ao aproximar nossos rostos, apenas para que eu escute. O maldito sorriso ainda se faz presente em seus lábios.

— Você e Avery passaram a data juntos, não? — minha mãe continua, insistindo no assunto. — O que fizeram?

No mesmo instante, os olhos de Prescott são encobertos por uma névoa de memórias que aconteceram há dias. Memórias sujas e pervertidas.

— Assistimos um filme — ele responde, sequer se dando ao trabalho de lançar um único e breve olhar à minha mãe. Seu rosto ainda está perto do meu. Perto demais. É como se nossos olhares, carregando uma conexão eletrizante, pudessem faiscar a qualquer momento. Seus dedos apertam levemente meu joelho, e perco a linha de raciocínio por completo. — Homem-Aranha.

Quando Caden desvia a atenção, passando a encarar Anastasia de um jeito sutil e calmo, em uma postura fingida de bom-moço, acerto um chute de leve em sua canela, por baixo da mesa.

Prescott volta os quatro pés da cadeira ao chão imediatamente, desistindo de continuar se equilibrando feito uma criança entediada na sala de aula. Ele aperta meu joelho mais uma vez antes de afastar a mão da minha pele, cessando o toque. E sentindo a boca seca, alcanço a *Long Neck* gelada à sua frente, a roubando para mim.

Dou um longo gole na bebida, desejando que sua frieza apague o fogo que se acendeu em mim.

Assim que ergo meus olhos até Raven, minha irmã falha ao tentar conter um sorrisinho no rosto, como se tivesse percebido o efeito que a aproximação de Caden me causa. Tentando disfarçar, ela dá mais uma garfada no macarrão em seu prato — preparado pela minha mãe.

Ainda me sinto surpresa por saber que Charles Wilfred e Anastasia Lakeland conseguiram preparar um jantar inteiro sem se matar. Sei que agora estão juntos novamente, e que aparentam estar diferentes, mas me lembro perfeitamente da vez que conheceram Caden, no jantar que organizamos em meu apartamento. Os dois competiram entre si, em busca de algo que comprovasse que um prato que prepararam era melhor que o outro. Raven e eu, como sempre, tivemos de comer um pouco de cada um.

Hoje, estou desfrutando apenas do camarão. Minha irmã, apenas da massa em seu prato. E nossos pais sequer parecem se importar.

— E quanto a vocês? — minha mãe desliza os olhos até Raven e Thomas, que entram em alerta e a encaram no mesmo instante, à espera do desenrolar de sua fala. — Como foi o Natal no hospital?

— Conturbado — Thomas responde, ainda aparentando estar pouco à vontade. Me pergunto se esta é a primeira vez que ele conhece os pais de alguma namorada. Ou se só está assim por estar diante da presença de Caden Prescott, um cara de quem é fã. — As pessoas parecem enlouquecer nessa data.

E assim que ele e Raven passam a contar sobre os casos bizarros que aconteceram no Natal, incluindo o cara que engoliu a bolinha de enfeite da árvore, sequer consigo prestar atenção. Porque, de repente, estou com um sorrisinho inevitável estampado em meus lábios.

Porque estar nesta mesa, reunida com a família e acompanhada por Caden, faz com que algo se acenda dentro de mim. E enxergar a paz que nos cerca, é mágico.

Me traz a vontade de abafar todas as vozes que insistem em gritar na minha cabeça, me implorando para não deixar que meu coração seja levado

pela emoção do momento e permanecer focada nos resquícios de consciência que ainda se fazem presente na minha mente. E todos eles alegam apenas uma coisa. *Dizem que estou cercada pelo erro.*



A contagem regressiva estampada na grande televisão pregada a uma das paredes da sala, diretamente da festa da Times Square, mostra que faltam apenas dois minutos para a virada de ano.

Estamos todos espalhados pelo cômodo, à espera de novos 365 dias que estão por vir. E assistindo ao evento na TV, esperando pelo momento em que a bola gigante cairá do edifício *One Times Square* e atingirá o chão, levando todas as milhares de pessoas que a assistem no local à loucura, Caden envolve minha cintura com um dos braços.

Nós, assim como Raven e Thomas, que estão posicionados em frente ao sofá, conversando e rindo baixinho, também temos taças vazias nas mãos. Meu pai, por incrível que pareça, esqueceu de pegar o champanhe na cozinha e teve que ir de última hora, em passos apressados. Minha mãe, a apenas um curto espaço de distância de nós, também espera pela sua volta.

Caden desvia o olhar para longe da tevê, o focando em meu rosto. Ele aperta minha cintura levemente, como se dissesse que quer que o olhe nos olhos também. E assim que faço, Prescott sussurra, com um sorriso de canto moldando os lábios:

— Um minuto.

— Um minuto — repito, também em um tom baixo.

No mesmo instante, o grito do meu pai, avisando que voltou, invade o cômodo, chamando a atenção de todos. Ele sai apressado, enchendo as taças que seguramos com o champanhe para a comemoração. Assim que passa por todas, deixando a minha por último, lanço um olhar beirando ao desespero para a tevê, vendo que faltam apenas quinze segundos para o relógio bater meia-noite.

E estou prestes a dizer para esquecer minha taça, temendo que não chegue até minha mãe a tempo de dar o tão tradicional beijo na hora certa, quando ele termina de enchê-la.

Charles corre pela sala, deixando a garrafa vazia na mesinha de centro de forma estabanada, sequer se importando com o fato de que ela

poderia cair e molhar tudo ao seu redor, ou até mesmo quebrar. E assim que ele para em frente à minha mãe, levando uma das mãos até a cintura dela, sinto uma pontada de esperança preencher meu coração.

Não concordo com nenhuma das atitudes que ambos tomaram durante o turbulento relacionamento que tiveram. Muito menos com a traição da parte do meu pai. E não posso dizer que entendo o porquê da minha mãe ter aceitado voltar com ele depois de tudo, mas consigo ver que algo está diferente agora.

E não sou uma pessoa horrível. Se for da vontade dos dois seguir com esse relacionamento, mesmo que eu não concorde, ainda vou esperar que sejam felizes. Porque são meus pais, afinal. E mesmo com todo o resto, eu os amo.

Sinto a névoa preencher meus olhos quando começamos a contagem regressiva junto ao locutor na tevê. Foco minhas íris em Prescott, que não desviou os olhos do meu rosto desde que começamos a contar. Um sorrisinho marca seus lábios, e sua mão faz uma leve pressão em minha cintura, que seu braço permanece rodeando.

Sempre ouvi que no Ano-Novo, os corações tendem a ser tocados. Tendem a ser preenchidos pela esperança de que algo novo está por vir. De que a vida está te dando uma nova chance para *recomeçar*. Para consertar os erros e ser quem finalmente deseja ser. E nunca entendi esse sentimento. A virada de ano dos Lakeland, assim como o Natal, sempre foi turbulenta.

Até hoje.

Porque agora, olhando em volta, enxergando meus pais juntos, sorrindo um para o outro, Raven feliz ao lado de Thomas, e o jogador de hóquei presunçoso posicionado ao meu lado, que virou minha vida de ponta-cabeça no instante em que decidiu travar uma guerra orgulhosa por um quadro comigo, sinto como se tudo estivesse certo.

Como se fossemos uma família normal, cheia de amor para dar.

E eu até poderia me preocupar com esse fato. Até poderia ceder e ouvir os gritos do meu cérebro, me implorando para abrir os olhos e enxergar a farsa que me cerca, composta por um namorado que não é real e pais que decidiram voltar após passar anos infelizes juntos, mas sequer tenho tempo.

Porque quando o relógio na tevê marca zero e todos ao meu redor gritam *"Feliz Ano-Novo!"*, Caden choca nossos lábios. E o contato de sua boca macia e com gosto amargo de bebida na minha, é capaz de me inebriar,

de me viciar e, ao mesmo tempo, me trazer um conforto que nunca havia experimentado até conhecê-lo.

Como se fosse casa.

— Feliz primeiro dia do ano, esquentadinha. — É o que Caden sussurra, ainda com a boca contra a minha.



34

CADEN

Quando a porta dupla metálica do elevador se fecha, Avery e eu sequer ligamos para a existência da câmera apontada para nós.

Com a boca colada na minha, Lakeland leva a mão até minha nuca, suas unhas compridas raspando na pele e fazendo um carinho não intencional na região. Pressiono meus dedos em sua cintura antes de enroscá-los no tecido branco do vestido que usa e puxá-la ainda para mais perto, colando nossos corpos até que não haja mais espaço algum entre nós.

Um calafrio percorre meu corpo e se instala entre minhas pernas.

Avery é... *Puta merda!* E esse vestido...

— Já é bem tarde — ela comenta, separando nossos lábios. Me obrigo a conter um resmungo de desaprovação quando o contato é quebrado. Seus olhos esverdeados se fixam nos meus antes que sua boca se abra novamente, apenas para concluir seu raciocínio. — Vai passar a noite aqui?

Faço que sim sem hesitar, perdido em meio à imensidão de suas íris. É como se elas estivessem cobertas por pequenas estrelas que brilham e ardem, com o poder de me levar a lugares incríveis, e de atrair-me ao mais intenso caos.

Troca de olhares é uma coisa perigosa. Eletrizante e perigosa. Alguns olhos têm o poder de te tocar mais do que mãos jamais poderiam. E

encarar os de Avery me faz sentir como se pudesse me perder facilmente em meio a eles. Como se *quisesse* me perder.

Me pergunto se isso é o que ela sente também. Se me enxerga da maneira que a enxergo, se pensa tanto em mim quanto penso nela ou se sorri quando escuta meu nome.

— Vou — minha voz embargada responde. Ainda com as mãos em sua cintura, engulo em seco antes de continuar. — Tem problema?

— Não — ela diz, convicta. A seriedade em seu semblante logo é substituída por um sorrisinho brincalhão, que toma seus lábios. Avery tomba a cabeça para o lado. E é adorável pra caralho. — Sabe, Raven vai dormir na casa do Thomas... Você pode ficar no quarto dela.

Forço uma indignação fingida, franzindo o cenho no mesmo instante, contendo o riso que ameaça escapar do fundo da minha garganta.

— Está falando sério? — questiono, apesar de saber que não. Pressiono os dedos em sua cintura com um pouco mais de força, a provocando. O corpo da atriz enrijece em resposta, e logo estou com um sorriso arrogante nos lábios. — Acho que não.

Quando o elevador chega à cobertura e a porta dupla se abre, Avery me dá uma cotovelada, me fazendo rir antes de se virar de costas e sair da caixa metálica. A sigo sem hesitar.

— Gostei do Thomas — digo, mudando de assunto, andando atrás dela enquanto procura pelas chaves do apartamento em sua pequena bolsa. O som oco dos saltos em seus pés batendo contra o chão repetidas vezes preenche o corredor silencioso. — Acho que ele é um cara legal.

— Eu também — Avery diz, assim que para em frente à porta da sua cobertura. Ela enfia a chave na fechadura, destrancando-a antes de girar a maçaneta e abrir espaço para que entremos em seu apartamento, coberto pelo breu. — Raven é uma romântica incorrigível. Ela cresceu lendo romances e assistindo filmes melosos, mas só se envolveu com caras babacas. Espero que com Thomas as coisas sejam diferentes.

— Vão ser — asseguro, apesar de não ter certeza. É sempre bom ter um pensamento positivo nas coisas.

Acho que isso é exatamente o que estou fazendo nos últimos dias, afinal. Me obrigando a pensar positivamente diante do fato de que Avery possui um coração gelado para o amor. E manter as esperanças de que talvez isso possa mudar. Que talvez, apesar da maneira como tudo isso começou, possa se apaixonar por mim.

Lakeland tateia a parede em busca do interruptor. Assim que seus dedos o encontram e o pressionam, a claridade invade a sala, nos permitindo enxergar algo além do escuro. Ela fecha a porta, trancando em seguida.

— Preciso tirar esses sapatos. Estão me matando. — É o que resmunga, jogando a bolsa em uma das poltronas antes de ir até o sofá, onde se senta. Pousando o celular de maneira cuidadosa ao seu lado, com a tela virada para cima, ela começa a desafivelar os saltos, trazendo alívio para seus pés.

Se equilibrar nessas coisas por horas deve ser uma merda.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto, saindo em direção à cozinha. Passo para o outro lado da ilha, tirando o celular do bolso da calça e o posicionando sobre o mármore do balcão.

— Não, valeu. Mas tem cerveja na geladeira, se quiser. — A voz de Avery alcança meus ouvidos.

Ando até a geladeira, abrindo a porta metálica da mesma e alcançando uma das garrafas de *Long Neck*, posicionadas ao lado de uma garrafa cara de uísque. Pego uma faca em uma das gavetas, usando a base dela para tirar a tampinha da cerveja em minhas mãos.

Dou o primeiro gole na bebida, sentindo o amargor descer gelando a garganta.

E então, o apito de uma notificação chegando em meu celular invade meus ouvidos. E logo em seguida, o mesmo som também vem do aparelho no sofá, ao lado de Avery.

Ao perceber a coincidência, trocamos um olhar silencioso, repleto de perguntas e dúvidas não proferidas. Franzo o cenho ao me aproximar da ilha, pousando a bebida gelada no mármore do balcão. Levo uma das mãos até o aparelho, lendo o que se estampa na tela bloqueada.

Savannah criou um grupo chamado *"Feliz Ano-Novo!"*. E, além de mim, adicionou Avery e Paxton.

Destravo a tela assim que as mensagens começam a chegar.

Savannah: *Feliz primeiro dia de janeiro!*
Vocês chegaram até aqui. E não se mataram no meio do caminho.

Paxton: *Estamos orgulhosos.*
O plano funcionou da maneira que planejamos.

De repente, é como se a realidade, fantasiada de um balde d'água fria, fosse jogado sobre mim. De maneira impiedosa, sem aviso prévio. Porque *estamos em janeiro*. E o que acontece entre Avery e eu, seja lá o que for, está chegando ao fim.

— Paxton e Savannah estavam certos, no fim das contas. — A voz da atriz vem de longe, saindo baixa. Quando ergo meus olhos até ela, percebo que, ainda sentada no mesmo lugar, também tem o celular nas mãos. E acabou de ler o mesmo que eu. Ela dá de ombros, armando um falso sorrisinho nos lábios. Seus olhos revelam tudo. E transparecem que, assim como eu, não está feliz com o fim da jornada ficando cada vez mais próximo. — Você voltou a ser o jogador queridinho. E meu filme está se saindo bem.

Preciso engolir em seco antes de responder, reunindo todas as minhas forças:

— Vai ser um sucesso. — E mesmo que eu realmente acredite nisso, mesmo que esteja feliz por Avery e porque, no fim, essa enrascada maluca que nos enfiamos funcionou de maneira perfeita, minha voz sai fraca. Sem empolgação nenhuma.

Porque, mesmo que tente me forçar a acreditar que tudo deu certo, sei que estarei mentindo a mim mesmo. Ainda falta uma coisa. Uma coisa muito importante, aliás.

Falta que a mulher que eu aprendi a amar, me ame de volta. Que a atriz esquentada e ranzinza que conheci há meses, em uma exposição beneficente, se apaixone por mim assim como me apaixonei por ela. Que a mulher difícil de lidar e viciada em histórias sangrentas confie seu coração a mim, assim como poderia confiar o meu a ela, se essa fosse sua vontade.

Porque eu *a amo*. E não a amo da mesma forma que amo meu smoothie de blueberry, vinte minutos de sono extra antes do treino, a torta de morango da minha mãe ou duchas geladas depois de jogos exaustivos e difíceis de vencer. Eu a amo de uma maneira que me consome.

— Não acha que precisamos conversar? — É o que resolvo perguntar, entrando no assunto que temos evitado completamente nos últimos dias. Cada palavra proferida tem um gosto amargo em minha língua.

E é péssimo pra caralho.

Avery coloca o celular em seu colo antes de trazer seus olhos acesos até os meus, focando apenas em mim.

— Sobre? — É o que pergunta, mas o movimento que sua garganta faz ao engolir em seco, como tende a acontecer sempre que entramos em um

tópico sensível, indica que sabe muito bem a que estou me referindo.

Endireito a postura antes de continuar.

— Sobre o que vai acontecer depois.

Ela separa os lábios, buscando o que responder, mas nada sai. Em seguida, os fecha. Seus olhos permanecem focados nos meus.

— Já estamos em janeiro. — Coloco o celular de volta no mármore antes de me afastar dele, dando a volta pela ilha do balcão, voltando à sala. — Faltam duas semanas para a estreia do filme em Nova York. — É o que solto, com a voz fraca. Quando me sento ao lado de Avery no sofá, sinto sua atenção cravada em cada um dos meus movimentos. — E a gente sabe o que vai acontecer depois desse dia.

Ela solta um suspiro fraco demais, quase como um sopro. Seus ombros acompanham o gesto, subindo e descendo conforme enche e libera ar dos pulmões.

— Vamos dar um fim à mentira — Avery completa. Suas íris de repente estão cobertas com uma névoa parecida com tristeza. Mas então, como se percebesse que está deixando seus sentimentos evidentes em sua postura cabisbaixa e chateada, ela endireita o corpo, erguendo um pouco o queixo ao tentar passar um ar inabalável. — Assim como foi combinado desde o início. Vamos inventar uma desculpa esfarrapada e acabar com o namoro falso, podendo finalmente seguir nossas vidas. — Arma um sorrisinho nos lábios. E, *porra*, *sei* que ele não é real. Sei que não está feliz. — Tudo vai voltar a ser exatamente como era antes.

— E é isso que você quer? — pergunto, antes mesmo que possa dar tempo suficiente para que meu cérebro processe a pergunta e decida se arriscar a receber uma resposta que, muito provavelmente, partirá meu coração em diversos pedacinhos. Avery não diz nada. Apenas permanece me encarando, com a feição agora impassível. — Responde, esquentadinha. É isso que você quer? Acabar com tudo de vez? Ficar longe de mim? — minha voz sai baixa demais, fraca demais. Um reflexo contrário do turbilhão de sentimentos que me preenchem e parecem brigar de forma desesperada uns contra os outros. Deslizando pelo sofá, até estar sentado mais perto dela, travo a mandíbula ao levar uma das mãos a um dos lados do seu rosto, acariciando sua bochecha. Avery fecha os olhos ao sentir meu toque, revelando mais um sinal de fraqueza que tanto deseja evitar sentir. — Porque eu não quero que isso acabe.

E então acontece. Caden Prescott entrega seu coração a uma garota após longos anos sem se apaixonar.

Solto uma risadinha sem força alguma, chacoalhando um pouco a cabeça antes de continuar:

— Não sei quem sou para você, Avery. E entendo que tem seus motivos para ter passado a vida toda fechada para o mundo, rodeada por grandes muralhas que te protegiam de quebrar a cara ou o coração. Sei que não quer passar pelo mesmo que seus pais. Que tem medo do que pode acontecer se se entregar aos seus sentimentos. — Engulo em seco assim que Avery abre os olhos, voltando a me encarar com suas profundas íris esverdeadas. Estamos perto. Perto demais. — Mas sei quem você é para mim. E sei quem quero que sejamos um para o outro.

Em silêncio, ela afasta o rosto do meu toque, erguendo o queixo, sem desviar o contato visual. Recolho a mão no mesmo instante, soltando um suspiro fraco. Assim que seus lábios se abrem de forma hesitante e percebo, rápido demais, que está prestes a dizer qualquer coisa para fugir do rumo da conversa, mudando de assunto, resolvo continuar, acabando com todas as suas chances de ser bem-sucedida:

— Vivi as mesmas últimas semanas que você. E sei que não estou louco quando digo que o que existe entre a gente é real pra caralho. E que mesmo com a maneira que tudo começou, já planejado, podemos mudar o final dessa história.

Seus olhos são cobertos pela névoa quando ela solta, quase em um sussurro:

— Não podemos, Prescott. — Mas seu corpo revela que deseja o contrário. A expressão triste em seu rosto, a respiração acelerada... Todas essas merdas revelam que o que diz é da boca para fora. Que o que realmente quer é gritar que concorda comigo, que está cansada de mentir para si mesma. Mas, mais uma vez, Avery se rende aos seus traumas e bloqueios.

E eu me sinto fraco. Como se uma parte importante fosse arrancada de mim. Como se meu coração precisasse de reparos. Porque não disse que a amo, mas sei que ela sabe. Está estampado nos meus olhos, afinal.

— Sinto muito — Avery diz, com a voz repleta de pesar. Ela desvia o olhar, levando as íris machucadas para longe, as focando em um ponto específico do piso. — Não era para ser assim. Não era para ninguém sair machucado no final.

E não preciso ser o cara mais inteligente do planeta para entender que não está apenas se referindo a mim e meu coração em frangalhos. Para entender que também se inclui nesta frase.

Porque Avery Lakeland carrega sentimentos por mim. E isso sempre esteve visível. Desde o início, quando sua respiração se acelerava sempre que eu me aproximava. Ou quando cedia aos seus desejos e me beijava, mesmo que relutasse, já que pelo que conheço dela, imagino que sua consciência gritava em sua cabeça, a alertando de que cada beijo era um tremendo erro.

Uma vez minha mãe me disse que pessoas intensas precisam que os outros sejam apenas um pouquinho mais pacientes para compreendê-las. E eu tento. Juro que tento. Com cada mínima parte do meu ser. Mas o que adianta eu a entender, se nem ela mesma consegue compreender seus sentimentos?

— Acho melhor eu ir embora — digo, com a voz rouca, resultado das tantas vezes que engoli em seco nesses últimos minutos de conversa. Avery volta a trazer seus olhos até mim, me encarando de um modo que faz meu corpo querer abraçá-la no mesmo instante.

Ela separa os lábios, como se fosse dizer algo, mas acaba desistindo ao fechá-los novamente.

Me levanto do sofá, pisando ao lado dos seus saltos, agora jogados pelo piso. A lanço um último olhar, sentindo meu peito queimar, e emoções começarem a desejar serem transbordadas pelos olhos. Então, reunindo as últimas forças existentes em mim, tomo uma respiração profunda antes de desejar:

— Feliz primeiro de janeiro, esquentadinha. — E nós dois sabemos que o significado que essa frase carrega vai muito além do que está explícito.

Sequer espero para ver a expressão que toma o semblante de Avery assim que escuta minhas palavras. Dou as costas, indo até o balcão da cozinha, pegando meu celular e a garrafa de cerveja quase cheia que tomava há minutos, quando ainda pensava que teríamos uma noite agradável. E então, sem mais, deixo seu apartamento, destrancando e girando a maçaneta antes de sair pela porta.

Avery nem ao menos me chama ou tenta me impedir.

Nós dois já presenciamos tanto como o amor pode ser feio, sombrio e caótico, que é difícil ceder à vontade de voltar atrás.



35

AVERY

Pela primeira vez, sinto como se a frieza do escritório de Savannah fosse um reflexo perfeito do sentimento que me preenche.

O ar-condicionado, como sempre, está ligado em uma baixa temperatura, fazendo os pelos do meu braço se arrepiarem e meu queixo bater de frio. Sentada à minha frente, do outro lado da sua mesa, minha agente ostenta um grande sorriso nos lábios ao ler as últimas notícias que saíram sobre o meu filme na internet.

— Com grande expectativa dos fãs de comédias românticas, *"Um Clima Diferente"* é um filme que tem de tudo para conquistar corações ao redor do mundo — ela continua lendo, com os olhos cravados na tela do laptop à sua frente, soando como uma mãe orgulhosa. Sav está contente. Sua felicidade está estampada em seu rosto. De forma evidente, para todos verem.

Ela está realizada. Realizada por saber que o plano que criou funcionou e que agora o primeiro filme que protagonizei será um grande sucesso.

E não a julgo. Conseguimos o que queríamos no final, não? Todos nós deveríamos estar saltitando pelos cantos, jogando confetes para cima e

cantarolando como se fossemos os Anões da Branca de Neve. Todos deveríamos estar radiantes diante das conquistas almejadas desde o começo.

Mas apenas Paxton e Savannah parecem completamente satisfeitos com o fim que a grande bola de neve que nos consumiu, fantasiada de relacionamento de mentirinha, está tomando.

— Paxton comentou alguma coisa sobre o jogo do Caden de ontem? — É o que pergunto, sequer dando tempo necessário para que meu cérebro processe minhas palavras.

Faz uma semana desde que Prescott deixou meu apartamento sem olhar para trás, levando o celular, uma garrafa de cerveja e tristeza em seus olhos. Uma semana desde que nos falamos pela última vez. Desde que tive a última notícia dele.

Bom, pelo menos até ontem, quando abri o Instagram e me deparei sem querer com uma postagem que dizia que os Capitals haviam perdido feio para o New Jersey Devils.

Savannah ergue os olhos no mesmo instante, os afastando da tela do laptop. Assim que suas íris castanhas se conectam às minhas, seu semblante se transforma, e a expressão radiante é substituída por uma que diz que sabe mais coisas do que já lhe contei um dia.

Nunca falei sobre minha relação com Caden com ela. Sobre a nossa relação *de verdade*, que ia além da farsa. Mas sei quanto Sav é observadora. Sei quanto me conhece.

Seria ingenuidade se pensasse que, no meio do caminho, ela não fisgou sequer um sinal que lhe dizia que Caden e eu estávamos nos apaixonando um pelo outro.

Endireitando a postura, ainda sentada em sua poltrona marrom, minha agente engole em seco antes de dizer, respondendo à minha pergunta:

— Sim. — Sua voz sai vaga. — Paxton chegou a comentar sobre o desempenho de Prescott no jogo de ontem. Disse que ele não foi nada bem, que cometeu erros ridiculamente fáceis de serem evitados. Falou que parecia que Caden estava com a cabeça nas nuvens.

De repente, estou me sentindo a pior pessoa do mundo. Ele devia estar concentrado. Com o fim da temporada regular cada vez mais próximo, Caden *devia* estar conseguindo jogar bem, como sempre fez.

Ele é um dos melhores jogadores da atualidade, afinal.

— Ele está sendo pressionado pelos fãs. E o treinador Weston está no pé dele. Vai dar tudo certo. — É o que Savannah diz, sua voz

reconfortante transbordando calmaria, como se, apenas pelo meu olhar de desespero, pudesse presumir que rumo meus pensamentos tomaram.

Estou prestes a me afundar na poltrona que ocupo, buscando encolher meu corpo enquanto desejo que um grande buraco escuro se abra sob meus pés e me engula, quando Savannah inclina o tronco para frente, esticando o braço sobre a sua mesa. Minha agente fecha a mão sobre a minha, em um gesto reconfortante, buscando me acalmar.

Quando Sav foca seus olhos nos meus, suas íris exalam intensidade. E é um daqueles momentos que sei que irá falar algo importante ou dar algum conselho bom o suficiente para que eu sequer pense em não seguir.

Porque mesmo que seja uma mulher um tanto fechada, eu a conheço bem.

— Falta quase uma semana para a estreia, Avery. Ainda não acabou. — É o que ela diz, com a voz baixa, quase como se fosse um segredo. Permaneço fitando seus olhos, deixando que as palavras que solta sejam absorvidas pelo meu cérebro. — Não posso garantir que sei o que realmente aconteceu entre você e Caden nesses últimos meses, mas sei que foi algo além do que era esperado. Vejo a maneira como olha para ele sempre que estão no mesmo ambiente ou nesta sala. Percebo como seus olhos brilham, mesmo quando Prescott se esforça para te irritar, com aquele jeito presunçoso dele de ser. *Sei* que, no fim, tudo isso foi além de uma mentira contada para multidões. Que existe algo real no meio dessa história. — Savannah dá uma breve pausa. Em seguida, se ajeita na cadeira, ainda com a mão fechada sobre a minha, e continua, dizendo ainda mais baixo. — E te conheço bem o bastante para imaginar que esteja travando uma guerra consigo mesma, decidindo se irá se render ao que acredita ou ao que seu corpo deseja. Por isso, Avery, só irei te dar um conselho. — Ela solta um breve suspiro, pressionando minha pele, como se me dissesse que esta é a hora que mais devo prestar atenção no que tem a falar. — Irei te dizer para esquecer a razão e escutar apenas o seu coração.



PARTE QUATRO

ESCUTE O CORAÇÃO

EXCLUSIVO! ONDE ESTÁ CADEN PRESCOTT?

Por Lily Davez
Just Like That.

Nossa equipe acabou de conseguir imagens do jatinho particular da agente Savannah Gray levantando voo do aeroporto privado de Washington, levando a atriz Avery Lakeland e sua equipe para a estreia do novo filme *"Um Clima Diferente"*, que acontecerá daqui três dias em Nova York.

O problema é que ninguém sabe onde Caden Prescott está. Será que o jogador irá em outro avião? Ou será que deixará de prestigiar sua amada nesse evento tão importante e aguardado pelos fãs?

FLAGRADO! A ESTRELA DO HÓQUEI CADEN PRESCOTT FOI PARADO POR ALGUNS FÃS NESTA MANHÃ, NO AEROPORTO, ENQUANTO ESPERAVA PELO SEU VOO PARA NOVA YORK.

Eve Wade
Charlotte.

O jogador, que até então estava sendo bombardeado pelos fãs, que se questionavam se ele iria ou não prestigiar sua namorada, Avery Lakeland, na estreia do filme que protagonizou, foi avistado no Aeroporto de Washington, esperando pelo voo que o levará até a Big Apple, onde o evento vai acontecer.

CONFUSÃO EM HOTEL EM NOVA YORK ASSUSTA HÓSPEDES!

Wendy Uills
Winter Rose.

Duas adolescentes acabaram de brigar em frente ao Plaza Hotel, em Nova York, onde o elenco de *"Um Clima Diferente"* está hospedado.

A confusão começou com as fãs de Marlon Fournier, o francês que interpreta Bernard Petit no filme, sendo o par romântico da atriz Avery Lakeland. As jovens de aproximadamente 16 e 17 anos, após o alvoroço, foram expulsas do local pelos seguranças.

FINALMENTE TODOS EM SOLO NOVA-IORQUINO!

Por Graham Luke
Mais Cinema.

Nossa equipe acaba de confirmar que o avião de Caden Prescott pousou na Big Apple há alguns minutos, para o conforto do coração dos fãs.

Quem aí está ansioso para as fotos do casal?



AVERY

Enquanto sigo Savannah em passos automáticos pelo saguão do Plaza Hotel e a escuto tagarelar sobre meus compromissos do dia, listando um por um, permaneço varrendo o local com meus olhos, que insistem em procurar por aquele que dizem já ter pousado na cidade.

Depois do que aconteceu entre nós há quase duas semanas, no primeiro dia de janeiro, temos nos evitado a todo custo. Prescott abriu seu coração naquele dia, revelando que, assim como eu, não deseja que o que passou a ser “a gente” chegue ao fim.

E sei que sou eu quem está complicando tudo. Sei que, no fim, tudo poderia ser mais fácil desde o começo, se eu tivesse cedido ao que meu coração clamava e me rendido ao fato de que tudo em mim simplesmente deseja estar na presença dele a cada minuto do dia. A cada segundo.

Mas não consegui. E ainda não tenho certeza se consigo.

— Às cinco temos de estar aqui para a coletiva de imprensa — Savannah continua listando, ainda andando pelo saguão com os olhos cravados no celular, onde estão anotados todos os compromissos das próximas 24 horas.

Se algum dia Sav perder ou quebrar esse celular, sua vida estará arruinada. Esse é só mais um dos motivos que me fazem ser uma fã assídua

dos *planners* e agendas de papel.

— Depois, você tem foto com o elenco e terá de tirar algumas sozinhas também — ela continua, falando por cima do ombro enquanto permaneço em seu encalço, a seguindo como uma criança perdida. — Quero que finja estar feliz em todas elas.

— Mas eu estou feliz — digo no mesmo instante. De repente, cravo meus pés no chão, parando de segui-la, e deixo que um vinco se aposse da minha testa, refletindo toda a incredulidade que me preenche. Percebendo que cessei meus passos, Sav também se obriga a parar, trazendo seus olhos castanhos até os meus. — Por que não estaria? É a estreia do filme que protagonizei.

Minha agente apenas arqueia as sobrancelhas, me analisando com um olhar que diz que não acredita completamente em mim.

— Você apenas estaria completamente feliz se Caden estivesse ao seu lado agora, Avery — ela solta, me pegando de surpresa. Sinto meu corpo estremecer diante da sua voz convicta, que sai como se possuísse toda a certeza do mundo. — Mas não é o caso. Não precisa mentir para si mesma, muito menos para mim. Seus olhos revelam mais do que suas palavras.

Solto um pesado suspiro, desviando meu olhar dos seus. Às vezes odeio a capacidade de Savannah de ser verdadeira a todo custo.

— Ele ainda não chegou ao hotel, chegou? — pergunto, após muito tempo me contendo, ansiando pela resposta em silêncio.

— Não — Savannah diz, ainda séria. — Paxton me enviou uma mensagem dizendo que estão a caminho, vindos do aeroporto. Ele falou que vai me avisar quando chegarem. — Volto a encará-la, acenando com a cabeça ao mostrar que compreendi. — O hotel não estranhou quando pedimos quartos separados para vocês dois. Sabe como é, existe gente pra tudo. Caden ficará em um dos últimos andares do hotel, e você em um dos primeiros.

— Ótimo — digo, apesar de que essa questão nem mesmo passou pela minha mente. Estou tão avoada, que sequer consigo me familiarizar com o ambiente onde me encontro. Sequer pensei que Caden e eu poderíamos dividir a cama de casal do quarto onde estou hospedada.

Mas então, o som de uma notificação chegando no celular da minha agente invade meus ouvidos. E no mesmo instante, assim que Sav leva seus olhos até o aparelho em suas mãos, ergo minha atenção, focando na porta

dupla de entrada do hotel, onde os seguranças estão posicionados, impedindo que a multidão de fãs lá fora entre.

E é aí que eu o vejo.

Caden passa pela porta dupla, acompanhado por Gavin e Paxton. E ele está lindo. Com roupas simples, porém estilosas. Uma camiseta cinza e uma calça preta de moletom. Fones de ouvidos estão enfiados em suas orelhas, um de cada lado, uma mochila se faz presente em suas costas e ele arrasta a mala de rodinhas pelo chão enquanto dá passos pelo piso.

Sinto como se tudo em mim congelasse. E ele é tudo que vejo.

Pela primeira vez, depois de duas semanas no escuro, meus olhos se conectam a Caden Prescott. E é como se eu estivesse vidrada, pois afastá-los do corpo musculoso e rostinho lindo do atleta é praticamente impossível.

Mas assim que Caden ergue os olhos, me encontrando, desvio meu olhar com facilidade, passando a encarar o piso sob meus pés. E torço para que minhas bochechas não estejam enrubescendo.

— Finalmente! — Savannah exclama, saindo em passos apressados até parar em frente ao seu marido, o segurança e o único cara capaz de me fazer sentir como uma completa idiota. De maneira hesitante, a sigo, balançando nos meus próprios calcanhares ao parar ao lado dela, próxima aos três homens. — Pegaram muito trânsito?

Paxton, vestido formalmente, como o habitual, passa a mão no cabelo loiro antes de parar em frente à sua esposa, inclinando a cabeça para deixar um selinho rápido em seus lábios.

— Um pouco. — É o que diz.

— Tinha me esquecido de como todos nesta cidade parecem estar apressados — Gavin comenta, entrando na conversa. O lanço um sorrisinho, que logo é retribuído.

— Bem-vindo a Nova York! — A voz de Caden fala, pela primeira vez. E escutá-la, depois do que pareceu décadas sem vê-lo, reconforta algo em mim. Apesar de saber que Prescott está fazendo de tudo para ignorar minha presença à sua frente, olhando para todos, menos para mim, agindo como se eu fosse indiferente.

Engulo em seco diante do pensamento.

Não nego que fui atingida por uma pontada de medo ao imaginar, mesmo sabendo que já estava planejado para Caden vir depois de mim, que ele desistiria da viagem. Que não viria e não cumpriria com o acordo que firmamos desde o início, de dar um fim a tudo logo após a estreia do filme.

Mas Prescott tem um coração bom demais para isso. E saber que ele jamais me deixaria na mão, piora a culpa que pesa em minhas costas, me martirizando por ser alguém tão confusa.

Assisto quando Paxton solta algo parecido com uma risadinha fraca, pousando uma das mãos no ombro do atleta, que logo tira um dos fones de ouvido e o encara com atenção.

— Vamos. Temos que pegar o cartão que dá acesso ao seu quarto — o agente diz.

Caden assente sem hesitar, voltando a enfiar o fone no ouvido. Levando a mala de rodinhas junto de si, Prescott sai em passos tranquilos ao lado de Paxton, após ignorar minha presença por completo.

Solto uma pesada lufada frustrada de ar pelos lábios, odiando essa dinâmica que se instalou entre nós.

Assim que Savannah e Gavin engatam em uma conversa, discutindo sobre como Nova York parece uma cidade distópica, com cimento e prédios demais, eu paro de ouvi-los, preocupada com a situação difícil que parece ter tomado posse do meu cérebro. E então, assim que deslizo a atenção pelo saguão com uma linda decoração do hotel e os cravo na figura conhecida de um homem em frente ao bar da recepção, bebendo um drink enquanto me encara com os olhos semicerrados, sou coberta pela irritação.

Marlon Fournier parece me desafiar com o olhar. E sei que, pela feição que se estampa em seu rosto, acabou de presenciar a estranha energia que pareceu preencher Caden e eu assim que nos encontramos.

Aperto meus olhos em direção a ele, imitando sua expressão desagradável. E então, reprimo a gigantesca vontade que tenho de mostrar o dedo do meio e o mandar à merda, deslizando meus olhos para longe. E me arrependo da direção escolhida no mesmo instante.

Pois agora, minhas íris foram ao encontro de um Caden em frente ao balcão da recepção, ao lado de Paxton. E seus olhos parecem faiscar ao intercalarem entre Marlon e eu, finalmente se mostrando notar minha presença.



AVERY

Deslizo os olhos pelo meu reflexo no espelho, analisando o longo vestido vermelho que uso. Já está anoitecendo em Nova York, e todos estão se preparando para o grande evento da estreia. Pelo espelho, observo Savannah andando pelo meu quarto de hotel, de um lado para o outro, gesticulando enquanto fala no telefone e parece nervosa, como se buscasse evitar as mil coisas que podem dar errado esta noite.

Dando um passo à frente, me aproximo do meu próprio reflexo, analisando os detalhes das peças que visto para a tão esperada data que finalmente chegou. O vestido de cetim com alças finas deixa grande parte da pele dos meus ombros à mostra e tem um decote consideravelmente provocante, onde, logo acima, o colar com o pingente que Caden me deu cintila.

E sei que pode parecer estranho que eu tenha resolvido usá-lo hoje, mas é certo para mim. É certo, pois, de alguma forma, representa quem sou. A minha história.

Levando a ponta dos dedos até o pingente de claquete, solto um suspiro fraco, sequer me importando se Savannah vai ou não escutar. Minha agente parece tão submersa na conversa que mantém ao telefone, que

imagino que nem iria notar se eu fugisse pela porta do quarto agora, correndo pelos corredores do hotel.

De repente, analisando a joia, sinto minha boca secar. Lembranças da noite de Natal, quando Caden me entregou o presente, invadem minha mente com o mesmo impacto de uma forte enxurrada, me desestabilizando.

Você é linda pra caralho, foi o que ele disse em um momento durante aquela madrugada.

Olhando para trás agora, me lembrando de tudo que vivemos nesses últimos meses, sou atingida por uma pontada de amargor. E meu coração se aperta no mesmo instante.

Prescott está me evitando. Não apenas pelos corredores do hotel, como tem feito desde que chegou à cidade, mas também ao recusar todos os pedidos que o fiz, solicitando uma conversa. Na noite de ontem, depois de ter passado o dia todo com a olhada fulminante que Caden deu ao Marlon se fazendo presente em minha mente, decidi deixar uma mensagem na sua caixa postal. Não obtive resposta e resolvi mandar outra, duas horas mais tarde. Hoje de manhã, quando acordei e percebi que ainda estava sendo deixada no escuro, enviei mais uma.

E, sinceramente, não me importo de parecer desesperada. Eu estou mesmo.

Mas não tiro o direito dele. Sei que está se priorizando em me ignorar e se obrigar a seguir a vida, esquecendo de que entregou seu coração a uma mulher complicada e intensa, que muitas vezes não consegue entender nem a si mesma. Só que, *porra*, é difícil.

É difícil deixar que siga em frente quando tudo que quero é encostar a cabeça em seu peito, deitada ao lado dele na cama, e escutar as batidas aceleradas do seu coração. Quando desejo sentir seus lábios nos meus a cada maldito minuto do dia. Quando me lembro de que existem milhares de coisas que gostaria de dizer a ele, mas não sei como.

Porque, no fim, Caden Prescott e Avery Lakeland sempre irão se resumir a um simples: “é complicado”.

Meus olhos estão nublados quando os afasto do espelho, engolindo em seco, tentando fazer com que o sabor amargo em minha língua deslize pela garganta. Levando minha atenção para longe do colar em meu pescoço e de todos os pensamentos que ele traz, varro os cabelos soltos para trás dos ombros, passando a encarar Savannah.

Minha agente se senta na ponta da única cama no quarto, apertando o ossinho do nariz antes de soltar um pesado suspiro, se despedir de quem quer que esteja do outro lado da linha, e encerrar a chamada.

— Vou acabar ficando louca. — É o que ela resmunga, parecendo esgotada.

Dou alguns passos hesitantes em sua direção, com uma ideia formada na mente. Assim que paro diante dela, Sav ergue os olhos castanhos, os conectando aos meus.

— Queria saber se posso sair para comer alguma coisa antes da estreia — digo, percebendo suas íris se transformarem em severas no mesmo instante. Dou de ombros antes de continuar, persistente. — Sei que não é aconselhado, mas preciso desesperadamente tomar um ar. Vou pedir para um dos seguranças me acompanhar, se achar que é melhor assim.

— E para onde está pensando em ir? — minha agente pergunta. Por um instante, ao perceber que realmente está ponderando sobre o pedido, sinto esperança me invadir. Achei que Sav o recusaria sem hesitar.

Endireito a postura antes de dizer:

— Em uma lanchonete que vi quando estávamos vindo para o hotel. Não fica tão longe daqui.

Suspirando, Savannah se levanta. Minha agente cruza suas íris castanhas com as minhas e sou capaz de enxergar pura empatia flutuando em seus olhos.

É como se ela entendesse que preciso de um tempo para mim.

— Tudo bem. — Suspira, se dando por vencida. Um sorrisinho toma meus lábios no mesmo instante. A agente transforma seu semblante em sério antes de apontar o dedo em minha direção, ditando como se fosse uma mãe mandona: — Mas seja rápida. Vou pedir para um carro te levar e te buscar daqui uma hora, para te levar ao cinema.



A brisa fresca beija minha pele quando salto do carro, acompanhada por Hills, um segurança. O homem de pele branca, cabelos pretos, e que veste o habitual terno de sempre, fecha a porta do veículo atrás de nós, gesticulando para que o motorista siga de volta ao Plaza Hotel e retorne em uma hora.

Segurando minha pequena bolsa, apenas com o celular, documentos e carteira, analiso os desenhos gigantes de hambúrguer e batata frita estampados na fachada da lanchonete, logo abaixo do letreiro, onde o nome "The Rock's" pisca em luzes vermelhas e amarelas. Pela vidraça do estabelecimento, sou capaz de notar que o ambiente, decorado em um estilo retrô, parece estar próximo do horário de fim de expediente, já que algumas luzes estão apagadas.

Mas a plaquinha em verde, pregada à porta, escrito "aberto", mostra que ainda estão recebendo novos clientes. É como se tivessem esquecido de virá-la.

Na esperança de que ainda consiga entrar, saio em passos leves até a porta, ouvindo o som oco dos saltos em meus pés indo de encontro ao chão, que se misturam ao barulho do carro preto arrancando atrás de mim. Hills se apressa para me ultrapassar, empurrando a porta à minha frente. Lanço um sorrisinho em agradecimento para o homem alto, entrando de vez na lanchonete.

Tudo está deserto. É um espaço pequeno, mas muito bem estruturado e planejado, como se tivessem pensado na melhor posição para deixar cada uma das mesas, buscando dar um ar mais espaçoso e menos claustrofóbico ao ambiente. Uma *jukebox* próxima à parede toca uma música baixa e o piso quadriculado e as poltronas estofadas em vermelho fazem jus ao ar retrô do lugar.

Hills também atravessa a porta, a fechando antes de se posicionar atrás de mim. Ainda com os pés cravados próximos à entrada, varro o local com meus olhos, buscando alguma alma-viva para me atender.

E de repente, quando estou prestes a desistir e dar meia-volta, um barulho alto e distante de algo caindo faz meu corpo estremecer.

— Puta que pariu, Brandon, já disse para não colocar essas caixas atrás da porta da dispensa! — É o que grita uma voz estridente, genuinamente irritada.

Sequer tenho tempo para piscar, sendo pega de surpresa quando o tal Brandon retruca:

— Eu te avisei mais cedo, Howard! Não tenho culpa se está precisando lavar os ouvidos!

— Só não te mando ir à merda porque estou exausto pra caralho. — É o que o amigo nervosinho diz.

Um sorriso se estampa em meus lábios ao ouvir a discussão dos dois, que brigam como se fossem irmãos. Ainda sem os enxergar, imagino que estejam nos fundos da pequena lanchonete, já que um deles revelou estar na dispensa.

Permanecendo parada em frente à entrada, com Hills logo atrás de mim, ergo o queixo, em uma tentativa falha de enxergar o que existe além da porta do outro lado do balcão, onde imagino que estejam.

— Boa noite, tem alguém aí? — Minha voz sai mais alta do que o habitual, questionando por uma resposta que já me foi dada.

De repente, o silêncio toma conta do lugar. E se eu os conhecesse, poderia arriscar dizer que estão se encarando com olhos arregalados, envergonhados por terem sido pegos no flagra por uma cliente, em meio a uma discussão.

Mas então, o som distante de uma garganta sendo limpa alcança meus ouvidos, seguido por uma voz que avisa:

— Já estamos indo!

O barulho de mais caixas caindo se repete, como se os dois tivessem perdido a luta para deixar a dispensa sem derrubá-las. E à medida que vão se aproximando, seus passos pesados ficam mais fortes.

Até que eles finalmente entram em meu campo de visão. E assim que cruzam suas íris às minhas, uma expressão surpresa toma seus semblantes, provavelmente me reconhecendo. Ou, talvez, apenas surpresos pela roupa formal que uso. Seus olhos se arregalam.

Os dois são altos, com corpos esguios. O ruivo de cabelo cacheado, que me encara boquiaberto, quase como se estivesse petrificado, tem um boné do New York Islanders afundado na cabeça, revelando que é fã de hóquei. Pregado em sua camiseta branca, está um crachá com seu nome. Aperto os olhos para ler, já que estou longe. *Brandon Houston*. O amigo, ao seu lado, tem cabelos castanhos e olhos verdes. E seu crachá revela que seu nome é *Kale Howard*.

O fato de que são os últimos no estabelecimento me diz que, talvez, sejam os donos do local.

Abro o sorrisinho mais doce que consigo antes de questionar:

— Ainda estão abertos?

E o tal Kale, chacoalhando a cabeça como se saísse do seu transe, faz que sim sem hesitar. Já seu amigo, me encara com o queixo caído quase alcançando o chão, sem sequer piscar.

— Ótimo — sorrio, lançando um olhar por cima do ombro para Hills, que permanece atrás de mim, com a feição séria de um segurança tomando seu semblante e os braços cruzados sobre o terno. — Quer alguma coisa, Hills? — Assim que ele nega com a cabeça, volto a encarar Kale e Brandon, que permanecem atrás do balcão. E no momento em que começo a dar passos em direção a eles, me aproximando da estrutura de mármore, focada em alcançar o cardápio que está sobre ela, um limpar de garganta me faz parar. Ergo os olhos, os cravando aos de Kale, que passa a mão nos cabelos, agindo como se estivesse nervoso. — Algum problema?

— É que... — ele começa. — Nós meio que estávamos fechando, então não temos muitas opções agora. Todo o pessoal da cozinha já foi embora. Mas conseguimos fazer algo simples para você, se quiser. Pela sua roupa, parece que tem um evento importante hoje, certo?

Algo nele me diz que não é um desses nova-iorquinos sem coração. Pode até morar aqui agora, mas com certeza vem de um lugar que não acabou com sua empatia por completo.

Separo os lábios, prestes a responder, mas então o movimento do ruivo ao seu lado me impede, me pegando de surpresa. Brandon, como se fosse fisgado para longe do transe que o consumiu, dá uma cotovelada forte no amigo, que logo solta um resmungo de dor.

— Seu idiota! Não sabe quem ela é? — É o que Houston pergunta, quase como se não me conhecer pudesse ser comparado a um crime. Ele fuzila o amigo com olhos indignados. Kale parece perdido de repente. Já Brandon, por sua vez, me lança um olhar de quem se desculpa antes de se voltar ao amigo, sussurrando, mesmo sabendo que consigo ouvi-lo perfeitamente com a pequena distância que nos separa. — É Avery Lakeland! Ela é atriz e namora aquele jogador foda do Washigton Capistals, o Caden Prescott. Hoje é a estreia do filme dela, no Loews Theater.

E então, ele volta a me encarar, abrindo um sorrisinho nos lábios ao fingir que não acabou de passar a biografia da minha vida para o amigo ao seu lado. Mordo um sorriso, achando engraçada toda essa dinâmica existente entre os dois.

— É que a minha namorada trabalha na revista Charlotte — Brandon esclarece, explicando como sabe tantas coisas sobre mim. — Ela escreveu algumas matérias sobre você. Gosta muito do seu trabalho.

— Ah, que coincidência! — exclamo, genuinamente surpresa. — Bom saber.

Kale, por sua vez, estica um dos braços até alcançar o cardápio sobre o balcão. Ele o entrega para mim, com um sorriso no rosto.

— Dependendo do que queira pedir, podemos providenciar agora mesmo.

Agradeço antes de me sentar em um dos banquinhos, folheando o menu em minhas mãos. A verdade é que não estou com fome. Só quis sair do hotel porque precisava de alguns minutos sozinha.

Não sei o que vai acontecer depois que o filme acabar e voltarmos a Washington. Não sei se algum dia Caden voltará a me olhar nos olhos, a notar minha presença. Nem se os cacos que quebrei em seu coração serão consertados.

Tudo em minha vida agora é uma completa bagunça.

Porque eu o amo. E sei que não consigo parar de amá-lo.

E cada célula do meu corpo deseja que tudo fosse mais fácil. Cada mísera parte de mim deseja que Caden pudesse ouvir todas as palavras presas em minha garganta, não proferidas pelo medo que sinto devido a tudo que presenciei durante a vida.

Perdida em meus pensamentos, sentindo a névoa tomar os olhos, deslizo meu olhar para longe do menu. E assim que volto a encarar Kale, que ainda está do outro lado do balcão, ele tem a testa franzida ao me analisar.

— Quero um café, por favor. Pode ser de máquina.

— Certo. — Ele retira o cardápio das minhas mãos, meio hesitante. Em seguida, faz menção de girar nos calcanhares, indo até a cozinha, mas impede seus movimentos. Howard foca os olhos nos meus ao questionar, percebendo a feição triste que devo ter falhado em tentar esconder. — Você está bem?

Sem me importar em mostrar convicção, apenas concordo com a cabeça.

Ele me olha desconfiado, certamente não acreditando em mim, e dá as costas, indo até a cozinha. Pelo canto do olho, observo Brandon, que, diretamente do caixa, sorri ao teclar no celular, provavelmente avisando sua namorada que Avery Lakeland está em sua lanchonete.

E então, levo meus dedos até o colar em meu pescoço. Mais especificamente ao pingente. Minha mão está fria, e quando os dedos esbarram na pele do pescoço, sinto um fraco arrepio me percorrer.

Minutos depois, quando Kale volta com a pequena xícara de café e a pousa à minha frente no balcão, tiro uma nota de cinquenta dólares da bolsa,

o dizendo para ficar com o troco de gorjeta, por ter permitido que eu entrasse, mesmo quando já estavam fechando.

Ele tenta negar, devolvendo o dinheiro e dizendo que é muito mais que o necessário, mas insisto, o convencendo. Bebo o café em pequenos goles, tomando cuidado para não queimar a língua.

Então, passos pesados atrás de mim alcançam meus ouvidos. Quando me viro, Hills está próximo. Ele me encara com seu semblante sério antes de avisar:

— Srta. Lakeland, seu carro chegou.

Estendo uma das palmas das mãos no ar, o pedindo para esperar um minuto. E me esforço para tomar os últimos goles de maneira rápida.

Quando pouso a xícara sobre o pires no balcão e volto a lançar um olhar em direção a Hills, a figura alta posicionada atrás dele chama minha atenção. E é como se todo o ar deixasse meus pulmões, me sufocando.

Pois, parado em frente à entrada da lanchonete, está Caden Prescott.

E pela primeira vez desde que deixou meu apartamento, ele me encara diretamente nos olhos.

Caden está lindo. Com o smoking preto aberto, revelando a camiseta social branca por baixo, calças pretas e sapatos apropriados para o evento, ele beira a perfeição.

Ouço um arquejo baixinho vindo de um dos donos da lanchonete, como se estivessem encantados diante da presença da lenda do gelo. Solto por Brandon, imagino eu.

— Está pronta? — Hills pergunta, ainda próximo. Volto meu olhar para seu rosto no mesmo instante, assentindo. — Ótimo. O sr. Prescott vai te acompanhar até o carro. Savannah recomendou que chegassem juntos ao local do evento.

Mais uma vez, aceno com a cabeça, incapaz de encontrar palavras para respondê-lo. Descendo do banquinho, agradeço os garotos enquanto caminho até a porta. Brandon, ainda do caixa, parece petrificado ao encarar meu namorado de mentira.

E assim que paro ao lado de Caden, conectando meus olhos aos dele, sinto como se pudesse paralisar a qualquer momento, assim como Houston. E, mais do que tudo, desejo *poder* petrificar o momento.

Porque depois desta noite, não sei se meus conflitos internos e questões mal resolvidas vão permitir que nos encontremos de novo.

Me surpreendendo ao deixar que uma linha feliz quase imperceptível tome seus lábios, Prescott me oferece o braço. Entrelaço nossos toques de maneira hesitante, sentindo o choque percorrer meu corpo diante do contato de sua pele contra a minha, mesmo que ele esteja usando o smoking.

— Chegou a hora — Caden comenta, sem raiva alguma na voz. Seus olhos, que permanecem fitando os meus, ganham um brilho novo. E de repente estou me sentindo a pior pessoa do mundo. Mesmo machucado, Prescott expressa estar feliz por mim. É como se ele decidisse deixar tudo de lado, apenas para que esse dia possa ser especial para mim. E sei que não o mereço. — Está nervosa?

Abro um sorrisinho nos lábios, querendo guardar este momento na memória para sempre. Caden fez parte disso, afinal. Sua presença em minha vida me ajudou a alavancar as expectativas colocadas sobre o filme. Me ajudou a atrair a atenção que tanto desejava desde o início.

— Não tanto quanto pensei que estaria — respondo, genuinamente sincera.

E então, Hills passa por nós, abrindo a porta à nossa frente. Lanço mais um olhar de gratidão aos donos da lanchonete, que, agora lado a lado no caixa, acenam em despedida. E quando a brisa fria de uma Nova York abraçada pela noite volta a beijar minha pele, arrastando meus cabelos soltos para trás dos ombros, e avisto o motorista solicitado por Savannah segurando a porta dos bancos traseiros do carro para nós, é que a ficha cai.

Meu primeiro filme como protagonista está prestes a ser estreado.

E apesar do momento que me encontro, com assuntos pendentes a serem resolvidos e com um coração que tenho que aprender a entender e lidar, sinto como se esta data fosse uma das mais importantes da minha vida.

Caden firma ainda mais o braço no meu quando damos os primeiros passos até o carro. Porém, antes que possamos nos aproximar do veículo por completo, algo chama nossa atenção. Como se estivéssemos em uma cena de qualquer filme clichê, uma luz passa rasgando o céu. E sequer preciso ser muito inteligente para saber do que se trata.

Uma estrela cadente.

— Faça um pedido — olhando para cima, murmuro, mais para mim mesma do que para os outros ouvirem. A frase sai quase que de forma automática.

Por isso, me surpreendo totalmente quando a voz grave de Caden responde, um tanto trêmula e insegura:

— Você.

Abaixo o queixo no mesmo instante, conectando meu olhar ao seu, que já está fixado em meu rosto.

— Eu o quê? — pergunto, apesar de ter entendido perfeitamente.

Prescott, como se estivesse nervoso, engole em seco. A tatuagem em sua garganta segue o gesto, se movimentando para cima e para baixo. E voltando a olhar para frente, Caden foca em continuar o trajeto até o carro ao dizer, com a voz rouca e um tanto embargada:

— Meu pedido é ter você.

Atordoada diante do que ouvi, sentindo como se fosse arrastada para longe da minha própria órbita, sou obrigada a reunir forças necessárias para me concentrar em continuar andando até o veículo, sentindo que poderia cair a qualquer momento. Caden e eu passamos pela porta do carro, nos posicionando nos bancos de trás enquanto o motorista a fecha, seguindo com Hills para os bancos da frente. E percebo que meu coração saltita mais forte dentro do peito.

Prescott me espera afivelar o cinto antes de pousar a mão sobre a minha, em uma das minhas coxas, e sussurrar, me desestabilizando por completa:

— Mas se esse não for o seu pedido também, tudo bem. Espero que um dia seu coração encontre o que verdadeiramente procura.



CADEN

O tapete vermelho do Loews Theater conta com a presença de celebridades que sequer pensei que conheceria algum dia. O elenco do filme, todos vestidos formalmente, respondem a inúmeras perguntas, posam para dezenas câmeras e se esforçam para abrir sorrisos nos rostos quando mais e mais microfones são apontados para eles.

Até eu fui entrevistado por alguns repórteres. E olha que no momento, acredito que seja um dos famosos mais desinteressantes do lugar. Já vi atores e atrizes que admiro muito passando ao meu lado. Até mesmo tive que conter meu coração de fã, que parecia querer explodir ao notar quem eram.

Puta merda! Eventos assim são surreais. É um universo surreal. E é incrível pra caralho.

Os dois escritores do filme passam ao meu lado, sorrindo em minha direção, como se soubessem quem sou. Li sobre eles na internet uma vez. São os irmãos Poulis. Clara Poulis e Warter Poulis. O trabalho deles é incrível e sei que a primeira história protagonizada por Avery esteve em boas mãos ao ser escrita por eles.

Os irmãos andam até onde o elenco está, se juntando a eles. E então, sendo direcionados pelos organizadores do evento, alguns que trabalharam

no filme, seja atuando ou não, se unem, ostentando sorrisos nos lábios enquanto posam para as câmeras e tiram a foto em grupo.

Quando Marlon Fournier tem a audácia de levar suas mãos até o quadril de Avery, ainda encarando as dezenas de lentes nas mãos dos fotógrafos, cerro os punhos ao lado do corpo e travo o maxilar. *Qual é o problema desse cara?* Estou sendo tomado pela raiva quando Avery leva as mãos as dele sem hesitar, as afastando do seu corpo sem deixar que a felicidade em seu rosto vacile. *Ela sabe se cuidar, afinal.*

— Babaca — murmura Paxton, atrás de mim.

Lanço um rápido olhar para o meu agente, encontrando Savannah ao seu lado. A mulher olha em direção à Avery com brilho nos olhos, transbordando orgulho.

— *Shh!* Vamos fingir que Marlon não existe agora — diz, enlaçando o braço no do marido. — É um momento importante.

Deixo que um sorriso tome meus lábios quando deslizo o olhar de volta às estrelas de cinema, que permanecem posando para as câmeras. E dentre todas elas, Avery é a que brilha mais forte. Porque ela nasceu para isso. Nasceu para protagonizar um filme, desfilar pelo tapete vermelho e ter inúmeras lentes e flashes apontados em sua direção.

E o sentimento de felicidade se faz presente em seu rosto em todos os segundos. Porque ela finalmente alcançou o que sonhava desde o início. E a sensação de realizar um sonho, de realizar o que imaginava toda noite antes de dormir, é única.

Me lembro do que senti ao ser *draftado* pelo Washington Capitals, anos atrás. Foi surreal pra caralho. Vi minha vida toda passar pelos meus olhos como um filme. Me recordei de cada momento que passei, do quanto me esforcei, dos constantes treinos e de todas as vezes que pensei em desistir.

E, no fim, fiquei extremamente grato por ter me obrigado a continuar. Porque tudo valeu a pena. E a sensação de realização é foda pra caralho.

Quando todos do elenco saem andando pelo tapete vermelho, acompanhados por seguranças, Avery permanece no mesmo lugar. Ela leva uma das mãos à cintura antes de girar nos calcanhares, me encontrando com os olhos. Assim que gesticula para que eu me aproxime, me convidando para tirar uma foto junto a ela, eu travo.

E só volto à órbita quando Savannah me dá um empurrãozinho nas costas, resmungando um “vai logo, Prescott!” me obrigando a dar passos

para frente. Assim que paro ao lado da atriz, penso que irei me incomodar com a quantidade de câmeras apontadas em minha direção, mas não é isso que acontece quando Avery, agora mais alta devido aos saltos em seus pés, estala um beijo em minha bochecha. Sinto um arrepio percorrer meu pescoço quando ela aproxima a boca do meu ouvido, sussurrando apenas para que eu consiga ouvir:

— Me desculpa. Por tudo. E obrigada por estar aqui. Não seria a mesma coisa sem você.

Encaro seus olhos verdes por um instante, buscando, pelo meu olhar, certificá-la de que jamais a deixaria na mão em um momento como esse. Que, mesmo diante da tempestade que nosso relacionamento, seja ele qual for, se encontra, esse pensamento sequer passou pela minha mente. Porque é assim que o amor funciona. Ele nos faz desejar a felicidade do outro a todo custo.

E eu a amo. De um modo intenso, profundo e real pra cacete.

— Você está linda. — É tudo que me resumo a responder, sentindo o coração derreter ao observar o sorrisinho tímido que toma seus lábios.

— Vamos arrasar nessas fotos, Caden Prescott! — ela exclama, endireitando a postura. Sorrio ao passar um dos braços ao redor da sua cintura, colando seu corpo ao meu. Guardo a mão livre em um dos bolsos da calça social, deslizando meu olhar pelas infinitas câmeras à nossa frente. Avery apoia um dos cotovelos no meu ombro, levando a outra mão à minha, em seu quadril. E nós dois lançamos olhares penetrantes para todas as lentes, preocupados em sair bem nas fotos.

Savannah e Paxton se aproximam de nós logo em seguida, para registrar nosso quarteto fantástico durante esse momento especial, que marca o fim da mentira que contamos durante os últimos meses. Quando já está cansada de sorrir para câmeras, Sav se vira para nós, gesticulando ao dizer:

— Vamos. Hora do filme.

E Avery sequer tenta manter a postura elegante diante de todos os repórteres e fotógrafos, saltitando ao seguir pelo tapete vermelho, comemorando como uma criança que finalmente conseguiu passar de fase em um jogo difícil, após dias e dias tentando. Se sentindo como se tivesse alcançado o topo do mundo.

Ela é surreal. Capaz de tirar o fôlego de qualquer um. Avery Lakeland pertence às telonas de cinema. Ela, definitivamente, foi feita para isso.

E tinha me esquecido do quanto é boa.

Quando os créditos de *Um Clima Diferente* começam a rolar pela tela do cinema, ainda coberto pelo breu, palmas, gritos e vivas preenchem o lugar, se misturando à música final do filme, que sai pelas caixas de som. E então, sentindo como se estivesse no jogo final da temporada de hóquei, ouvindo as comemorações da equipe que trabalhou no filme, dos funcionários do cinema e de alguns poucos fãs que conseguiram comprar os ingressos limitados para estar aqui hoje, me levanto da poltrona em um pulo, passando a aplaudir de pé. Porque o que acabei de assistir, mesmo com todos os beijos cinematográficos e falsos olhares apaixonados trocados entre os personagens de Avery e Marlon no filme, não merece menos que uma multidão aplaudindo de pé.

Foi um trabalho incrível pra cacete.

O elenco sorri ao entrar na sala, no mesmo instante que as luzes passam a se acender, seguindo em fila até em frente à grande tela. E meus olhos são todos dela, que ostenta um sorriso grandioso no rosto. Avery varre a sala, buscando por mim. E assim que me encontra, seu sorriso, de alguma maneira, cresce ainda mais. Notando que tenho sua atenção inteira para mim, levo as mãos em concha até a boca, gritando antes de voltar a aplaudir, minhas palmas ardidas se misturando com as de todos ao meu redor. E de repente, ao me perceberem de pé, todos passam a levantar também.

O choro de Savannah, que falha ao tentar se conter, se mantendo na poltrona entre Paxton e eu, alcança meus ouvidos assim que a agente fica de pé ao meu lado, aplaudindo com vontade.

Mesmo que de longe, no meio da sala, sou capaz de enxergar o orgulho e sensação de trabalho cumprido que invade as íris esverdeadas de Avery Lakeland. Seus olhos ficam marejados, como se seus sentimentos quisessem transbordar por eles a qualquer instante. Ela os enxuga com o dorso da mão, tomando cuidado para não borrar a maquiagem.

E algo em meu peito se aquece no mesmo instante.

Porque, independentemente do que aconteça após esta noite, estou extremamente contente por ela. Por ter alcançado o que passou a vida sonhando em realizar.

Por isso, me obrigo a gritar e aplaudir mais alto, deixando as mãos vermelhas e tendo ciência de que talvez minha garganta saia danificada desta sessão. E estou pouco me fodendo para isso.



De volta ao lado de fora do Loews Theater, todos que vieram prestigiar o evento se despedem uns dos outros. Os manobristas buscam e trazem carros em um ciclo sem fim, entregando as chaves para os devidos donos, que logo entram nos veículos e saem dirigindo.

Próximos ao meio-fio, Avery e eu aguardamos pelo motorista que vem nos buscar. Ao meu lado, ela agora veste um casaco fino de lã branca sobre o vestido vermelho, e foca seus olhos na tela do celular em sua mão, digitando uma mensagem aparentemente importante.

Sentindo o vento frio bater contra minha pele, prendo a atenção à mulher ao meu lado. Já é quase meia-noite e o clima está esfriando.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, estranhando o fato de Avery estar tão focada em mandar mensagem

Ela ergue os olhos no mesmo instante, os focando em meu rosto. Em seguida, chacoalha a cabeça levemente em negação, abrindo um sorrisinho nos lábios.

— Nada demais. Estou falando com a Savannah. Ao que parece, Paxton e ela não irão voltar para o hotel. Eles querem sair para jantar.

Aceno com a cabeça, mostrando que entendi. Ela, então, gira um pouco nos próprios calcanhares, olhando para as dezenas de pessoas posicionadas atrás da gente, conversando enquanto aguardam seus carros ou caronas. Quando parece encontrar nossos agentes no meio dos vários corpos, Avery acena com uma das mãos. Sigo a direção que seus olhos apontam, encontrando Sav e Paxton próximos a alguns repórteres, que ainda fotografam algumas celebridades. Os dois estão de mãos dadas. E, como sempre, parecem se completar.

Avery me encara, me entregando sua bolsa antes de avisar:

— Já volto. Vou me despedir deles antes de seguirmos para o hotel.

Assinto no mesmo instante, dizendo que tudo bem.

Segurando sua bolsa em uma das mãos, observo suas costas se afastando, indo até o casal de agentes. Quando volto a encarar a rua, onde a

correria dos manobristas ainda se faz presente, noto pelo canto do olho quando alguém para ao meu lado.

E assim que dirijo a atenção ao homem alto, me arrependo no mesmo instante.

Marlon Fournier me lança um sorrisinho zombeteiro. E, sem a menor vontade de ter de dialogar com o babaca que é, sequer tento conter o resmungo que escapa pelos meus lábios.

— Problemas no paraíso? — ele provoca.

Endireito a postura, travando os dentes, altamente incomodado. O fuzilo com o olhar antes de retrucar:

— Não tinha nenhum até você chegar.

O francês solta uma irritante risada nasalada, fazendo uma pontada forte de raiva preencher meu corpo.

— Então onde sua namorada está? — Ele arqueia uma sobrancelha, me encarando como se lhe devesse explicações. Reviro os olhos no mesmo instante, soltando uma lufada tensa de ar pelos lábios. — Reparei como o clima entre vocês estava estranho ontem, quando chegou ao hotel. Sequer olhou na cara dela.

— Avery já está voltando — me apresso em dizer, com a voz firme, cortando qualquer chance que ele possa ter de continuar tagarelando. Querendo comprovar e encerrar o assunto de uma vez por todas, ergo a mão que segura a bolsa da Avery, travando o maxilar com força enquanto o encaro. — E não te devo explicações. Não sei por que parece tão atento à minha vida.

O babaca separa as sobrancelhas, rindo com deboche mais uma vez.

Cerro o punho da mão livre, sendo preenchido pela gigantesca vontade de desferir um soco em seu rosto, usando tudo em mim para me conter. Apesar de considerar deixar Marlon Fournier com um olho roxo algo muito interessante, não quero acabar nos assuntos mais comentados do Twitter pelo mesmo motivo novamente.

— Não seja tão egocêntrico, Prescott. Não estou de olho na *sua v*ida, mas sim na da minha colega de elenco. Não quero que ela acabe sofrendo nas mãos de um jogadorzinho qualquer.

E então é a minha vez de rir. Carrego a curta gargalhada com o máximo de escárnio que sou capaz, sentindo o ódio que sinto por Marlon ferver dentro de mim. É como se o sangue em minhas veias esquentasse.

— Você nunca vai desistir, vai? — Foco meus olhos nos seus, sentindo como se minhas íris escuras pudessem flamejar a qualquer instante. A expressão debochada deixa o semblante de Fournier, o dando passagem para cerrar a mandíbula. Preencho a voz com o máximo de certeza ao continuar, buscando demonstrar que sei de todos os passos que deu. — Não seja tão ingênuo. Acha que não sei das mensagens que mandou para a Avery quando estávamos nas Maldivas? Pensa que ela me enganou? Que escondeu isso de mim? Que iria preferir um cara como *você* a alguém como *eu*? — Solto a mesma risada desdenhosa de antes, chacoalhando a cabeça levemente em negação. *Esse cara é inacreditável!* — Acorda pra vida, Marlon!

Ele abre a boca, prestes a responder. Mas então, uma loira alta vestida com um longo vestido verde para ao seu lado, sorrindo em nossa direção. Um tanto atordoado, ele a lança um rápido olhar antes de se virar para mim novamente. E pelo nervosismo que pareceu tomar seu corpo diante da presença dela, como se temesse que pudesse ouvir nossa conversa, não preciso de mais nada para deduzir que ambos estão juntos esta noite.

Dou um passo à frente, me aproximando do babaca, que cambaleia um para trás, quase chocando seu corpo à figura esguia da loira. Quando Marlon percebe não ter para onde fugir, aponto o indicador em sua direção, preenchendo minha voz com o tom mais severo possível ao aconselhar, pela última vez:

— Se eu fosse você, tomaria cuidado antes de se dirigir à Avery de novo — começo, soando firme, o mostrando que ele não me assusta. Que não é um empecilho na porra do meu caminho. Mas eu posso ser um no dele. — Porque ela já mostrou que não está interessada. E qualquer gesto ou insistência a partir disso, Marlon, é considerado assédio. E não sei se você ou esse cérebro minúsculo que tem sabem que assédio é crime, mas te garanto que se eu sonhar que está encostando em Avery de novo, como fez enquanto estavam sobre o tapete vermelho, darei a volta na porra do mundo para te destruir. — Forço um sorrisinho doce nos lábios, que contrasta com toda a raiva que queima em meu corpo. — E não queremos que a carreira internacional que tanto lutou para construir derrape ladeira abaixo, queremos?

Marlon não diz nada. Ele apenas engole em seco, com os olhos fixos em meu rosto. Seu semblante é impassível, mas sou capaz de detectar o medo que flutua pelos seus olhos. Contente por ter vencido a disputa que ele

começou, dou três tapinhas em seu ombro, o provocando antes de me afastar. E então, conecto meus olhos às íris azuis da loira alta atrás dele, que nos encara com uma expressão atordoada tomando o rosto.

— Toma cuidado com ele — apontando para Marlon, sussurro mais alto que o normal, ciente de que ambos estão ouvindo.

— Vá à merda, Prescott! — É o que o idiota rosna, segurando na mão da mulher antes de sair com ela em direção a *Porsche* que acabou de estacionar à nossa frente.

O manobrista que trouxe o veículo nem mesmo desceu do carro quando Marlon abre a porta do passageiro, apressando a loira para entrar no mesmo. Um tanto perdida, indecisa no que fazer diante do que acabou de ver e ouvir, ela hesita um pouco até entrar no carro.

Fournier sequer olha para trás antes de se direcionar ao banco do motorista, jogando uma gorjeta para o manobrista no meio do caminho, e arrancar com o veículo, dando o fora o mais rápido que pode.

Babaca.

— Não precisava me defender. — É o que a voz tão conhecida por mim diz, vinda de uma curta distância.

Giro nos calcanhares, me deparando com Avery.

— Há quanto tempo está aí?

Um sorrisinho desponta nos lábios da atriz no mesmo instante.

— Há tempo o suficiente. Ouvi parte da discussão com Marlon.

— Eu...

— Você o odeia — ela me corta, gesticulando com uma das mãos, como se dissesse que o que eu estava prestes a falar já está óbvio. — Sei disso. — A atriz dá de ombros. — Eu meio que odeio ele agora também.

Um sorriso cresce em meus lábios ao ouvir suas palavras.

— Antes tarde do que nunca.

Avery revira os olhos de maneira teatral, dando os últimos passos até cortar a distância que nos separa. Sem desviar os olhos dos meus, ela estende uma das mãos até a bolsa que seguro, a pegando de volta. E a conexão entre nossos olhos, além de eletrizante, agora parece pesada. Porque nós dois sabemos que, por mais que tudo aparente estar bem, ainda temos muito a dizer um para o outro.

Muito para resolver.

Avery e eu seguimos para o carro no instante em que escutamos um dos manobristas nos chamando, dizendo que nosso motorista chegou. Ela é a

primeira a entrar no veículo, deslizando pelo banco do passageiro até estar próxima a uma das janelas. Eu entro logo em seguida, fechando a porta e cumprimentando o mesmo motorista que nos trouxe até o evento, horas antes.

Quando ele arranca com o carro, nos levando para longe do cinema, o silêncio preenche os espaços entre os bancos. Solto um bocejo, me recostando no estofado de couro do banco. Ouço quando o rádio é ligado e a voz do meteorologista sai por ele, alegando que dentro de algumas horas algumas regiões de Nova York serão atingidas por fortes pancadas de chuva.

Quando deslizo meus olhos até a janela, encarando o céu coberto pela noite, noto pela primeira vez que ele está nublado.

Merda!

— Tomara que o clima não interfira no seu voo, sr. Prescott — o motorista diz, do banco do volante.

O combinado é que ele me leve para o aeroporto, após chegarmos ao hotel e eu buscar minhas malas no meu quarto.

Ainda com os olhos cravados na janela, solto um suspiro, respondendo logo em seguida:

— Espero que não.

Quando finalmente deslizo minha atenção para a mulher sentada ao meu lado, ela já está me olhando. E sua feição revela que está confusa com a conversa que escuta. É como se não soubesse que irei embora ainda durante a madrugada.

— Seu voo de volta a Washington é hoje? — Avery questiona, comprovando a teoria que foi criada em minha mente.

Assinto, enxergando algo próximo de desapontamento flutuar por suas íris esverdeadas.

— É. — Minha voz sai um pouco embargada quando respondo. O corpo todo da atriz parece murchar. — Tenho um compromisso no fim da tarde. E ainda preciso passar no shopping antes, para comprar um celular novo. — Franzo a testa. — Pensei que Savannah tivesse te avisado.

A atriz nega com a cabeça no mesmo instante, ainda cabisbaixa.

— Não, não avisou. — Ela se recosta no banco de couro, tombando a cabeça no estofado. Seus olhos permanecem conectados aos meus. — E por que precisa comprar um celular novo?

Deixo que uma careta tome o rosto diante da memória que invade minha mente, me lembrando da merda que fiz.

— Deixei o meu cair na privada, assim que cheguei ao Plaza — revelo. O semblante de Avery se transforma no mesmo instante, como se se desse conta de algo. — Paxton vai mandar as informações do meu voo para o Austin, que vai me buscar no aeroporto quando eu chegar.

Lakeland apenas se limita a abrir um sorrisinho nos lábios antes de virar o rosto para a janela ao seu lado, afastando seus olhos dos meus. E algo em meu peito se aperta ao observar a maneira que se comporta. Se estivéssemos em outra situação, em um momento diferente, onde o peso da dúvida e da incerteza não se fizessem presentes em nossos ombros, Avery provavelmente riria da minha estupidez ou diria alguma gracinha que incluísse o fato de que jogadores de hóquei são burros e quebram seus celulares de maneiras estúpidas. Mas ela não faz nada disso.

E esse é o problema. Porque tudo está errado.

Não sei se consigo embarcar nesse avião sem saber o que acontecerá depois de hoje. Depois do dia que estava marcado para ser o fim da farsa que, desde o início, mergulhamos de cabeça.

Não sei se consigo ir embora sem dizer a ela tudo que precisa saber antes de nos separarmos.

E é com esse pensamento em mente, que, suspirando, tomo uma decisão. E decido o que farei ao chegar no hotel, antes de pegar minhas malas e seguir para o aeroporto.



AVERY

O quarto do hotel parece ficar menor a cada passo que dou, atravessando da porta até a cama, repleta de inquietude. Ainda vestida com as roupas do evento e com a mente a milhão, levo a unha do polegar à boca, a roendo enquanto tento decidir o que fazer a partir daqui.

Caden está indo embora. Ele está prestes a ir para o aeroporto e embarcar em um voo que, se não conseguir ser forte o suficiente para lutar contra meus medos, inseguranças e bloqueios, terá o poder de afastá-lo da minha vida para sempre.

E não é isso que eu quero. Definitivamente não é.

Sinto como se meu coração gritasse dentro de mim, me implorando para deixar o quarto, sair atrás dele e dizer todas as coisas que parecem queimar meu peito feito uma fogueira alta, que insiste em crepitar constantemente. E sequer fico surpresa quando percebo que fui absorvida pela habitual guerra que o órgão insiste em travar contra meu cérebro, buscando decidir o que fazer.

E tudo que desejo é conseguir sufocar minha mente, a obrigando a parar de me sabotar.

Para mim, o amor sempre foi um ponto gigantesco de interrogação. Nunca o conheci direito. Não soube como é, de fato, me apaixonar. Nunca

entendi suas regras, manias ou qual é a sensação de querer derreter por uma pessoa. Nunca tive vontade de passar todas as horas do meu dia com alguém, dividir a cama, vê-lo voltar de uma corrida matinal com minha irmã, preparar *smoothies* e afagar a cabeça do meu cão, que às vezes parece gostar mais dele do que de mim.

Até um jogador de hóquei presunçoso aparecer. *E puta merda...* Caden virou minha vida do avesso. O poder que teve sobre mim se igualou ao de um furacão, que levanta florestas do chão, destrói qualquer lugar por onde passa e deixa uma tremenda bagunça para trás.

E no meu caso, essa bagunça é o que há em mim.

Quando o som de alguém batendo na porta alcança meus ouvidos, ergo os olhos, entrando em alerta. Sinto o peito se encher de uma pontada de esperança, que cresce gradativamente à medida que ando até a porta, imaginando que Caden pode estar do outro lado dela.

Quando giro a maçaneta, porém, não é ele quem encontro. E de repente o desapontamento me invade.

Vestindo seu uniforme de trabalho, com a camisa de botão vermelha, uma calça preta e um chapeuzinho dourado afundado na cabeça, o c*oncierge* traz seus olhos azuis até os meus. Com ambas as mãos nas costas, escondidas atrás do corpo, e balançando nos próprios calcanhares, ele parece nervoso. Ou talvez só esteja com vontade de fazer xixi. De qualquer forma, abro um sorrisinho em sua direção, buscando acalmá-lo, seja lá qual for a razão para toda a aflição que o preenche.

— Boa noite — desejo, sendo a primeira a falar.

— Boa noite, srta. Lakeland — ele diz, logo em seguida. Seus olhos se focam no meu rosto antes de continuar. — Sinto muito em te incomodar a essa hora, mas me disseram que é algo urgente.

Assim que ouço suas palavras, entro em alerta. Ainda segurando a maçaneta com uma das mãos, mantendo a porta aberta, endireito a postura, pronta para o desenrolar de sua fala.

Quando percebo, porém, que o homem não irá prosseguir sozinho, resolvo intervir:

— Aconteceu alguma coisa?

Trazendo as mãos para frente do corpo, o c*oncierge* me permite ver o que segura em meio aos dedos. A folha de caderno branca está pela metade, com alguns garranchos em caneta azul. A caligrafia horrenda me diz que tudo no papel foi escrito às pressas.

Franzo o cenho quando ele estende a folha em minha direção, a pegando de maneira hesitante.

— Foi o sr. Prescott que pediu para te dar. — Assim que ouço suas palavras, meus olhos se acendem sem pestanejar. Ergo o rosto, focando no homem de estatura baixa à minha frente, poucos centímetros mais altos do que eu. — Prescott disse que era extremamente importante, e que o hotel não podia esperar amanhecer para te entregar, pois precisava desta folha agora.

Demoro alguns segundos até processar suas palavras, tentando parecer convicta ao assentir, logo em seguida.

— Ah, claro. — Torço para que o sorriso trêmulo em meu rosto não revele minha mentira. — Esse papel é realmente muito importante. — Uma fina linha desponta nos lábios do rapaz, como se estivesse orgulhoso diante do trabalho cumprido. — Obrigada.

— Por nada! — ele exclama, com um brilho novo tomando seu rosto.

Assim que dá as costas e começa a se afastar, seguindo pelo corredor, eu franzo a testa, fechando a porta, considerando esse último momento bem estranho. Mas então, meus olhos se conectam no papel entre meus dedos. E assim que leio o que Caden escreveu nas primeiras linhas, um sorrisinho cresce em meus lábios.

Sei que escrever bilhetes hoje em dia é um gesto um tanto antiquado, mas fui tolo o suficiente para derrubar meu celular na privada e não consigo te dizer tudo que preciso por mensagens. Espero que se contente com esse pedaço de papel e a minha caligrafia horrível, que se iguala a de uma criança de seis anos.

Sentindo a empolgação me invadir, ansiando em descer os olhos para as linhas que vêm em seguida, ando até a grande cama de casal, me sentando na ponta do colchão, notando quando ele se afunda com meu peso. E de repente meu coração se acalma novamente, assim como aconteceu dentro do carro, quando Caden me contou sobre o celular quebrado.

Ele não ignorou as mensagens que deixei em sua caixa postal, afinal. *Sequer sabe da existência delas.*

Antes de tudo, quero que saiba que hoje você foi extraordinária. E que mesmo considerando essa palavra pouco para descrever como estava em frente àquele cinema, com o lindo vestido vermelho e os olhos

brilhando de paixão pelo que faz, foi a mais próxima que consegui encontrar para descrever como foi observá-la esta noite.

Estou indo para o aeroporto daqui a poucos minutos. Voltarei para Washington e seguirei minha vida, mesmo ciente de que a partir de hoje, dependendo das nossas escolhas, ela retornará a ser monótona. Voltará a ser a mesma de antes dos nossos olhares se cruzarem naquela exposição beneficente. Antes de eu descobrir quem você é de verdade.

E de me tornar absurdamente fascinado por cada mínimo detalhe seu.

Preciso confessar que, de início, escrever esse bilhete não estava nos meus planos. Mas senti que precisava. Porque é injusto que eu vá embora, logo após o evento que foi planejado para ser nossa última aparição como namorados, e não te diga exatamente o que se faz presente em meu coração. O que me tira o sono e invade meus pensamentos em horários inoportunos, tomando meus lábios em um sorrisinho bobo.

Quando adolescente, depois que perdi Owen e Olivia, pensei que o amor não era para mim. Pensei que todos estavam fadados a terem seus finais felizes, assim como nos filmes e contos de fadas, e que eu era o único que, por alguma razão, não merecia senti-lo. Como poderia pensar o contrário, afinal? Meu irmão gêmeo estava secretamente apaixonado pela menina para quem eu havia entregado meu coração. E apenas descobri isso quando os dois já não estavam mais aqui.

Foi um longo caminho até eu voltar a ter esperanças de que um dia, talvez, pudesse encontrar alguém que fizesse meu coração bater mais forte novamente. Nunca deixei de acreditar no amor. Sei que ele é real. Que é palpável. Mas também que pode ser cruel pra cacete algumas vezes. E eu já havia me machucado o bastante.

Até você aparecer.

E conforme fui te conhecendo, esquentadinha, partes do meu coração foram sendo marcadas com seu nome. Até ele estar nele por inteiro.

E agora que sei quem você é, me diga como não te amar. Porque isso é impossível.

Preciso que saiba que não dou a mínima para o quão complicado isso fica a cada dia. Eu ainda quero você. Com cada batida do meu coração. Com cada pedacinho de quem sou.

Não pode simplesmente invadir minha alma, virar meu mundo de ponta-cabeça e ir embora para sempre. Não quando seus olhos revelam que tudo que mais deseja é ficar.

Então, antes de tomar qualquer decisão sobre o que acontecerá conosco a partir de agora, pense bem. Veja se vale a pena quebrar todas as regras que te dizem para não entregar seu coração a mim. Se o que deseja é continuar se privando da verdadeira felicidade, sendo guiada pelo medo de falhar e levar uma vida parecida com a dos seus pais.

E quando tiver uma resposta, sabe onde me encontrar.

Estarei esperando por você, assim como fiz por todos esses anos, mesmo sem saber.

Do seu namorado de mentira, Caden Prescott.



O som oco dos meus saltos indo de encontro ao piso do corredor repetidas vezes reverbera pelas paredes. E sentindo os pés doerem pela correria com o sapato inadequado, apoio meu corpo em uma das paredes do penúltimo andar, onde descobri que Caden está hospedado, e desafivelo os saltos caros, me livrando deles no meio do caminho.

Volto a correr pelo corredor, buscando chegar em um dos últimos quartos do hotel. Savannah me disse que o número da porta é 178, mas pareço estar encontrando todos os outros, menos o que procuro. Sentindo a ansiedade, euforia e o apavoramento me invadirem ao mesmo tempo, em um emaranhado confuso de sentimentos que me fazem agir no desespero, cravo os pés descalços no chão assim que finalmente encontro a porta certa, me aproximando dela sem hesitar.

As palavras escritas no papel rasgado de forma inadequada se fazem frescas em minha mente, sendo relembradas a todo instante. E me obrigo a continuar, aproveitando que cada uma delas parece abafar os gritos constantes da minha cabeça, que tende a insistir para que não me renda ao que sinto por Caden Prescott.

Assim que paro em frente à porta, franzo a testa ao encontrá-la entreaberta. O rugido forte de um trovão, vindo do lado de fora, faz meu corpo estremecer. Como foi previsto no rádio, uma tempestade cai sobre

Nova York. Deslizo meus olhos pelo corredor, para a fileira de portas à minha frente.

Em meio à madrugada, tudo está deserto. Apenas o carrinho da camareira me faz companhia no corredor, sem a presença dela.

Mas então, o limpar de uma garganta me pega de surpresa. E quando volto a conectar meu olhar à porta entreaberta do quarto de Prescott, ela está ali. Vestindo um uniforme preto e liso, com os cabelos escuros presos no topo da cabeça, em um coque, a senhora baixinha me encara com o cenho franzido, como se questionasse o que estou fazendo aqui, e segura toalhas sujas e amarrotadas nas mãos.

— Posso ajudar? — sua voz rouca e seca, imagino que desgastada pelos anos como fumante, pergunta.

Foco meus olhos confusos no número marcado na porta. *178*. Estou no quarto certo. Mas então...

— Onde ele... — começo, a voz saindo fraca à medida que sinto meu corpo perdendo as forças.

— Se está procurando um homem alto e forte, ele foi embora — a camareira me corta, despedaçando meu coração e arrancando qualquer resquício de esperança que me ocupava o peito. — Entrou no elevador há alguns minutos.

Endireito a postura no mesmo instante, me recusando a desistir.

— Quantos minutos exatamente?

Ela dá de ombros, arrumando as toalhas em suas mãos, se certificando de que não caiam.

— Não faz tanto tempo assim. — Traz seus olhos até os meus, me permitindo ver a empatia que por eles flutua, como se apenas neste momento tivesse se dado conta do desespero que domina meu corpo. — Sabe como esta cidade fica quando chove. Talvez ele ainda esteja no saguão, esperando um carro para levá-lo embora.

Sentindo cada célula do meu corpo ser atingida por uma dose de adrenalina, sequer espero mais um segundo antes de girar nos calcanhares e voltar a correr, refazendo todo o caminho por onde vim.

— Obrigada! — grito para a senhora, não dando a mínima para que horas são ou para quantos hóspedes meu berro estridente pode acordar.

O piso frio queima a sola descalça dos meus pés e dou um salto para pular o par de sapatos que tirei há pouco tempo, que, largados em meio ao corredor, atrapalham a passagem. Quando chego em frente ao elevador, entro

no mesmo como um raio. Sentindo meu corpo todo ser preenchido pelo alívio de tê-lo encontrado no mesmo andar onde me deixou, afundo a ponta dos dedos no botão que leva ao térreo inúmeras vezes, na esperança de que a caixa-metálica sinta meu desespero e acelere na sua descida.

Caden não pode ter ido embora. Não ainda.

Assim que a porta dupla metálica se fecha e o elevador me engole, iniciando sua descida, me permito soltar um pesado suspiro, em uma falha tentativa de acalmar meu coração, que parece bombear sangue em uma velocidade que pensava ser impossível. Aos meus olhos, o percurso até o térreo demora mil anos. E a aflição cresce em meu corpo à medida que os números dos andares são trocados em câmera lenta no visor, logo acima das fileiras de botões metálicos.

Quando ele revela que estamos no segundo andar, me aproximo da porta, chacoalhando nos próprios calcanhares em antecipação. E assim que o apito que indica que o elevador chegou ao andar apontado por mim invade meus ouvidos, sequer espero que a dupla porta metálica se abra por completo para deixá-lo. Finalmente chego ao saguão, varrendo os arredores com os olhos desesperados, procurando pelo único cara capaz de invadir meu sistema e descobrir um cantinho em meu coração onde o amor, onde aquilo que acreditei não existir durante tanto tempo, corre de uma forma selvagem.

Busco pelo espaço novamente. Está quase vazio. Já é bem tarde, afinal. Um casal está sentado na sala de espera da recepção, com revistas nas mãos, como se aguardassem por algo. Atrás do balcão, um dos recepcionistas fala ao telefone. E o outro, por sua vez, atende uma mulher com duas malas gigantes e uma bolsa embaixo do braço, onde uma cachorrinha pequena se encontra.

Caden não está aqui. Ele não está em lugar nenhum.

E estou quase desistindo quando, pelo vidro de uma das portas de entrada do extenso espaço, meus olhos vão ao encontro da silhueta de um homem alto na calçada, segurando uma mala de rodinhas enquanto espera um carro o buscar. Ele está de costas, segurando um guarda-chuva, ainda vestindo o smoking e agora com um boné afundado na cabeça, com a aba para trás. E não preciso de muito para deduzir de quem se trata. *Poucas pessoas no mundo usariam um boné e um smoking ao mesmo tempo.*

Volto a correr, agora seguindo com um rumo final. Ouço o grito que um dos recepcionistas dá, me lembrando de que é perigoso que alguém como

eu saia sozinha a essa hora da madrugada, mas o ignoro totalmente. Passo pela porta dupla, dando graças a Deus porque, pela primeira vez, uma multidão de fãs não se faz presente nesta entrada. A tempestade os afastou, afinal. E os que ainda se esforçam na missão de nos conhecer, provavelmente estão em frente ao Soil Downtown, o restaurante onde grande parte do elenco do filme foi comemorar a estreia, postando fotos nas redes sociais.

A chuva é gelada ao atingir minha pele. Após descer os degraus em passos apressados, piso em uma poça na calçada, sentindo a sola dos meus pés descalços congelar. Mas não paro. Continuo indo até Caden, sendo tomada pelo alívio de finalmente tê-lo encontrado.

O alívio por não ser tarde demais.

E quando chego a poucos passos de distância das suas cotas, cravo meus pés no chão, sentindo meus olhos serem cobertos pela névoa. Um carro passa de forma rápida na rua quase deserta à nossa frente, meu cabelo se torna cada vez mais enxercado pela água que cai do céu, e por um momento sinto medo de ficar doente ao tomar friagem, mas mando esse pensamento embora e volto a me concentrar no que verdadeiramente importa. *Prescott. E apenas ele.*

Desejando que note minha presença, tomo uma respiração profunda antes de começar:

— Eu estou aqui. — E assim que as curtas palavras escapam por meus lábios, seguidas por um soluço embargado, e o atleta gira nos calcanhares, se virando para mim, sei que nós dois sabemos que a frase que acabei de dizer significa bem mais do que está explícito. Significa que me rendi. Que, pela primeira vez em toda a minha vida, não estou fugindo do amor. Mas sim indo ao encontro dele. Dando o primeiro passo. Solto uma risada nasalada, deixando que meus ombros se ergam e despenquem logo em seguida. — Estou aqui, Prescott. Por nós. Após correr o hotel inteiro à sua procura. Embaixo da chuva, como se fosse a atriz principal de um filme dramático.

Caden franze a testa, como se não conseguisse acreditar que estou nessa situação.

— Avery, você... — Deixando a mala para trás, ele dá um passo em minha direção, tomando o cuidado de permanecer sob o guarda-chuva, fazendo menção de se aproximar por completo, mas desiste no instante em que estendo a palma da mão no ar, o pedindo para parar.

Prescott já veio até mim vezes demais. Agora é o meu momento.

Mantendo os olhos conectados ao seus, sinto o corpo estremecer quando o céu noturno é preenchido por um clarão, seguido pelo rugido intenso de mais um trovão. Me envolvendo com os próprios braços, em uma falha tentativa de me aquecer ou me cobrir, engulo em seco, lutando para endireitar a postura e não me encolher diante do frio.

— Apenas me escuta, tá legal? — peço, com a voz trêmula. Meu queixo começa a bater, e Caden abre a boca para retrucar, provavelmente visando me dizer para voltar ao hotel e me aquecer do frio, mas desiste, a fechando logo em seguida. Aproveito o momento para continuar. — Sei que sou confusa. Que sou intensa, estranha e difícil de lidar. E sinto muito por ser assim e ter estragado tudo até aqui... Mas eu quero você. — Minha voz sai embargada, repleta de uma urgência quase sufocante. E libertar o que está preso em mim há tanto tempo, enche meu corpo de vida. Meus olhos se tornam marejados assim que continuo. — Eu quero *ter* você. Quero conhecer seu mundo, assistir seus jogos ao-vivo, gritar seu nome a cada ponto que marca e mandar jogadores rivais à merda quando brigarem com você em meio aos jogos. Quero decorar cada um dos seus traços e partes do seu corpo. Um por um. Ouvir a batida acelerada do seu coração quando me deitar em seu peito e sentir aquela calmaria inexplicável me invadir, me dizendo que estou no lugar certo. — Dou uma pausa, apenas para tomar fôlego. Pisco, limpando os olhos marejados, me permitindo enxergar o rosto de Caden sem a visão borrada e distorcida. Quando continuo, minha voz sai junto a um suspiro. — *Eu quero ter você, Caden Prescott.* Cada pequena parte sua. *Porque* e*u te amo.*

As íris escuras de Caden se acendem no mesmo instante, ganhando uma energia diferente. Ainda a passos de distância, ele separa os lábios, como se fosse dizer alguma coisa. Mas, mais uma vez, o impeço antes que possa ser bem-sucedido.

— E eu olho para você e eu *só consigo te amar.* E isso me assusta. Me assusta saber o quão grande é o que sinto por você e que poderia ir até o fim dos tempos por esse sentimento — continuo, ainda abraçando meu próprio corpo. Uma gotícula de água escorre pelos meus olhos, e não sei dizer se é uma lágrima ou uma gota de chuva, que pingou em meus cílios e por eles escorreu. — E o *amor* me assusta. Porque estar apaixonada é o mesmo que se sentir no topo do mundo, com todas aquelas malditas borboletas no estômago. E de lá até o chão é uma longa queda.

— Eu te pegaria se você caísse. — A voz de Caden sai rápida, mas repleta de uma convicção surreal.

Esfrego os olhos com o dorso da mão, os secando antes de voltar a abraçar meu corpo. Solto uma risadinha, tremendo de frio, e foco minha atenção no rosto de Prescott, que trava a mandíbula, parecendo sofrer ao respeitar meu pedido de não se aproximar. Tudo nele diz que está se contendo para não correr em minha direção, me proteger com o guarda-chuva que tem nas mãos e passar seu paletó pelos meus ombros, me aquecendo da temperatura gélida.

— Não pegaria, não — respondo, me esforçando para fazer a voz sair em um tom alto o bastante para que escute com clareza. O frio de repente parece tentar congelar minhas cordas vocais. — Porque você também estaria caindo comigo.

A expressão no rosto de Caden se suaviza quando ele solta uma risadinha, dando mais um passo em minha direção. Desta vez, não tento contê-lo. E percebendo isso, ele dá mais um, seguido por outro, e permanece se aproximando cada vez mais. Quando a distância entre nossos corpos passa a ser curta, podendo ser quebrada apenas se um de nós estendesse o braço, Prescott separa os lábios, focando os olhos nos meus. E neles, vejo que o que está prestes a dizer, seja lá o que for, virá carregado por uma verdade mais que genuína.

— Se quer tanto que sigamos sua lógica, então eu já atingi o chão há muito tempo, esquentadinha — ele revela. — Porque tudo mudou em mim desde que conectei meus olhos aos seus pela primeira vez.

E então eu derreto. Mais um soluço escapa pela minha garganta, e de repente já não me restam dúvidas que as gotas salgadas que escorrem pelo meu rosto são de lágrimas, e não da chuva. Caden permanece me fitando, ainda sob o guarda-chuva.

E se estivesse de fora, sendo um telespectador da nossa história, este seria o momento perfeito para nos fotografar e usar para representar tudo que passamos. Porque eu, Avery Lakeland, a atriz que se encontra completamente encharcada em meio a uma calçada de Nova York, com a maquiagem borrada e pés descalços, sou a personificação do caos. E Caden Prescott, o jogador de hóquei presunçoso que roubou meu coração ao se mostrar ser um dos seres humanos com a alma mais bonita que já conheci na vida, permanece completamente seco e intocado, protegido pelo guarda-chuva.

Como se tivesse tudo sob controle. Assim como tem quando se trata dos seus sentimentos.

Somos completos opostos. E, neste momento, daríamos uma pintura perfeita. Um quadro que talvez valesse mais do que 80 mil dólares.

— Pergunte sobre a minha tatuagem — Caden solta de repente, me pegando de surpresa. Sua voz chega abafada ao meu ouvido, em meio ao barulho forte da chuva atingindo o chão. Franzo a testa, sem entender o motivo pelo qual resolveu mudar de assunto tão subitamente. Quando percebe minha confusão, resolve insistir. — Apenas pergunte, Avery. Já te peguei a encarando diversas vezes. Sei que tem curiosidade para descobrir o significado.

Obedecendo, questiono:

— Qual é a história dela?

Ele engole em seco, chamando minha atenção para a tinta preta em sua garganta, três dedos abaixo do queixo.

19972018.

— 1997, o ano em que o sonho dos gêmeos Owen e Caden Prescott nasceu, junto a eles — ele finalmente revela, citando a si mesmo em terceira pessoa. Sua voz sai repleta de dificuldade ao continuar. — 2018, o ano em que o realizei por nós dois. — Caden se obriga a tomar uma respiração profunda, se mantendo forte. Um misto de sentimentos cobre seus olhos, os deixando marejados. — E tatuei isso em mim, porque esse é o tipo de cara que sou. Meu irmão pode ter sido um tremendo babaca comigo, ao ter se apaixonado por Olivia e ter escondido tudo de mim, mas *eu* não sou esse tipo de pessoa. Sei que não estaria aqui se não fosse pelo Owen. E sei que meu sonho também é o dele. Por isso, quando fui *draftado* pelos Caps, quis homenageá-lo. Porque mesmo que não esteja mais aqui, eu permaneço amando-o com toda a minha alma. — Uma lágrima solitária escorre por um de seus olhos, partindo meu coração acelerado em mil pedaços. — E não desisto de quem amo. Nem dele, nem de *você* — acrescenta, fazendo outro soluço escapar pela minha garganta. — Eu também *quero ter você*, Avery Lakeland. A cada maldito minuto do dia. A cada batida do meu coração e respiração que meu corpo solta para sobreviver. E se estiver disposta a quebrar suas regras por mim, estou aqui. — Ele abre os braços, soltando o guarda-chuva, que atinge o chão em piscar de olhos, sendo minimamente arrastado pelo vento. Um tanto boquiaberta, separo os lábios no instante em que vejo a chuva o molhar, respingando em seu boné e descendo pelas

mangas do smoking que cobre seus braços. Caden foca os olhos nos meus, ainda a curtos passos de distância, antes de garantir, com a voz firme como nunca. — Bem aqui.

E então, rompendo o espaço que nos separa, me aproximo dele. Nunca fui tão grata pelo atraso de um carro em toda a minha vida. E no momento em que paro à sua frente, sentindo seu perfume invadir minhas narinas e a respiração quente batendo contra meu rosto, vejo pelos seus olhos que Caden compartilha da mesma gratidão que eu. Me esforço para carregar a voz com a mesma convicção usada por ele ao declarar:

— Eu quebro minhas regras por você. — Sou bem-sucedida ao notar a voz firme. Um sorrisinho cresce nos lábios de Prescott no mesmo instante. Me obrigo a repetir, tanto para ele quanto para mim, para que fique claro após esta noite. Para que jamais nos restem dúvidas. — Eu definitivamente quebraria, sempre, minhas regras por você.

Porque é verdade. Caden Prescott é a minha pessoa. E sei que poderia conversar com eles por horas sem me cansar, ouvir o som da sua risada todas as manhãs e revirar os olhos inúmeras vezes durante os dias, ao ter de lidar com sua autoestima elevada e sorrisos presunçosos.

Então é isso o que faço. Quebro minha regra principal. A estraçalho. Em seus braços, me permito derreter por Caden Prescott.

É até cômico que eu, Avery Lakeland, após passar a vida toda evitando o amor e reclamando dos clichês de filmes de romance, alegando que não funcionam assim na vida real, acabo cometendo o maior dentre todos eles. Dou um beijo em meio à chuva.

E no momento que choco meus lábios aos de Caden, segurando seu rosto com as mãos, meu coração se incendeia. A água gelada continua caindo sobre nós, sem intervalos, mas assim que Caden leva suas mãos à minha cintura, sobre o vestido vermelho, minha pele queima.

E sou atingida por uma paz inexplicável.

Porque, no fundo, mesmo que eu tentasse esconder, entre amá-lo e odiá-lo, a primeira opção foi a que sempre me pareceu mais certa.



EPÍLOGO

CADEN

Uma semana depois

Deslizo pelo gelo de uma Capital One Arena parcialmente iluminada, lançando um sorriso em direção à mulher ao meu lado, que finalmente parece ter se estabilizado sobre os patins, já que desliza lentamente, conseguindo não ser vítima de mais uma queda.

— Não sei como consegue fazer isso tão rápido. — É o que Avery diz, abrindo os braços, buscando a ajuda deles para se equilibrar. Uma careta toma seu rosto quando ela quase perde o controle de um dos pés, o recuperando a tempo de evitar um desastre. — Nem como faz parecer fácil.

Solto uma curta risada nasalada, parando ao lado dela e oferecendo meu ombro para que se apoie.

— Foram anos de prática, esquentadinha.

É de manhã em Washington, e estamos sozinhos no rinque. Nenhum dos caras chegou para o treino ainda. Nem mesmo o treinador, que tende sempre a estar aqui pelo menos uma hora antes. A arquibancada também está

completamente vazia. Trouxe Avery à arena, para que pudéssemos estrear os patins que dei a ela.

Dias atrás, quando ouvi por sua boca que tinha apenas 8 anos na última vez que esteve no gelo, resolvi que precisava tomar uma decisão quanto a isso. Lakeland me disse que gostaria de conhecer meu mundo, afinal. E qual é a melhor maneira de conhecer a realidade de Caden Prescott do que estar com patins nos pés?

Diferente de mim, que já uso meu corriqueiro uniforme, Avery veste um gorro branco na cabeça, um casaco grosso bege, uma calça preta e luvas nas mãos, se aquecendo do frio. Janeiro é o mês mais gelado na capital. E estar no rinque, sobre o gelo, nesta época, pode ser considerado um desafio e tanto para quem não está acostumado.

Foco minha atenção a ela assim que a sinto colocar mais força ao se apoiar em meu ombro, preparado para segurá-la se ousar se desequilibrar, impedindo que leve um tombo. Mas então, quando noto que Avery está segura e equilibrada, patinando feito uma tartaruga e me obrigando a acompanhar sua velocidade dolorosamente lenta, deixo que um sorrisinho tome meus lábios. Daqueles que sei bem como a tiram do sério.

— Se bem que, pelo modo como as coisas estão indo, acredito que nem mesmo mil anos são o suficiente para que consiga ficar de pé nos patins sem ameaçar cair a cada dois segundos — provoco, me sentindo satisfeito ao ver minha namorada revirar os olhos e bufar, se mostrando atingida pela farpa.

Namorada. Nem acredito que finalmente posso chamá-la assim.

— Você é mesmo um babaca, Prescott! — Avery exclama, me fazendo soltar uma risadinha. O brilho que toma seus olhos verdes, que vêm em minha direção, não combina nada com o que diz em seguida. — Não sei como fui capaz de me apaixonar por você.

Assim que estagnamos no lugar, dou de ombros, focado na missão de provocá-la. Um sorriso presunçoso toma meus lábios.

— Te disse desde o começo que tenho um charme irresistível. Nós dois sabíamos que era só questão de tempo até estar caidinha por mim.

A atriz ri, arqueando uma sobrancelha.

— Queria ter metade da sua autoestima.

E então, em um gesto impensado e totalmente tomado por impulso, levo minhas mãos aos seus ombros, a empurrando para trás. A feição assustada toma o rosto de Avery assim que suas costas se chocam contra o

vidro de proteção do rinque, e uma risadinha me escapa por tê-la pegado de surpresa.

Abaixo o queixo, inclinando o rosto em direção ao seu, sentindo sua respiração quente bater contra minha pele. E quase toco nossos narizes ao sussurrar, mantendo a leve curva brincalhona e provocante nos lábios:

— Vai dizer que não é verdade? Que não fiz seu coração bater mais forte desde o momento que nossos olhares se cruzaram pela primeira vez?

Avery separa os lábios, focando suas íris esverdeadas em minha boca, como se a analisasse e se contesse para não chocá-la à sua.

— Estou confusa. — É o que diz, voltando seus olhos aos meus. — Estamos flertando ou iniciando uma briga?

A pergunta serve de combustível para que o sorrisinho em meu rosto se alargue. Dou de ombros, deslizando minhas mãos até sua cintura. Avery estremece assim que toco a região, como se um arrepio percorresse seu corpo.

— Me diz você — peço, adorando toda essa dinâmica provocativa que tende a se instalar entre nós. *A nossa dinâmica.* — Se tratando da gente, isso sempre foi uma incógnita.

Ela ri, ainda sendo presa por mim contra o vidro.

— Você é um idiota.

— Um idiota que você ama — retruco, logo em seguida.

E Avery nem ao menos tenta negar. Por que tentaria, afinal? Agora nós dois sabemos que isso é verdade.

Firmo as mãos em seu quadril, roçando as pontas dos nossos narizes, com um sorrisinho idiota se fazendo presente em meus lábios. E então, no instante em que estou prestes a tomar sua boca na minha, o corriqueiro toque de uma notificação chegando alcança nossos ouvidos.

Franzo o cenho, afastando meu rosto do seu. Não estou com meu celular aqui. O deixei em um dos bancos antes de entrar no rinque.

Avery faz com que a o grande ponto de interrogação, que quer saber de onde o toque veio, deixe minha mente no instante em que enfia uma das mãos no bolso do casaco que veste, trazendo seu iPhone para nosso campo de visão. Ainda com as mãos em sua cintura, encaro seu rosto, analisando suas expressões enquanto observa a tela, provavelmente lendo uma mensagem que chegou.

— É o Austin — a atriz revela. Um vinco confuso se apossa de sua testa, e seus olhos permanecem fixos na tela do aparelho. — Ele disse que

está tentando falar com você, mas que não está atendendo o telefone.

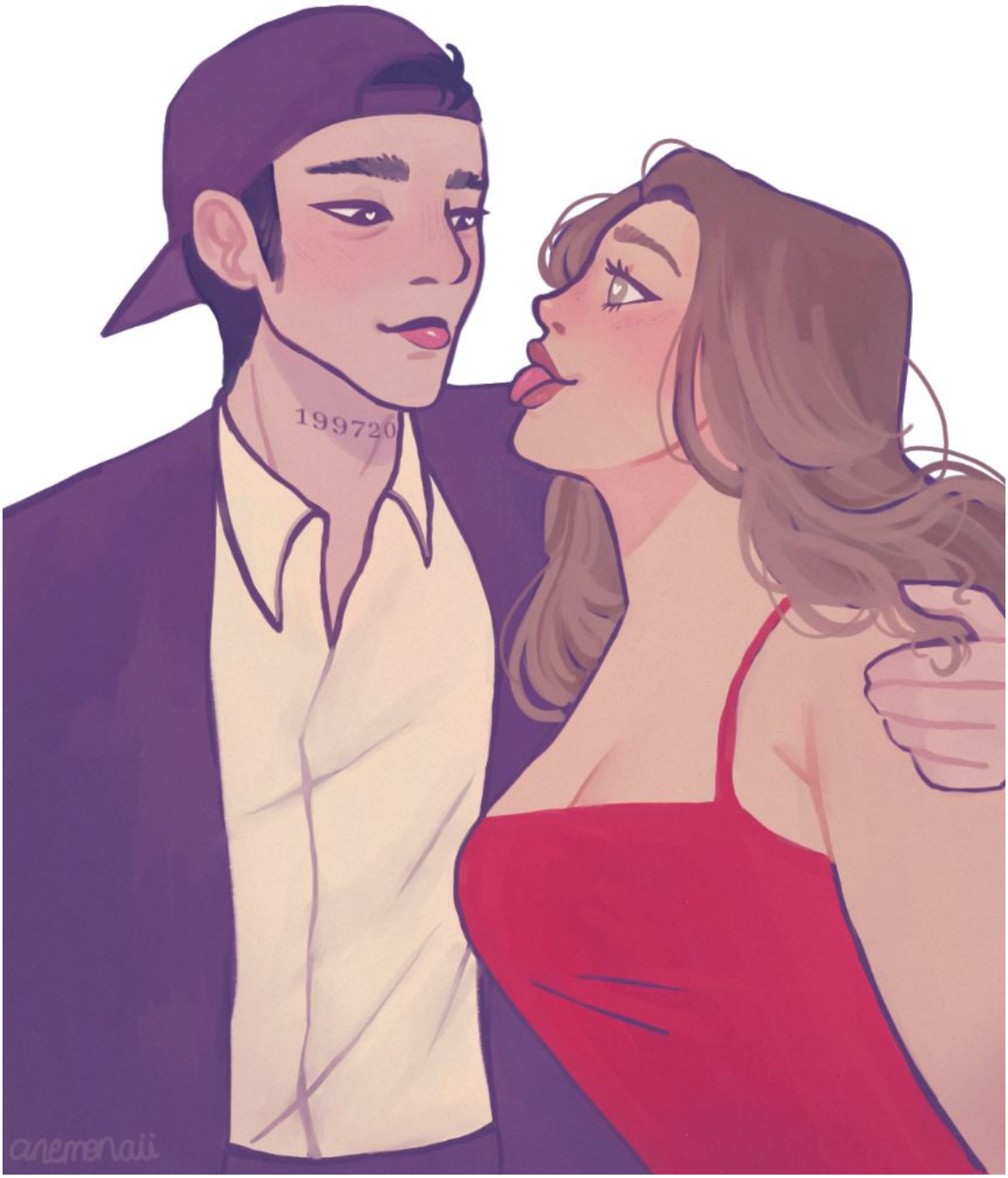
— Deixei meu celular no banco — explico. — O que foi?

Ela permanece em silêncio por alguns segundos, ainda focada no iPhone em suas mãos. Quando finalmente traz suas íris de volta às minhas, seu semblante está sério. E ela diz, com a voz contida:

— Um Jeep amarelo acabou de bater no carro do Austin, a algumas quadras daqui. — Sinto meu coração dar um pulo no mesmo instante. E, *porra*, o olhar que Avery me lança, como se isso ainda não fosse tudo que tem a dizer, não ajuda em nada no meu desespero. — Quem estava atrás do volante do veículo era Riley Weston, a filha do seu treinador.

CONTINUA…

A história ainda não acabou.
Vejo vocês em ***“Fora do Eixo”****, o livro do Austin.*


199720

NOTAS

Uma vez li (no Pinterest) que escritores devem, pelo menos uma vez na vida, escrever sobre algo que já o atormentaram. E não sei se concordo 100% com isso, mas foi o que decidi fazer neste livro.

Sempre coloco minhas vivências e o que escuto e vejo nas minhas histórias, mas nunca revelo exatamente por quais já passei. Até este livro. Porque sinto que é importante dizer o que estou prestes a contar.

Avery Lakeland tem muito de mim. Não em relação a falta de fé que tinha no amor, já que acredito nele de olhos fechados. Sou escritora de romance, afinal. Mas sim em relação à situação que ela passou.

Anos atrás, tive minha vida transformada. E passei a conviver com o transtorno alimentar diariamente. Tive bulimia por anos, assim como Avery. E, obviamente, as histórias e motivos que nos levaram a isso foram diferentes, mas escrever os capítulos nos quais Caden e ela discutiam ou citavam o assunto, foi como um desabafo. E, por alguns momentos, me vi inteiramente na personagem que eu mesma criei.

O que ela disse ter sentido, foi exatamente o que *eu* senti. E sou grata por este livro ter me proporcionado a oportunidade de colocar tudo para fora, de certa forma.

O que quero dizer com essa nota, na verdade, é que se chegou até aqui e se identificou com a história de Avery em algum momento, saiba que você é forte. Que é incrível do seu jeito. E que eu entendo que é uma luta difícil e que dói, mas ninguém carrega um fardo que não é capaz de suportar.

Vai dar tudo certo. Isso é uma promessa.

Até porque, já dizia Caden Prescott: *"As Lina Simmons das nossas vidas são umas vacas. E todas nós somos gostosas e talentosas pra caralho."*

AGRADECIMENTOS

Quem é escritor sabe que os personagens têm vida própria. Que ditam as regras e muitas vezes desobedecem ao que tínhamos planejado. Avery e Caden me levaram à loucura com suas teimosias em seguir o roteiro. Por isso, escrever este livro foi um desafio e tanto.

Quem me acompanha no Instagram sabe que foi uma corrida contra o tempo. Foram madrugadas escrevendo, dias sentada em frente à tela do computador e muita, mas muita dor de cabeça. Para no fim, olhar para trás e me sentir extremamente realizada.

Por isso, quero começar agradecendo a Deus. Porque durante a escrita desta história, quando começava a duvidar de mim mesma e da minha capacidade, ele segurou minha mão e sussurrou no meu ouvido que tudo daria certo. Da mesma forma que fez comigo aos 12 anos, quando estava com medo de publicar minha primeira fanfic. E em 2020, quando migrei para o Wattpad e entendi, de uma vez por todas, que contar histórias realmente faz meu coração bater mais forte.

À minha família, por me apoiar tanto. Obrigada por todas as vezes que me ouviram tagarelar sobre essa atriz e esse jogador de hóquei e por deixarem claro o quanto se orgulham. Me sinto uma idiota por ter passado tantos anos com medo de contar a vocês sobre meus livros.

Às minhas betas, Luli e Sofia. O apoio de vocês, como sempre, foi surreal durante cada parte. (Luli, mesmo você tendo falado mal da Avery, eu continuo te amando).

À Geo, que chegou do nada na minha vida e já se tornou alguém tão especial. Sou grata por cada surto que dividimos e por cada mensagem trocada. ANSIOSA PARA TE CONHECER NA BIENAL!

À Jupiter, que acabou de lançar um livro novo enquanto escrevo essas linhas. Obrigada pelos sprints e por toda a ajuda.

À minha mãe. Obrigada por ter segurado minha mão em cada momento difícil que tive de enfrentar durante a vida. Obrigada pelo amor gigantesco que me dá a cada dia. Você é o meu maior exemplo.

Em seguida, obrigada a todos vocês, caros leitores. Por terem dado uma chance a este livro, por apoiarem mais uma autora nacional

independente e por estarem fazendo parte de um sonho que vem crescendo junto a uma garota desde seus 12 anos.

E por último, mas longe de ser menos importante, aos meus protagonistas, que foram minhas companhias durante os 5 meses que passei trabalhando neste livro. Caden Prescott, por ter me dado oportunidade de embarcar no universo do hóquei. Sem dúvida nenhuma, saio daqui ainda mais apaixonada por esse esporte. E à Avery Lakeland. Obrigada por ter aberto espaço para que eu também contasse um pouquinho da minha história.

"Foi uma batalha difícil de enfrentar. Ainda é."

Com todo meu amor, Bel.

ATENÇÃO!

Os personagens que apareceram no capítulo 37 (Kale Howard e Brandon Houston), são do livro "Além Da Ponta Do Iceberg", uma história escrita por mim, que também pode ser adquirida na Amazon e no Kindle Unlimited.

CHEGOU ATÉ AQUI? NÃO SE ESQUEÇA DE AVALIAR O LIVRO NA AMAZON E NO SKOOB!

ENCONTRE A AUTORA NAS REDES SOCIAIS:
Instagram: ***@belautora***

NOS VEMOS NOVAMENTE NO SEGUNDO LIVRO DA DUOLOGIA!

Table of Contents

Sumário
Aviso
Playlist
Prólogo
Parte 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Parte 2
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Epílogo
Notas
Agradecimentos